

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Rafael Lopez Villasenor

**O AVANÇO PENTECOSTAL E A CRISE DEMOGRAFICA
CATÓLICA NOS DOCUMENTOS DA IGREJA:
Preocupações, estratégias, diálogo e posturas frente ao pluralismo**

Mestrado em Ciências da Religião

Dissertação apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação do Professor Doutor José J. Queiroz.

São Paulo

2009

Banca Examinadora

.....

.....

.....

*Dedico este trabalho de dissertação
a minha família,
em especial aos meus pais
Porfírio Lopez e Maria de la Luz Villasenor,
que me deram uma boa educação religiosa-cristã,
me ensinaram a viver a fé
a partir da experiência religião popular mexicana.*

AGRADECIMENTOS

As palavras não dão conta de agradecer, mas expressam a tentativa de dizer que sou grato a todas as pessoas que, de diferentes maneiras, imprimiram a sua contribuição nesta dissertação de mestrado.

Com o risco de omitir nomes, quero expressar minha gratidão aos irmãos de comunidade: Pe Leone Occhio, Pe Jair Julião, Pe Miguel Tabuada em especial ao Pe José Maria dos Santos pela ajuda e auxílio. Ao meu superior regional Pe. Giovanni Murzzo, ao Pe. Jorge Villagómez irmão de caminhada e a todos os co-irmãos Xaverianos.

A Francinete pela revisão final do texto. A Sandra pelo apoio e incentivo. Às comunidades e aos agentes de pastoral da Paróquia Sagrado Coração de Jesus.

Um agradecimento especial ao meu orientador, professor Dr. José J. Queiroz, referencial que me acompanhou durante este tempo de mestrado, sempre foi amigo, companheiro, pude usufruir de sua orientação, desde os primeiros esboços do projeto de pesquisa. Aos professores do curso de Ciências da Religião da PUC. À secretária do programa Andréia. Também devo agradecer pela ajuda na qualificação aos professores Ênio Brito e a João Décio Passos. Ao professor Antônio Elias Leite do ITESP, por aceitar fazer parte da banca de defesa.

Às e aos colegas de estudo, que me proporcionaram um ambiente de amizade e estimulador na produção de conhecimento, muito obrigado.

Tudo isso foi possível, graças à bolsa de estudo da CAPES, meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo e pesquisa analisar o avanço do pentecostalismo e a reação dos discursos consignados nos documentos da Igreja em três fontes: o Vaticano, o CELAM e a CNBB, visando os que têm maior preocupação com essa conjuntura e a conseqüente busca de diálogo frente ao pluralismo religioso da atualidade.

As questões da pesquisa são as seguintes: Como historicamente o pentecostalismo se desenvolveu no Brasil, suas causas e efeitos? Como o discurso da Igreja Católica se posiciona frente ao avanço do pentecostalismo? Que interpretação podemos dar aos discursos da Igreja, que buscam refletir o problema, em especial no que tange as suas posturas relativas ao diálogo e ao pluralismo religioso?

A hipótese central mostra a preocupação da Igreja Católica no Brasil com a expansão pentecostal, que produz estratégias reativas, assim como o reconhecimento do pluralismo religioso e a busca do diálogo, como revelam os discursos dos documentos em seus vários níveis. Os discursos são ambivalentes: ora têm um caráter exclusivista eclesiocêntrico, ora uma postura inclusivista cristocêntrica, ou pluralista teocêntrica. As práticas eclesiais, mediadas pelos discursos, variam de acordo com essas posturas.

No primeiro capítulo trabalhamos a história do desenvolvimento pentecostal contidos nos diversos dados dos censos e nas diferentes fontes de pesquisa, que mostram o êxodo de católicos para o pentecostalismo. No segundo capítulo estudamos alguns documentos da Igreja com o seu discurso defensivo, de diálogo e de perplexidade perante o pluralismo religioso e o avanço do pentecostalismo, as tentativas de diálogo com o mundo evangélico e pentecostal. No terceiro capítulo: explicamos as posições da Igreja diante do avanço do pentecostalismo, que desembocam no reconhecimento do pluralismo religioso e na necessidade do diálogo. Recorremos a três modelos teológicos, que interpretam a postura dos discursos da Teologia frente ao pluralismo religioso: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista. São três paradigmas de índole teológica que dão conta do conhecimento dos discursos da Igreja Católica, em três níveis: o Vaticano, o CELAM e a CNBB, que visam o avanço pentecostal e colocam o problema de como enfrentar esse desafio, mediante o diálogo com a diversidade de crenças.

Palavras-Chaves:: Pentecostalismo, Igreja Católica, discurso, exclusivismo, inclusivismo, pluralismo.

ABSTRACT

The object of study and research of this dissertation is to analyse the advance of the pentecostalism and the reaction of the arguments declared in some Catholic Church's documents, mainly in three sources: the Vatican, the CELAM and the CNBB, aiming at those that have more concern on the whole situation of the moment, that lead, as a consequence, to the necessity of dialogue toward religious pluralism.

The questions of the research are as follow: How is it that the pentecostalism has historically spread up in Brazil? What are its causes and results? How the Catholic Church's word is placed toward the advance of the pentecostalism? What sort of interpretation we should give to the Church's thinkings, that try to reflect on the problem, specially in what is refered its attitudes concerning to dialogue and religious pluralism?

The main hypothesis shows the Catholic Church in Brazil's concern to pentecostal growing, that produces strategics reactions, the recognition of the religious pluralism as well, and the seeking for dialogue, as the documents's contents expose in all theirs levels. The Church's thoughts are ambivalents: now an exclusivistic ecclesiocentrism mark, than an inclusivistic cristocentrism position, or pluralistic teocentrism. The Church's praxis, mediated by discourses, change according to these positions.

In the first chapter we work on the history of pentecostalism evolution by through several informations from census, different research sources, wich show the exodus of catholics to pentecostalism. In the second chapter we study some a few documents of the Church with its defensive discourse, of dialogue and the perplexity in front of religious pluralism and the advance of pentecostalism, the dialogue's trials with both evangelic and pentecostal people. In the third chapter we try to make clear the Church's position before the advance of pentecostalism, wich flows into the recognition of the religious pluralism and the necessity of dialogue. To interpret the discourses's position of the theology before religious pluralism we took in account three theological patterns: the exclusivist, the inclusivist and the pluralist. These are three paradigms with theological nature that let us to the knowledge of the Church's thoughts, in three levels: the Vatican, the CELAM and the CNBB, that aim at the pentecostalism's advance and place the problem on how to face this challenge , through dialogue with the creeds's diversity.

Keywords: pentecostalism, Catholic Church, discourse, exclusivism, inclusivism, pluralism.

GLOSSÁRIO

AG	Ad Gentes
BPM/M	Batalhão da Polícia Militar Metropolitana
CDC	Código de Direito Canônico
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana
CERIS	Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais
CEU	Centro Educacional Unificado
CLAI	Conselho Latino Americano de Igrejas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COHAB	Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo
CPPUC	Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos
DA	Documento de Aparecida
DH	Dignitates Humanae
DI	Dominus Iesus
DP	Documento de Puebla
EA	Ecclesia in América
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
PAMP	Projeto de Ação Missionária Permanente
RCC	Renovação Carismática Católica
RM	Redemptoris missio
SD	Santo Domingo
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
UR	Unitatis Redintegratio

SUMÁRIO

Introdução	7
CAPÍTULO I: O avanço das Igrejas pentecostais e a crise demográfica da Igreja Católica: causas e efeitos	13
1.1 O avanço do pentecostalismo	14
1.1.1 Católicos e Protestantes no Brasil	15
1.1.2. O pentecostalismo no Brasil	17
1.1.3 O avanço do pentecostalismo e a crise demográfica do catolicismo	19
1.1.4 Cultos pentecostais cheios de emoção	25
1.1.5 Cobrança de compromisso do pentecostalismo	27
1.2. Mobilidade, transito religioso e pós-modernidade	29
1.2.1 O transito religioso na pós-modernidade	30
1.2.2 Sem religião ou sem instituição religiosa	36
1.3 A passagem do Catolicismo Tradicional Popular para o pentecostalismo	37
1.3.1 Pentecostalismo e fenômeno urbano	38
1.3.2 Pentecostalismo e ressignificação religiosa	40
1.4 Realidade socioeconômica e religiosa de Cidade Tiradentes	42
1.4.1 Realidade Socioeconômica e cultural de Cidade Tiradentes	43
1.4.2 Realidade religiosa de Cidade Tiradentes	45
1.5. Finalizando	50
CAPÍTULO II: O discurso e as posições da Igreja Católica frente ao avanço do pentecostalismo	52
2.1 O Vaticano II e abertura para o diálogo	53
2.2 As tentativas do diálogo católico-pentecostal	56
2.3 O discurso nos documentos do magistério pontifício	59
2.3.1 Encíclica ‘Redemptoris missio’	59
2.3.2 O Sínodo ‘ <i>Ecclesia in América</i> ’	61
2.3.3 A declaração da Congregação para Doutrina da Fé <i>Dominus Iesus</i>	63
2.4 O discurso das Conferências Episcopais do CELAM	67
2.4.1 Rio de Janeiro, a criação do CELAM	67
2.4.2 Medellín, a aplicação do Vaticano II na América Latina	69
2.4.3 Puebla, A evangelização no presente e no futuro da América Latina	70

2.4.4	Santo Domingo, A nova Evangelização e a inculturação	73
2.4.5	Aparecida, a missão continental permanente	76
2.5	O discurso da Igreja do Brasil diante da crise demográfica	86
2.6	A diocese de São Miguel Paulista diante do avanço do pentecostalismo	95
2.7	Finalizando	97

CAPÍTULO III: O diálogo como estratégia relativa ao avanço pentecostal e as posturas ambivalentes da Igreja frente ao pluralismo religioso: uma interpretação teológica dos discursos

3. 1	A teologia do pluralismo religioso	100
3.1.1	Visão teológica exclusivista eclesiocêntrica	100
3.1.2	Visão teológica inclusivista cristocêntrica	105
3.1.3	Visão teológica pluralista teocêntrica	107
3.2	A visão teológica no magistério da Igreja Católica	109
3. 2.1	Documentos do magistério Romano	110
3.2.1.1	Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Ecclesia in América</i> de João Paulo II	110
3.2.1.2	A Declaração <i>Dominus Iesus</i>	119
3.2.2	Documentos do magistério do CELAM	128
3.2.2.1	Documento de Santo Domingo	128
3.2.2.2	Documento de Aparecida	140
3.2.3	Documentos do magistério Brasileiro	153
3.2.3.1	O PAMP - Projeto de Ação Missionária Permanente do Regional Sul 1	154
3.2.3.2	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008-2010)	160
3.3.	Finalizando	168
	Conclusão	170
	Bibliografia	175

INTRODUÇÃO

Ao longo da nossa experiência pastoral na periferia de São Paulo, observamos grandes mudanças culturais, econômicas, políticas e religiosas entre outras. Acreditamos que essas mudanças levaram as pessoas a buscar um novo sentido da vida e novas formas de relacionamento com o transcendente. A partir da vivência nesta realidade religiosa, enxergamos o crescimento do pentecostalismo como fenômeno que desafia a Igreja Católica na modernidade e pós-modernidade. Daí nasceu nosso desejo por um estudo mais consistente sobre o tema.

Conforme as pesquisas feitas pelo CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), nas grandes capitais, 67% das pessoas se declaram católicas, das quais a maioria não são praticantes, e aproximadamente 20 % são evangélicos¹. Dados oficiais no início do século passado mostravam que a quase totalidade dos brasileiros eram católicos. Ao longo dos últimos anos, essa realidade mudou. Acreditamos que nos próximos anos continuará essa mobilidade religiosa. Segundo os dados destas pesquisas, quanto maior a distância em relação ao centro urbano, mais forte é o fenômeno do pentecostalismo. Caso típico é o bairro de Cidade Tiradentes², periferia da Cidade de São Paulo, onde se concentra o maior número de pentecostais do município e o movimento migratório de católicos para o pentecostalismo é constante e crescente.

Existem várias obras, artigos, textos e pesquisas sobre o tema do aumento dos pentecostais, mas ainda no campo acadêmico de Ciências da Religião da PUC não há um estudo que tenha sólidas bases sobre a realidade da mobilidade religiosa e do avanço do pentecostalismo. Na literatura religiosa, há algumas obras que se aproximam do tema e são ponto de partida para o nosso trabalho. Passo a citar algumas.

¹ CERIS *Mobilidade Religiosa no Brasil 2004* Disponível em: http://www.ceris.org.br/download/MobReligiosaBrasil_2004.pdf Acesso 23/03/2007.

² Cidade Tiradentes, segundo a Folha de São Paulo (2003:C8), tem a menor população católica do município com apenas 55,57%. Os sem-religião também são a faixa mais alta com 14,13 % e os pentecostais representam 21,68.

Alberto Antoniazzi, (1994) organiza a obra *Nem anjos nem Demônios, Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Apresenta a realidade da Igreja católica no Brasil diante das ondas do pentecostalismo, da diminuição de católicos e das mudanças religiosas. Também é de suma importância a obra de Silvia Regina Alves Fernandes (2006) *Mudança de Religião no Brasil*. Analisa a mobilidade religiosa no ano de 2005. Por solicitação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o CERIS realizou, em 2004, uma pesquisa em vários municípios brasileiros com o objetivo de entender o fenômeno da mudança de religião no Brasil. Trata-se de um estudo científico, realizado de conformidade com os padrões da metodologia da pesquisa, que oferece elementos para uma leitura objetiva da realidade e, particularmente, possibilita à Igreja católica examinar-se numa ótica pastoral e numa perspectiva missionária. Ao nível do Estado de São Paulo, a CNBB apresenta o *PAMP: Projeto de Ação Missionária Permanente do Regional Sul 1*. Apresenta as táticas e métodos das Igrejas Evangélicas, as preocupações da Igreja católica e convoca a estar em missão permanente mediante visitas domiciliares. Faz um chamado para a missão permanente com prioridades e propostas concretas para a evangelização e para a pastoral nas paróquias e nas comunidades. João Décio Passos (2005) organiza a obra *Movimentos do Espírito* resultado de uma reflexão conjunta de vários autores sobre o pentecostalismo de vários autores. Apresenta a dinâmica de expansão e desenvolvimento, as matrizes, afinidades e configurações. Destacamos Ari Pedro Oro, (1994) *Avanço pentecostal e reação da Igreja Católica*. O autor analisa no Rio Grande do Sul (RS), o avanço pentecostal e as táticas e preocupações da Igreja Católica diante do fenômeno. Faz um elenco das Igrejas Pentecostais do Estado e as diferentes atitudes da Igreja católica frente à expansão pentecostal.

Com referência ao desafio do ecumenismo, citamos a obra de Elias Wolff, (2002) *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia e pastoral*. Essa pesquisa apresenta as dificuldades para o ecumenismo. O autor relaciona os encontros do pluralismo eclesial e religioso do Brasil com suas implicações na realidade social.

Dentro do tema da Teologia do pluralismo religioso, encontramos a obra de Faustino Teixeira (1995) *Teologia das religiões, uma visão panorâmica*. Mostra a reflexão teológica cristã sobre o pluralismo teológico e adota uma visão tripartite: eclesiocêntrica, cristocêntrica, e teocêntrica. Paralelamente, existem três posições de base, denominadas respectivamente: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. O paradigma inclusivista e cristocêntrico tem sido normalmente, o mais seguido pelos

teólogos de tradição católica. Na mesma linha, o teólogo Jacques Dupuis (2004) *O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro*, apresenta a teologia das religiões na perspectiva do pluralismo religioso desde o princípio da criação, previsto por Deus em seu desígnio de salvação, que abraça a história da humanidade e não apenas os cristãos. José Maria Virgil (2006) *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura do Cristianismo*, estabelece um instrumento didático que apresenta o pluralismo religioso e permite seu aprofundamento. A teologia do pluralismo religioso é um paradigma que exige ler de forma pluralista toda a velha teologia exclusivista da fé. Finalmente, o livro de João Batista Libânio (1999) *Cenários da Igreja*, propõe a categoria de “cenário” para análise da realidade eclesial. Descreve com objetividade o comportamento das forças dominantes no interior da Igreja, a previsível reação das forças sociais opostas, oferece elementos críticos da viabilidade histórica e teológica de cada força.

Vários fatores justificam a importância desta dissertação. A realidade urbana na pós-modernidade leva a procurar uma experiência imediata de Deus, uma experiência do maravilhoso, do sobrenatural sem compromisso com uma base teórica e doutrinária clara e lógica, definindo muitas vezes por si mesma sua própria identidade religiosa por meio de respostas práticas, utilitaristas, intimistas e imediatas, capazes de revitalizar elementos cristãos adormecidos, tais como Deus, pecado, salvação, Jesus e perdão. A pessoa urbana pós-moderna opta pela religião como remédio para a cura e libertação, satisfazendo as necessidades materiais e espirituais, vendo a salvação como cura dos diversos males. Essa busca é encontrada geralmente, nas igrejas e movimentos pentecostais.

Os grupos pentecostais são os que mais crescem na cidade de São Paulo e no Brasil. Têm uma atuação mais marcante nas periferias das cidades e das regiões metropolitanas. Segundo dados do CERIS, quanto maior a distância em relação ao centro urbano, maior é o número dos pentecostais, conseqüentemente menor o número de católicos. A atuação das Igrejas pentecostais é muito visível; elas penetram em diferentes locais públicos e particulares com presença marcante nas ruas, visitando as famílias nas casas. Usam as antigas e as novas tecnologias para fazer proselitismo, como rádio, televisão, jornais, internet, entre outros. Para conseguir conquistar novos adeptos, existem visitas domiciliares, cultos envolventes e acolhedores que valorizam a pessoa e a Bíblia. Atacar outras crenças é prática comum de algumas Igrejas pentecostais, visando especialmente a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras.

O avanço pentecostal incomoda cada vez mais a Igreja Católica. O CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americana) e a CNBB, por meio de estudos e documentos oficiais, buscam descobrir novas formas e métodos de anunciar o Evangelho de modo dinâmico e vivo para todos os que procuram na transcendência o sentido da vida. Orientam no sentido de desenvolver uma ação pastoral que responda as exigências do homem urbano na pós-modernidade e nos diferentes espaços sociais; revisam as Pastorais e as Paróquias para que estejam em estado permanente de missão. A perda de fieis com o avanço do pentecostalismo leva a Igreja Católica a ter um discurso missionário, ir até os afastados, até os não praticantes, discurso que aparece constantemente nos documentos oficiais.

O objeto de nosso trabalho é aprofundar a história, os desafios, as causas e os motivos do avanço pentecostal no Brasil. Também queremos compreender o discurso nos documentos oficiais da Igreja Católica diante do pluralismo religioso ocasionados especificamente pelo avanço do pentecostalismo, que tem como consequência a diminuição do número de católicos. Dentro desta realidade, nosso objeto de estudo e pesquisa é analisar alguns discursos dos documentos da Igreja em três fontes: discursos do Vaticano, do CELAM e da CNBB, visando os que mais acentuam a preocupação com o avanço do pentecostalismo e a suas posturas com relação ao pluralismo.

As questões que preocupam a pesquisa são as seguintes: Como historicamente o pentecostalismo se desenvolveu no Brasil, suas causas e efeitos? Como o discurso da Igreja Católica se posiciona frente ao avanço do pentecostalismo? Que interpretação podemos dar aos discursos da Igreja, que buscam refletir o problema, em especial no que tange as suas posturas relativas ao diálogo e ao pluralismo religioso?

A hipótese que buscamos demonstrar é a seguinte: diante do avanço pentecostal, o discurso da Igreja Católica mostra certa preocupação, apresenta estratégias reativas; é forçado a admitir o pluralismo religioso e a buscar o diálogo. Porém, diante do pluralismo e na aceitação do diálogo, assume posturas ambivalentes³ nos seus discursos: ora têm um caráter exclusivista eclesiocêntrico, ora uma postura inclusivista cristocêntrica, ou pluralista teocêntrica. As visões mediadas pelos discursos variam de acordo com essas posturas.

³ Assumimos aqui o sentido de ambivalência definido por [Zygmunt Bauman](#): “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria. É uma desordem específica da linguagem, uma falha da função moderna (segregadora) que a linguagem deve desempenhar” (BAUMAN, 1991:9)

Quanto aos fundamentos teóricos da pesquisa, não os explicaremos aqui, porque eles aparecem ao longo dos capítulos, quando necessários para analisar o objeto. Assim, usaremos várias teorias da sociologia da religião para entender o avanço do pentecostalismo e da teologia do pluralismo religioso para analisar os discursos dos documentos da Igreja católica, dentro da realidade do mundo religioso pós-moderno.

Como procedimento metodológico, buscaremos primeiro uma compreensão histórica dos principais motivos do crescimento do pentecostalismo e da perda de adeptos do catolicismo, segundo diversas fontes. Traremos as contribuições dos dados dos censos, das várias pesquisas e de estudos que permitam ver, por ângulos diversos, o crescimento do pentecostalismo, a mobilidade religiosa, e a crise demográfica católica. Em seguida, selecionaremos alguns documentos da Igreja que contêm um discurso defensivo diante do avanço do pentecostalismo e as tentativas de diálogo que levaram ao reconhecimento do pluralismo religioso. Finalmente, focalizaremos as principais posturas teológicas ou modelos que os teólogos apontam para interpretar as atitudes da Igreja Católica diante deste fenômeno. Após apresentar os três modelos teológicos referentes ao pluralismo religioso: exclusivista, inclusivista e pluralista faremos, à luz destes modelos, uma leitura de alguns documentos do magistério católico, a partir dos mais universais emanados pela Santa Sé, depois, pelos Latino-americanos de autoria do CELAM, e enfim, os nacionais publicados pela CNBB. Evidentemente, não temos condições de fazer um estudo de todos os discursos. Pesquisamos, dentro do Magistério romano, os documentos *Ecclesia in América* e *Dominus Iesus*. Do Magistério do CELAM, destacaremos os dois últimos documentos oficiais das Conferências de: Santo Domingo e Aparecida. Ao nível da CNBB, estudaremos o PAMP - Projeto de Ação Missionária Permanente do Sul 1 - e as Novas Diretrizes Gerais da Ação de Evangelização no Brasil para 2008-2010. O critério dessa escolha é abranger o discurso oficial da Igreja que enfrenta mais especificamente o problema do desafio do crescimento do pentecostalismo, da mobilidade e do pluralismo religioso nos vários níveis das suas fontes: a Santa Sé, o CELAM e a CNBB.

O conjunto da dissertação se organiza em três capítulos. No primeiro capítulo: **o avanço das Igrejas pentecostais e a crise demográfica da Igreja Católica: causas e efeitos**, trabalhamos a história do desenvolvimento pentecostal mediante os diversos dados dos censos, das diferentes fontes de pesquisa e dos mais variados estudos, que mostram o êxodo de católicos para o pentecostalismo; análise que nos permite ver, por ângulos diversos, o crescimento do pentecostalismo e a crise demográfica católica.

Também tentamos entender a lógica do transito religioso como fenômeno próprio da pós-modernidade urbana. No segundo capítulo: **o discurso e as posições da Igreja Católica frente ao avanço do pentecostalismo**, estudamos alguns documentos da Igreja com o seu discurso defensivo, de diálogo e de perplexidade perante o pluralismo religioso e o avanço do pentecostalismo, assim como as tentativas de diálogo com o mundo evangélico e pentecostal. No terceiro capítulo: **o diálogo como estratégia ao avanço pentecostal e as posturas ambivalentes da Igreja frente ao pluralismo religioso: uma interpretação teológica dos discursos**, explicaremos as posições da Igreja diante do avanço do pentecostalismo, que desembocam no reconhecimento do pluralismo religioso e na necessidade do diálogo. Aí nasce o problema relativo às posturas da Igreja diante do pluralismo: não há uma posição clara e coerente quando o assunto é o diálogo. As posições são ambivalentes. Para analisá-las, recorreremos a três modelos teológicos, que interpretam a postura dos discursos da Teologia frente ao pluralismo religioso: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista. São três paradigmas de índole teológica que dão conta do conhecimento dos discursos da Igreja Católica, em três níveis: o Vaticano, o CELAM e a CNBB, que visam o avanço pentecostal e colocam o problema de como enfrentar esse desafio, mediante o diálogo com a diversidade de crenças.

CAPITULO I

O AVANÇO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS E A CRISE DEMOGRAFICA DA IGREJA CATÓLICA: CAUSAS E EFEITOS

Neste capítulo, queremos compreender a história e os principais motivos do crescimento do pentecostalismo e da perda de adeptos do catolicismo, segundo diversas fontes. Primeiramente, buscaremos contribuições dos dados dos censos, das várias pesquisas e de estudos que permitam ver, por ângulos diversos, o crescimento do pentecostalismo e a crise demográfica católica. Também tentaremos entender a lógica do trânsito religioso como fenômeno próprio da pós-modernidade. Veremos, ainda, que muitas vezes, as pessoas transitam por diferentes religiões e motivos subjetivos, independentes de qualquer motivação objetiva. Escolher uma religião, Igreja, ou ficar sem nenhuma assumida, é questão de opção pessoal. Aprofundaremos o fenômeno da mudança geográfica, que leva também à mudança religiosa. No interior, as pessoas tendem mais para o catolicismo, enquanto nas grandes cidades ou metrópoles mais para as Igrejas Evangélicas pentecostais. Finalmente, daremos a conhecer nossa pesquisa com exemplos da realidade do bairro de Cidade Tiradentes, localizado no extremo da zona leste do município de São Paulo.

1.1. O avanço do pentecostalismo

O campo religioso brasileiro nos últimos anos vem experimentando o fenômeno do crescimento dos movimentos pentecostais. Surge um sem-número de igrejas autônomas, organizadas entorno de líderes, baseadas nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade, sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a benção divina. Tais Igrejas baseiam-se também no reprocessamento de traços da religiosidade popular, da valorização do emprego de símbolos e de representações icônicas.

Porém, ainda existe o mito que afirma ser o Brasil o país mais católico do mundo pelo número de fieis que professam esta fé, mas é necessário ver a qualidade e não apenas a quantidade de adeptos. Segundo Pierucci (2007) “O catolicismo é uma religião de pessoas que não ligam tanto para a religião”. É fácil ser católico em um país como o Brasil, tradicionalmente católico, onde se pode escolher entre ser praticante ou não. O catolicismo é a religião de todos, no sentido que todos podem ser católicos de tradição, embora não-praticantes. Além do mais, existem várias formas de viver o catolicismo, como o oficial, o erudito, o popular, o pentecostal, o tradicional, o devocional, o libertador, o internalizado⁴, entre outros.

O catolicismo puro não existe, nunca existiu e nem pode existir, a não ser, talvez, na concepção de alguns hierarcas da Igreja ou teólogos. Ele sempre foi sincrético e cultural, especialmente no Brasil. O fenômeno do sincretismo⁵ acontece quando a fé se expressa em seu estatuto sócio-cultural que é a religião. Para o teólogo Leonardo Boff (1981:147) o sincretismo acontece “quando uma religião de dominados se adapta à religião dos dominadores, seja como estratégia de sobrevivência, seja como modo de resistência”. Todo sincretismo implica mistura. Assim como as grandes religiões que atingiram um desenvolvimento sistemático também o catolicismo resultou de um imenso processo sincrético, embora o cristianismo e mais especificamente o catolicismo afirmem que o sincretismo só existe nas outras religiões. Ainda, segundo Leonardo Boff (1981:150), a Igreja católica, “em sua estrutura, apresenta-se tão sincrética como

⁴ O Catolicismo internalizado é aquele que tem como objetivo reavivar a consciência religiosa, encaminhando-a para percepção de valores de real importância para a sociedade moderna, entendidos e vividos como expressão da mensagem cristã. (Cf. CAMARGO 1973:81).

⁵ A palavra sincretismo vem do grego **συγκρητισμός**, originalmente "coalização dos cretenses", composto de **σύν** "com, junto" e **Κρήτη** "Creta". É uma fusão de doutrinas de diversas origens, seja na esfera das crenças religiosas, seja nas filosóficas. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sincretismo>. Acesso 27.12.08

qualquer outra expressão religiosa”. No sincretismo brasileiro, o catolicismo misturou-se a ritos indígenas, cultos afro-brasileiros, espiritismo kardecista e atualmente é influenciado pelo pentecostalismo através do movimento da RCC (Renovação Carismática Católica).

1.1.1 Católicos e Protestantes no Brasil

O catolicismo brasileiro foi durante muito tempo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Identificar-se com o catolicismo nem sempre significou ter uma prática ou compromisso religioso coerente. Atualmente, a sociedade brasileira vem passando por grandes transformações de caráter econômico, social, cultural e religioso. Nunca se viu diversidade religiosa tão grande como nos últimos anos. As mudanças religiosas vêm trazendo novas preocupações e desafios para a Igreja Católica como consequência da perda de fieis para o pluralismo religioso, especificamente o crescimento do pentecostalismo evangélico⁶. Embora a pluralidade de religiões seja tão antiga quanto a humanidade, porém no Ocidente durante quase dois mil anos, houve uma hegemonia do cristianismo, em especial do catolicismo.

Historicamente, durante o Império, a religião oficial era o catolicismo. Ser brasileiro implicava ser católico. Porém, ao final do século XIX todas as denominações protestantes tradicionais estavam estabelecidas no Brasil. Os episcopais anglicanos se instalam no Brasil, ainda no período anterior ao Império, após os tratados de Aliança, Amizade, Comércio e Navegação feitos por Dom João VI com a Inglaterra, em 1810. Esses acordos comerciais criaram tensões no campo religioso, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução do tratado. Após grandes tensões em 1820 os ingleses começaram realizar cultos no Rio de Janeiro e posteriormente em vários lugares do Brasil. Os migrantes protestantes luteranos alemães, que começaram a chegar ao Brasil em 1824, não propagaram a fé; apenas a prática do culto e piedade. As Igrejas congregacionistas de origem calvinista chegaram em 1858, do chamado grupo do protestantismo de missão ou conversão. Segundo Cândido Camargo (1973:112), numa sociedade predominantemente católica, os missionários protestantes eram muitas

⁶ Os bispos participantes da 41ª Assembléia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em Itaici SP, do dia 30 de abril ao 9 de maio de 2003, ficaram impressionados com as mudanças no mapa religioso do Brasil. A CNBB de São Paulo propôs o PAMP (projeto de ação missionária permanente), com a finalidade de responder ao desafio das mudanças religiosas. O PAMP foi aprovado pela 25ª Assembléia das Igrejas particulares do Regional Sul 1 da CNBB.

vezes vistos não somente como “difundidores de ideologias exóticas”, mas também como “defensores de um sistema de vida contrário às tradições brasileiras”.

A questão da controvérsia do abolicionismo americano veio marcar a teologia protestante do século XIX. Embora a doutrina protestante espiritual distanciava-se das atividades políticas e sociais: “Crente não se deve meter em política”. Os conflitos tornaram-se evidentes entre os presbiterianos como a extinção da imprensa Evangélica (1892), com grande alcance, inclusive chegou atingir o mundo dos católicos. O jornal evangélico que funcionou durante vinte e oito anos (1864-1892), foi encerrado por ordem das missões presbiterianas, por causa de conflitos internos. Os diferentes problemas provocaram o primeiro cisma entre protestantes no Brasil (1903), dando origem a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil sob o signo do antimaçonismo. A cisão, de fato, tinha por fundamento básico a idéia de criar uma igreja brasileira, desvinculada da tutela das missões estrangeiras. As igrejas Presbiterianas foram as que mais avançaram até os vinte anos subseqüentes à proclamação da República, quando perderam para as Batistas. Também, o Protestantismo e Anglicanismo europeus determinaram na Conferência Missionária de Edimburgo, Escócia, em 1910 de excluir a América Latina da missão por ser um “continente cristão” evangelizado pelos católicos que firmou o princípio que as missões só deveriam ter como objetivo o mundo não-cristão, pondo em xeque todo o ardor missionário protestante na América Latina. Porém, o Congresso de Panamá em 1916, afirmava que era necessário fazer também missão nos países católicos, desautorizando o congresso de Edimburgo e criando o impasse com as Igrejas não proselitistas. (Cf. MENDOÇA, 2005:52-55).

A primeira Constituição do Brasil de 1824 afirmava o catolicismo como religião oficial; isso era normal, porque a quase totalidade da população professava esta fé; existia a identidade de fé e de nacionalidade, ser católico era igual a ser brasileiro. A legalização do pluralismo religioso se consolidou com o decreto número 119A de 7 de janeiro de 1890, instituindo plena liberdade religiosa e de culto a todas as confissões, igrejas e agremiações religiosas. A constituição de 1891 oficializou a separação entre a Igreja Católica e o Estado, dando plena liberdade para todos os indivíduos e credos religiosos, abrindo espaço para a entrada das migrações do protestantismo histórico (WOLFF, 2000: 24-25).

Para Maria Lucia Montes (2005:73), o Brasil é um país historicamente marcado pela influencia da religião, que “encontrou no catolicismo um conjunto de valores, crenças e práticas institucionalmente organizadas e incontrastadamente hegemônicas”,

que por quatro séculos definiram de modo coerente os limites entre o público e privado, formalmente ligada ao estado até o final do Império. A Igreja católica entra no século XX sob o signo da romanização e tenta recuperar os laços privilegiados com o poder publico. Ao longo do final do século XIX e começo do XX, como foi dito, Anglicanos, Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Batistas, Congregações tradicionais do chamado protestantismo histórico implantaram-se pacificamente no Brasil ganhando adeptos ao ritmo da migração estrangeira, mas sem um crescimento que inquietasse a Igreja Católica.

Ainda hoje, existe a idéia da hegemonia do catolicismo no imaginário popular de alguns setores conservadores, mas o catolicismo já não aparece mais como religião dominante. Apenas temos a lembrança da herança dessa fase de religião oficial, com os feriados de Natal, Sexta-feira Santa, Corpus Christi e de Nossa Senhora Aparecida, também proclamada padroeira do Brasil. Segundo dados dos censos e dos diversos institutos de pesquisa, há uma perda de fieis da Igreja Católica, principalmente para os evangélicos pentecostais; e com o aparecimento de muitos credos, instaura-se no Brasil um pluralismo religioso. A hegemonia do catolicismo foi posta em xeque pela eficiência do proselitismo dos concorrentes. Até a metade do século XX, a Igreja Católica esteve voltada para suas próprias questões internas, respondendo as demandas, sem se importar com o publico que dela se distanciava. (SOUZA, 2001:8). Nos últimos anos ela passou a ter certa preocupação com o crescimento das Igrejas evangélicas pentecostais, inclusive, alguns de seus setores mais conservadores começaram a reagir usando as mesmas armas do pentecostalismo, principalmente através da RCC.

1.1.2 O pentecostalismo no Brasil

O pentecostalismo de origem protestante não é um movimento recente. As raízes históricas e teológicas vêm desde o movimento de santidade, que durante o século XIX marcou profundamente o protestantismo Inglês, o qual se remonta ao movimento renovador de John Wesley da Inglaterra do século XVIII. Naquela época Wesley pregou a santificação como obra da graça como consequência da justificação. Como consequência surgiu o pietismo e o puritanismo frente a uma ortodoxia protestante, na qual só a graça tinha deixado pouco espaço para a ética e para ação missionária. No pentecostalismo contemporâneo, o suíço John Fletcher interpretou a santificação como

um Batismo do Espírito Santo e o uso dos carismas, caracterizados pelo avivamento evangélico, o que foi dando início ao movimento pentecostal.

O pentecostalismo clássico surgiu nos Estados Unidos em 1906⁷ e chegou ao Brasil em 1910 com a Congregação Cristã no Brasil, e em 1911 com a Assembléia de Deus. Manteve-se discreto até 1950, quando ocorreu uma expansão com o surgimento de novas igrejas brasileiras e consequentemente a diminuição do número de católicos. Foi nas últimas décadas, que se percebe um avanço visível e constante e consequentemente um declínio do catolicismo segundo os dados dos censos e das diferentes fontes de pesquisa. Também as organizações religiosas do chamado neopentecostalismo foram fundadas nas décadas de 50, 60 e 70, por pastores que exerciam atividades religiosas em outras igrejas pentecostais ou protestantes históricas⁸. (ORO, 1996:53).

O termo “Evangélico” no Brasil abarca três tipos de Igrejas diferentes: As protestantes históricas, como Luterana, Presbiteriana, Metodista e Batista; as pentecostais, como Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Brasil para Cristo, Deus é Amor, etc. e ainda as chamadas neopentecostais, como Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Renascer em Cristo entre outras. Os pentecostais diferem dos protestantes históricos pela crença de que a manifestação do Espírito Santo ocorre nos dias atuais por meio do dom de línguas, por meio da expulsão de demônios, da concessão divina de bençãos e da realização de milagres (Cf. FIGUEIRA, 2007:50-52). Os neopentecostais acreditam que participam de uma “guerra espiritual” entre Deus e o diabo. As dificuldades na família, na empresa, na vida pessoal são atribuídas à ação do diabo na vida das pessoas. (ABUMANSSUR, 2005:117). Tanto as Igrejas pentecostais e neopentecostais se agrupam no campo religioso como oposição ao catolicismo, inclusive aos santos da religiosidade popular e de uma maneira mais direta e forte contra as religiões afro-brasileiras, as quais são associadas cada vez mais

⁷ O reavivamento da Rua Azusa foi uma reunião de reavivamento pentecostal que se deu em Los Angeles, Califórnia, presidida por William Joseph Seymour, um afro-americano. Movimento considerado como principal catalisador para a propagação do pentecostalismo no século XX. Teve início com uma reunião em 14 de abril de 1906 na Igreja Metodista Episcopal Africana e continuou até meados de 1915. O renascimento foi caracterizado por falar em línguas estranhas, cultos dramáticos, milagres antes não vistos e confusão inter-racial. Os participantes foram criticados pela mídia secular e teólogos cristãos por considerarem o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo para a época. (Cf. CAMPOS 2005: 105)

⁸ Alguns líderes fundadores de destaque do neopentecostalismo brasileiro são: Davi Miranda, da Igreja Deus é Amor; Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus; Manuel de Mello, da Igreja Brasil para Cristo; Mariano Moreira, da Igreja Evangélica Pentecostal Cristã; e R. Soares, da Igreja Internacional da Graça. Embora exista esta diferenciação no nosso trabalho usaremos apenas o termo pentecostais incluído qualquer tipo de pentecostalismo.

ao maligno. Assistindo especialmente aos programas televisivos das Igrejas neopentecostais, parece que há uma verdadeira guerra contra as religiões afro-brasileiras como umbanda e candomblé. Há um sentimento de exclusividade com pouca ou nenhuma tolerância ao ecumenismo e ao diálogo interconfessional. “De fato, pastores de algumas igrejas mantêm sistematicamente um discurso acusatório como estratégia de constituição da própria identidade religiosa”. (ORO, 1996:50). O pentecostalismo está em guerra contra as supostas superstições, inclusive contra os santos da religiosidade popular católica. Expulsam os demônios por via de conversão e afirmam a predominância do bem contra o mal. (Cf. CORTEN 1996:55).

1.1.3 O avanço do pentecostalismo e a crise demográfica do catolicismo

Um olhar geral dos censos mostra que no início do século XX, 99% dos brasileiros se declaravam católicos. Mesmo que o catolicismo estava já em declínio, houve um longo tempo em que eram católicos nove entre dez brasileiros, conforme mostra uma série histórica dos censos demográficos: em 1940, eram 95,2%; em 1950, 93,7%; em 1960, 93,1%; em 1970, 91,1% em 1980, 89,2%, passando para 83,8% o que significa 122,3 milhões em 1991; e finalmente para 73,8% ou seja 125, 5 milhões no ano 2000 (Cf. PIERUCCI, 2002:6). Um pequeno aumento no número, mas uma grande queda na porcentualidade. Por último, a pesquisa do CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais) aponta para um percentual de 67,2% em 2004⁹, perda de 6,6% em quatro anos. Os dados mostram a diminuição de um por cento a cada ano dos católicos, o que confirma a teoria de que o catolicismo está em declínio e os pentecostais em ascensão. Ressaltamos, ainda que muitos dos que se declaram católicos são apenas nominais não praticantes¹⁰. Além disso, nesse percentual estão incluídas a Igreja Católica Brasileira e a Igreja Católica Ortodoxa.

⁹ Acredita-se que as pesquisas no Brasil têm mais ou menos uma margem de erro de até 3% para mais ou para menos.

¹⁰ Em 2004 o CERIS publicou os resultados da pesquisa que contemplou o estudo de 23 capitais brasileiras e 27 municípios. Ao todo foram considerados 2.870 questionários. Os municípios que participaram da pesquisa foram: Canudos do Vale (RS), Mato Verde (MG), Duque de Caxias (RJ), Rio de Janeiro (RJ), Niterói (RJ), Curitiba (PR), Salvador (BA), Goiânia (GO), São Paulo (SP), Fortaleza (CE), Viana (ES), Guarulhos (SP), Presidente Tancredo Neves (BA), Boa Vista (RR), Guarujá do Sul (SC), Porto Alegre (RS), Pedra Azul (MG), Balneário Pinhal (RS), Brasília (DF), Campo Grande (MS), Correia Pinto (SC) São Geraldo da Piedade (MG), Macapá (AP), Rio Grande (RS), Florianópolis (SC), Recife (PE), Limeira (SP), Vila Maria (RS), Pontes Gestal (SP), Gentil (RS), Aracruz (ES), Tamboril (CE), Maceió (AL), Santa Helena Goiás (GO), Canhotinho (PE), Cuiabá (MT), Natal (RN), Pedra Lavrada (PB), Rio Branco (AC), Januário (MG), Palmas (TO), Imperatriz (MA), Manaus (AM), Paiva (MG), Belo

Por outro lado, constata-se claramente que os evangélicos estão ganhando terreno e grande visibilidade, especificamente as Igrejas pentecostais, com um crescimento acelerado¹¹. A igreja Católica é a maior doadora para o pentecostalismo¹² evangélico. Em 1940, eles correspondiam apenas 2,6% da população; em 1950, eram 3,4 %; em 1960, eram 4 %; 1970, eram 5,2 % o que corresponde a 4,8 milhões; em 1980, 6,6 %; em 1991 passaram para 9,1% o que significa 13,1 milhões; no final de 1996 estimava-se que eram 17,8 milhões, cerca de 11%; já no ano 2000 atingiram 15,5%; ou seja 26,5 milhões. Foi, sobretudo, nos anos noventa que os evangélicos pentecostais mostraram um crescimento extraordinário de quase cem por cento (Cf. PIERUCCI, 2007:6). O bispo auxiliar da arquidiocese de São Paulo, Dom Pedro Luiz Stringhini, pondera que, talvez, a Igreja tenha sido muito politizada e sofisticada. "O povo não entendia expressões como "compromisso social da fé", "engajamento pastoral". As pessoas não gostaram do nosso jeito". "A igreja procura oferecer um atendimento com um maior contato humano e afetivo". "Temos de aprender isso com os crentes" ¹³.

Segundo dados do censo e CERIS pela primeira vez desde a realização do primeiro censo no Brasil em 1872, a diminuição do número de católicos teve um estancamento entre 2000 e 2003, 73,89% e 73,79%, respectivamente. Os que se declaravam sem religião caem de 7,4% para 5,1%. Os evangélicos, conjuntamente tradicionais e pentecostais, seguem seu crescimento, passando de 16,2% para 17,9%. O crescimento dos evangélicos tradicionais está se dando as taxas mais aceleradas que os evangélicos pentecostais, sendo esta outra novidade a ser ressaltada. No caderno especial da Folha de São Paulo do dia 06 de maio de 2007, pesquisa do Datafolha¹⁴, confirma as tendências da estabilidade do catolicismo e a expansão pentecostal. O pentecostalismo abriga 17% dos brasileiros, tornando-se pelo número de adeptos, o segundo país mais pentecostal, apenas atrás dos Estados Unidos (FOLHA, 2007:3). Se

Horizonte (MG). O Verificou que os católicos somam 67,2 %, 18 % evangélicos, sem religião 7,8 % e o restante de outras denominações. Também confirmou que independentemente dos indivíduos afirmarem pertencer ao catolicismo, suas práticas e crenças individuais, bem como sua assiduidade à instituição, carregavam certa fluidez e podiam expressar discrepâncias com a doutrina oficial. Este não é um fato novo, dado que o catolicismo no Brasil se constitui de modo sincrético e plural.

¹¹ No encontro Católico-Pentecostal, que aconteceu os dias 30 de abril a 1º de maio de 2008, na Canção Nova, Lavrinhas, SP, foi dito que existem 1652 denominações de Igrejas Evangélicas no Brasil.

¹² Atualmente as Igrejas pentecostais e neopentecostais são cada vez mais semelhantes, por isso em nossa pesquisa não fazemos uma diferenciação.

¹³ FOLHA DE SÃO PAULO – COTIDIANO, 14 de dezembro de 2003.

¹⁴ Pesquisa da Folha de São Paulo feita por motivo da visita do papa Bento XVI ao Brasil por ocasião da abertura do V CELAM em Aparecida (SP).

permanecer esse mesmo índice de crescimento, dentro de pouco o Brasil poderá ser o país mais pentecostal do mundo, o que mostra certa preocupação da igreja católica¹⁵.

Um olhar superficial para os resultados das pesquisas poderia sugerir que os evangélicos pentecostais estão respondendo melhor aos novos desafios, demonstrando habilidade para melhor acolher a população que busca na religião tanto a solução imediata de problemas como a formação de uma identidade nesse contexto de desenraizamento provocado pelo avanço tecnológico. (CNBB-sul1, 2004 n 9)

Pierucci em entrevista à Folha de São Paulo (2005), afirma que qualquer religião majoritária perde adeptos com a abertura pluralista. “Com a institucionalização democrática e o avanço da liberdade religiosa no espaço público, o destino da Igreja Católica é perder adeptos, assim como o destino dos protestantes nos EUA e do hinduísmo na Índia”, afirma. Ele diz que o avanço evangélico começou entre os mais pobres, embora tenha chegado às classes média e alta: “O fenômeno não é mais só das classes populares, mas é entre os mais pobres que eles mais crescem. São setores excluídos de mediações organizadas onde o catolicismo consegue chegar, como sindicatos e partidos”. Para esse grupo excluído, o mundo evangélico tem dois atrativos: a maior possibilidade de integração entre fé e vida, falando do cotidiano e não só da esperança na vida eterna, e a participação nos rituais religiosos. Ainda, para Pierucci (2004), o catolicismo está em declínio não apenas porque a religião católica seja majoritária, mas porque há uma mudança social, logo uma mudança religiosa, onde há alternativas de escolha, e o indivíduo se depara frequentemente com situações novas e inéditas.

O campo religioso, segundo Bourdieu (2007:57), é um espaço comparável ao mercado com seu comércio de símbolos. Por isso, as religiões competem entre si na busca de apoio dos vastos setores populares constituintes de suas clientelas. Desta maneira:

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião, apenas justificativas de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. (BOURDIEU, 2007:48)

¹⁵ A CNBB do estado de São Paulo (Sul 1), comentou os resultados da pesquisa do CERIS de 2004, com o documento *Projeto de Ação Missionária Permanente do Regional Sul 1*; conhecido como PAMP, o qual apresenta várias linhas de ação pastoral e chama para as missões populares permanentes para que as paróquias enfrentem o problema da perda de fiéis.

O avanço pentecostal e a sedução do sagrado, especialmente aquele que verificamos na sociedade brasileira no começo deste século, tem motivação não somente de cunho religioso-cultural, mas também sociológica. Conforme Bourdieu, toda opção religiosa está carregada de justificativas “do existir” numa posição social determinada. A religião cumpre funções sociais, “primeiro em favor dos grupos que a produzem e em seguida em favor dos grupos que a consomem” (BOURDIEU, 2007:43).

A perda nominal de católicos para o pentecostalismo tem sido alvo de uma série de interpretações sociológicas, antropológicas e teológicas. Alberto Antoniazzi, se punctua diante da mudança e pluralismo religioso, sobretudo do distanciamento físico e simbólico da Igreja Católica e seus representantes perante as dificuldades materiais e espirituais da população. Segundo Antoniazzi, a marginalização de certo catolicismo popular, a burocratização do clero e a escassez de vida comunitária que dificultam as relações humanas próximas, sobretudo no âmbito da paróquia, agravariam o quadro de deterioração numérica dos católicos.

No plano dos problemas imediatos que a população sofre na carne, fome, falta de saúde, desorientação espiritual, desavenças familiares... a igreja católica parece menos ágil e menos atenta, tendo inclusive renunciado às práticas terapêuticas tão procuradas por grande parte da população. Mais geralmente, não parece arriscado falar que a Igreja Católica aparece, aos olhos do povo, mais “secularizada” e, portanto, mais distante da religiosidade popular. As práticas religiosas católicas, estritamente enquadradas num sistema religioso de origem ocidental, mais racional às vezes do que aberto aos sentimentos e a emoção, aparecem como distantes do próprio catolicismo popular, mas do que o pentecostalismo, apesar da ruptura desta com a devoção dos santos (ANTONIAZZI, 1994:21).

Um elemento importante hoje é o marketing evangélico, o qual é uma fatia considerável no mercado da propaganda para o aumento de adeptos. Não se restringe à comunicação oral do discurso fragmentado, mas aposta na imagem do vídeo e na estética. Também estabelece a relação entre o binômio religião/economia observado na prática desses grupos, embora sempre estivesse presente na experiência religiosa de maneira mascarada.

O pentecostalismo cresce também pelo constante trabalho de proselitismo. A metodologia para aumentar o número de adeptos é não esperar, mas sair em sua conquista, servindo-se de pessoas que tem certa ascendência sobre outras como: amigos, vizinhos, namorados/as, professores/as, pais, que se tornam missionários, emissários e

portadores de um convite. Os adeptos do catolicismo parecem ser mais sensíveis ao apelo, pois apresentam a maior proporção de informantes da pesquisa do CERIS (16,5%), que mencionaram ter abandonado o catolicismo por terem recebido convite de familiares ou amigos para mudar de religião. As mulheres desempenham um papel importante na expansão pentecostal, já que são elas que levam para Igreja maridos, filhos, amigos, vizinhos e colegas. As visitas domiciliares insistentes dos obreiros conquistam e promovem sua inclusão e participação ativa no grupo. Segundo Dom Geraldo Magella¹⁶, arcebispo de Salvador (BA)

O proselitismo dos pentecostais, especialmente de algumas seitas cujos membros devem dedicar diversas horas semanais para visitar casas à procura de novos fiéis, mudou profundamente a maneira de entender o que significa ser praticante, inclusive para os católicos.

A dinâmica e militância dos pentecostais são constantes na procura de novos fiéis. Também uma das causas do crescimento dos evangélicos pentecostais, se mostra nas dinâmicas agressivas na procura de novos fiéis, enquanto a organização da Igreja Católica parece ter agido com bastante lentidão diante das mudanças sócio-culturais. A organização católica está muito dependente do padre e da paróquia. Ora, o número dos padres não tem crescido com o mesmo ritmo da população¹⁷. As paróquias das grandes cidades têm, geralmente, um número exagerado de habitantes¹⁸, de católicos não praticantes e afastados, ao qual o único pároco não pode oferecer o cuidado pastoral desejável. As paróquias também aparecem como prestadoras de serviços onde o indivíduo vai buscar apenas os sacramentos como o batismo de crianças, sem nenhum compromisso concreto com a comunidade católica e muitas vezes não se sentem em casa; enquanto que nas pequenas comunidades de grupos pentecostais são bem acolhidos. É verdade que há carência de padres e não é possível multiplicar pequenas paróquias, mas é possível subdividir as vastas estruturas e formar leigos com disposição e preparo, mas o catolicismo oficial é centralizador e hierárquico o que impossibilita alternativas diferentes.

Há certo consenso que se trata especialmente de católicos ligados ao catolicismo tradicional rural, ligado à devoção dos santos, “milagreiro”,

¹⁶ Entrevista à FOLHA de São Paulo 6/05/07, Caderno especial *Religião* p 02.

¹⁷ Em 1970, havia um padre para 7.100 habitantes; em 1990, um padre para 10.100 habitantes. Desde então a proporção padres/habitantes se mantém estável. Atualmente existem mais de quinze mil padres no Brasil.

¹⁸ Por exemplo, a Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Cidade Tiradentes em São Paulo, tem uma população aproximada de mais de 120 habitantes, atendida por quatro padres.

mas pouco envolvido às comunidades católicas dirigidas pelo clero e com escassa formação doutrinária. Exagerando um pouco pode-se chegar a dizer que o pentecostalismo recruta católicos que já estavam “fora” da igreja instituição. (ANTONIAZZI, 1994:20)

Também, a formação de um pastor pentecostal é curto, apenas de alguns meses, sendo pessoa simples, morador do próprio bairro, geralmente pai de família, conhece a realidade das pessoas, fala a linguagem do povo; enquanto a formação do padre da Igreja Católica Romana é um processo longo, abre mão de formar família diante da exigência celibatária obrigatória, deve fazer duas faculdades: filosofia e teologia; morando no seminário longe da realidade do povo, se distancia mais da cultura popular e se aburguesa, se torna autoritário e burocrático, perdendo a flexibilidade do serviço eclesial. Segundo o teólogo Hans Küng¹⁹, a Igreja católica deve tornar a vida das pessoas mais fácil; “um fator que dificulta o surgimento de novos padres é exatamente essa lei medieval do celibato. A Igreja precisa repensar essas coisas” afirma o teólogo. “Quando se toma uma posição de que a missa precisa ser celebrada segundo os preceitos romanos, acaba sendo muito chato”. Por outro lado, disse ele “você tem cultos dos pentecostais que são muito mais animados na sua liturgia, com gestos, canções. Quando a gente simplesmente imita essa liturgia, não é bom. Mas aproveitar elementos é bom”.

Desde Constantino na Igreja Católica, de acordo com José Comblin (2007:39), tudo se faz a partir da posição de poder dos bispos e do clero. Eles ensinam, administram os sacramentos, governam as comunidades. “Cada pároco é papa na sua paróquia: ele é infalível, com plena jurisdição”. Os leigos são objetos de obrigações: devem ir para a paróquia, obedecer e, sobretudo, sustentar financeiramente uma instituição na qual eles não têm poder nenhum. Muitas vezes o poder do clero apresenta-se como se fosse o poder de Deus. A paróquia é a imagem do poder. O pároco é enviado pelo bispo sem nenhuma consulta aos leigos. Ele manda, não porque é reconhecido pelo seu povo como a pessoa mais capacitada, mas simplesmente por imposição do bispo. De repente, chega e pode mandar em tudo. O único limite a seu poder é a resistência do povo, a indiferença da maioria e uma atitude de defesa, tão freqüente entre os católicos que faz com que somente uma pequena minoria participe da paróquia.

¹⁹ Entrevista à FOLHA de São Paulo. Entrevista da 2ª. Segunda-feira, 22 de outubro de 2007. p A16.

Diante do avanço do pentecostalismo, entre os evangélicos pentecostais prevalece um sentimento de euforia, de confiança, de vitória. O crescimento dos últimos anos os levou sentirem-se vitoriosos e aos católicos terem a consciência de derrotados, que procuram manter pelo menos o número de fiéis tentando reconquistar o espaço perdido para o pluralismo religioso, especialmente para as igrejas pentecostais.

1.1.4 Cultos pentecostais cheios de emoção

Os cultos das igrejas pentecostais estão cheios de emoção, envolventes, acolhedores e de espetáculo, valorizam a pessoa ouvindo suas dificuldades, conhecendo cada um pelo nome, endereço, profissão. Resgata-se o corpo como “instrumento mediador para com Deus”. Para Alberto Klein (2005:158) “Os movimentos efusivos durante os cânticos com as palmas que os acompanham, a obtenção do êxtase religioso, constituem-se em atos sagrados, formas de adoração a Deus”. A presença do Espírito Santo nos fiéis se manifesta oral e corporalmente. Há uma intensa gestualidade e movimentação corporal. Também existe uma especialização na “instrumentalização” da voz como principal via comunicativa. A voz se altera de acordo com o estado emocional, arrancando inclusive, aplausos, choros e euforia da platéia dos fiéis com expressões verbais de amém, aleluia, glória a Deus, graças a Deus, sim, não, que detonam uma verdadeira “ritualização da palavra”. O silêncio e a concentração estão ausentes, ao contrário prevalecem manifestações verbais espontâneas, como “falar em línguas”, fato comum em todas as Igrejas pentecostais, prece que não obedece a nenhuma fórmula pronta, é um fenômeno particular de enunciação e emoção. (Cf. CORTEN, 1996:56-59). O importante não é apenas o que o “pastor-ator” diz no sermão, o “falar ou não em línguas”, mas também, que os movimentos acompanhem a narrativa do pastor. Assim o entusiasmo é uma maneira de afirmar que Deus está com ele:

Os estados de euforia, de êxtase, transe ou alteração da consciência funcionam como fontes inspiradoras para a transformação e expansão da segunda realidade, na medida em que os efeitos causados por esses estados e toda desordem psíquica acarretada podem sugerir no indivíduo ou na coletividade novos modelos para a ampliação da segunda realidade. (KLEIN, 2005:178)

Os obreiros ajudam os principiantes a participarem ativamente das celebrações, da música, do canto, dos gestos e ajudam a manifestar seus sentimentos e dons. A equipe do culto se faz presente no meio da assembléia, orientando no manuseio da

Bíblia, monitorando para a uniformidade de atitudes, segundo o estímulo do pastor. Usam os testemunhos de vida dos convertidos e adeptos, bem como pessoas de projeção social para assim, dar certeza que Deus está junto e conseguir lidar melhor com os problemas, o que é terapêutico para quem está sofrendo.

Os cultos pentecostais, também se caracterizam por uma mensagem religiosa pragmática. A solução dos vários problemas é prometida. Em algumas Igrejas e denominações pentecostais agenda-se a ação divina, a cada dia da semana é feito um culto para resolver uma determinada questão, como problemas amorosos, financeiros, familiares entre outros. (FIGUEIRA, 2007:56). Atende-se a todas as necessidades, como religião que promete a resposta imediata para os sofrimentos do povo, mesmo que a nível espiritualista. Atua num terreno onde existem a carência, a aflição e a desesperança, tornando-se crenças acessíveis aos marginalizados (Cf. CAMPOS, 1995:112). Vai surgindo como crença que dá sentido à vida das pessoas, é uma alternativa para setores marginalizados e pobres que procuram sobreviver em meio às contradições violentas do capitalismo, onde se encontram perspectivas e esperanças. A busca da religião como solução para os problemas torna-se comum. Para o fenomenólogo e historiador das religiões Mircea Eliade (2001:79), o homem sente a necessidade de mergulhar nesse tempo sagrado, indestrutível. Para ele, “é o Tempo sagrado, que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana”.

Os templos transformam-se em vitrines onde é oferecida a cada dia uma resposta às angústias do cotidiano. Segundo Jardimino (2004), cada indivíduo programa suas atividades religiosas conforme sua disponibilidade de tempo e espaço. Assim, oferece-se a cada dia um produto sempre atual e atraente para todas as dimensões da vida. É uma igreja com atendimento 24 horas – um novo espaço moderno de conveniência. Há descentralização do espaço do culto implantando permanentemente salas de culto em bairros diferentes e em lugares onde os transeuntes são em grande número. Usa-se a Bíblia para se dar veracidade ao culto e às palavras do pastor. Doa-se Bíblia para quem não tem e vem a primeira vez. As reuniões são feitas para proclamar e meditar a palavra de Deus. Quem presencia um culto pentecostal sente-se, simultaneamente, atingido individualmente e implicado na massa de fiéis, que vai se envolvendo e respondendo aos apelos do pregador. É nesse sentido que alguns especialistas falam em "individualismo coletivo" para designar essas assembléias. O papel do público parece ser o de produzir o frenesi coletivo, a contaminação emocional, a efervescência religiosa

que vão sendo configurados pelo espetáculo da fé. O espetacular se dá numa circularidade com o grande público consumidor ou, até, consumista dos bens de salvação. (PASSOS, 2000).

Segundo Ari Pedro Oro (1996:52-53), o discurso dos pregadores pentecostais é fortemente carregado de sentido ideológico, na medida em que sabem identificar os problemas e as angústias das pessoas, mas propõem uma explicação transcendental, em especial uma demonização dos problemas sociais e econômicos. Esse tipo de explicação reducionista, não questiona as causas históricas e sociais dos problemas que atingem os membros das camadas populares. O quadro ideológico fornecido não leva a questionar as injustiças, a manipulação política, exploração econômica, que sofrem diariamente, mas a demonizar todo tipo de problemas, alienando os participantes das pregações pentecostais.

1.1.5 Cobrança de compromisso do pentecostalismo

Existe uma cobrança de compromisso e fidelidade à Igreja, o recurso à conduta moral como um meio de gerar dependência e atrativo. Ari Pedro Oro, (1996:70) afirma, que “Algumas Igrejas são estruturadas segundo o modelo empresarial”. Há o compromisso de auxílio financeiro em momento de necessidade aos membros da Igreja²⁰. Uma religião é forte quando exige participação financeira dos fieis, a qual se dá de forma direta na cobrança do dízimo²¹, que constitui a maneira mais usual de doação financeira a Deus (a Igreja) por parte dos crentes.

No protestantismo clássico mapeado pelo sociólogo alemão Max Weber, a austeridade era uma virtude e a riqueza um sinal da graça divina. A ascese e a disciplina moral sobre as quais repousavam a possibilidade de salvação individual e que, de maneira mediada, estimulariam o chamado espírito capitalista, no caso dos pentecostais foram substituídas por uma espécie de troca instantânea do dinheiro pelos benefícios da fé. A instituição do dízimo é a melhor tradução disso. É sabido, porém, que essa relação abertamente mercantil da igreja com seus fiéis criam um ambiente propício ao

²⁰ Pesquisa do Data Folha, afirma que 89 % dos evangélicos pentecostais costumam ajudar financeiramente sua igreja contra 75 % dos católicos. FOLHA DE S. PAULO 6/05/07 Caderno especial *Religião* p 9.

²¹ Dízimo significa uma décima parte dos bens, é a maneira mais usual de doação dos crentes a “Deus” (Igreja). Procura ser justificado na bíblia, por exemplo, Deuteronômio 14,22-28, Malaquias 3,8-10.

surgimento de espertalhões dispostos a iludir populações menos esclarecidas²². Como afirma Lúcia Montes (2005:121), “é dando à Igreja e ao seu pastor que se recebe de Deus, essa graça que de todo modo já nos foi por Ele garantida”.

O pentecostalismo é uma religião atraente ao assumir de uma maneira clara, sua característica como religião de mercado através da chamada “teologia da prosperidade²³”. Como há muito tempo nos fez compreender Max Weber (2006:86), a teoria da predestinação sempre se associou à ética do trabalho, cujos bons frutos eram vistos como prova da eleição por Deus, dos seus filhos, que ao terem êxito em seus negócios terrenos se caracterizavam por ser objeto de sua graça e assim terem assegurado a salvação na vida eterna. Ora, a teologia da prosperidade incorporou o espírito do capitalismo como uma ética pentecostal.

O pentecostalismo não se limita a pregar a salvação somente com um sentido escatológico, mas seus serviços religiosos são também para a questão financeira como elementos essenciais da fé: O homem atual tem que tomar posse da bênção financeira que Deus lhe deu. As Igrejas atuam muitas vezes sendo “supermercados da fé”. A teologia da prosperidade oferece ainda uma alternativa e um motivo para a ação e de esperança. Para Edin Sued Abumanssur, (2005:120) “Deus está presente, trabalhando em favor daqueles que cumprem suas obrigações de fé”.

As Igrejas evangélicas pentecostais trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando aumento de auto-estima e impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Elas atuam em contextos de carências, operando, por vezes, como circuitos de trocas que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros. (Cf. ALMEID, 2004)

O sagrado no pentecostalismo não se limita à promessa de um paraíso após a morte como prêmio por uma vida pautada pela moral, mas amplia-se numa libertação total das forças demoníacas que oprimem o homem contemporâneo e o torna impotente para vir a ser plenamente feliz. A libertação recupera aqui e agora o paraíso perdido (Cf. JARDILINO, 2004). A pessoa começa a ter êxito econômico na vida, como

²² Por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, durante os cultos os pregadores procedem a uma espécie de “leilão de ofertas”, iniciando com valores elevados para o público, começam com 100 reais, logo baixam para 50 e 30 reais e finalmente para 10 e 5 reais, que pode ser em dinheiro, cheque e até em no cartão eletrônico do banco. Afirmam que “quanto maior for a doação, maior será o milagre” (Cf. ORO 1996:77-78).

²³ A Teologia da prosperidade teve sua origem nos Estados Unidos. É um conjunto de crenças e afirmações, que legitima ao crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida pessoal ou simplesmente progredir (Cf. ABUMANSUR, 2005:120).

consequência de pertencer a uma denominação religiosa²⁴. De fato, quando se segue a doutrina das Igrejas pentecostais, progride-se economicamente, por que há uma mudança de vida, começa-se ter uma disciplina e uma ética própria, abandona-se a vida boêmia e os vícios, o que leva a gastar menos em coisas supérfluas e a um progresso econômico. Para Max Weber (2006:104), a ética protestante não tem a ver com a prática do bem, mas organizar a vida para “maior glória de Deus”. A pessoa que se converte para o pentecostalismo deixa de beber ou de fumar, o que ajuda a melhorar o orçamento familiar. Essa mudança de vida, que implica numa ruptura, possui um caráter radical e informa sobre um tempo de vivência religiosa em que são enfatizados o “antes” e o “depois”. A pessoa se sente eleita por Deus. A diferença precisa ser estabelecida e notada em todos os aspectos da vida do crente. Para o indivíduo, o estímulo ao controle metódico de seu estado de graça na condição da vida e, portanto, à sua impregnação pela ascese, leva-o a uma nova estrutura de vida. “Esse estilo de vida ascética significa uma conformação racional de toda a existência, orientada pela vontade de Deus” (WEBER, 2006:139). A busca da certeza da salvação leva a construção ética.

1.2 Mobilidade, trânsito religioso e pós-modernidade

A diversidade e mobilidade religiosa no Brasil é um fenômeno próprio da pós-modernidade, que abriu a possibilidade para múltiplas escolhas religiosas dentro do pluralismo religioso a gosto do indivíduo, para o trânsito e sincretismo religioso rompendo com o monopólio Católico, que até pouco tempo era considerado como natural. As instituições religiosas, em muitos casos, já não conseguem ter um controle de suas doutrinas, símbolos, ritos e práticas. Os fiéis sentem-se situados frente a um “mercado do religioso”, marcado pela lei da oferta e a demanda, em que cada um se acha no direito de buscar, onde estão presentes, aqueles produtos capazes de responder às próprias necessidades.

²⁴ Segundo o Data Folha, 54 % dos evangélicos já mudaram algum habito por causa da religião. FOLHA DE S. PAULO 6/05/07 Caderno especial *Religião* p 9.

1.2.1 O trânsito religioso na pós-modernidade

Na realidade atual não podemos falar do avanço do pentecostalismo e de declínio da Igreja Católica sem ir ao encontro da mobilidade e do trânsito religioso, como fenômeno próprio da pós-modernidade²⁵. Alguns autores, entre eles Jardimino, identificam o pentecostalismo como fenômeno próprio da modernidade e da pós-modernidade:

Em muitos aspectos, o discurso e as práticas do pentecostalismo apontam sinais de uma Igreja para um tempo pós-moderno e globalizado, com características de verdadeiras empresas exportadoras de bens simbólicos; agências competentes do marketing religioso e de relações empresariais do tipo cliente/empresa, a priori, não se pode concluir que estes sinais se convertam apenas em um “verniz” que encobre uma prática religiosa bem antiga e circunscrita ao universo mágico-religioso. (JARDILINO, 2004).

Ao discutir pentecostalismo no contexto de pós-modernidade há que ter certo cuidado. Para alguns autores, como José J. Queiroz (Cf. 1996:13), a pós-modernidade são conteúdos e temas que a modernidade não contemplava. A “condição pós-moderna” com seus paradoxos e dilemas que penetram no campo das religiões, deixam marcas profundas que precisam ser analisadas. Possivelmente, a partir dessa visão poderíamos explicar em parte, o pentecostalismo, a Renovação Carismática, o trânsito religioso e o surgimento de novos movimentos religiosos como parte dos fenômenos próprios da pós-modernidade.

Conforme dados da pesquisa do CERIS constata-se que 23,4% da população mudou de religião desde que nasceu em algum momento de suas vidas, restando 68,3% que nunca o fizeram, 8,2% que não forneceram informações a esse respeito. Diante da pergunta: “Há quanto tempo está na religião atual?”, 77% dos católicos estavam no catolicismo desde o nascimento, 60,3 dos não-católicos estavam na própria religião desde o nascimento. Há menos de 4 anos 6,99%; há menos de 1 ano 2,12%; há 10 anos ou mais 6,74%; há menos de 10 anos 2,52%; sem informação 8,18%; há menos de 7 anos 5,11%. Constata-se que todas as religiões recebem fiéis de todas as outras, embora não na mesma proporção. Apesar das Igrejas Evangélicas pentecostais parecerem ser as que mais recebem adeptos e o catolicismo o que mais cede, todavia, existe um pequeno

²⁵ Sobre o pós-moderno pairam mais indagações do que certezas. Quando teve início? Como se caracteriza? Qual a sua abrangência? Rompe com a Modernidade ou é apenas um prolongamento dela? (QUEIROZ, 2006).

movimento de ingresso no catolicismo²⁶. Estes fieis podem ter transitado por denominações evangélicas e acabar retornando ao catolicismo, talvez, foram antigos católicos em algum momento de suas vidas. O indivíduo, muitas vezes, foi batizado no catolicismo e é atravessado por um mundo plural²⁷.

No mundo Evangélico pentecostal a conversão é vista para Jesus e não a uma Igreja. Dentro dessa lógica, a mudança de uma igreja para outra é algo bastante compreensível e não implica numa ruptura radical como é a saída da Igreja Católica. Mudança de bairro, casamento com gente de outra igreja, simpatia por um pastor são motivos, entre outros tantos que podem ser dados para explicar a mudança de denominação (MARIZ, 2001: 18).

As diferentes pesquisas mostram que vivemos em uma época de pluralismo religioso acentuado, próprio da pós-modernidade; passou o tempo em que as instituições religiosas, especialmente a Igreja Católica podiam propor à sociedade um conjunto de exigências relativas à fé e aos comportamentos, esperando uma aceitação social imediata. Nas sociedades contemporâneas, os indivíduos decidem livremente a respeito do tipo de religião a se adotar, ou escolhem ficar sem religião; o que as organizações religiosas oferecem tem que ser atrativo para os potenciais consumidores (Cf. GUERRA, 2003). Poucas pessoas estão na religião atual por ser essa a dos pais, houve uma passagem da herança religiosa ou tradição para a religião como opção pessoal de vida e a fé como escolha do indivíduo. Para Alberto Antoniazzi (2002:260) a religião também sofre o impacto dessa nova mentalidade pós-moderna. “Ela deixa de ser dominada pela tradição de um povo ou de uma comunidade para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo”. Esse pluralismo religioso, que atinge a sociedade brasileira, evidentemente gerou uma crise da identidade religiosa, pois, há de se admitir, reina certa dúvida e, em alguns casos, confusão entre os católicos.

O trânsito e a mudança religiosa vai além do pluralismo entendido como coexistência ou concorrência de várias religiões. É aquele ditado popular de que todas as religiões são boas, ou contém verdades. Que a verdade não é monopólio de ninguém. O trânsito religioso seria um tipo de ecumenismo popular (BENEDETTI, 1994:68),

²⁶ A pesquisa do CERIS apresenta que 26,9% das pessoas que antes pertenceram a algum ramo do protestantismo histórico, hoje se declaram católicas. Também 18,7% de pessoas que pertenceram a alguma Igreja pentecostal migraram para o catolicismo (PITTA & FEERNANDES 2006:25).

²⁷ Segundo o censo de 2000 do IBGE, 62 % dos pentecostais nem sempre pertenceram a essa religião: 45 % vieram do catolicismo, 11 % não tinham religião e 6 % vieram de outras denominações do próprio protestantismo.

Aquele pensamento que Deus está em todas as religiões e o mal está nos homens. Mas também é uma busca para dar sentido à própria existência:

Acredita-se que a mudança na cartografia religiosa se deve às alterações rápidas das tecnologias e dos valores culturais. Nesse contexto as pessoas são impulsionadas a encontrar um sentido para a vida mais como respostas à existência humana do que sobre a exigência do espaço de convívio (CNBB sul-1 2004, n. 8).

A mobilidade religiosa como afirmamos anteriormente, é um fenômeno, que acontece em todas as religiões, inclusive nos sem religião, que atinge um jeito de assumir o estilo de vida das pessoas. Mesmo sendo o catolicismo aquele que mais perde fiéis, o fluxo não é unidirecional, pois também recebe. Este caminho de mão dupla também acontece com o pentecostalismo, maior receptor ou com outras denominações religiosas, inclusive com os sem religião. Ganhar ou perder fazem parte da dinâmica religiosa. Para Dom Geraldo Magella²⁸, a perda de fiéis se relaciona de algum modo com o “espírito do tempo”. “Na cultura moderna, o foco de interesse se desloca para o futuro, enquanto o passado tende a ser desvalorizado. Tudo deve ser novo, inclusive a religião, o que se realiza quando a pessoa passa por um processo de recusa ou de conversão”.

A mudança e o trânsito religioso são fenômenos próprios da nossa época, aonde a relatividade dos valores perenes e religiosos são cada vez mais transitórios, subjetivos, emotivos, etc. as pessoas escolhem a religião, sem depender da “tradição” como nas sociedades pré-moderna. Neste sentido, destacamos um depoimento no livro de Silvia Regina Fernandes (2006:112) que exemplifica o fenômeno da mobilidade religiosa e a maneira rápida que acontece a mudança de credo:

Eu comecei na religião católica, depois eu fui espírita, umbandista, depois eu fui protestante, depois fui kardecista, aí depois eu virei para a Igreja protestante, novamente, depois eu voltei para a religião espírita que é chamada espírita moderna, depois eu fiquei um tempo na Seichono-ie e depois abandonei tudo. (Mulher, 50, casada, sem religião).

Para José J. Queiroz, (1996:16-17) o sagrado na pós-modernidade é migratório e provoca um fenômeno que se caracteriza como nomadismo místico. Mesmo que permanecendo vinculado a alguma religião, que tradicionalmente herdou no berço materno, a tendência religiosa da pós-modernidade é o trânsito religioso. Guimarães

²⁸ Entrevista a FOLHA DE SÃO PAULO 6/05/07 Caderno especial *Religião* p 02.

Rosa, em *Grande Sertão, Veredas*, coloca na fala de Riobaldo Tatarana essa bricolagem que compõe um aspecto marcante do universo religioso:

(...) muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um seu Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê a Bíblia, ora, canta hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é tudo só provisório... Olhe, tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês, encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale (...) (GUIMARÃES ROSA 2006:16).

As fontes religiosas em que Riobaldo vai beber são ainda mais diversas: “A religião, quanto mais, melhor”. Neste sentido as religiões não estão em competição, mas se somariam, em vista da garantia de uma maior proteção para aqueles que as buscam como resposta para aflição. A citação mostra como a experiência religiosa, no contexto da tradição cultural brasileira tem incorporado à diversidade religiosa. Os diferentes sistemas religiosos são complementares e não excludentes. Ora, um bom número de brasileiros freqüenta atos religiosos de várias denominações²⁹. Além disso, uma pesquisa qualitativa mostraria que há muitos modos de crer e de praticar dentro do próprio catolicismo, no mundo evangélico ou em outras religiões. A pesquisa do CERIS, em 2002, nas seis maiores regiões metropolitanas brasileiras encontrou cerca de 25 % dos entrevistados que freqüentam cultos de mais de uma religião e cerca de metade deles ou seja 12,5 % do total, o fazem sempre.

Optar por uma religião nunca foi tão fácil! Melhor ainda, deixar uma religião e adaptar outra, ir e vir ou abandonar tudo são movimentos constantes entre os brasileiros. Nunca ao longo da história houve tanta mobilidade religiosa! Entendemos que a pós-modernidade produziu um tipo de mentalidade secular que toca na base das identidades e sistemas de sentido individuais. Tanto o movimento de adesão a uma religião quanto o de abandono são acalentados por essa mentalidade na qual o que prevalece é a relativização do papel soberano da religião na vida de cada indivíduo. Assim, vivemos uma época de “religiosidade confrontada” exatamente porque a liberdade religiosa irá abrir o leque das ofertas, mas também do questionamento, das críticas e do confronto com os sistemas estabelecidos. A base conceitual da religião a considera. (PITTA &

²⁹ A pesquisa do CERIS, em 2002, nas seis maiores regiões metropolitanas brasileiras²⁹ encontrou cerca de 25% dos entrevistados que freqüentam atos de mais de uma religião e cerca de metade deles (12,5% do total) o fazem sempre.

FERNANDES, 2006). Também na Igreja Católica, o vínculo estabelecido pelo batismo não impede que se experimente esporadicamente outras práticas e rituais religiosos diferentes daqueles que lhes foram apresentados por sua família. A pessoa sente-se à vontade, assim, para assistir a um culto evangélico, participar de uma cerimônia budista ou de um ritual afro-brasileiro sem constrangimento e, posteriormente, participar de uma missa em sua Igreja.

O sentimento de “bem estar” “tocar o coração”, produzir um apelo de tipo emocional, determinam a escolha do grupo religioso, e ainda a aproximação com Deus, são as principais motivações para mudar de religião. A opção religiosa está relacionada com experiência sentimental, individual e subjetiva, desligada da comunidade e da realidade. O importante é se sentir bem no grupo religioso. Os diferentes dados mostram que há situações em que não existe identificação com a religião que se professava e acaba mudando ou abandonando tudo. Evidenciamos que cada vez mais as pessoas procuram a religião para atender a necessidades de consumo pessoal. Muda-se de religião de acordo com o estado de animo. As motivações para a desfiliação e trânsito religioso são de ordem pessoal. A tradição e doutrina perdem o peso na escolha. Sentem-se livres para abraçar a religião com a qual mais se identificam sem o temor de romper com a tradição. A religião é um bem privado! Mudar de religião faz bem!

A religião passa atender necessidades subjetivas. Por exemplo, o estado civil “divorciado” representa uma característica que implica a maior mobilidade religiosa³⁰. O fato dos divorciados e separados serem os que mais transitam entre as religiões, pode indicar que na religião em que se encontrava no momento de crise conjugal não foi acolhido adequadamente, o que levou a procurar uma nova forma de crer ou um novo grupo religioso em busca de amparo e conforto causado pela solidão e pela crise da separação conjugal. O principal motivo para troca de identidade religiosa pode ter sido a discordância da doutrina, especialmente no catolicismo os separados judicialmente ou divorciados e que vivem uma segunda união passam por vários tipos de restrições eclesiais.

Como afirmamos acima, sublinhamos que opção religiosa se dá acima de tudo por motivações e interesses pessoais. Subjetividade e utilitarismo são elementos fundamentais para escolha da própria religião, independente de tradição e doutrina. Em

³⁰ O CERIS constatou que em relação ao estado civil, a prática do trânsito religioso é em maior proporção entre pessoas divorciadas (52,2%) ou separadas judicialmente (35,5%). Porém, da mesma forma que a mobilidade religiosa ocorre em todas as faixas etárias, ocorre ainda com pessoas de diferentes estados civis correspondendo a uma média de 20%. (Cf. PITTA & FERNANDES 2006:20-21).

entrevista Dom Geraldo Magella, na época presidente da CNBB expressou sua opinião com relação ao trânsito religioso e a perda e ganho de fieis dos diferentes credos:

Hoje a religião tem sido vista muito subjetivamente. Como alguma coisa que é de escolha pessoal. Antes de conhecer profundamente a doutrina, a pessoa olha a religião como um bem do qual pode tirar aquilo que lhe é favorável, aquilo que lhe agrada. Esse trânsito religioso está na base desse subjetivismo que toma conta de tudo. As pessoas estão procurando. Elas não buscam uma religião simplesmente por uma convicção e diante daquela proposta de doutrina, diante da proposta do evangelho. Mas procuram para satisfazer a si mesmas. Daí essa mobilidade bastante grande³¹.

Motivações pragmáticas na escolha da religião, como a necessidade de resolver problemas pessoais, tais como desemprego, doença, desavenças familiares entre outros, estão presentes na opção da igreja ou credo. Também as diferentes denominações pentecostais privilegiam mais a experiência sensorial, emotiva e menos a reflexão, o estudo e o conhecimento teórico das idéias que lhe forma e informam ideologicamente (Cf. GRUMAN, 2006:94). Atual situação de diversidade e pluralismo religioso permite a pessoa autônoma e moderna ter acesso a uma experiência religiosa individual, privada e subjetiva.

Atualmente, a liberdade de escolha pressupõe uma ampla gama de alternativas, ou seja, o pluralismo. Para Alberto Antoniazzi (2002:258), na sociedade moderna “o indivíduo é apresentado como senhor absoluto de si mesmo e de seus atos, pelo menos até quando não queira mudar a ordem social capitalista”. A mobilidade é um fenômeno social e transconfessional. Todas as religiões e a própria sociedade estão sujeitas a ela. Na pós-modernidade, não há mais lógica ser católico, pentecostal, ou de outra crença, o mais comum é escolher, mudar, movimentar-se, etc. O que hoje é de um jeito amanhã pode ser diferente. A CNBB afirma nesse sentido:

Nas sociedades tradicionais, a cultura era suficiente para determinar a identidade da pessoa. Hoje, diferentemente, o indivíduo faz questão de definir livremente sua identidade pessoal, cultural e religiosa, o que torna suas opções acentuadamente subjetivistas. Por isso, nessa busca, é muito comum a freqüente mudança de religião, num contínuo “trânsito religioso” (CNBB sul 1, 2004, n. 28)

Finalmente, para Ronaldo Almeida (2004), o trânsito religioso é implicado por três dimensões complementares, pois nesse processo devem-se considerar a

³¹ Entrevista concedida ao jornal *O Globo*, edição de 14 de agosto de 2005:13.

“multiplicação das alternativas religiosas, a mobilidade das pessoas entre essas alternativas e ainda o trânsito das idéias e práticas”.

1.2.2 Sem religião ou sem instituição religiosa

As pessoas que se declaram sem religião, que segundo pesquisa do CERIS, no Brasil representam 7,8% da população. Este grupo é o que mais cresceu nos últimos anos segundo dados dos censos de 1991 e de 2000, que passou de 4,8% para 7,3% respectivamente ou de 7 milhões para 12,5 milhões. Não ter religião oficialmente não significa ser ateu ou arreligioso, mas seriam pessoas que abandonaram a instituição religiosa e às vezes acabaram criando um sincretismo religioso de acordo com as necessidades subjetivas. Pesquisa feita pela FOLHA de São Paulo (2007) confirma que 97% dos entrevistados, declaram acreditar totalmente que Deus existe. Assim, os sem religião, parecem ser pessoas que abandonaram apenas a instituição religiosa; são os não-praticantes, com jeito próprio de viver a fé, ou seja, adotaram valores sagrados presentes em várias religiões ou em filosofias de vida, criando um sincretismo subjetivo próprio, desvinculado de qualquer igreja ou credo religioso. Os sem religião estão abertos, em tese à possibilidade de poder voltar e seguir alguma igreja, denominação ou instituição religiosa.

A declaração sem religião parece indicar claramente uma “dessinstitucionalização” da religião e a emergência da chamada “religião invisível” com pouca ou nenhuma prática exterior. O indivíduo não adere mais a uma religião institucionalizada, mas não deixa de acreditar em Deus e de rezar, ocasionalmente. O aumento dos que recusam a adesão a qualquer instituição religiosa pode levar para a atração por práticas esotéricas, independentes de qualquer tipo de instituição religiosa. As pessoas sem religião residem mais nas periferias das grandes cidades e são principalmente do sexo masculino. Trata-se de populações de nível socioeconômico baixo, se encontram nas mesmas áreas em que se localizam os pentecostais. De fato, as pessoas pobres e marginalizadas se constituem no alvo principal do proselitismo pentecostal. (Cf. JACOB, 2003:115-116).

O crescimento dos sem religião aponta para uma crise das instituições religiosas. Para Silvia Regina Fernandes (2006:108) “Cada indivíduo que se declara sem religião, na maioria dos casos, possuiu um pertencimento religioso que passou a rejeitar o qual não seria irreversível”, seria um estado que como qualquer outro nos tempos atuais, tem

seu caráter transitório. Talvez, ao passar por várias experiências religiosas que não preencheram as necessidades subjetivas do indivíduo, acabaram levando ao ceticismo e indiferentismo religioso e não necessariamente a experiência secularizante.

No Brasil encontramos vários tipos de indivíduos sem religião. Há “os sem religião de religiosidade própria”, são aqueles que moldam a sua própria religiosidade apropriando-se de elementos e fragmentos vindos de diversos sistemas religiosos. Trata-se de um jeito de ser e de lidar com a experiência religiosa e transcendente de maneira sincrética. A pessoa cria novas formas de crer, que ao mesmo tempo que questiona as religiões, se fundam sobre as diferentes tradições, de acordo com as necessidades subjetivas independente de instituição religiosa ou igreja.

Outro tipo de sem religião são os desvinculados e descrentes. “Esses indivíduos tanto podem ser agnósticos, quanto crentes apenas em Deus, mas sem crença em outros símbolos e doutrinas religiosas” (FERNANDES, 2006:112). Talvez, o motivo principal seja fruto de algum desencanto ou decepção com uma ou mais instituições religiosas precedentes. São pessoas que tem uma livre crença em Deus e não vinculação institucional. Segundo pesquisa do CERIS, a falta de tempo de frequentar Igrejas é a justificativa de mais de 23 % dos entrevistados para se declarem sem religião.

Existem também os sem religião críticos das religiões, aqueles que pensam a religião como alienante com base na teoria marxista. Finalmente, estão os ateus, que no Brasil, representam minoria, apenas um por cento, de acordo com as estatísticas das diferentes pesquisas, seriam os sem Deus e sem religião.

Diante desta realidade a Igreja Católica chama atenção para ir à busca dos chamados sem religião ou sem-instituição religiosa. Assim, Igreja convoca a “missão permanente” com o objetivo de reconquistar os sem-instituição religiosa, o que implica uma atitude de procurar os católicos pouco evangelizados ou afastados, não de forma proselitista nem anti-ecumênica, mas cativar de novo aqueles que já foram batizados. Concretamente, seria sair de porta em porta, ouvir as pessoas, rezar e ler a Bíblia nas casas, se tiverem abandonado a religião convidá-los a viver sua fé de novo na comunidade católica.

1.3. A passagem do Catolicismo Tradicional Popular para o pentecostalismo

A mudança religiosa e o avanço do pentecostalismo se dão também como consequência da mudança geográfica. Uma religião popular tradicional, nascida e

cultivada na cultura popular camponesa, perdeu suas raízes, como consequência das diversas mudanças geográficas causadas pelo fenômeno pós-moderno.

1.3.1 Pentecostalismo e fenômeno urbano

A pós-modernidade trouxe grandes mudanças religiosas, culturais, econômicas, políticas, entre outras. A modernidade está em todo lugar, principalmente nos grandes centros urbanos. As mudanças sociais, tecnológicas e a migração de pequenas cidades para as metrópoles, também levam a mudança, cultural e religiosa, embora as tradições católicas populares mantêm-se ainda durante alguns anos, mas influem pouco ou nada nas gerações nascidas nas metrópoles. Os números demonstram que houve um crescimento vertiginoso da população urbana metropolitana no Brasil, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. No início deste século, era de 1,2 milhão; em 1950, em torno de 18 milhões; dez anos mais tarde, 32 milhões; em 1970, atinge 52 milhões; em 1980, avança para 82 milhões e, na década de 90, chega a 120 milhões (SANTOS, 1998:17-29). O Brasil é hoje um país urbano metropolizado. Calcula-se que mais de 85% de sua população viva nas cidades. O êxodo acelerado do campo para a cidade alimentou essas grandes concentrações populacionais. Para a CNBB, Regional sul 1 (2004, n. 26) “A urbanização foi acontecendo simultaneamente a um processo de racionalização religiosa”. Uma das consequências é que muitos dos habitantes das cidades nasceram no campo e estão marcados por uma mentalidade popular católica tradicional, não é mais conservada pelas novas gerações. Essa mudança de mentalidade acontece também como consequência da chamada pós-modernidade, que atinge tanto a metrópole, quanto a cidade pequena e o interior.

Segundo os dados do censo do ano 2000, o catolicismo no Brasil é de 73,6%, destes, a maior porcentagem está no interior e nas pequenas cidades 83,3%, enquanto na metrópole é apenas de 57, 98% da população. Os Evangélicos de um total de 15,4%, a maioria está no mundo das metrópoles 18,5% e no interior e nas pequenas cidades representam 10,64 % da população. Estes dados nos mostram que o povo do interior tende a ser mais católico, o que leva a conservar a cultura e tradição religiosa, porém ao dar-se a mudança para o mundo urbano, torna-se mais facilmente evangélico de cunho pentecostal. As Igrejas pentecostais, no se conjunto, são mais urbanas que rurais, mais femininas que masculinas, têm muitas crianças, mas poucos adolescentes. (Cf. ANTONIAZZI, 2004: 40). Também, a metrópole aparece como menos religiosa. Para

João Décio Passos (2001:188), “O pentecostalismo foi construindo sua história em terras brasileiras, no século de urbanização”. Vale a pena lembrar que as principais representantes têm sua origem nas grandes metrópoles do sudeste³² e que a região sudeste, onde se situam as maiores metrópoles do país, é a que apresenta maior percentual de crescimento evangélico segundo as diferentes fontes de pesquisa.

Quem migra à metrópole deve escolher a sua religião, que pode ser a mesma da tradição, reinterpretada em função do contexto urbano, ou pode ser outra. Para Alberto Antoniazzi, (1994:84) “na sociedade rural, a igreja católica é o centro de convergência, na grande cidade é um dos muitos ‘serviços’, que a cidade oferece”. No interior, a religião passa pela tradição cultural, expressa pela vontade dos pais e dos superiores em geral. As relações humanas se dão num forte entrelaçamento entre a pessoa, o ambiente familiar e o grupo cultural. Na metrópole, o indivíduo constrói o próprio caminho, que representa certo apelo para a liberdade individual e para autonomia nas decisões e opções. (Cf. CNBB, sul 1, 2004, n. 29). No mesmo sentido a CNBB afirma:

Para o homem urbano, que deixa de lado essa característica tão importante, racionaliza demais os dados da fé e se preocupa mais com aspectos sócias da transformação da realidade, a religião perde força. O forte ressentimento, em meios católicos, contra a relativização generalizada da devoção aos santos e do espírito profissional, tão próprios da expressão cultural do povo brasileiro e do espírito da sua religião católica popular (CNBB sul 1, 2004 n. 27).

A metrópole é um novo espaço social, que tem uma nova civilização, um novo modo de viver e agir, na qual as pessoas procuram ser felizes de maneira individual, privada, buscando mais a felicidade de bens econômicos, privados, particulares, subjetivos e religiosos. A vida desenvolve-se ao mesmo tempo em diversos espaços, é uma vida bastante agitada e estressante, o que leva muitas vezes a procurar conforto e sentido para a vida na religião de cunho pentecostal.

O resultado desta contradição é uma metrópole socialmente assimétrica perpetuando parcelas imensas da população em condições de vida precárias e com suas velhas estratégias de manutenção e significação da vida. Uma metrópole diversificada de alto a baixo fazendo operar uma dialética múltipla entre as culturas que se produzem em seu seio, dialéticas de oposição, paralelismos, interações e resistências.

³² Por Exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi fundada em 1977, na Cidade de Rio de Janeiro, quando Edir Macedo, com o apoio de Romildo Soares, decidiu criar sua própria igreja. Após a criação da igreja, Soares desligou-se da IURD e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus. A origem de ambas seria, a Igreja Pentecostal de Nova Vida. A separação das três teria ocorrido pela diferença do foco de seus três dirigentes, como afirma o livro *O Bispo - A história Revelada de Edir Macedo*.

O crescimento expressivo das denominações pentecostais, nos últimos anos, tem sido interpretado, por muitos, como um fenômeno metropolitano, porém de uma metrópole que exauriu o projeto da modernidade, trazendo de volta os velhos encantamentos da natureza e da história. O mundo metropolitano seria, portanto, um lugar privilegiado de re-encantamento, reascendendo a busca do sagrado nas mais variadas versões e denominações religiosas. (PASSOS, 2000)

A religião não desaparece, com as diversas mudanças causadas pela cultura pós-moderna, muito pelo contrário houve uma ressignificação. A modernidade conhece uma fermentação religiosa. Agora a pessoa faz a experiência de Deus no seu coração, nos seus sentimentos, nas suas emoções religiosas. Sente a presença e o amor de Deus de modo sensível. A experiência torna-se mais intensa pela comunicação com outras experiências. Se a mesma experiência é vivida simultaneamente por milhares ou centenas de milhares de pessoas, a experiência transforma-se numa plenitude de alegria e emoção: choram, gritam, batem palmas, usam o corpo, etc. A subjetividade e o individualismo metropolitano estão também, incorporados no discurso e na prática das Igrejas evangélicas pentecostais respondendo e confirmando, em chave simbólica, esse modo de viver moderno e pós-moderno instituído pela sociedade capitalista.

1.3.2 Pentecostalismo e ressignificação religiosa

A religião popular cria e recria suas representações e suas práticas. As pessoas constroem suas concepções sobre o mundo, sobre a fé, enfim sobre a vida de acordo com a realidade. O pentecostalismo, segundo João Décio Passos (2001:230-232), faz um discurso desconstrutivo, das devoções dos santos católicos tradicionais populares. A idéia principal seria que o santo não tem poder nenhum e não poderá atuar. A afirmação principal seria que existe uma exclusividade de Jesus e de seu poder, o qual vem a cumprir no pentecostalismo a mesma função dos santos populares católicos. Jesus tem poder para solucionar todos os problemas! Se o santo não tem poder deve ser considerado um ídolo, sem forças e abandonado. O santo é imediatamente substituído, afirmando que “Jesus tem todo o poder”. Também, a Palavra de Deus, a Bíblia, emana força e proteção, protege o fiel do mal, a Palavra de Deus tem poder e autoridade sobre as pessoas que tem fé! Ela é um amuleto para o crente! Poderíamos dizer que a Bíblia no pentecostalismo pode equivaler ao santo popular católico, ela é a mediação visível e sensível. A Bíblia é o livro santo que acompanha o fiel e seus percursos na grande

metrópole, na Palavra de Deus se manifesta o poder e as maravilhas de Deus, hoje. Assim como não há catolicismo popular sem a imagem do santo, não há pentecostalismo sem Bíblia; a Bíblia sofre igual manipulação do fiel, como o santo no catolicismo. A mediação concreta exercida pela Bíblia que, ao ser lida, provoca efeitos imediatos de proteção. Os fieis pentecostais passam por um processo e conversão às novas condições urbanas, sem perderem suas referências religiosas fundamentais e tradicionais. “A conversão vai adaptando as massas dentro do espaço e do tempo da grande cidade e atingindo o velho estilo de leitura do mundo e da vida”. Tudo indica que há uma nova ressignificação da cultura tradicional e do sagrado com a chegada na grande metrópole.

Diante das mudanças religiosas da pós-modernidade a Igreja Católica fica preocupada com a perda de católicos e procura formas de organização para ir até os católicos afastados ou nominais. Talvez, a RCC, seja uma maneira encontrada para responder melhor a religiosidade pós-moderna. Segundo Queiroz (1996:15), a RCC é um movimento de características ambivalentes. Apresenta-se como conservador, místico, desligado dos problemas sócio-econômicos e políticos. Como pós-moderno com seu caráter individualista de relação com o sagrado. A sua nova mística embasada na valorização dos carismas, atrai o povo, o que movimenta as massas, enche as igrejas, cria uma euforia espiritual, por isso sempre a CNBB viu a RCC com entusiasmo e preocupação. A RCC é formada por pessoas que fizeram opção pelo engajamento e militância católica, tanto quanto as que optaram pelo pentecostalismo.

O território metropolitano configura-se cada vez mais um espaço “profano”, no qual o pentecostalismo oferece a busca do “sagrado” e faz a oposição entre os “salvos” que pertencem a Igreja e os do “mundo” aqueles que não são membros da instituição religiosa, os que “aceitam Jesus” em oposição “aos que não aceitam”. Estas oposições são verificadas nos discursos e pregações de todos os pentecostais. Os novos convertidos sempre sublinham que ao “aceitar Jesus e abandonar as coisas mundanas”, entrando para a Igreja a vida mudou em todos os sentidos. Nas praças públicas, nos meios de transporte público sempre há o apelo à conversão e a afirmação que a causa de todos os males é a falta de Jesus. Jesus é a solução para todos os problemas. O “homem velho”, morre, fica para trás no processo de conversão e dá lugar ao nascimento de um “novo ser regenerado”, a uma nova criatura, com uma mudança radical de vida. Segundo Mircea Eliade (2001:163) “O acesso à vida espiritual implica sempre a morte para a condição profana, seguida de um novo nascimento”.

O pentecostalismo, vai se tornando cada vez mais identificado com a cultura metropolitana. Segundo João Décio Passos (2000) a ruptura com os elementos religiosos arcaicos do catolicismo popular torna-se mais visível, fazendo com que muitas vezes prevaleçam, nas suas expressões mais imediatas, os elementos emergentes da metrópole moderna. Os quais são incorporados nas práticas pentecostais, não numa seqüência de um paradigma religioso que cede lugar a um outro novo, mas de rupturas dadas numa dialética múltipla entre elementos velhos e novos.

Segundo a CNBB sul 1, no documento do PAMP (2004, 38) na sociedade urbana, idéias pragmáticas e apelos consumistas e competitivos envolvem o indivíduo como um todo. O comportamento religioso passa, também, a manifestar necessidades de satisfações práticas, utilitaristas e intimistas. O que vale não é tanto a verdade, mas a utilidade e a serventia desta ou daquela religião. O sentido da vida é então procurado em respostas religiosas que apresentem ao indivíduo o mais possível de praticidade e imediatismo. Ainda segundo João Décio Passos (2001:317), o pentecostalismo desenvolveu-se com as promessas de salvação, adaptando-se ao ritmo e ao jeito metropolitano. Este tem sido a recriação mais expressiva do cristianismo nos tempos modernos. O pentecostalismo em suas diversas expressões, tem construído a coesão, a identidade ausente da metrópole. Poderíamos dizer que o pentecostalismo é um tipo de religião popular que tem sua identidade na metrópole e que tem um paralelismo direto com o catolicismo popular tradicional e, talvez, conserve alguns elementos adaptados e dando-lhes um novo significado. O pentecostalismo se aproxima do catolicismo para crescer e o catolicismo se faz pentecostal através da RCC para não perder espaço.

1.4 Realidade socioeconômica e religiosa de Cidade Tiradentes

Colocamos como um adendo ao nosso trabalho, a título de exemplificação do fenômeno do crescimento pentecostal, do bairro de Cidade Tiradentes³³, por se tratar de um complexo de conjuntos habitacionais populares, fruto de uma política urbana de afastamento das populações carentes dos centros metropolitanos. Cidade Tiradentes está situado no extremo leste da capital, a aproximadamente 35 quilômetros do marco zero da cidade, a Praça da Sé. O percurso estimado até o centro da cidade de ônibus leva uma

³³ A Cidade Tiradentes abrange as vilas: Bairro dos Pereiras, Dom Angélico, Inácio Monteiro, Cidade Castro Alves, Jardim Vilma Flor, Sítio Conceição, Ferroviários, Passagem Funda, Têxteis, Vila Paulista e Vila Yolanda, Barro Branco, Jardim Souza Ramos, Prestes Maia, Fazenda do Carmo, Metalúrgicos e Graficos.

hora e meia a duas horas e meia, dependendo do horário e do trânsito. Bairro dormitório, caracterizado pelo processo de segregação da população pobre.

1.4.1 Realidade Socioeconômica e cultural de Cidade Tiradentes

Segundo dados da prefeitura municipal de São Paulo, o bairro abriga o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina, com cerca de 40 mil unidades. Este complexo habitacional foi produzido por uma visão de ação pública que compreende o urbano de forma instrumental e produtivista. A maioria das casas foram construídas na década de 1980 pela COHAB - Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, pelo CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo e por grandes empreiteiras. O bairro foi planejado como um grande conjunto periférico e mono-funcional do tipo “bairro dormitório” para deslocamento de populações que esperam na “fila” da COHAB a casa própria. O poder público preocupou-se apenas com a casa própria, deixando os serviços essenciais por muitos anos em segundo plano, tais como escolas, postos de saúde, transporte, hospitais, áreas de lazer, entre outros.

No final da década de 1970, o poder público iniciou o processo de aquisição de uma gleba de terras situada na região, que era conhecida como Fazenda Santa Etelvina, então formada por eucaliptos e trechos da Mata Atlântica. Os prédios residenciais começaram a ser construídos aos poucos, modificando a paisagem o local passou a ser habitado por enormes contingentes de famílias, que aguardavam na “fila” da casa própria de Companhias habitacionais. Além da vastidão de conjuntos habitacionais, que passaram a predominar na região, cerca de 160 mil pessoas que compõem a chamada “Cidade Formal”, moram em prédios e casas oficializadas; existe também a “Cidade Informal”, formada por favelas e pelos loteamentos habitacionais clandestinos e irregulares, instalados em áreas privadas e que são habitados por cerca de 60 mil pessoas. A Cidade Tiradentes possui, portanto, uma população estimada pela prefeitura de São Paulo de mais de 220 mil habitantes. Para dar um melhor atendimento à população e ao desenvolvimento da região, foi criada a Subprefeitura de Cidade Tiradentes, no ano de 2002³⁴. Anteriormente era um distrito que pertencia à Subprefeitura de Guaianases.

³⁴ A Subprefeitura Cidade Tiradentes foi criada pela LEI Nº 13.399, DE 1º DE AGOSTO DE 2002.

Os dados do SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) ³⁵ apontam para o grande número de jovens na região, aliado à quase inexistência de oportunidades de lazer, baixo índice de escolaridade e pequeno número de empregos. Há também um grande número de mães adolescentes no local. A região apresenta, índices alarmantes que apontam o grau de discriminação, exclusão, marginalização e falta de espaços e oportunidades de cultura, lazer e esporte. Esta combinação de fatores estaria na raiz do alto índice de criminalidade nesta subprefeitura: a falta de opção, tanto econômico como de ocupação do tempo livre, levaria grande número de jovens à criminalidade. A Cidade Tiradentes, de acordo com dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), está classificada entre os principais lugares do município de São Paulo em exclusão social.

A porcentagem de jovens do sexo masculino assassinados é maior que a média da cidade de São Paulo. O maior complexo habitacional da América Latina sofre com a criminalidade. Embora, nos últimos anos venham diminuindo os índices de homicídio no bairro, o tráfico de drogas domina grande parte do complexo, que é dividido por setores, tornando o policiamento muito difícil devido ao grande número de prédios existentes na região, que abrange um total de quase 80% das moradias.

A Cidade Tiradentes é atualmente o bairro periférico que mais cresce em São Paulo. O rápido surgimento e crescimento vieram acompanhados de vários problemas como a falta de transporte, altos índices de mortalidade infantil, altos índices de violência, falta de escolas, de postos de saúde e de hospitais. Embora o desenvolvimento da região e dos serviços públicos tenha apresentado melhorias a partir dos últimos anos, os problemas ainda são gigantes. Para tentar amenizar a realidade, o poder público houve por bem construir o Hospital Cidade Tiradentes, o Parque do Rodeio e duas unidades do CEU - Centro Educacional Unificado -; houve, também, a revitalização de praças, a inauguração de unidades do Programa de Saúde da Família, a construção da Escola Técnica de Saúde Pública de Cidade Tiradentes. Atualmente, o Expresso Tiradentes é uma promessa, entre outras, voltadas para área social.

Segundo dados da fundação SEADE, de 2003, a renda média do chefe de família varia de R\$ 505,00 a R\$ 1200,00 reais na Cidade Formal e de R\$ 200,00 a R\$ 500,00 na Informal; o analfabetismo vai de 0 a 10% na Cidade Formal, ao passo que na Informal o índice fica entre 10 e 20%. A média é de seis anos de estudo. Os chefes de domicílio têm entre 35 a 40 anos e dentre eles existe um contingente de 30,8 % de mulheres

³⁵ Órgão do governo do Estado de São Paulo e da Secretaria de Economia e Planejamento, que analisa os dados e indicadores sócio-econômicos (Cf. <http://www.seade.gov.br/> Acesso 10/10/2007).

responsáveis por domicílios. Além da grande concentração de famílias de baixa renda, há grande número de desempregados, aonde prolifera fortemente o fenômeno do pentecostalismo. Constantemente, chegam migrantes do Nordeste do país fazendo a experiência da passagem do interior para a metrópole.

Em termos de cultura, lazer e recreação, Cidade Tiradentes não é nenhum exemplo a ser seguido. São Paulo conta hoje com 64 bibliotecas municipais espalhadas pela cidade e nenhuma fica em Cidade Tiradentes, bairro que concentra 220 mil habitantes. O município possui, entre casas de cultura e centros culturais, 16 equipamentos, mas nenhum deles em Cidade Tiradentes. A cidade conta também com 12 casas históricas e museus, nenhuma em Cidade Tiradentes. Os paulistanos contam com 12 teatros públicos, nenhum em Cidade Tiradentes. A exclusão cultural não é maior graças a iniciativa dos próprios moradores.

A identidade dos moradores de Cidade Tiradentes está diretamente ligada ao processo de constituição do bairro, feita sem um planejamento pré-estabelecido, que levasse em conta as necessidades básicas da população. Muitas pessoas e famílias vieram para Cidade Tiradentes em busca da realização do sonho da casa própria, embora boa parte tenha se deslocado a contragosto, na ausência de uma outra opção de moradia. O fato de não terem encontrado no local uma infra-estrutura adequada às suas necessidades e da região oferecer escassas oportunidades de trabalho, fez com que passassem a ter Cidade Tiradentes como “bairro dormitório” e de passagem e não de destino.

1.4.2 Realidade religiosa de Cidade Tiradentes

O campo religioso brasileiro é acentuado pelo avanço do pentecostalismo, o qual acontece de maneira mais rápida na periferia das grandes cidades, onde encontra seu melhor terreno. Os católicos apresentam proporções mais elevadas da população total nos bairros com melhores níveis de condições de vida do município central. O peso dos católicos diminui na periferia, à medida que aumenta a distância em relação ao centro. (JACOB, 2003:18).

No caso da periferia de São Paulo o grupo que mais cresce é dos evangélicos pentecostais; no censo do ano 2000, eram aproximadamente 1,7 milhões de pessoas, superior a 15% da população. A Cidade Tiradentes é o distrito mais pentecostal do município de São Paulo; aproximadamente 22 % da população, acima da porcentagem

do Brasil e da Cidade de São Paulo, conseqüentemente, têm a menor população católica do município com apenas 55,57%, os sem religião também são a faixa mais alta com 14,13 % ³⁶. O público é predominantemente de crianças, adolescentes, jovens e mulheres, de etnia negra. A educação escolar dos evangélicos apresenta nível muito elementar: o antigo primário ou primeiro grau. Quanto à atividade econômica, o maior número está no setor doméstico e de serviços pessoais. A remuneração é muito baixa: até três salários mínimos em média. Possuem templos por todas as partes, reaproveitando os espaços de galpões, garagens, construindo muito pouco. (Cf. CNBB sul 1, 2004, n 15). Para João Décio Passos (2001:133), “as comunidades pentecostais participaram e participam como estrato de baixa renda, que se apropriam dos estratos menos valorizados” dentro das periferias metropolitanas. Os templos das Igrejas evangélicas pentecostais de diferentes denominações encontram-se em cada quarteirão, rua e favela, estão onde a Igreja Católica muitas vezes não consegue chegar.

Observamos que em Cidade Tiradentes a população na sua maioria é formada por migrantes vindos do Nordeste do país e de Minas Gerais. Entretanto, de forma geral, os nordestinos na terra de origem são católicos enquanto que ao migrarem para São Paulo tendem a tornar-se evangélicos³⁷. O trânsito religioso e a mudança religiosa são fenômenos acentuados, fazendo com que pessoas nascidas e crescidas no catolicismo no nordeste ou no interior do país optem muitas vezes por vertentes do pentecostalismo na cidade de São Paulo. Especificamente, Cidade Tiradentes, distrito constituído de migrantes nordestinos, é também o mais evangélico pentecostal da cidade de São Paulo. O bairro abriga uma densa rede de Igrejas de diferentes denominações, que atraem pessoas em estado de “vulnerabilidade religiosa”, talvez, como conseqüência da migração entre o Nordeste do Brasil e a cidade de São Paulo. Algo ocorreu neste processo de deslocamento espacial. Se a explicação teórica já não é satisfatória, o fenômeno permanece: a migração reflete sobre a mudança religiosa. A mudança geográfica influencia a mudança religiosa:

No caso dos migrantes nordestinos, isto ocorre, pois as modificações em seu contexto existencial são muito profundas. Existe perda de identidade, da raiz cultural, e a mudança para um sistema onde os códigos de valores são diferentes, que provocam um choque contínuo com a realidade. Os valores

³⁶ Dados da FOLHA DE S PAULO – COTIDIANO, São Paulo, domingo, 14 de dezembro de 2003, p 8.

³⁷ O Nordeste é a região mais católica segundo dados do último Censo. (Piauí, 91,4% de católicos; Ceará, 84,9%; Paraíba, 84,3%; Maranhão, 83%; Alagoas, 81,9%; Sergipe, 81,7%; Rio Grande do Norte, 81,7%); Não obstante, o último Censo, pesquisa do CERIS em 2004, constatou que o estado do Piauí possui o maior índice de católicos, perfazendo 95% da população.

morais e religiosos são quebrados. A formação católica é substituída em alguns momentos pelo pentecostalismo, pelo espiritismo e pela umbanda. (CAMPOS, 1995:114)

A cultura metropolitana produz, obviamente, uma ressignificação cultural, se olhada em relação às condições do mundo do interior. Os resíduos do passado permanecem vivos na dinâmica e nos significados metropolitanos, no interior dos novos quadros de referência que vão sendo incorporados pelos segmentos populares. O pentecostalismo, sendo religião popular, participa naturalmente desse permanente imaginário popular adaptando as representações culturais, quando o velho vai incorporando o novo e realimentando-se em sua lógica e seus valores básicos. (Cf. PASSOS, 2000)

A mudança religiosa e o avanço do pentecostalismo se dão principalmente na periferia das grandes cidades. Segundo dados da Folha de São Paulo (2007:3) os evangélicos representam 29% da população das franjas das regiões metropolitanas. Os Evangélicos pentecostais estão nas grandes cidades sete pontos acima da média nacional e os católicos representam nove pontos abaixo nas grandes cidades em relação ao resto do país. Os católicos nas periferias são apenas 55 % da população.

Na zona leste da capital paulista, costuma-se dizer que há mais igrejas que barzinhos, há uma a cada 100 metros, às vezes uma em frente da outra. Se as pessoas não têm religião, não é por falta de Igrejas ou por falta de opções religiosas, alias, estas sobram. A adesão ao pentecostalismo está relacionada à vulnerabilidade social. Quem não vivencia essa situação do ponto de vista das características socioeconômicas pertence principalmente ao catolicismo e ao kardecismo; os sem religião, no caso da região pesquisada, encontram-se mais fortemente entre os mais vulneráveis, mas também compõem uma parcela das camadas sociais mais favorecidas economicamente (ALMEIDA, 2004).

No bairro de Cidade Tiradentes existe um grande número de pequenas Igrejas evangélicas pentecostais com os mais variados nomes, localizadas ao longo das vilas, praças, favelas e ruas. Entre as mais conhecidas, destacam-se pela atuação, visibilidade e número de fiéis, a Assembléia de Deus, Cristã do Brasil e a Universal do Reino de Deus.

A Igreja Assembléia de Deus, fundada em 1911, é a maior denominação evangélica do país e de São Paulo, com cerca de 400 mil fiéis na capital paulista, o dobro da Universal, segundo o Censo 2000, porém, não tem a mesma visibilidade. A

Assembléia não tem uma organização central, como a Universal, é constituída de igrejas com relativa autonomia. Os templos são construídos onde é “mais viável e plausível”, a partir de decisões que emanam da comunidade (Cf. FOLHIA DE SÃO PAULO, 2002). Observamos que, em Cidade Tiradentes, as igrejas da Assembléia de Deus são instaladas mais no interior das vilas, das favelas, das vielas, nos lugares pobres, pequenas Igrejas estruturadas em redes familiares e de vizinhança. Os pastores são pessoas simples do bairro, sem muita preparação intelectual, que conhecem e fazem parte da vida cotidiana da vida do povo, o que facilita a atuação na comunidade evangélica.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está dentro das chamadas igrejas neopentecostais, fundada em 1977 por Edir Macedo no Rio de Janeiro. Observamos que, em Cidade Tiradentes, não há muitos templos, mas os existentes apresentam bastante visibilidade, concentrados em lugares estratégicos com destaque. Perto do terminal Tiradentes, no centro do bairro, encontramos a Catedral da Fé, mas também aparecem outros templos nas vias principais e nas áreas de maior vulnerabilidade. A implantação dos templos e, mais recentemente, a construção de grandes catedrais visam dois objetivos: visibilidade e adesão em massa. A instalação de templos imponentes nas vias principais é uma estratégia de visibilidade e marketing que se articula com a presença na mídia e também na esfera política, dado que essas construções necessitam de trâmites burocráticos nas administrações municipais (Cf. ALMEIDA, 2004). Os templos da IURD permanecem com as portas abertas durante todo o dia, e neles são realizados vários cultos diariamente. A qualquer momento é possível recorrer a um templo da Universal com facilidade e obter “socorro espiritual”. A ida é ainda estimulada pelos programas na televisão que, durante a pregação dos pastores, apresentam em legenda no “pé da tela” os endereços de algum templo próximo à casa do telespectador. Como costuma dizer o Bispo Macedo, sua igreja é um “Pronto-Socorro Espiritual”. De fato, trata-se de serviços religiosos aos quais se recorre em momentos de aflição sem um compromisso mais restrito com a comunidade moral. A televisão tornou-se território religioso popular com seus rituais totalmente expostos. Curas e exorcismos já não estão reservados à intimidade da fé comunitária, mas são exibidos como qualquer outro fato ou produto de mídia, atraindo telespectadores e criando adesões. (PASSOS, 2000).

A Congregação Cristã do Brasil, igreja pentecostal fundada em 1910, no Paraná, entre os migrantes italianos pelo italiano Luigi Francescon, oriundo dos Estados Unidos.

A Congregação Cristã do Brasil apresenta algumas características que a distinguem de todas as Igrejas de matriz pentecostal: há menos participação emotiva, menos agitação em suas reuniões; seus membros evitam o título de pentecostais e também a colaboração com outras correntes do protestantismo; são muito severos quanto ao comportamento das mulheres e sua apresentação exterior, não permitindo roupas curtas e que cortem os cabelos; não gostam dos membros que se sobressaem; preferem os humildes e até os pouco instruídos, pois dizem que Jesus pregou a humildade e a simplicidade; chamam o batismo no Espírito Santo³⁸ de “promessa do Espírito Santo”; não gostam de manifestações, tais como: pregação nas ruas, pelo rádio ou pela TV. Sua prática se limita aos seus cultos e sua missionariedade consiste em convidar parentes, amigos e outras pessoas que encontram nas ruas, no trabalho e em viagens, para que freqüentem o culto em suas igrejas (Cf. GARUTI, 2001:4). Observamos um grande número de fieis desta denominação no bairro de Cidade Tiradentes. Os templos, todos com a mesma arquitetura, encontram-se geralmente nas ruas e avenidas principais, aonde fluem as pessoas dos diferentes lugares do bairro para participarem dos cultos.

A Igreja Católica Apostólica Romana não teve como acompanhar a chegada dos moradores ao bairro e começou a construir as comunidades católicas a partir das CEBs, alguns anos depois. Em 1998, a arquidiocese de São Paulo foi subdividida em mais dioceses, criando entre outras a Diocese de São Miguel Paulista, da qual a Cidade Tiradentes faz parte. A nova diocese facilitou a multiplicação das paróquias, das comunidades e dos padres. Ressaltamos, contudo, que esta descentralização da Arquidiocese de São Paulo foi uma ação político-administrativa no papado de João Paulo II, talvez para reduzir a expansão da chamada igreja progressista ligada à Teologia da Libertação; também, foi dado incentivo ao movimento da Renovação Carismática Católica para oferecer uma alternativa e reação à expansão da religiosidade evangélica pentecostal.

A visibilidade da Igreja Católica se dá através das paróquias e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que marcam a presença do catolicismo na região, embora demoraram a chegar mais do que os evangélicos³⁹. As paróquias na imensa periferia de Cidade Tiradentes, Diocese de São Miguel Paulista, são, com freqüência, muito grandes

³⁸ O batismo no Espírito Santo é um sentimento intenso, místico do contato com Deus. Esse sentimento manifesta-se no “falar em línguas”. (Cf. CORTEN, 1996:44).

³⁹ A região contava apenas com a paróquia de São Benedito; em 1985 foram instituídas as paróquias de Santo Cristo (Tiradentes), Sagrado Coração de Jesus (Prestes Maia) e Sagrada Família (Lajeado). Atualmente, com a criação da diocese de São Miguel Paulista, em Cidade Tiradentes, são cinco paróquias para 220 mil habitantes (Cf. Arquivo da Mitra Diocesana de São Miguel Paulista).

e algumas destas têm apenas um centro de referência, que é a igreja matriz; por mais que nos últimos anos tenha aumentado o número delas não são suficientes para atender a população. Como constatamos, há dezenas de outras igrejas de diversas denominações cristas evangélicas de caráter pentecostal e neopentecostal no mesmo bairro. Não é possível atender adequadamente tantas pessoas numa metrópole como São Paulo, com uma única igreja matriz e num único expediente paroquial. Quando as pessoas que se declaram católicas e não sentindo a proximidade do padre, do agente de pastoral leigo, enfim da própria Igreja, elas se dispersam e começam a buscar Deus em outras igrejas, denominações e credos, geralmente de cunho pentecostal. É preciso aumentar não apenas as paróquias, mas os centros de referência católica e organizar a Igreja Católica em uma rede de comunidades menores chamadas CEBs, que não foram priorizadas nos últimos anos, onde os católicos possam cultivar a vida eclesial, receber o atendimento religioso ao qual têm direito, e onde o relacionamento humano direto se torna possível. Tais comunidades têm a importante função simbólica de manter a identificação com a Igreja católica e de tornar a paróquia comunidade de comunidades. Estas se multiplicaram a partir do redirecionamento e do idealismo que provocou a Igreja do pós-Vaticano II. A periferia de Cidade Tiradentes constitui um campo fértil para sua multiplicação.

1.5 Finalizando

Ao longo do capítulo, vimos o avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso no Brasil como um fato inquestionável, o que vem causando preocupação à Igreja Católica, com a existência de uma expressiva fuga de católicos, sobretudo para as igrejas evangélicas pentecostais. Nos últimos anos, houve uma sensível diminuição dos católicos, um aumento percentual das outras religiões, especialmente das denominações pentecostais, o que trouxe como consequência um pluralismo religioso, assim como a consolidação, de valores seculares laicos que muitas vezes são contrários ao estilo de vida religioso. De fato, o pluralismo religioso tem causado mudanças na sociedade brasileira, até há alguns anos adaptada a uma hegemonia quase incontestável da Igreja Católica Romana. O Pentecostalismo vem constituindo um desafio ao monopólio católico dos bens de salvação. As mudanças religiosas e o avanço do pentecostalismo são mais fortes dentro das grandes cidades e, mais especificamente, na parte periférica

dessas cidades, como foi exemplificado com o bairro de Cidade Tiradentes, periferia extrema da zona leste de São Paulo.

A Igreja Católica é a que foi mais atingida pelo pentecostalismo e pluralismo religioso, porque perdeu sua hegemonia histórica já que os novos convertidos provêm, na sua maioria, de suas fileiras. Acreditamos que uma grande maioria de católicos acabou migrando para outras denominações religiosas por não ter em suas demandas religiosas devidamente atendidas no catolicismo oficial.

Os diferentes escalões da hierarquia católica, desde o Vaticano, passando pelas Conferências Episcopais e chegando aos bispos diocesanos e párocos, vêm-se obrigados a lidar com o desafio do pluralismo religioso e do pentecostalismo. Por isso, a Igreja Católica, em seus discursos e em seus documentos oficiais, manifesta a preocupação com a perda e o êxodo de católicos para o pentecostalismo e se mobiliza em busca dos católicos afastados e nominais.

O avanço do pentecostalismo e o pluralismo religioso preocupam abertamente a Conferência Nacional dos Bispos no Brasil⁴⁰ (CNBB), a Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), e ao próprio Vaticano. Preocupação manifestada na V Conferência de Aparecida no incentivo à prática de visitas domiciliares, dentro do projeto “Missão Continental” do CELAM⁴¹. Diante desta problemática, analisaremos, nos próximos capítulos o discurso e as preocupações da Igreja Católica em alguns textos do magistério, que manifestam preocupação com o avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso.

⁴⁰ A CNBB a partir da preparação Projeto "Rumo ao Novo Milênio", atende ao pedido do Papa João Paulo II na Carta apostólica *Tertio millennio adveniente*, com o objetivo de convocar toda a Igreja para a preparação da celebração do Jubileu do ano 2000. Este projeto aponta claramente a preocupação pela perda do número de fiéis e a insignificância do catolicismo no cotidiano. A CNBB (1996, n 48) apontava: “Os católicos “participantes”, aqueles que freqüentam regularmente a missa dominical, a confissão, a catequese e colaboram muitas vezes nas pastorais são uma minoria, embora importante. Menor ainda é o número dos que além da participação na comunidade eclesial, conseguem, de fato, realizar a interação entre fé e vida, no seu dia-a-dia, especialmente no engajamento social”.

⁴¹ A Missão Continental é apresentada no Documento de Aparecida n. 551, embora não diga o que significa essa missão, nem como será realizada.

CAPITULO II

**O DISCURSO E AS POSIÇÕES DA IGREJA CATÓLICA FRENTE
AO AVANÇO DO PENTECOSTALISMO**

A preocupação com o avanço do pentecostalismo nos documentos a Igreja Católica, levaram ao reconhecimento oficial da existência do pluralismo religioso e a necessidade da abertura para o diálogo com outras Igrejas e religiões, desde o Concílio Vaticano II⁴², embora, existem muitas dificuldades na prática. A Igreja no Brasil tem mostrado preocupação com a perda de fiéis, para tentar frear esse fenômeno, quer atingir os católicos afastados ou não praticantes. O grande número de batizados que não participam das comunidades paroquiais, são os mais vulneráveis para saírem da Igreja Católica. Esses católicos indiferentes, não praticantes conservam alguns hábitos religiosos populares e sociais, como primeiros sufrágios ou missa de sétimo dia, batizado, primeira comunhão e algumas devoções tradicionais e populares. A Igreja Católica tem como objetivo atingi-los para que não migrem a outras denominações religiosas, de maneira especial para o pentecostalismo.

Analisaremos alguns documentos da Igreja com o discurso defensivo e as tentativas de diálogo através dos documentos do Vaticano II. Também, veremos a tentativa de diálogo católico-pentecostal, assim como as Conferências latino-americanas. Analisaremos alguns documentos dos dois últimos do magistério pontifício,

⁴² As orientações sobre dos documentos do Vaticano II, que apresentam uma abertura para o diálogo com outras religiões são *Unitatis Redintegratio*, *Ad Gentes*, *Lumen Gentium*, *Nostra Aetate* e *Ecclesiam Suam*.

assim como os discursos da CNBB e os planos de pastoral da Diocese de São Miguel Paulista, da qual faz parte o bairro da Cidade Tiradentes.

2.1 O Vaticano II e abertura para o diálogo

O Concílio Vaticano II foi realizado entre os anos 1962 e 1965, durante os pontificados dos Papas João XXIII e Paulo VI⁴³. Ele é fruto da docilidade e intuição do grande e bom Papa João XXIII. Em 25 de janeiro de 1959, aconteceu o surpreendente anúncio de um novo concílio ecumênico o Papa João XXIII, poucos meses depois de ter sido eleito Papa com a idade de setenta e sete anos. A festiva inauguração do Concílio foi dia 11 de outubro de 1962, cercada de otimismo e de grandes esperanças que a figura simpática de João XXIII tinha agregado a todo o processo de preparação do concílio do Século Vinte. “O concílio recebeu como observadores e hóspedes o secretariado para a Unidade dos Cristãos, mais de uma centena de autoridades eclesiásticas representando as grandes tradições cristãs” (BEOZZO, 2007:32). Era preciso reencontrar o caminho do diálogo da Igreja com a sociedade, que havia sofrido uma ruptura drástica com o advento da modernidade e do positivismo. Eram tempos da emergência da secularização. Hoje, o desafio se desloca para o aprendizado difícil da convivência num mundo plural. A Instituição Católica reconheceu que já não é mais a única instituição religiosa produtora de bens simbólicos capaz de oferecer codificação global às relações humanas. (Cf. VALENTINI, 2005).

Um dos frutos maiores do Concílio Vaticano II, para a Igreja Católica foi ter reconhecido formalmente a existência do pluralismo religioso e a necessidade da prática ecumênica e da abertura ao diálogo inter-religioso⁴⁴, seguindo as orientações do decreto “*Unitatis Redintegratio*”, (UR) sobre o ecumenismo⁴⁵. Promulgada, pelo Papa Paulo VI, em 21 de novembro de 1964⁴⁶, com o objetivo de “favorecer a unidade dos cristãos”⁴⁷

⁴³ Sua última sessão de trabalho do Concílio Vaticano II foi a 07 de dezembro de 1965, sendo que no dia 08 foi realizada uma celebração pública, na Praça São Pedro, concluindo oficialmente o Concílio, e entregando simbolicamente pelo Papa Paulo VI os dezesseis documentos aprovados ao longo dos quatro anos de sua duração. (Cf. VALENTINI, 2005)

⁴⁴ O termo diálogo inter-religioso é usado para o relacionamento entre cristãos e não-cristãos. (CNBB, 2005:8).

⁴⁵ O termo Ecumenismo refere-se ao encontro entre cristãos de denominações diferentes; trata-se da mesma religião, o cristianismo. (CNBB, 2005:8)

⁴⁶ O decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo foi aprovado em 21/11/1964 com 2.137 votos favoráveis e 11 contrários.

⁴⁷ Antes da Igreja Católica abrir-se para o ecumenismo, surgiu o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Fundado em 1948, tem sede em Genebra, na Suíça, com o objetivo de trabalhar pelos direitos humanos e

(UR, 4). O decreto UR assentou as bases para a firme entrada da Igreja Católica no movimento ecumênico contemporâneo, apresentando o objetivo do ecumenismo e reconhecendo as outras denominações Cristãs, assim como o escândalo causado pelas divisões entre os seguidores de Jesus Cristo. O Decreto UR define o movimento ecumênico como tudo que se faz no sentido de favorecer a unidade dos cristãos. Pede que todos os católicos participem dele, para eliminar plavras e juízos que atrapalham o diálogo, com o objetivo de:

Promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos principais propósitos do sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II. Pois Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. Todavia, são numerosas as comunhões cristãs que se apresentam aos homens como legítima herança de Jesus Cristo. Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e caminham por rumos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido. Esta divisão, porém, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura (UR, 1).

O concílio Vaticano II tenta, após séculos de divisões e discórdias, a busca da unidade entre a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes, deixando de lado o confronto; faz um chamado à Igreja para o ecumenismo. A aproximação não é fácil e nem automática; é difícil, há feridas, preconceitos e desconhecimento mútuo, gerando mal-estar entre os cristãos e prejudicando o testemunho com as outras religiões. É necessário a reconciliação e de maneira especial “(..) é preciso que os católicos reconheçam, com alegria, e estimem os bens verdadeiramente cristãos, vindos de um patrimônio comum, que se encontram entre irmãos separados⁴⁸ e nós” (UR, 4). O Documento UR afirma a confiança no diálogo ecumênico, como verdadeiro progresso da unidade. “Ação ecumênica dos católicos deve ser plenamente católica, não se faz ecumenismo negando a própria identidade da fé”. O Decreto apela para que os católicos caminhem com os “irmãos separados” na direção da unidade. (Cf. UR, 24).

O Concílio Vaticano II reconhece em outras comunidades cristãs a validade do batismo, da eucaristia, embora declare que as divergências em questões doutrinárias, teológicas e disciplinares, criam obstáculos à comunhão; o movimento ecumênico visa superar esses obstáculos. O limite do UR é ver apenas a Igreja Católica como o caminho

o diálogo entre os Cristãos . O CMI reúne mais de 340 Igrejas, denominações cristãs presentes em mais de cem países.

⁴⁸ O termo “irmãos separados”, que foi usado no decreto UR, hoje só aparece nas citações próprias do documento. Preferimos atualmente usar só “irmãos”, num reconhecimento de que aquilo que nos une é maior do que nos separa.

geral da salvação, “onde se encontra de modo mais completo os bens da salvação”. (CNBB, 2005:12-13). Embora existam diversidades de costumes e tradições, estas não devem ser obstáculo para o diálogo.

A Igreja Católica sabe que a reconciliação dos cristãos é tarefa que ultrapassa as possibilidades meramente humanas, mas que se torna possível com a força de Deus Trinitário. (UR, 24). O [*Unitatis redintegratio*](#) introduziu um melhoramento radical das atitudes católicas em relação aos outros cristãos; a abordagem polemica do passado não é mais tão predominante. Acreditamos que os católicos têm uma atitude mais positiva no que se refere à tarefa ecumênica a desempenhar. Há certo desejo de conhecer mais as outras Igrejas e Comunhões cristãs, inclusive a tentativa de diálogo com a diversidade de Igrejas do pentecostalismo.

O ecumenismo espiritual é o primeiro passo através da oração, prática muito difundida na "Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos", que permanece como um elemento principal da ação ecumênica. O esforço em aplicar o compromisso com o diálogo continua e difunde-se em toda a Igreja, embora alguns católicos julguem que o ecumenismo compromete a sua fé, o que equivale a admitir certa inadequação com a aceitação da Igreja Católica, que eles não estão preparados para aceitar.

Embora existam diferenças e dificuldades, acreditamos que se faz cada vez mais urgente a convicção de que é necessário o diálogo com o diferente e que, em outras comunidades cristãs, mesmo sendo consideradas “sementes” ou “parcelas”, como afirma o Concílio Vaticano II, estas “sementes” contém a verdadeira revelação. Só através do esforço de diálogo e de participação podemos contribuir como cristãos para a instauração da paz e a justiça no mundo. O etnocentrismo eclesial ocidental católico deve ser superado. Entendemos que o diálogo entre as Igrejas e entre as Religiões não teria que se limitar a alguns acordos doutrinários, mas servir para promover a justiça, a paz, a igualdade, o respeito à dignidade da pessoa humana e seus direitos. O mundo de hoje precisa de um diálogo efetivo e não de mero acordo doutrinal ou um discurso por alguns setores da Igreja Católica, muitas vezes mais defensivo que ecumênico, perante a crise demográfica.

2.2 As tentativas do diálogo católico-pentecostal

O diálogo católico-pentecostal, embora seja incipiente e precário, iniciou-se desde 1972, pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos (CPPUC). Sempre foi difícil e desafiador, tanto pelas diferenças históricas, como teológicas ou doutrinárias, assim como pela falta de representatividade de parte do pentecostalismo, sem deixar de lado que ele se dá em uma relação de maioria e minoria religiosa. As Comunidades Batistas, Evangélicas e Pentecostais com as quais a Igreja Católica mantém um diálogo teológico e relacionamentos internacionais, ainda são incluídas na lista das “seitas⁴⁹”, termo usado para denominar todas as Igrejas pentecostais. Por outro lado, e especialmente na América Latina, frequentemente há um não-reconhecimento do caráter cristão dos católicos por parte de alguns grupos evangélicos e pentecostais. A dificuldade recíproca constitui objeto de alguns documentos de estudo elaborados por várias comissões mistas de diálogo católico-pentecostal.

O trabalho da comissão para o diálogo católico-pentecostal apresenta várias fases, de acordo com os documentos produzidos em comum. A primeira fase foi sobre “o batismo no Espírito Santo, a iniciação Cristã e os carismas, a Escritura e a tradição, bem como a pessoa humana e os dons” (1972-1976). A segunda, foi sobre “a fé e a experiência religiosa, o falar em línguas e o papel de Maria” (1977-1982). A terceira “a *koinonia*⁵⁰” (1989-1989). A quarta fase, sobre “os princípios de respeito mútuo como Evangelização, proselitismo e testemunho em comum” (1990-1998). O documento da última fase, produzido em conjunto, afirma que “o objetivo não é a unidade estrutural, mas antes a promoção e o respeito e a compreensão mútua entre a Igreja Católica e os grupos do pentecostalismo tradicional”. (CPPUC, 1999:6). Atualmente (1999-2007) está em preparação um novo documento sobre o tema: “Tornar-se cristão, perspectivas

⁴⁹ O tipo ideal de seita para Troeltsch, apresenta-se como um grupo que adota um comportamento intransigente para com o mundo, isto é, rejeitando comportamentos e instituições da sociedade à qual pertence, pois os julga corruptos. Os membros da seita propõem-se à obediência literal aos textos sagrados, desprezando as adaptações aceitas pela Igreja. E, porque não aceitam compromissos com o mundo chegam a se isolar permanecendo na expectativa do iminente Reino de Deus. Geralmente a seita é de pequena dimensão, tem caráter voluntário e elitista: de fato, os membros visam à perfeição individual e ao asceticismo. A seita é hostil ou indiferente ao Estado e contrária à ordem eclesiástica; ela visa satisfazer necessidades de base, com meios religiosos. Por causa de seu caráter intransigente, a seita é um grupo social que tende a ser instável: as tendências anárquicas internas, as pressões sociais e eclesiais, as condições sociais mundanas, constituem outros fatores de instabilidade. Por esses motivos, a seita dificilmente chega a sobreviver além da geração de seus fundadores. (Cf. MARTELLI, 1995: 182).

⁵⁰ Comunhão cristã.

bíblicas e patrísticas sobre a Iniciação Cristã e o batismo no Espírito Santo” (KASPER, 2005:82).

O diálogo com o pentecostalismo sempre foi desafiador, sobretudo diante da diversidade do movimento pentecostal e das diferentes posições teológicas, sem uma doutrina que ampare uma posição comum. Por isso, o diálogo católico-pentecostal não pretende tomar decisões no lugar das diferentes posições e “as Igrejas são livres para aceitar ou rejeitar os relatórios por inteiro ou parcialmente” (CPPUC, 1999:7). Os participantes católicos e pentecostais do diálogo tomaram consciência do escândalo que existe por causa da divisão, pois muitas vezes, acentua-se mais o que divide e as diferenças em vez de procurar as semelhanças e a unidade.

As dificuldades para o diálogo católico-pentecostal no caso da América Latina, além das óbvias diferenças históricas e teológicas, devem ser entendidas em um contexto de tensões que emergem por causa da relação de minoria-maioria religiosa. O pentecostalismo constitui um desafio ao monopólio católico dos bens de salvação. No caso do Chile, por exemplo, constituiu-se a “Fraternidade Ecumênica” com a participação de algumas Igrejas pentecostais. Existe, hoje, uma longa tradição de oração comum e de participação em várias atividades de interesse público. O ponto alto foi em maio de 1999, com o compromisso do reconhecimento mútuo do batismo celebrado segundo a fórmula Trinitária. Em 1998, realizou-se, em Quito, Equador, o primeiro encontro entre sacerdotes católicos e pastores, convocado pelo CELAM e CLAI⁵¹. A principal conclusão foi que, para avançar no diálogo, precisam ser criados espaços para conhecer-se, orar junto e assim derrubar preconceitos mútuos. O mais importante na aproximação é gerar oportunidades para o reconhecimento recíproco como “irmãos e irmãs em Cristo”. (BEOZZO, 2007:58).

No Brasil, o grande acontecimento foi o encontro, em setembro de 2005, nas dependências do Centro de Pastoral Santa Fé, São Paulo. O objetivo geral era conhecer melhor a realidade pentecostal do Brasil, buscar pistas para o Diálogo católico-pentecostal junto com propostas pastorais concretas. Os objetivos específicos eram quatro: aprofundar o conhecimento dos grupos pentecostais no Brasil; analisar os diversos cenários religiosos na Igreja Católica e suas possibilidades de Evangelização; identificar propostas pastorais concretas, a serem efetivadas em continuidade à reflexão; finalmente, promover o diálogo católico-pentecostal em nível local. (KASPER,

⁵¹ CELAM, Conferência Episcopal Latino Americana. CLAI, Conselho Latino Americano de Igrejas.

2005:64). Estiveram presentes ao encontro, o cardeal Walter Kasper, Presidente do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, e o Pe. Juan Usma, responsável na América Latina pelo diálogo com os pentecostais.

O cardeal Kasper (2005:64-65), no discurso de abertura, dia 20 de setembro de 2005, declara: “Nos deparamos com comunidades novas, em ritmo de acelerado crescimento (...) com as quais, na maioria dos casos, não temos nenhum diálogo, ou com quem o diálogo se torna particularmente difícil, senão impossível”. Inclusive, os bispos do Brasil, nas suas visitas ‘*ad limina*’⁵², colocavam como preocupação o crescimento dos grupos pentecostais e a necessidade de uma reflexão séria sobre essa situação e como oferecer pistas de ação.

Concretamente, embora exista uma aproximação com o pentecostalismo, este diálogo se dá apenas entre pessoas das diferentes igrejas pentecostais e representantes católicos. Para o cardeal Walter Kasper (2005:69-70), em algumas situações “as comunidades evangélicas e pentecostais mais recentes costumam ser consideradas sem legitimidade eclesial”. Além disso, “o uso indiscriminado do termo ‘seita’ não ajuda, e continua a criar problemas”. O que mostra que muitos católicos não reconhecem o caráter cristão de alguns grupos evangélicos e pentecostais. Além dos velhos problemas e preconceitos que existem, como o proselitismo e as acusações mútuas entre católicos e pentecostais.

O diálogo católico-pentecostal é um caminho difícil e árduo. “Simplesmente condenar as atividades proselitistas desses grupos” ou referir-se a eles como “seitas” “pode ser uma postura contraproducente. A nossa resposta não deve ficar apenas na crítica polêmica com os grupos pentecostais” (KASPER, 2005:83).

A entrada e a força do movimento carismático, como sequência prática, levou a uma “pentecostalização” da Igreja Católica. Talvez a partir de aí poderá haver um diálogo católico-pentecostal⁵³ como partilha de dons e com momentos de oração. Esse

⁵² A Visita *ad limina*, é uma obrigação imposta pela [Igreja Católica Romana](#) aos seus bispos diocesanos e a certos prelados com jurisdição territorial, tais como os abades territoriais, de a cada 5 anos visitarem os túmulos dos [apóstolos São Pedro](#) e [São Paulo](#), em Roma, e por essa ocasião se encontrarem com o [Papa](#). No encontro, devem reportar o estado pastoral das suas dioceses ou prelaturas e ouvir a apreciação e os conselhos do Papa. A obrigação foi estabelecida em 1585 pelo [Papa Sixto V](#) através da Constituição *Romanus Pontifex*, a qual estabeleceu as primeiras normas para estas visitas *ad limina*. As regras foram revistas em 31 de dezembro de 1909 pelo [Papa Pio X](#) através de um decreto sobre a Congregação Consistorial, fixando que cada bispo deve enviar ao papa um relatório sobre o estado da sua diocese de 5 em 5 anos, começando em 1911. As normas que regulam os relatórios e as visitas estão fixadas nos [cânones 399 e 400](#) do [Código de Direito Canônico](#) de 1983.

⁵³ O primeiro encontro Católico-Pentecostal no Brasil aconteceu os dias 30 de abril a 1º de maio de 2008, na Canção Nova, Lavrinhas, SP. Por parte da Igreja Católica Romana com a presença da Renovação

encontro poderá ser algo possível, positivo e útil para o futuro da Igreja e do diálogo católico-pentecostal. (Cf. KASPER, 2005:86-87). É normal que onde o diálogo se estabelece, diminui o proselitismo, cresce o respeito e abre-se possibilidade de testemunho comum. Para Edgar Moros Ruano (1996:219), “A Igreja Católica está procurando respostas e alternativas ao desafio” através do diálogo. No caso do Brasil, esta realidade é difícil, as iniciativas são tímidas, e as dificuldades se intensificam, pelo fato que poucas denominações pentecostais estão dispostas a dialogar com a Igreja Católica (WOLFF, 2002:65). Embora, que alguns líderes pentecostais mostrem disposição.

O desafio maior para o catolicismo é o pentecostalismo junto com seu proselitismo. Este parece preencher necessidades e satisfazer aspirações profundas do ser humano que o catolicismo não atinge e com o ele parece não existir diálogo. O desafio pentecostal leva o catolicismo a mudar de postura diante do pluralismo religioso de abertura, de diálogo, de acolhida e de aprofundamento da realidade religiosa. O proselitismo é um dos elementos mais conflitivos.

2.3 O discurso nos documentos do magistério Pontifício

De início, observamos que os documentos oficiais, ao referirem-se às Igrejas Evangélicas e Pentecostais, quase sempre usam o termo “seita” de maneira indiscriminada, assim, também ao mencionar outros movimentos religiosos. Esse discurso denota uma atitude defensiva e de preconceituosa diante do mundo religioso plural.

2.3.1 Encíclica ‘*Redemptoris missio*’

Carta Encíclica de João Paulo II, sobre a missão do Redentor, publicada o dia 07 de dezembro de 1990, em ocasião do 25º aniversário do Decreto conciliar *Ad-gentes* do Vaticano II, que aborda o valor permanente do preceito missionário. A *Redemptoris missio* (RM) brota da experiência pessoal do Papa em suas viagens apostólicas. Apresenta os fundamentos teológicos da missão, e convida a Igreja Católica para um renovado empenho missionário.

Católica Cristã (RCC) e por parte Pentecostal, as Igrejas: Evangelho Pleno, Assembléia de Deus, Batista, Quadrangular e Anglicana Carismática. Foi um encontro de ecumenismo espiritual através de oração, louvação e testemunho ecumênico.

O Papa, na *Redemptoris missio* (RM), fala de uma cultura secularizada e da busca espiritual como uma das causas das chamadas “seitas” e dos movimentos religiosos (Cf. RM, 38). A realidade do Reino pode encontrar-se igualmente mais além dos limites da Igreja, na humanidade inteira, à medida que está viva “os valores evangélicos” e se abra à ação do Espírito, “o qual sopra onde quer e como quer” (RM, 20). Com isso, a universalidade do Reino consiste em que, tanto os cristãos como outros, partilham o mesmo mistério de salvação em Jesus Cristo, ainda que expressando estes valores de forma diferente. Certa tradição teológica pré-conciliar identificava o Reino de Deus presente na história com a Igreja peregrinante:

O Espírito está presente na própria origem da pergunta existencial e religiosa do homem, que nasce não somente de situações contingentes, mas da própria estrutura de seu ser. A presença e a atividade do Espírito abarcam os indivíduos, a sociedade e a história, os povos, as culturas, as religiões. O Espírito está na origem dos ideais e das iniciativas de bem da humanidade em caminho (...). Semeia as sementes do Verbo, presentes nos ritos e nas culturas, e as prepara para que amadureçam em Cristo. (RM, 28).

O documento reconhece claramente o Reino presente em outros povos e culturas, mas vê a plenitude da revelação apenas em Jesus Cristo. Os membros das outras tradições religiosas recebem a salvação em Jesus Cristo mediante “a prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas” (RM, 29). Dado que a realidade do Reino de Deus e de seus valores não se restringe aos confins da Igreja, mas se faz presente e atua onde quer que os valores evangélicos sejam vividos e os seres humanos respeitados.

A RM, ao entrar no diálogo com outras religiões acrescenta “O diálogo deve ser conduzido e realizado com a convicção de que a Igreja é o caminho normal de salvação e que só ela possui a plenitude dos meios da salvação” (RM, n 55). A *Redemptoris missio* mostra a dificuldade que existe por parte da Igreja Católica em reconhecer as outras religiões como fontes da salvação. Será que muitas vezes não se pensa no diálogo como parte do proselitismo? “O diálogo é a única maneira de prestar um sincero testemunho de Cristo” (RM, 57).

2.3.2 O Sínodo ‘*Ecclesia in América*’

O Papa João Paulo II, em Santo Domingo, acenou pela primeira vez para a reunião continental em forma de sínodos como preparação do Jubileu do ano dois mil⁵⁴. O “sínodo da América⁵⁵” nasceu como inspiração das “Conferências Episcopais Latino-americanas”. Nas palavras do próprio Papa João Paulo no documento conclusivo *Ecclesia in América* (EA) afirma:

No mesmo dia em que completavam-se os quinhentos anos do início da evangelização da América, dia 12 de outubro de 1992, desejando abrir novos horizontes e dar renovado impulso à evangelização, no discurso de abertura dos trabalhos da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo, fiz a proposta de um encontro sinodal, visando incrementar a cooperação entre as diversas Igrejas particulares para juntos enfrentar, no âmbito da nova evangelização e como expressão da comunhão episcopal, ‘os problemas relativos à justiça e à solidariedade entre todas as nações da América’ A reação positiva com a qual os bispos da América acolheram minha indicação, permitiu-me anunciar na Carta apostólica *Tertio millennio adveniente* o propósito de convocar uma Assembléia Sinodal ‘sobre as problemáticas da nova evangelização em duas partes do mesmo Continente tão diversas entre si pela origem e pela história, e sobre as temáticas da justiça e das relações econômicas internacionais, tendo em conta a enorme disparidade entre Norte e Sul’ (EA, 2)

O objetivo deste acontecimento era aumentar a cooperação entre as diversas Igrejas particulares, para enfrentar os problemas sociais e a Nova Evangelização que foi tão enfatizada pelo Papa João Paulo II, como preparação para o terceiro milênio. A idéia era que o sínodo fosse um órgão deliberativo, isto é, que o Papa e os bispos decidissem juntos por onde a Igreja deve caminhar. Não foi assim, o sínodo teve apenas caráter consultivo. Desse modo, ele perde a força de instaurar um novo tipo de exercício do poder na Igreja.

O Sínodo da América foi aberto pelo Papa João Paulo II na Basílica de São Pedro, no dia 16 de novembro, dando início aos trabalhos que se concluíram em 12 de dezembro de 1997, festa de Nossa Senhora de Guadalupe. Realizado em Roma, com o lema “Encontro com o Cristo vivo”, visava reforçar a Evangelização, a solidariedade e a comunhão entre as Igrejas que constituem a América através da chamada “nova evangelização”. Participaram 233 bispos delegados das Américas. Ao ser realizado fora da realidade do Continente, Dom Demetrio Valentini (1998:23-30) afirma “O ânimo

⁵⁴ Em vista do ano jubilar o papa João Paulo II realizou uma série de “Sínodos Especiais” continentais: África (1995), América (1997), Ásia (1999), Europa (1999) e Oceania (1999).

⁵⁵ Desde 1965 os sínodos foram incorporados como um modelo da Igreja Católica vivenciar a colegialidade dos Bispos. Nove ordinários e quatro extraordinários precederam o Sínodo para América.

inicial dos participantes não era de grandes expectativas”. A novidade foi a presença dos bispos dos Estados Unidos e do Canadá, reunindo pela primeira vez bispos de toda América. No sínodo os bispos se deram conta de estar num Continente que se caracteriza por ser cristão, mas que está ameaçado de perder esta identidade, motivo pelo qual é abortado o desafio das “seitas”, e do proselitismo como problema sério para a Igreja Católica na América.

Entre as varias preocupações que aparecem no documento final dado pelo Papa João Paulo II, estão os marginalizados, os migrantes, os jovens, a corrupção, as minorias vítimas de discriminação (MOSER, 1998:62). É dedicada muita atenção à perda de fiéis da Igreja, vista como consequência do proselitismo das chamadas “seitas” dentro de um Continente que tem como identidade o cristianismo. “A atividade de proselitismo, que as seitas e novos grupos religiosos desenvolvem em várias regiões da América, constitui um grave obstáculo ao esforço evangelizador” (EA, 75). O proselitismo por parte das chamadas “seitas” são grande preocupação da Igreja Católica. Inclusive, a palavra ‘proselitismo’ tem sentido negativo quando reflete um modo de conquistar adeptos, não respeitador da liberdade daqueles que são atingidos por uma determinada propaganda religiosa (EA, 75). A expansão das “seitas” sem dúvida constitui séria preocupação da Igreja, sobretudo, por considerar, que a maioria são católicos, que migram para esses grupos religiosos. “A Igreja Católica na América critica o proselitismo das seitas e, por esta mesma razão, na sua ação evangelizadora exclui o recurso a tais métodos” (EA, 75). O Papa João Paulo II, ao tratar do desafio das “seitas”, pede que seja feito um estudo para poder reverter o processo de êxodo dos católicos:

As conquistas do proselitismo das seitas e dos novos grupos religiosos na América não podem ser encarados com indiferença. Exigimos da Igreja neste Continente um profundo estudo, a ser realizado em cada nação e também internacionalmente, para descobrir os motivos por que tantos católicos abandonam a Igreja. (EA, 73)

Como resposta a essa situação seria necessário realizar maiores esforços catequéticos, preparando as pessoas para um aprofundamento da fé, através de certa apologia para dar resposta com segurança contra as acusações contra o catolicismo. Logo a grande preocupação do Papa era a missão da Igreja na América, a chamada nova evangelização como preparação para o terceiro milênio apresentando uma Igreja forte e unida.

O documento *Ecclesia in América*, reconhece a dificuldade do ecumenismo. Porém, o desafio e a dificuldade de estabelecer relações de diálogo, são sobretudo das Igrejas Evangélicas Pentecostais, pois na sua maioria, são antecatólicas, anti-modernistas, anti-ecumênicas e, até alguns anos atrás, anticomunistas.

Apesar de que o Concílio Vaticano II se refira a todos os batizados e crentes em Cristo como a 'irmãos no Senhor', é necessário saber distinguir com clareza as comunidades cristãs, com as quais é possível estabelecer relações inspiradas na dinâmica ecumênica, das seitas, cultos e outros movimentos religiosos falazes. (EA, 49)

O Sínodo reconhece que existe certa abertura para o ecumenismo na América com um esforço sincero no diálogo entre a Igreja Católica e as outras Igrejas e Comunidades Cristãs. "É um esforço que se alimenta pela oração, o diálogo e a ação comum" (EA, 49). O exemplo mais concreto é com relação ao Chile onde existem: Igreja Pentecostal Evangélica e Igreja Missão Pentecostal que faz parte do Conselho Mundial de Igrejas:

Sugere-se, em primeiro lugar, 'que os cristãos católicos, pastores e fiéis, promovam o encontro dos cristãos das diferentes confissões, na colaboração, em nome do Evangelho, para responder ao grito dos pobres, com a promoção da justiça, a oração em comum pela unidade e a participação na Palavra de Deus e na experiência da fé em Cristo vivo'. Deve-se estimular também, quando for oportuno e conveniente, as reuniões de peritos das diversas Igrejas e Comunidades eclesiais para facilitar o diálogo ecumênico. O ecumenismo deve ser objeto de reflexão e de comunicação de experiências entre as distintas Conferências Episcopais católicas do Continente. (EA, 49)

Finalmente, o sínodo faz um apelo para que se estimule entre as conferências episcopais da América a cooperação missionária, a educação, as migrações, o ecumenismo (Cf. EA, 37).

2.3.3 A declaração da Congregação para Doutrina da Fé *Dominus Iesus*

A Declaração *Dominus Iesus* (DI) da Congregação para Doutrina da Fé do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Bento XVI, publicada em 6 de agosto de 2000, surpreendeu aos cristãos de todas as denominações, inclusive aos católicos. A Declaração tem uma distinção cristológica e outra eclesiológica. As afirmações da Declaração tiveram o perigo de fechar portas que haviam sido abertas com grande esforço ecumênico nas décadas passadas. Provocou reações de forte irritação, acarretando a ameaça de redundar em novas polarizações religiosas e de reacender

antigas rivalidades. Um dos fatores que provocaram a publicação da *Dominus Iesus* é a necessidade de reafirmar a identidade católica, a partir de “alguns conteúdos doutrinários imprescindíveis” (DI, 3), frente ao amplo pluralismo religioso atual, em muitos casos, marcado pelo relativismo. Conforme atesta a Declaração, “o perene anúncio missionário da Igreja é hoje posto em causa por teorias de índole relativista que pretendem justificar o pluralismo não apenas de fato, mas também de jure, ou de princípio” (DI, 4).

A declaração *Dominus Iesus* causou um profundo impacto, tanto no mundo católico como entre protestantes, pentecostais e grandes religiões não-cristãs, deixando muitos perplexos com o perigo para o diálogo. O objetivo primordial foi estabelecer o marco doutrinal para o diálogo ecumênico e inter-religioso, no intuito de combater o indiferentismo e o relativismo presentes no contexto religioso atual. O ponto de partida é a reafirmação da fé católica “a doutrina de sempre” (DI, 4), a respeito da “unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja”, mas o faz de uma maneira muito restritiva em relação aos documentos anteriores, em particular do Concílio Vaticano II (BRIGHENTI, 2001:277).

É por conseguinte, contrária à fé da Igreja a tese que defende o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo, que seria complementar da que é presente nas outras religiões. A razão de fundo de uma tal afirmação basear-se-ia no fato de a verdade sobre Deus não poder ser compreendida nem expressa na sua globalidade e inteireza por nenhuma religião e, portanto, nem pelo cristianismo e nem sequer por Jesus Cristo. (...) Semelhante posição está em contradição com as precedentes afirmações de fé, segundo as quais, temos em Jesus Cristo a revelação plena e completa do mistério salvífico de Deus (DI, 6).

Segundo Agenor Brighenti (2001:279), o Concílio Vaticano II operou uma virada copernicana no interior da Igreja, legitimando a liberdade de consciência em matéria de religião: “...em assuntos religiosos, ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência” (DH, 2)⁵⁶. Reconhecendo a autenticidade da fé cristã, não apenas no catolicismo, mas também em outras Igrejas cristãs, mesmo assim, a Igreja Católica continua afirmar que “a verdadeira Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica”⁵⁷ (DI,16). Porém, ao aceitar a liberdade religiosa facilitou-se o inédito diálogo ecumênico. Ao afirmar a mediação salvífica das demais religiões “as diversas tradições religiosas

⁵⁶ CONCÍLIO VATICANO II, *Dignitatis Humanae* (DH) Documento sobre a liberdade religiosa.

⁵⁷A afirmação: a verdadeira Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica, segundo o cardeal Kasper, significa que também está na Igreja Católica e não significa que se encontra de modo absoluto, ou exclusivo só no catolicismo (Cf. KASPER, 2005:66).

contém e oferecem elementos de religiosidade, que procedem de Deus” (AG 11)⁵⁸; foi o começo da abertura ao diálogo Inter-religioso. Assim, o Concílio Vaticano II reconhece que não existe uma religião com a Verdade Absoluta, mas cada religião contém parcelas da verdade.

Esta verdade de fé nada tira ao fato de a Igreja nutrir pelas religiões do mundo um sincero respeito, mas, ao mesmo tempo, exclui de forma radical a mentalidade indiferentista imbuída de um relativismo religioso que leva a pensar que "tanto vale uma religião como outra" (DI, 22).

Ratzinger faz entender que substituir a missão e a conversão pelo diálogo, "já não é diálogo, mas ideologia do diálogo", porque fixa, apenas, posições, todas relativas, e já não ajuda o outro a encontrar a verdade, completa só na Revelação de Deus em Jesus Cristo. Um profundo erro é distinguir entre Jesus, em quem habitaria ocasionalmente o Verbo eterno, e o próprio Verbo divino, que, fora da Encarnação de Jesus, continuaria agindo onde quisesse. Assim, as missões seriam desnecessárias; o mesmo Verbo, encarnado em Jesus, estaria, também, presente em outras culturas, religiões.

A paridade, que é um pressuposto do diálogo, refere-se à igual dignidade pessoal das partes, não aos conteúdos doutrinários e muito menos a Jesus Cristo em relação com os fundadores das outras religiões. A Igreja deve empenhar-se, antes de tudo, em anunciar a todos os homens a verdade, definitivamente revelada pelo Senhor, e em proclamar a necessidade da conversão a Jesus Cristo e da adesão à Igreja através do batismo e dos outros sacramentos. (DI, 22)

Acreditamos que o primeiro ato evangelizador é sempre um ato de respeito à tradição religiosa do outro, como testemunho de acolhida da obra de Deus aí presente, realizada pelo Espírito, pois antes do missionário sempre chega o Espírito Santo. Um autêntico diálogo implica radical respeito pelo outro, acolhida reverencial, para além de qualquer atitude de exclusão. O outro não é ameaça, mas bênção, pois ajuda a entender melhor minha identidade. Um diálogo, não como mera estratégia para promover a antiga tese ecumênica de “retorno à Igreja Católica”, mas como meio concreto de conhecer melhor a Deus que, tanto nos amou que saiu de si e se fez um de nós. Aí reside o valor teológico da diferença.

O texto da DI é bastante defensivo, afirma a não existência de uma Igreja plena nas comunidades protestantes, mas apenas de elementos de santificação, que permitem

⁵⁸ CONCÍLIO VATICANO II, *Ad gentes* (AG) Documento sobre a missão.

aos protestantes terem a chance de se reaproximar da Igreja una e santa, plenamente presente, apenas na Igreja Católica Apostólica Romana:

Os fiéis católicos são obrigados a professar que existe uma continuidade histórica - radicada na sucessão apostólica da Igreja fundada por Cristo e da Igreja Católica: Esta é a única Igreja de Cristo... Que nosso Salvador, depois de sua ressurreição, confiou ao Apostolo Pedro. (...) Esta Igreja, constituída e organizada como sociedade no mundo atual, subsiste em a Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele. Com a expressão *subsiste*, o Concílio Vaticano II, procurou harmonizar duas afirmações doutrinárias: por um lado, que a Igreja de Cristo, não obstante as divisões que existem entre os cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica e, por outro lado, que fora da sua estrutura, podem ser encontrados muitos elementos de santificação e de verdade, ou seja, naquelas Igrejas e comunidades eclesiais, que ainda não estão em plena comunhão com a Igreja Católica. Mas, em relação a estes, deve-se afirmar que eles reiteram a eficácia da própria plenitude de graça e de verdade confiada à Igreja Católica (DI, 16).

Discordamos da Declaração, pois só Deus salva, as religiões e as Igrejas são apenas ‘vias’ ou meios de salvação. Segundo Brighenti (2001:298), a tese é contrária à orientação conciliar. “A Igreja de Cristo continua a existir plenamente ‘só’ na Igreja Católica”, tinha sido a proposição do Esquema Preparativo do Concílio, que foi rejeitado na Primeira Sessão. Na segunda sessão, o termo voltou e foi novamente rejeitado e se substituiu ‘*solummodo*’ por ‘*subsistit in*’. Segundo declaração de Dom Charue, então Bispo de Namur (Bélgica), optou-se pela expressão *subsistit in*⁵⁹ – “a verdadeira Igreja de Jesus Cristo subsiste na Igreja Católica”, justamente para dizer que está, mas não só. A Declaração acrescenta, é verdade, o termo “plenamente”, referindo-se em outra parte do documento à unidade em torno ao Papa. Mas o primado, sobretudo enquanto configuração jurídica, não faz parte do Credo. Não se pode esquecer, conforme recordou o Concílio, de que, no interior do cristianismo, “existe uma hierarquia de verdades”, em torno à qual se rege a unidade.

As comunidades eclesiais, que, ao invés, não conservam um válido episcopado e a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico, não são Igrejas em sentido próprio. Seus batizados incorporados ao Cristo, vivem “certa comunhão”, imperfeita, com a Igreja. A Igreja de Cristo não é, portanto, a soma das Igrejas e Comunidades eclesiais. Nem muito menos se pode afirmar que, como está desunida, não existe em parte alguma, tornando-se objeto de procura por parte de todas as Igrejas e Comunidades. Os elementos desta Igreja já realizada existem, reunidos na sua plenitude, na Igreja Católica e, sem essa plenitude, nas demais Comunidades. A falta de unidade entre os cristãos, não priva a Igreja de sua unidade; a divisão é um obstáculo à plena realização da sua universalidade na história. (DI 17).

⁵⁹ A votação do Concílio sobre a tese do “*subsistit in*” em contraposição ao “*solummodo*”, dentre 1915 votantes, foi de 1893 votos a favor, 19 contra e 3 votos nulos. (BRIGHENTI, 2001:298).

Embora existam outros documentos da Igreja Católica, que vão em sentido contrário, segundo a Declaração, a Igreja Ortodoxa tem sucessão apostólica e administra validamente a Eucaristia, mas não é verdadeira Igreja: falta-lhe aceitar o Primado; as demais Igrejas cristãs, “não conservam um válido episcopado e a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico”, portanto não são Igrejas, são Comunidades eclesiais: seus fiéis, pelo batismo, vivem ‘uma certa comunhão’, imperfeita, com a Igreja. Não há unidade entre os cristãos, mas a Igreja está unida. (Cf. BRIGHENTI, 2001:302). Poderíamos dizer que, de acordo com o Vaticano II, a salvação de Jesus Cristo passaria por outras mediações além das mediações explicitamente cristãs; existe salvação fora da Igreja e, portanto, as religiões não-cristãs também constituem uma mediação salvífica.

2.4 O discurso das Conferências Episcopais do CELAM

As Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano têm sido momentos de grande importância no peregrinar da Igreja Católica na América Latina e no Caribe. Analisaremos os documentos das Conferências de maneira rápida, olhando a preocupação que aparece no texto com relação ao avanço das Igrejas Pentecostais, ou às “seitas”⁶⁰ como são chamadas pela Igreja Católica. Tentaremos dar um destaque especial ao Documento de Aparecida.

2.4.1 Rio de Janeiro, a criação do CELAM

A primeira Conferência Geral foi realizada no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, com o tema central, “Vocações e instrução religiosa”. Foi precedida por um Congresso Eucarístico⁶¹. É considerada como marco importantíssimo para a consciência eclesial católica latino-americana. Nela foi fundado o CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano). Esta primeira Conferência significou a tomada de consciência da Igreja Católica de que a América Latina é marcada por uma realidade similar e que necessita de uma ação conjunta da Igreja. Esta visão da necessidade de

⁶⁰ Seita é palavra não aceita pelos próprios pentecostais, o que dificulta o diálogo. Estes preferem ser chamados de assembléias, comunidades ou Igrejas. O termo nos documentos da Igreja acreditamos que tenha o sentido sociológico como em Max Weber, embora muitas vezes, aparece também o uso de seita de forma periorativa.

⁶¹ O XXXIV Congresso Eucarístico Internacional, celebrado no Rio de Janeiro do dia 17 a 24 de Julho de 1955, antecipou a primeira Conferência Latino Americana.

uma ação conjunta pode ser classificada, hoje, como verdadeiramente profética. Ela desencadeou muitos outros processos dentro e fora da Igreja, influenciando movimentos sociais, políticos, econômicos.

Segundo Fernando Torres Londoño (1996:408), o objetivo principal da Conferência era “aumentar o clero, combater os inimigos da Igreja” os quais seriam a “maçonaria, os protestantes, o laicismo, a superstição, o espiritismo, a ignorância religiosa e as doutrinas perversas que se apresentavam sob o falso pretexto da justiça social”. A Conferência devia partir da realidade sócio-religiosa da Igreja. Por isso, foi feito um levantamento da situação de cada diocese⁶². Acentuando os inimigos do catolicismo como a falta de clero e o avanço do pentecostalismo, vivia-se ainda num clima de confronto e de polêmica nas relações entre as Igrejas cristãs, de modo particular, entre católicos e protestantes na América Latina. A Conferência do Rio via o protestantismo, o espiritismo, a maçonaria e as seitas como movimentos anti-católicos, vistos como ameaça à tradição católica e tratados sob o prisma da “preservação da fé e de sua defesa”.

Dentre outros tópicos discutidos na I Conferência, Dom Larraín, bispo de Talca (Chile), propôs uma visão de conjunto da realidade latino-americana, com suas evidentes contradições de unidade e separação. Apontava valores positivos que uniam o Continente, como a história, o componente social, a unidade religiosa, mas assinalava que, diante do secularismo reinante, corria-se o risco de insultamentos, de igrejas ilhadas, isoladas. Lamentava que, na América Latina, a doutrina social da Igreja não fosse conhecida e muito menos aplicada. Já Dom Hélder, bispo auxiliar do Rio de Janeiro (Brasil), apontava que a Igreja da América Latina que, em 1955, contava com 153 milhões de fiéis, portanto 32% dos católicos mundiais tinha apenas 7% do clero em relação ao clero mundial, o que evidenciava a falta de sacerdotes. Dom Helder, problematizava a própria formação recebida por eles. Finalmente, os bispos manifestaram a preocupação com os perigos que ameaçavam a fé, como o laicismo que criava estados ateus; a invasão de protestantes e aumento de “seitas”; a penetração do

⁶² A arquidiocese de São Paulo, na época tinha três milhões de habitantes, com dois milhões e setecentos mil católicos distribuídos em cento e sessenta paróquias, duzentos e dez sacerdotes do clero secular e seiscentos e um do clero religioso. Apontava que só 17% dos fieis participavam da missa dominical e só 30% cumpriam o preceito pascal. Havia vinte e três jornais locais e nenhum católico. O levantamento foi chamado “movimento anti-católico” mostrava que havia cento cinquenta mil protestantes divididos em quarenta seitas e com mais de duzentos lugares de culto e uns duzentos pastores. O número de espíritas se calculava em cem mil. Existiam vinte e seis grupos maçônicos. Mas a Igreja de São Paulo tinha armas para enfrentar os inimigos no campo da educação, da assistência social, da religião entre outros. (Cf. LONDOÑO, 1995: 409-410).

comunismo; e o espiritismo com a doutrina da reencarnação (LONDOÑO, 1995:414). A I Conferência do CELAM, “viviu num clima de confronto e de polêmicas nas relações entre as Igrejas cristãs, de modo particular entre católicos e protestantes aqui na América Latina” (BEOZZO, 2007:31).

O documento do Rio foi entregue só aos bispos no ano seguinte, em 1956, e se tratava de um texto manuscrito. A principal preocupação é o acento pela situação dos evangelizadores, particularmente a falta de clero e os inimigos do catolicismo. No contexto de um chamado à intensificação da vida cristã, a proposta foi impulsionar uma campanha vocacional, ao mesmo tempo, intensificar os meios de formação na fé.

2.4.2 Medellín, a aplicação do Vaticano II na América Latina

A Segunda Conferência geral foi realizada em Medellín, na Colômbia, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. O tema central foi, “A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II”. Esta conferência foi marcada pelo espírito do pós Concílio Vaticano II. Tratava-se agora de pensar concretamente para a América Latina o espírito de mudanças desencadeado pelo Concílio. O objetivo principal era a aplicação do Concílio Vaticano II, na realidade das Igrejas locais. A Conferência de Medellín teve para a Igreja da América Latina, quase o significado que o Concílio teve para toda a Igreja. Nela foram traçados os pilares de uma identidade própria de Igreja Latino Americana, encarnada nesta realidade e assumindo os seus desafios. A Conferência foi de propostas, de esperanças, de confiança de que é possível uma Igreja com identidade própria, assumindo os desafios desta realidade e contribuindo para que ela seja transformada. Havia um espírito de euforia e otimismo pós-Concílio. Segundo Oscar Beozzo, (2007:33) os cristãos não católicos participantes como observadores, eram onze. Foi o maior número: sete em Aparecida, cinco em Puebla, três em Santo Domingo e nenhum no Rio de Janeiro.

A abertura dos trabalhos foi feita pelo Papa Paulo VI. Pela primeira vez um Romano Pontífice saía da Europa para pisar terras em outro Continente. O Papa no discurso de abertura sublinhou três categorias de pessoas, que deveriam receber especial atenção: os sacerdotes, os jovens e os trabalhadores. Também insistiu em promover a justiça e paz, mas alertou diante da violência e o ódio do marxismo ateu e da rebelião sistemática. (POSADA, 1995:418)

O Documento Final da II Conferência do CELAM, em Medellín, usa o método ver, julgar e agir; não fez nenhum discurso ou apologia contra a diversidade religiosa, nem fez parte das preocupações da Igreja a perda de fieis para outras crenças e religiões. Com relação ao ecumenismo, há apenas uma explícita convocação para o trabalho de cooperação ecumênica, embora não haja, em nenhum dos textos de Medellín, uma única citação do decreto UR do Vaticano II. No documento de Catequese, recomenda: “Deve-se ressaltar o aspecto totalmente positivo do ensino catequético com seu conteúdo de amor. Assim se fomentará um ecumenismo sadio, evitando toda polêmica, e criar-se-á um ambiente propício à justiça e à paz”. (Medellín. 9, 11); no de Liturgia, acrescenta: “Promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra de acordo com o Decreto sobre o ecumenismo n. 8 e segundo as normas do Diretório nn. 33-35”. (Medellín. 9, 14). Em todos os documentos relativos à Promoção Humana, a preocupação é a mesma: no de Paz, conclama-se, num apelo dirigido também aos não-cristãos, que sejam convidadas “as diversas confissões e comunidades cristãs e não-cristãs a colaborarem nesta fundamental tarefa destes tempos”. (Medellín. 2, 26).

2.4.3 Puebla, A evangelização no presente e no futuro da América Latina

A terceira Conferência Geral aconteceu na cidade mexicana de Puebla, de 28 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979. O tema proposto foi: "A evangelização no presente e no futuro da América Latina" A data original deveria ser de 12 a 18 de outubro de 1978, mas com a morte de Paulo VI e de João Paulo I e como a eleição de João Paulo II uns dias antes da data proposta, a Conferência foi adiada para início do próximo ano. O Papa se fez presente na abertura dos trabalhos. A Conferência mostrou claramente que as propostas de Medellín tinham sido muito frutíferas. Aparece uma forte consciência da identidade própria da Igreja Católica na América Latina. Uma Igreja engajada, preocupada com o povo, com clareza dos desafios que devem e estão sendo assumidos. “Comunhão e participação” é a expressão utilizada em Puebla para definir o método da ação evangelizadora. Mas o que mais marcou esta conferência foi a coragem de expressar a necessidade de a Igreja Católica ter opções preferenciais. Assim a “opção preferencial pelos pobres” e a “opção preferencial pelos jovens”, expressas na conferência, impulsionaram a ação da Igreja Católica em seu engajamento social, político, econômico.

O Documento de Puebla (DP) apresenta um forte discurso apologético diante do pluralismo religioso e das “seitas”. Também, incentiva para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso principalmente com o judaísmo, islamismo. A Igreja reconhece o “proselitismo como um sério obstáculo para o verdadeiro ecumenismo” (DP, 1108). Estes grupos apresentam “proselitismos muito acentuados, fundamentalismo bíblico e literalismo estrito com respeito às doutrinas” (DP, 1109); impedindo o diálogo e o ecumenismo. Porém, denuncia “a presença do fenômeno religioso como o da invasão de seitas, que, por parecerem marginais, não devem ficar despercebidas ao evangelizador” (DP, 419). A mudança de religião acontece por causa da escassez de fé ou, nas palavras do próprio documento “nem sempre encontraram os meios eficazes para superar a escassez da fé, permanecendo insegura diante do proselitismo sectário e dos movimentos pseudo-espirituais” (DP, 628).

O Documento de Puebla tem uma avaliação cautelosa e reticente da caminhada ecumênica (BEOZZO, 2007:34). Ao lado dos muitos avanços, como a promoção conjunta da difusão, conhecimento e apreço da Sagrada Escritura; as orações privadas ou públicas pela unidade; o surgimento de grupos de reflexão inter-confessionais, de trabalhos conjuntos para a promoção humana, a defesa dos direitos humanos e a construção da justiça e da paz (Cf. DP, 1107), elementos negativos são, por sua vez, apontados como a desconfiança para o ecumenismo, o proselitismo e tendências alienantes entre outros:

Persistem, contudo, em muitos cristãos a ignorância ou desconfiança com respeito ao ecumenismo. Desconfiança que, em nossas comunidades, se origina em grande parte do proselitismo, sério obstáculo para o verdadeiro ecumenismo. Outro fato negativo com respeito a este é a existência de tendências alienantes em alguns movimentos religiosos, que apartam o homem do seu compromisso para com instrumentalizações políticas que desvirtuam o caráter do diálogo (DP, 1108).

O Documento de Puebla vê o diálogo como comunhão e participação, fazendo uma chamada para “incrementar o diálogo ecumênico” (Cf. DP, 1096) entre os cristãos não-católicos, os não-cristãos e os não crentes (Cf. DP, 1098). Embora o Continente tenha sido evangelizado pela fé católica, o que lhe deu um traço de “identidade”, há o reconhecimento do “crescente pluralismo religioso e ideológico” (DP, 1099). Apesar das muitas dificuldades “o diálogo sempre tem um caráter de testemunho, dentro do máximo respeito à pessoa e à identidade do interlocutor (..) Não se pode pregar Cristo dividido” (DP, 1114). Ao tratar da situação no campo religioso, atravessado por

crescente pluralismo, Puebla assinalava ainda a emergência de “movimentos religiosos livres ou, como são conhecidos popularmente de ‘seitas’, alguns dos quais se mantêm nos limites da profissão de fé basicamente; outros, porém, não podem ser considerados como tais” (DP, 1102) e concluía, mais adiante, numa avaliação matizada:

Os ‘movimentos religiosos livres’ manifestam não raro desejo de comunhão, de participação, de liturgia vivida que se devem levar em consideração. Não podemos ignorar, contudo, no tocante a estes grupos, proselitismos muito acentuados, fundamentalismo bíblico e literalismo escrito com respeito às suas doutrinas (DP, 1110).

O documento não deixa de fazer uma apologia em defesa da fé católica. Ao analisar a realidade eclesial, parte para a defensiva diante do secularismo, do ateísmo, do marxismo, das mudanças culturais e da urbanização do Continente.

Muitas seitas se têm mostrado clara e pertinazmente não só anticatólicas, mas até injustas contra a Igreja e têm procurado minar seus membros menos esclarecidos. (...) devemos confessar que, em grande parte, até determinados setores da Igreja, uma falsa interpretação do pluralismo religioso permitiu a propagação de doutrinas errôneas e discutíveis sobre a fé e a moral, produzindo confusão no povo de Deus. (DP, 80)

Referindo-se ao Catolicismo popular, as preocupações aumentam. Para evitar qualquer desvio o texto vai expor as verdades da doutrina Católica (DP, 1120). O catolicismo popular é uma religião voltada para a vida cotidiana, uma religião prática baseada principalmente na execução de promessas e na realização de festas aos santos. Por isso deve ser purificada, e é vista com ressalva pelos bispos. Deve-se privilegiar “a promoção da dignidade do homem, a libertação de todas as servidões e idolatrias” (DP, 344); e “a redenção integral das culturas, antigas e novas, do nosso Continente tendo em conta a religiosidade de nossos povos” (DP, 343). Há uma religiosidade popular devocional que a Igreja Católica considera secundária e perigosa dando em tudo valor principal ao secundário, e vice-versa. Trata-se, sobretudo da devoção aos Santos, dos quais se esperam vantagens materiais e soluções para os problemas. Esse tipo de religiosidade deve ser purificada. Há “necessidade de evangelizar e catequizar adequadamente a grande maioria que foi batizada e que vive um catolicismo popular debilitado” (DP, 461). Mas Puebla, não quer acabar com ela, seria um meio para manter os católicos. Por isso, convida a “favorecer, reformular e assumir as expressões religiosas populares com participação de grandes massas pela força evangelizadora que possuem” (DP, 467). E ainda acrescenta: “se a Igreja não reinterpretar a religião do

povo latino-americano, se dará um vazio que será ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados...” (DP, 469).

2.4.4 Santo Domingo, A nova Evangelização e a inculturação

A Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino Americano teve lugar em Santo Domingo, na República Dominicana, de 12 a 28 de outubro de 1992. O tema da Conferência foi: “Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã”. Também se celebrava o V Centenário do início da evangelização da América Latina. Participavam apenas três observadores das Igrejas Cristãs, que em um momento ameaçaram abandonar a Conferência. No discurso inaugural, o Papa João Paulo II nem menciona, nem saúda os observadores, que se sentem chamados de lobos vorazes, identificados com as “seitas”, que ameaçavam o rebanho católico. (BEOZZO, 2007:35)

A Conferência representou uma espécie de balanço da ação evangelizadora. Segundo Beozzo (1994: 309), se esforçaram por controlar a Conferência a partir do veto formal ao uso da metodologia tradicional do ver-julgar-agir. Em torno desta conferência, muitas foram as análises críticas feitas à ação do cristianismo na América Latina nos cinco séculos. O cristianismo reconheceu sua parcela de responsabilidade pela situação de opressão, pobreza e injustiça, que marca a realidade latino-americana. O cristianismo não foi suficientemente cristão. Por isso, renovou-se nesta Conferência a vontade de se contribuir para a construção de uma sociedade mais marcada pelos valores cristãos. Assim, três expressões ficaram como que marcas registradas da Conferência de Santo Domingo:

A nova evangelização, não é nova apenas em seu conteúdo, mas também em sua forma e em seu ardor. Esta nova forma de evangelizar não deveria de repetir os erros do passado e deveria tentar atingir os católicos nominais do Continente.

A promoção humana é vista seguindo as opções feitas já na Conferência anterior, esta amplia o leque, apontando novos desafios a serem assumidos preferencialmente. Assim, fala-se novamente da questão da pobreza, mas também dos direitos humanos, da ecologia, da terra, da democracia, de uma nova ordem econômica. Em suma, a promoção humana, em seus muitos aspectos, foi destacada como uma dimensão privilegiada da nova evangelização.

A cultura cristã pensada na inculturação, que foi fortemente abordada na Conferência. É necessário que a ação da Igreja, por um lado, leve em consideração a

diversidade cultural e suas riquezas. A contribuição das culturas indígenas, afro-americanas e mestiças foram especialmente destacadas. A riqueza da pluralidade cultural foi reconhecida. Neste contexto, a conferência chama a atenção para a importância da consciência da ação da Igreja em entrar nestas culturas, da importância da evangelização inculturada e da contribuição desta para a construção de uma cultura verdadeiramente cristã.

No documento final de Santo Domingo (SD), aparece a preocupação com as “seitas” e com o proselitistas na América Latina, o que tem levado a uma crise demográfica a Igreja Católica perante o pluralismo religioso.

O grande desafio que nos defrontamos é essa divisão entre cristãos; divisão que se agravou por diversos motivos ao longo da história; a existência de uma confusão sobre este tema, fruto de uma deficiente formação religiosa e de outros fatores. O fundamentalismo proselitista de grupos sectários que dificultam o são caminho do ecumenismo. (SD, 133).

Para combater o problema, são apresentadas propostas pastorais concretas e práticas, mostrando um contraste entre o trato morno da tarefa ecumênica e a ênfase na temática das “seitas”: “a presença dessas seitas religiosas fundamentalistas na América Latina aumentou de maneira extraordinária de Puebla aos nossos dias” (SD, 140). Prosseguia, ainda, o documento: “o problema das seitas adquiriu proporções dramáticas e chega a ser verdadeiramente preocupante, sobretudo pelo crescente proselitismo”. Todo o texto do número 140 de Santo Domingo é dedicado a caracterizar estes grupos religiosos, sua forma de atuar e sua doutrina, descrevendo-se então o desafio pastoral para a Igreja Católica:

Dar uma resposta pastoral eficaz ante o avanço das seitas, tornando mais presente a ação evangelizadora da Igreja nos setores mais vulneráveis, como migrantes, populações sem atenção sacerdotal e com grande ignorância religiosa, pessoas simples ou com problemas materiais e familiares (SD, 141).

Como tática defensiva frente ao avanço do pentecostalismo, ou “seitas” os bispos convidam ao uso dos meios de comunicação, especialmente a televisão para defender os católicos das “seitas” (Cf. SD, 280) e de uma leitura fundamentalista da Palavra de Deus:

...Cresce o interesse pela Bíblia, que exige uma pastoral bíblica adequada que dê aos fiéis leigos critérios para responder às instituições de uma interpretação fundamentalista ou de um afastamento de vida na Igreja para refugiar-se nas seitas (SD, 38).

Com a preocupação de responder ao desafio da perda de fieis da Igreja Católica, os bispos identificam os tipos de religiões, os cultos, os grupos sincréticos para-cristãos ou semi-cristãos, como testemunhas de Jeová e Mormos, os quais manifestam um proselitismo e milenarismo na América Latina. As formas esotéricas, as filosofias e cultos com facetas orientais tais como Hare Krishna, Luz Divina entre outros. As religiões asiáticas como o budismo e o hinduísmo. Finalmente, uma multidão de centros de “cura divina”. (Cf. SD, 147). O texto pede para centrar-se sobre “a causa de seu crescimento e os desafios pastorais que levantam” (SD, 148). Também o Papa João Paulo II apresentava como proposta, diante dos desafios da modernidade e pós-modernidade, a nova evangelização, que os bispos assumem no Documento como resposta as mudanças:

A nova evangelização tem como finalidade formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos, provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade. Há de ter em conta a urbanização, a pobreza e a marginalização. Nossa situação está marcada pelo materialismo, a cultura da morte, a invasão de seitas e propostas religiosas de diversas origens (SD 26).

Santo Domingo apresenta, por fim, uma série de recomendações pastorais para poder reverter o processo de perda de fiéis:

Que a Igreja seja cada vez mais comunitária e participativa, e com comunidades eclesiais, grupos de famílias, círculos bíblicos, movimentos e associações eclesiais, fazendo da paróquia uma comunidade de comunidades (SD 142).

A preocupação do ecumenismo ou diálogo inter-religioso é periférica, aparece mais como apologia defensiva: “o problema das seitas adquiriu proporções dramáticas e chaga a ser verdadeiramente preocupante, sobretudo pelo crescimento do proselitismo” (SD, 139). O Documento, embora assuma como prioridade pastoral do ecumenismo e faça algumas propostas e linhas pastorais com relação ao tema, a pastoral não é pouco mencionada (Cf. SD, 135). Podemos concluir que a Conferência de Santo Domingo foi muito defensiva da tradição da fé na “nova evangelização” não deixou, no campo específico do ecumenismo, boa memória. O documento insiste várias vezes, de diferentes maneiras e formas a necessidade de enfrentar as “seitas” como parte estratégia da defesa da Fé.

2.4.5 Aparecida, a missão continental permanente

A V Conferência de Aparecida aconteceu de 13 a 31 de maio de 2007, na cidade de Aparecida do Norte (SP)⁶³. O tema central foi “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele todos os povos tenham vida - ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’”. Seguindo a tradição das Conferências anteriores, conto com a presença do Papa Bento XVI na abertura.

De acordo com Clódovis Boff (2007:5), a Igreja Católica e o próprio Papa olham para América Latina e Caribe com olhos diferentes. Primeiro por estamos no “maior Continente católico do mundo”. Aliás, é o único Continente considerado, ainda, como católico. Os católicos são 86,5% da população total. Comparando com a Europa, apesar de vir em segundo lugar, conta com menos da metade de nosso contingente: 40,5%. Também, constitui a “grande reserva” de fiéis da Igreja Católica: nada menos que 45%, isto é, quase metade dos católicos do mundo estão aqui; se incluirmos os EUA e Canadá, são mais de 50%. Comparando, a Europa só conta com 26%, uma quarta parte dos católicos do mundo. Finalmente, de acordo com os números, dos sete maiores países católicos do mundo, quatro estão no nosso Continente, o Brasil é o maior, com mais de 130 milhões de católicos, o que significa segundo o censo 73,8% da população católica. O México, está na segunda posição, com 90 milhões; a Colômbia, na sexta posição, com 40 milhões e a Argentina, na sétima posição, com 35 milhões de católicos.

Também, Clódovis Boff, (2007:8) aponta algumas deficiências da Igreja Católica no nosso Continente da América Latina: há um catolicismo popular pouco sólido, se desagregando pelas bordas, em virtude do secularismo e do proselitismo das “seitas”. A piedade popular precisa ser mais evangelizada, mais catequizada e, sobretudo, mais experienciada. O laicato é pouco influente no campo social, sem uma fé explicitamente assumida e testemunhada. A Igreja carece de um laicato que vista para valer a “camisa católica”, especialmente nas áreas política e cultural. O clero é ainda escasso e não consegue dar conta da demanda religiosa dos fiéis, que, desassistidos, se secularizam ou vão geralmente para as igrejas pentecostais. O clero precisa melhorar, e muito, primeiro, em qualidade espiritual, depois, também em nível cultural e, enfim, em

⁶³ A Conferência de Aparecida foi convocada pelo Papa Bento XVI, após ouvir a Dom Cláudio Hummes sobre a perda de fiéis da Igreja Católica no Brasil, motivo, talvez para escolher a cidade mariana de Aparecida. Mesmo depois da proposta de “uma só Igreja e uma só América”, apresentada por João Paulo II no Sínodo Continental da América, em 1997. (Cf. VALENTINI, http://www.diocesedejales.org.br/palavradobispo/palavradobispo_detalhes.asp?id=370 Acesso 27.11.07 .

presença social. A imagem da Igreja Católica cresce na mídia. Contudo, a mídia católica é ainda muito fraca comparada com a dos Pentecostais e, mais ainda, com a mídia secular. A Pastoral é por demais extrovertida, tarefaira, ativista. Pratica-se uma eclesiologia “pastoralista”, que põe em risco a identidade espiritual e mesmo a qualidade do trabalho apostólico. Paradoxalmente, o “ponto forte” é o “ponto fraco”, isto é, o “comprometer-se no social” corre o risco de “comprometer o espiritual”. A pastoral necessita, em sua raiz, de uma espiritualidade sólida e bem nutrida, e não apenas de uma espiritualidade “funcional”. Os sinais desse “déficit espiritual” são inúmeros. A V Conferência teve como pano de fundo essa realidade, à qual os bispos tentaram dar uma resposta adequada e responder aos desafios da Igreja Católica no Continente Latino Americano e no Caribe.

A visita do Papa Bento XVI ao Brasil, de 9 a 13 de maio, teve vários eventos com os católicos, como o encontro com a juventude, a canonização de Frei Antônio Galvão em São Paulo, primeiro santo nascido no Brasil. O encontro, na Fazenda da Esperança e finalmente, o ponto que representa a finalidade primária da viagem, o encontro com os bispos que participam na V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e no Caribe.

O Papa Bento XVI, na entrevista que concedeu aos jornalistas durante o voo que o trouxe de Roma para São Paulo em 9 de maio de 2007, respondeu a diferentes tipos de perguntas de temas como o aborto, a teologia da libertação, a morte de Dom Romero, a política e as “seitas” na América Latina. Ao responder a um jornalista sobre a dramática crise da fé: “teologia da libertação foi substituída pela teologia das “seitas protestantes”, que prometem fáceis paraísos da fé; e a Igreja Católica está a perder fiéis. Como conter esta hemorragia dos fiéis católicos?” O Papa respondeu

Esta é a nossa preocupação comum. Precisamente nesta V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, desejamos encontrar respostas convincentes, e já se está a trabalhar em favor disto. O sucesso das seitas demonstra, por um lado, que há uma difundida sede de Deus, uma sede de religião; as pessoas querem estar próximas de Deus e procuram entrar em contacto com Ele. E naturalmente, por outro, aceitam também quem se apresenta a prometer soluções para os seus problemas de vida diária. Nós, como Igreja Católica, temos o dever de praticar precisamente aquela que é a finalidade da V Conferência, ou seja, ser mais missionários e, portanto, mais dinâmicos, oferecendo respostas à sede de Deus, estar conscientes de que as pessoas, e também precisamente os pobres, querem estar próximos de Deus. Estamos conscientes de que, juntamente com esta resposta à sede de Deus, devemos ajudá-los a encontrar as condições de vida justas, quer a nível microeconómico, nas situações extremamente concretas como fazem as seitas,

quer no plano macroeconômico, pensando inclusive em todas as exigências da justiça. (BENTO, XVI)⁶⁴.

Durante o encontro particular com os bispos do Brasil, na tarde do dia 11 de maio de 2007, na Catedral da Sé, Arquidiocese de São Paulo, a fazer o discurso como chefe da Igreja, o Papa Bento XVI chamou a atenção do episcopado brasileiro para vários assuntos, como a família, os sacramentos e para não deixarem “seitas evangélicas” avançarem. O Brasil tem um número considerável de católicos, mas está perdendo fieis constantemente, por isso convoca para uma missão evangelizadora que congregue todas as forças vivas do imenso rebanho:

Entre os problemas que afligem a vossa solicitude pastoral está, sem dúvida, a questão dos católicos que abandonam a vida eclesial. Parece claro que a causa principal, dentre outras, deste problema, possa ser atribuída à falta de uma evangelização em que Cristo e a sua Igreja estejam no centro de toda explanação. As pessoas mais vulneráveis ao proselitismo agressivo das seitas - que é motivo de justa preocupação - e incapazes de resistir às investidas do agnosticismo, do relativismo e do laicismo são geralmente os batizados não suficientemente evangelizados, facilmente influenciáveis porque possuem uma fé fragilizada e, por vezes, confusa, vacilante e ingênua, embora conservem uma religiosidade inata (BENTO XVI).

A preocupação principal, de acordo com o Papa é manter o número de féis dentro do catolicismo e reverter o êxodo para outras Igrejas ou “seitas”. Para que isso aconteça, será necessário Evangelizar indo aos católicos afastados, fazendo uma catequese permanente e realizando uma pastoral da acolhida:

.... É necessário, portanto, encaminhar a atividade apostólica como uma verdadeira missão dentro do rebanho que constitui a Igreja Católica no Brasil, promovendo uma evangelização metódica e capilar em vista de uma adesão pessoal e comunitária a Cristo. Trata-se efetivamente de não poupar esforços na busca dos católicos afastados e daqueles que pouco ou nada conhecem sobre Jesus Cristo, através de uma pastoral da acolhida que os ajude a sentir a Igreja como lugar privilegiado do encontro com Deus e mediante um itinerário catequético permanente. (BENTO, XVI)⁶⁵.

Na abertura da Assembléia de Aparecida, domingo, 13 de maio de 2007, Bento XVI, profere os trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. O Papa confirma a Conferência como continuidade das anteriores, mostra a preocupação com os problemas do Continente, como o relativismo, o hedonismo, o secularismo, o indiferentismo e o proselitismo:

⁶⁴ <http://www.presbiteros.com.br/papa/entrevistajornalistasvooBrasil.htm> Acesso 12.11.07

⁶⁵ <http://www.presbiteros.com.br/papa/DiscursoCatedralSe.htm> Acesso 12.11.07

Nas Comunidades Eclesiais da América Latina é notável a maturidade na fé de muitos leigos e leigas ativos e entregues ao Senhor, junto com a presença de muitos abnegados catequistas, de tantos jovens, de novos movimentos eclesiais e de recentes Institutos de vida consagrada. Demonstram-se fundamentais muitas obras católicas educativas, assistenciais e hospitalares. Percebe-se, contudo, um certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica, devido ao secularismo, ao hedonismo, ao indiferentismo e ao proselitismo de numerosas seitas, de religiões animistas e de novas expressões pseudo-religiosas. (BENTO, XVI⁶⁶).

Acreditamos que a *identidade católica* se vê questionada e desgastada em muitos membros da Igreja, especialmente pela ausência de uma autêntica formação cristã. Este desafio irá exigir uma reflexão sobre a identidade do discípulo, sua formação na atual sociedade, sua participação na comunidade eclesial e suas práticas próprias na família e na sociedade. Sem dúvida, boa parte do Documento de Aparecida vai ao encontro destas preocupações de Bento XVI, que também eram as mesmas de muitos bispos participantes.

O tema desta V Conferência “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele nossos povos tenham vida”. Acreditamos que foi uma escolha muito acertada do Papa Bento XVI, perante o avanço pentecostal na América Latina e de maneira clara no Brasil. O texto apresenta uma preocupação diante da diversidade religiosa, porém, no Documento de Aparecida (DA) foi suprimida a palavra “seita” para referir-se aos pentecostais e grupos religiosos. Na assembléia estava também em jogo o futuro da fé católica no Continente. Os bispos não queriam que acontecesse na América Latina, o mesmo que aconteceu com o Cristianismo na Europa ou na América do Norte. O Papa e a cúria Romana conhecem bem essa realidade.

O documento aponta várias sombras no Continente como: “o crescimento porcentual da Igreja não segue o mesmo ritmo que o crescimento populacional” (DA, 100a); também, “percebe-se certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica” (DA, 100b); “alguns católicos têm se afastado do Evangelho” (DA, 100h); o que leva os bispos a ter a: “preocupação, por um lado, que numerosas pessoas perdem o sentido transcendental de suas vidas e abandonam as práticas religiosas; por outro lado, que significativo número de católicos estão abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos” (DA, 100f). Essas mudanças levaram para o pluralismo religioso e sua vez a necessidade do desafiante

⁶⁶ <http://www.presbiteros.com.br/papa/DiscursoAparecida.htm> Acesso 12.11.07

diálogo, que “muitas vezes não é fácil o diálogo ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência” (DA, 100g).

Ainda, dentro do novo pluralismo religioso no Continente, “não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes dos que fazem parte grande diversidade de grupos cristãos, que se têm instalado entre nós” (DA, 100g). Inclusive, existe um “êxodo de fiéis para as seitas e outros grupos religiosos; as correntes contrárias a Cristo e à Igreja Católica” (DA, 185). Porém, os que deixam a Igreja para se unir a diferentes grupos religiosos, têm uma sincera busca da transcendência, que muitas vezes não têm encontrado no catolicismo:

Segundo nossa experiência pastoral, muitas vezes a pessoa sincera que sai da nossa Igreja não o faz pelo que os grupos ‘não-católicos’ crêem, mas fundamentalmente por causa de que como eles vivem; não por razões doutrinárias, mas por vivências; não por motivos estritamente dogmáticos, mas pastorais; não por problemas teológicos, mas metodológicos. Esperam encontrar respostas a suas inquietações. Procuram aspirações que, quem sabe, não têm encontrado, como deveria ser, na Igreja (DA, 225).

A preocupação principal é primeiramente ir até os cristãos de tradição ou não praticantes, os quais são os alvos mais fáceis para abandonar a Igreja. “São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical, nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial”. (DA, 286). É preciso organizar os leigos das paróquias, dar-lhes uma formação básica sobre o kerigma evangélico e, com uma metodologia missionária adequada, enviá-los a visitar as famílias, sobretudo os que não participam de nada, os que estão nas periferias pobres.

A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas as nossas paróquias se tornem missionárias. O número de católicos que chegam à nossa celebração dominical é limitado; é imenso o número dos distanciados, assim como o número daqueles que não conhecem a Cristo. A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural (DA, 173)

Acreditamos que o Documento Conclusivo de Aparecida (DA) para atender os católicos afastados é bastante ambicioso ao propor a missão permanente e continental. Os bispos afirmam: “assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente” (Cf. DA, 362). Trata-se de nada menos do que uma inversão radical do

sistema eclesiástico. Historicamente, a Igreja foi mais de manutenção e menos de Missão. Os bispos lançaram o projeto da “Missão Continental Permanente”, mas agora o primeiro problema consiste em convencer o próprio CELAM, as dioceses e o clero.

Esse despertar missionário, na forma de Missão Continental, cujas linhas foram examinadas por nossa Conferência (...) exigirá a decidida colaboração das Conferências Episcopais e de cada diocese em particular. Procurará colocar em estado permanente de missão... (DA, 551)

Segundo José Comblin (2008:4), “a presente geração não está preparada para essa inversão das suas tarefas”. Acreditamos que, talvez, “vai ser necessário mudar radicalmente a formação e preparar novas gerações sacerdotais bem diferentes da atual”. Fazer com que toda a Igreja seja missionária é uma tarefa gigantesca e difícil. Para que isso aconteça, “a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.” (DA, 370). Também, a formação dos futuros padres nos seminários e a formação permanente do clero devera ser assumida como tarefa urgente para o despertar do espírito missionário.

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais, todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé (DA, 365).

Os párocos e agentes de pastoral devem viver “num constante anseio de buscar os afastados e não se contentar com a simples administração” (DA, 201). “A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas as nossas paróquias se tornem missionárias” (DA,173). De fato, “todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização de homens e mulheres em cada ambiente” (DA,171). Para isso, devem as paróquias “reformular suas estruturas para que sejam uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articularem para que seus participantes se sintam e sejam, realmente, em comunhão, discípulos e missionários de Jesus Cristo” (DA, 172).

Para o teólogo José Comblin (2008:10) é surpreendente o “silêncio quase total sobre os movimentos pentecostais”. Entre tanto, acreditamos que esteja presente de maneira indireta. Há apenas uma pequena alusão direta (Cf. DA. 100g). No entanto, o pentecostalismo está em expansão e o catolicismo se vê ameaçado por esse fenômeno. As diferentes pesquisas e censos mostram que muitos católicos deixam constantemente

a Igreja para integrar uma comunidade pentecostal; inclusive, há alguns lugares pobres em que os pentecostais são mais numerosos que os católicos. Neste sentido Dom Cláudio Hummes⁶⁷, Prefeito da Congregação para o Clero, recomenda:

É preciso ouvir as pessoas que tanto têm a nos dizer sobre seus sofrimentos e misérias, suas alegrias e aspirações, depois rezar com elas, anunciar-lhes de novo a pessoa de Jesus Cristo e conduzi-las a fazer um forte encontro pessoal e comunitário com Cristo, para despertar a adesão pessoal a Ele e assim tornarem-se seus discípulos. Nosso povo precisa sentir mais o calor e a proximidade de sua Igreja. Ao mesmo tempo, será preciso exercer uma solidariedade concreta e eficaz para com os pobres, pois evangelização e promoção humana não podem separar-se (HUMMES).

Na reta final da V Assembléia, Dom Cláudio Hummes, em entrevista aos jornalistas⁶⁸, ressaltou o chamado do Santo Padre quanto à necessidade de uma missão evangelizadora que envolva a Igreja Católica. Neste caso, de maneira particular o Continente latino-americano e o Caribe, convocando todas as forças vivas e preparando todos os batizados como verdadeiros discípulos de Cristo. Para o cardeal esta “Missão Permanente” implica toda uma atitude de escuta.

Ouvir as pessoas. Que elas sintam que são levadas em conta, que são amadas, que sejam reconhecidas para logo dar o passo para o diálogo, a leitura do evangelho, a oração, a fim de encontrar saídas para suas perguntas e suas necessidades espirituais e materiais... Não se trata só de levar doutrina, trata-se de levar vivências, estilos de vida e exemplos. A missão buscará chegar a todos os níveis sociais. Temos que marcar presença nos ambientes profissionais, acadêmicos; nos setores de educação, saúde, economia, cultura, política, os meios de comunicação etc. As visitas domiciliares serão um método, mas não o único. As Comunidades Eclesiais de Base são muitas, são uma grande realização da Igreja da América Latina. Sofreram uma crise, mas continuam contribuindo... não podem perder-se, devem ser fortalecidas⁶⁹.

O cardeal destacou a importância de uma grande missão continental para ir em busca dos católicos pouco evangelizados ou afastados, não de uma forma proselitista nem anti-ecumênica, pois se trata daqueles que já foram batizados, conseqüentemente, esta missão exigirá uma mudança na vida de todos os agentes pastorais. Não obstante, indicou: “A visão da missão e o espírito missionário devem ser assumidos primeiramente pelos sacerdotes e religiosos”. Acrescentou, na mesma entrevista:

Esta grande Missão Continental deve nascer de nossa abertura ao impulso do Espírito Santo e assim constituir-se em um novo Pentecostes. Por isso, ela exigirá a decidida ação das Conferências Episcopais, das dioceses, das

⁶⁷ <http://br.celam.info/content/view/255/25/> Acesso 25/05/07.

⁶⁸ Entrevista coincida por Dom Cláudio Hummes aos jornalistas em Aparecida o dia 25 de Maio de 2007.

⁶⁹ <http://br.celam.info/content/view/255/25/> Acesso 25/05/07.

paróquias e de todas as formas de associação dos fiéis. Os planos de pastoral destes vários níveis eclesiais necessitarão assumir a missão e colocá-la no centro.

Ainda, de acordo com Dom Cláudio Hummes, a Missão não tem término, pois a tarefa da evangelização não acaba. Cabe esperar que se aproveitem alguns momentos fortes daqui até a futura VI Conferência. O cardeal admite que "os católicos, na sua maioria, não participam das suas comunidades e buscam outras crenças e igrejas". Hummes reforça que há um grande número de católicos batizados no Continente e que eles precisam encontrar espaço na Igreja. "Nós os batizamos e eles têm o direito de que nós os busquemos", ressalta. Justifica também que a diversidade de crenças e religiões agregando os católicos é o que motiva a grande missão. "A esperança é que essa missão possa responder a grande demanda de católicos". Seria mobilizar toda a Igreja Católica e do Caribe num grande esforço evangelizador, convidando todos os católicos para que assumam o papel de discípulos (as) e missionários (as) de Jesus Cristo. Concretamente, seria sair de porta em porta, ouvir as pessoas, rezar e ler a Bíblia nas casas, se tiverem abandonado a religião convidá-los a viver sua fé. (Cf. FRANCO, 2007:4)

Em relação ao ecumenismo, há um chamado da V Conferência para que as Conferências Episcopais se empenhem na promoção da unidade entre os cristãos.

Em nosso contexto, o surgimento de novos grupos religiosos, além da tendência a confundir o ecumenismo com o diálogo inter-religioso, tem causado obstáculos na conquista de maiores frutos no diálogo ecumênico. Por isso mesmo, incentivamos os ministros ordenados, os leigos e a vida consagrada a participarem de organismos ecumênicos com cuidadosa preparação e esmerado seguimento dos pastores, e realizarem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social. (...) Esperamos que a promoção da unidade dos cristãos, assumida pelas Conferências Episcopais, se consolide e frutifique sob a luz do Espírito Santo. (DA 232)

Este chamado para as Conferências Episcopais, tem sua razão de ser, segundo José Beozzo (2007:63), embora várias dentre elas se apliquem, na prática, a estabelecer relações mais estreitas com as demais Igrejas cristãs e a empreender iniciativas comuns como a celebração da Semana de Orações pela Unidade dos Cristãos, apenas as Conferências Episcopais do Brasil, da Argentina e do Caribe inglês estão integradas em organismos nacionais ecumênicos. A do Caribe inglês integra o *Caribbean Council of Churches*⁷⁰, na Argentina toma parte num Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. As outras 19 Conferências Episcopais não participam, até agora, de maneira institucional e

⁷⁰ Conselho Caribenho de Igrejas, o CCC.

estável, de algum organismo nacional que congregue outras Igrejas cristãs, salvo desconhecimento de nossa parte.

É interessante notar como mudam as ênfases, ao se colocar em jogo a dimensão ecumênica cujo referencial maior é a única Igreja de Jesus Cristo. O acento desloca-se imediatamente para a fé comum em Jesus Cristo, como Salvador e Senhor e para o sacramento do batismo. Segundo Beozzo, (2007:64) esta ênfase batismal abre os parágrafos da seção dedicada ao diálogo ecumênico no documento de Aparecida, vinculando-a a vocação e missão do discípulo missionário:

A relação com os irmãos e irmãs batizados de outras Igrejas e comunidades eclesiais é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário, pois a falta de unidade representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste” (Jo 17,21) (DA, 227).

A Conferência de Aparecida, seguindo a tradição da Igreja Católica nos últimos anos, convida para eventos importantes, observadores das Igrejas Evangélicas⁷¹. A V Conferência, fez um gesto corajoso ao convidar um representante das igrejas pentecostais,⁷² e não apenas membros das Igrejas saídas da Reforma protestante. Talvez, reconhecendo que hoje o pentecostalismo é uma nova forma de se viver a experiência cristã, diferente da tradição oriental, da tradição ocidental representada pelo rito latino na Igreja Católica e da tradição da Reforma protestante. O pentecostalismo que nasceu no século XX, hoje congrega cerca de 500 milhões de seguidores no mundo todo, ou seja, um quarto de todos os cristãos. (Cf. BEOZZO, 2007:42).

Infelizmente, afirma Oscar Beozzo (2007:43), a pedra de tropeço no diálogo ecumênico, tanto para Igreja Católica, como para as Igrejas saídas mais diretamente da reforma protestante, luteranos, reformados, anglicanos, metodistas e outros, têm sido o diálogo com o mundo pentecostal. O gesto corajoso de Aparecida de convidar um

⁷¹ Observadores não Católicos participantes da V Conferência de Aparecida: **Patriarcado Ecumênico de Constantinopla** S.E. Mons. Tarasios - Arcebispo Grego Ortodoxo de Buenos Aires e da América do Sul – Argentina. **Anglicanos:** S.G. Mons. Dixel Wellington Gómez - Arcebispo da Província das Índias Ocidentais (West Indies) e bispo das Bahamas e das Ilhas Turku e Caicos – Bahamas. **Luteranos:** Pastor Dr. Walter Altmann - Presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) - Moderador do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas – Brasil. **Metodistas:** Pastor Dr. Néstor Oscar Miguez - Professor Titular de Bíblia e Teologia sistemática – ISEDET – Argentina. **Pentecostais:** Pastor Dr. Juan Sepúlveda - Igreja Missão Pentecostal – Chile. **Presbiterianos:** Pastora Dra. Ofélia Ortega - Presbiteriana, Co-Presidenta do Conselho Mundial de Igrejas – Nicarágua e Cuba. **Batistas:** Pastor Harold Segura - Presidente de la União Batista Latino-americana – USA. **Comunidade Israelita do Continente Latino-Americano:** Rabino Henry Sobel – Brasil. (BEOZZO, 2007:41-42).

⁷² Trata-se do pastor Dr. Juan Sepúlveda - Igreja Missão Pentecostal - do Chile.

pentecostal para participar da V Conferência, deixando consignado no seu documento final esta presença positiva e este primeiro passo para estabelecer caminhos de diálogo e cooperação, teve seu registro suprimido, de maneira obtusa e equivocada, no Documento oficial. É uma perda significativa, a supressão desta pequena frase que apontava para um passo novo e, decisivo para a caminhada ecumênica no Continente: estabelecer relações de mútuo respeito, aprendizado e cooperação ecumênica com o mundo pentecostal.

Nesta nova etapa evangelizadora, queremos que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado e missão em comunhão. Cabe observar que, onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum. ***Um passo nessa direção é o encontro com interlocutores pentecostais responsáveis e fraternos que compartilham a estima, a oração e o estudo***⁷³. (DA, 233)

O Documento de Aparecida volta para a temática do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, com algumas ênfases próprias da realidade latino-americana e caribenha, como o necessário trabalho comum em favor da justiça e da solidariedade, frente à exclusão e marginalização que afetam grandes majorias da população no Continente (Cf. DA, 401); a constatação de que nem todas as Igrejas locais desenvolveram o diálogo ecumênico, enquanto outras criaram escolas de ecumenismo ou estabeleceram colaboração ecumênica em assuntos sociais e noutras iniciativas (Cf. DA, 99g). De modo especial, o amplo reconhecimento da realidade dos povos indígenas do Continente e do seu renascimento cultural e religioso; de sua demanda por um cristianismo respeitoso de suas tradições espirituais, disposto a com elas dialogar e a aprofundar o processo de inculturação, abriu um capítulo desafiador. Este tem a ver tanto com questões relativos ao diálogo inter-religioso quanto com as da inculturação do evangelho e da Igreja (Cf. DA 529-531).

As contribuições ecumênicas em Aparecida foram bastante positivas, em primeiro lugar, pela intensa e rica interação que a direção da V Conferência soube propiciar entre os seus delegados e os observadores convidados de outras Igrejas cristãs e do judaísmo. Muito positivo igualmente pelo empenho dos observadores em prestar sua colaboração de modo generoso e aberto, intervindo na assembléia, dialogando nos

⁷³ O trecho em negrito e itálico presente na quarta redação aprovada pelos bispos delegados à V Conferência foi lamentavelmente suprimido da versão oficial do Documento de Aparecida.

corredores e nas refeições e contribuindo diretamente para a elaboração do Documento final nas diversas comissões em que participaram (BEOZZO, 2007:66-67).

Houve um maior número de convidados não-católicos em relação às Conferências anteriores, com exceção da de Medellín, cobrindo melhor a diversidade das famílias confessionais presentes no Continente: a oriental ortodoxa, a luterana, a anglicana, a reformada, a batista e a pentecostal. Teve a inclusão, pela primeira vez de uma mulher, com o convite à cubana Dra. Ofélia Ortega, uma das co-presidentes do Conselho Mundial de Igrejas. O convite, também por primeira vez, de uma pessoa da tradição pentecostal, o Pastor Juan Sepúlveda da Igreja Missão Pentecostal do Chile, representando a tradição cristã que reúne, nos dias de hoje, mais de 80% do mundo evangélico latino-americano e caribenho. A diminuição do uso da linguagem agressiva “seitas” que havia predominado nas Conferências anteriores e no Documento de Síntese e nas falas dos primeiros dias⁷⁴. (Cf. BEOZZO, 2007:67-70).

2.5 O discurso da Igreja do Brasil diante da crise demográfica

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é organismo oficial que representa as posições da Igreja Católica no Brasil. A CNBB foi fundada em outubro de 1952, no Rio de Janeiro, teve como inspirador Dom Helder Câmara, na época bispo auxiliar do Rio de Janeiro. A CNBB se destaca pelo seu planejamento pastoral sistemático, que começou em abril de 1962 com o chamado “Plano de Emergência” como preparação dos bispos brasileiros para o Vaticano II; depois com um “Plano Quinquenal” (1966-1970) que tinha como objetivo principal criar condições para aplicação do Concílio Vaticano II no Brasil; a partir de 1971, os bispos decidiram não ter planos, mas apenas “Diretrizes Gerais de Ação Evangelizadora” e planos bienais. (LORSCHIEDER, 2002:25-26). Segundo Dom Aloísio Lorscheider (2002:30), um dos objetivos da CNBB é “intensificar o diálogo ecumênico e inter-religioso, não obstante a reserva de grupos cristãos e outros alheios a qualquer tipo de dialogo com receio de que

⁷⁴ Acerca dos cuidados com a linguagem nas relações ecumênicas, vejam-se as reflexões de Harold Segura: “*Los ‘de la Reforma’ hemos estado atentos, sobre todo, a lo que dice el nuevo documento acerca del diálogo y la cooperación ecuménica y a los nuevos términos que se usarán para referirse a nuestras comunidades. Esperamos, por ejemplo, que no se hable más de ‘sectas protestantes’, ni de ‘proselitismo protestante’ o cosa parecida a la que escuchamos el primer día de la Conferencia. Es, como dije un día de estos, una ‘victoria gramatical’ que puede tener efectos muy positivos en nuestras futuras acciones pastorales. Quisiéramos un documento que abra nuevas puertas de comunión fraterna y de colaboración en el servicio. Y tengo fe que así será (¿sigo optimista?)*”. Un paso atrás y dos adelante. Aparecida, 29 de maio de 2007. (BEOZZO, 2007:67)

possam perder sua identidade”. A partir da década de 60, a CNBB, procurou concretizar as orientações do Concílio Vaticano II sobre ecumenismo, contemplando-as em suas orientações pastorais, sobretudo através das Diretrizes Gerais de Ação Pastoral.

Há também, a Campanha da Fraternidade que, desde 1964, a CNBB realiza na Quaresma. Nestes anos da Campanha podemos distinguir, quanto aos temas uma primeira fase (1964-1972), em busca da renovação da Igreja; uma segunda fase (1973-1984), a denúncia do pecado social e a promoção da Justiça Social e a terceira fase (1985 até hoje), situações existenciais do povo brasileiro. Também a partir do ano 2000, vêm sendo celebrada cada cinco anos a Campanha da Fraternidade ecumênica em conjunto com o Conselho Nacional das Igrejas do Brasil⁷⁵ (CONIC).

O CONIC foi fundado em 1982, em Porto Alegre, RS, hoje com sede em Brasília DF. Seus objetivos envolvem a promoção das relações ecumênicas entre as Igrejas Cristãs e o testemunho conjunto na defesa dos direitos humanos. As celebrações dos 25 anos de sua fundação levaram a idealizar novamente a realização ecumênica da Campanha da Fraternidade de 2005, “Felizes os que promovem a paz”. Sob a responsabilidade comum das Igrejas membros do CONIC ajudaram a reforçar a caminhada e o espírito ecumênicos no Brasil, apesar da grande tristeza e desconcerto causados pela decisão do Concílio da Igreja Metodista em julho de 2006, de que esta Igreja se retirasse do CONIC e dos demais organismos ecumênicos em que estivesse presente a Igreja Católica Romana. (BEOZZO, 2007:41).

Segundo Elias Wolff (2001:775), a CNBB, na atualidade apresenta motivações de “conquista” e de “defesa” da fé católica de maneira não explícita. Mas as igrejas nem sempre conseguem demarcar suficientemente as fronteiras entre “evangelização” e “proselitismo”, “conquista” e “defesa”. A falta de cooperação ecumênica na evangelização é sintoma das diferenças existentes na compreensão de evangelização, em seu conteúdo, finalidade e estratégias. O pentecostalismo ascendente em algumas denominações protestantes, que dificulta a abertura para o diálogo e retoma posições proselitistas, causam sérias dificuldades tanto nas relações internas ao protestantismo quanto deste com a Igreja Católica Romana.

A atitude defensiva diante perda de fiéis, por parte da Igreja Católica, para as Igrejas pentecostais aparece de maneira mais clara no documento da 34ª Assembléia

⁷⁵ O CONIC é formado por sete Igrejas: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Católica Ortodoxa Síria do Brasil, Igreja Cristã Reformada do Brasil, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil e Igreja Metodista, que infelizmente abandonou oficialmente o CONIC por discordâncias com a Igreja Católica.

Geral da CNBB em Itaiaci (SP), que aconteceu do 14 a 19 de abril de 1997, com o Projeto "Rumo ao Novo Milênio", um documento que atende ao pedido do Papa João Paulo II na Carta apostólica *Tertio millennio adveniente*, com o objetivo de convocar toda a Igreja para a preparação da celebração do Jubileu do ano 2000. Este projeto aponta claramente a preocupação pela perda do número de fiéis e a insignificância do catolicismo no cotidiano.

Os católicos “participantes”, aqueles que freqüentam regularmente a missa dominical, a confissão, a catequese e colaboram muitas vezes nas pastorais são uma minoria, embora importante. Menor ainda é o número dos que além da participação na comunidade eclesial, conseguem, de fato, realizar a interação entre fé e vida, no seu dia-a-dia, especialmente no engajamento social. (CNBB, 1996 n 48).

O documento (Cf. CNBB, 1996, n 49-51) analisa a perda da religiosidade popular católica vendo-a como conseqüência das mudanças causadas pela pós-modernidade e a urbanização. A forte religiosidade do povo vai ao em busca de novas formas de religiosidade, trata-se, sobretudo de comunidades evangélicas pentecostais como uma maneira de buscar saída para a crise da modernidade. O mundo marcado pelo sagrado vai em busca do maravilhoso e do emocional. Dá-se a passagem do catolicismo popular para diversas formas do pentecostalismo.

O projeto da CNBB, em preparação para o ano 2000, tem, como principal objetivo, aumentar o número de católicos praticantes, ressaltando que a adesão religiosa não é mais uma mera herança familiar. Dadas as possibilidades de fé ao alcance das pessoas através de mutirão de “Evangelização” e realizar uma grande mobilização de pessoas (Cf. CNBB, 1996 n 180). Passou-se a escrever e falar sobre *inculturação*, um termo que designa a estratégia da igreja de assimilar práticas e símbolos profanos, sobretudo da vida urbana, a seu enredo religioso.(Cf. CNBB, 1996 n. 78-85).

As diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil para os anos 1999-2002, aprovada na 37ª. Assembléia Geral da CNBB, em Itaiaci, São Paulo, realizada entre os dias 14 e 23 de abril de 1999, destacam a preocupação pastoral evangelizadora perante o indiferentismo religioso. As diretrizes são divididas em quatro exigências: anúncio, diálogo, serviço e comunhão. A exigência do diálogo é encarregada de trabalhar a relação com o mundo urbano, pós-moderno, perante o pluralismo religioso. “O diálogo exige reconhecer ao outro como diferente”. De fato, “diálogo e missão caminham juntos”. Convida a abrir-se ao diferente a partir da própria identidade. (CNBB, 1999,n.93-94; 203-209). Os bispos fazem uma análise sobre as mudanças no Brasil nos

últimos anos e reconhecem que os católicos têm diminuído, com o aumento do pluralismo religioso, sobretudo nas grandes cidades, de acordo com os dados fornecidos pelos censos e pelos dados levantados pelas diferentes intuições de pesquisa. (Cf. CNBB, 1999, n.158-168). Os bispos estão conscientes, de que criar simplesmente polêmicas apologéticas perante o proselitismo e pluralismo religioso não ajuda; pelo contrário, levaria a polemicas contra producentes:

Diante das atitudes sectárias e proselitistas, os pastores advertem serena e firmemente os fieis, evitando polemicas e estéreis, quando não contra producentes. (...) Diante de atitudes sectárias, os católicos sejam pacientes e perseverantes. Essa forma de proceder cautelosa, sem iludir as dificuldades, é também uma garantia para não sucumbir na tentação do indiferentismo e do proselitismo, o que seria ruína do verdadeiro espírito ecumênico. (CNBB, 1999, n.218)

Os bispos nas diretrizes da CNBB (1999, n.219), entendem que os “católicos não praticantes são o maior desafio, que a Igreja do Brasil enfrenta”. Apesar de não freqüentarem a comunidade “eles conservam a herança do catolicismo popular”, herdado através das devoções e da procura dos sacramentos nos momentos decisivos e especiais da vida. A Igreja Católica deverá acolher melhor as práticas populares. “Privilegiar o contato pessoal”, como as visitas familiares, entre outras práticas.

Os ouvintes, que nosso anuncio deve atrair, constituem a massa imensa de pessoas. Os católicos não-praticantes são ao menos 50 % da população adulta. Os cidadãos sem-religião são relativamente poucos. Mas pertencem muitas vezes a setores influentes da sociedade. Face a esse imenso desafio, é preciso mobilizar muito mais recursos humanos e materiais a serviço da evangelização, revendo seriamente a tendência de concentrar quase todos os esforços dos cuidados pastorais do “rebanho”, que já está no redil. . (CNBB, 1999, n.231)

A preocupação com os católicos não praticantes ficou ainda mais evidente a partir do estudo realizado pela CNBB sobre os dados do censo do ano 2000, que mostram a perda de um por cento de católicos por ano. Os bispos participantes da 41ª Assembléia Geral da CNBB em Itaiç, de 30 de abril a 9 de Maio de 2003, ficaram impressionados com as mudanças no mapa religioso no Brasil. Os bispos mandaram fazer um estudo e uma pesquisa detalhada ao CERIS em 2004, sobre a mobilidade religiosa. O levantamento foi feito em 22 capitais, no Distrito Federal e mais 27 municípios de diversos tamanhos. O resultado dos estudos do CERIS alertou ainda mais a CNBB. A pesquisa aponta para um percentual de 67,2% de católicos em 2004⁷⁶. Os dados mostram a diminuição de mais um por cento a cada ano. Os resultados dos

⁷⁶ Perda de 6,6% em quatro anos com relação ao censo de 2000, mais de um por cento ao ano.

estudos feitos pelo CERIS foram apresentados na 43ª Assembléia Geral da CNBB demonstram que são justamente os grupos pentecostais, que mais atraem a maior parte dos fiéis que se desligam da Igreja Católica. Certamente, trata-se de um novo desafio para o catolicismo, que não pode ser desconhecido nem menosprezado. Na verdade, devemos reconhecer que, até aquela pesquisa, o fenômeno da mudança religioso nem era levado muito a sério pela CNBB, seja porque não era expressivo numericamente, seja porque suas manifestações eram consideradas um tanto exóticas e sem chance de terem grande incidência no quadro religioso do Brasil. Geralmente esses grupos eram apenas chamados de "seitas", conceito que denota uma avaliação insuficiente e preconceituosa do fenômeno. O crescimento dos grupos e movimentos pentecostais levantam sérios questionamentos para a CNBB, sobretudo com relação aos motivos pelos quais as pessoas deixam a comunidade cristã católica e aderem a esses grupos.

O discurso do Núncio Apostólico do Brasil, Dom Lorenzo Baldisseri⁷⁷, aos bispos no primeiro dia da 40ª Assembléia Geral da CNBB, 30 de abril de 2003, na saudação apresentou a preocupação como representante do Papa, com o aumento do pentecostalismo e do pluralismo religioso:

Impele, para nós, um maior conhecimento da nossa fé e uma correta consciência de nossa própria identidade cristã, a fim de evitar confusão e incerteza, e chegar a um relativismo religioso que faz aceitar todas religiões como iguais e boas. Neste sentido, compreendemos a proliferação das seitas, o vai e vem de gente de uma Igreja para outra, pessoas desorientadas que passam de uma religião ou crença a outra. Nossas comunidades eclesiais necessitam, diz o Santo Padre aos bispos de Nordeste 2 e Norte 1 e Noroeste em visita "*ad limina*", uma fé sólida e esclarecida, que permita um sadio ecumenismo e um diálogo respeitoso e sincero.

O Núncio expõe claramente o recado do Papa. O desafio deve ser analisado e estudado como estímulo para trabalhar para manter o número de adeptos. O pluralismo religioso e o crescimento do pentecostalismo devem levar a um exame crítico da atuação da Igreja Católica. A atitude apenas condenatória de nada adiantaria e poderia surtir o efeito contrário.

A CNBB (2004:12-13) no projeto Nacional de Evangelização (2004-2007) *Queremos ver Jesus, caminho verdade e vida*. Apresenta novamente a preocupação e o desafio com os "católicos distantes da vida da comunidade eclesial e de todos os grupos cristãos e religiosos". A comunidade católica motivada e consciente devera "ir ao

⁷⁷ O discurso integral é disponível: <http://www.presbiteros.com.br/Artigos/discruso.htm>. Acesso 12.12.07.

encontro dos que estão distantes ou desanimados”. Tudo será possível, segundo o documento “através de um mutirão evangelizador”.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil para o triênio 2008 a 2010, que foram aprovadas na 46ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaici, SP, de 02 a 11 de abril de 2008, são a aplicação do Documento de Aparecida, à realidade do Brasil. “A Conferência de Aparecida convocou a Igreja na América Latina e no Caribe a colocar-se em estado permanente de missão”. (CNNB, 2008 n. 210). A CNBB, confirma que a Igreja no Brasil, assume o “compromisso com a ‘Missão Continental’, conforme a inspiração de Aparecida”, colocando-se em “estado permanente de missão”. (CNNB, 2008, n. 211). É preciso ir a todas as pessoas, a cada pessoa, às pessoas integralmente. “A busca e o acolhimento de todos, em especial dos que experimentam alguma forma de exclusão, é sinal do reino de Deus”. Por isso, “atenção especial haverá de ser dispensada ao contato com aquelas pessoas que não fazem parte da vida da comunidade” (CNNB, 2008, n. 115).

Os primeiros destinatários são os católicos afastados e indiferentes diante da beleza e da riqueza que se experimenta na vida comunitária. Em tempos de mobilidade religiosa e conseqüente dificuldade para vínculos mais sólidos, é necessário ir ao encontro dos que aceitam Jesus Cristo e a Igreja, mas, por inúmeras razões, sentem-se desestimulados e se afastam da comunidade. Um dos melhores caminhos para ajudar na redescoberta da dimensão comunitária da fé se encontra no contato pessoal, no diálogo e na presença amiga, fraterna e solidária. Por isso adquirem importância os *ministérios mais diretamente ligados à missão*, tais como os de visita, animação de grupos, pequenas comunidades ou mesmo setores... (CNBB 2008, n 173)

Para poder chegar até os católicos afastados e indiferentes a CNBB (2008 n. 119) pede que, além das vistas as famílias sejam visitados, “entre outros, os locais de trabalho, as moradias de estudantes, as favelas e os cortiços, os alojamentos de trabalhadores, as prisões e os albergues”. Também, “é preciso visitar os moradores de rua lá onde vivem”. Ainda a CNBB (2008 n. 55) reconhece que, não basta uma “pastoral de mera conservação”, faz-se necessário responder às carências que explicam a saída de muitos católicos da Igreja, e que concernem à experiência religiosa, à vivência comunitária, à formação bíblico-doutrinal e ao compromisso missionário de toda a comunidade. Para alcançar este objetivo é necessária uma “permanente conversão pastoral” por parte dos bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados, leigos e leigas, para que não nos instalemos “na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres”.

Dom Odilo Scherer (2005), na época secretário da CNNB, ao ser questionado sobre a perda de católicos, levantava uma série de questionamentos: devemos perguntar-nos seriamente por que existem católicos que deixam nossa Igreja e se sentem atraídos por esses grupos, ou os escolhem como alternativa à Igreja católica? O que as pessoas procuram e crêem encontrar nos grupos pentecostais, e não encontram nas nossas comunidades, paróquias e estruturas pastorais? Em que falhamos e onde estão as nossas carências? Qual é a metodologia pastoral mais eficaz e o que podemos aprender de outros grupos religiosos? O que devemos evitar no trato pastoral com as pessoas? A mudança de filiação religiosa é fruto de missão ou de proselitismo? O que pode ser feito? Quais são as nossas responsabilidades? Como superar a tentação da agressividade e da competição? Como podemos instaurar contatos para o diálogo ecumênico? Também “muitas pessoas mudam de catolicismo sem de fato nunca terem entrado”⁷⁸.

A CNBB Regional do Estado de São Paulo (Sul 1), para responder ao desafio do avanço do pentecostalismo e atingir os católicos não praticantes lançou o *Projeto de Ação Missionária Permanente do Regional Sul 1* (PAMP) aprovado pela 25ª Assembléia das Igrejas particulares do Regional Sul 1. O documento reconhece que “são também preocupantes os fenômenos da descrença e do indiferentismo”, sobretudo daqueles que “vivem como se não fossem batizados” (CNBB, Sul 1, n. 4). O PAMP é um estudo sobre os motivos pelos quais os católicos abandonam a fé católica. Também é uma tentativa de procurar responder aos desafios e as necessidades religiosas do mundo urbano e pós-moderno. É feita uma análise sobre o pentecostalismo, sua mensagem, sua metodologia, suas formas de organização com objetivo de tentar responder às aspirações de grande parte do povo. Um dos pontos abordados fortemente foi a utilização dos dados fornecidos pelo censo e pelo CERIS, assim como a observação cuidadosa das formas de atuação dos pentecostais; talvez como estratégia para “combater” o pentecostalismo, usando as mesmas armas.

O PAMP tem como objetivo principal a missão permanente, através de mutirões de visita domiciliar aos católicos, especialmente para os não praticantes e convidá-los a retornar à comunidade. A proposta principal é reforçar o catolicismo, através dos meios que os próprios evangélicos pentecostais usam como as visitas domiciliares às famílias, as missões populares, uso da mídia, a formação bíblica, entre outras iniciativas.

⁷⁸ <http://www.presbiteros.com.br/Apologetica/DesafiodoPentecostalismo.htm>. Acesso 31.11.07.

Nós, católicos, não desenvolvemos ainda o hábito de recorrer à Palavra de Deus em todos os momentos e situações da vida... Nossos irmãos separados utilizam a Bíblia muito mais de que nós. Precisamos despertar entre nós, a cultura da Palavra, isto é, amá-la, interpretá-la e aplicá-la em nosso dia-a-dia, fundamentando na Bíblia as razões de nossa esperança em Cristo. (CNBB, SUL 1, n 64).

Os bispos do Estado de São Paulo concluíram que existem necessidades religiosas que não estão recebendo resposta adequada por parte da ação evangelizadora, mais ainda nas periferias, onde a diminuição dos católicos é mais acentuada. (CNBB sul 1, n 2). Devemos ressaltar que a presença da Igreja Católica está muito dependente do padre e da paróquia. O PAMP é um documento voltado para dentro da Igreja, tentando incentivar as dioceses e paróquias do Estado de São Paulo a reconquistar os católicos afastados. O texto deixa de lado o diálogo e o ecumenismo, reafirma a Igreja Católica como aquela onde se encontra a toda plenitude:

Apesar da divisão entre os cristãos, a Igreja de Jesus Cristo não está dividida em várias Igrejas. Ela subsiste na Igreja Católica. A Igreja Católica possui todos os elementos de eclesialidade no Novo Testamento... (CNBB, SUL 1, n 46).

Na mesma linha vai o discurso de Dom Cláudio Hummes⁷⁹, prefeito da Congregação para o Clero em Roma. Segundo ele, a solução é evangelizar, conforme sugeria o Papa João Paulo II; para ele, no Brasil, já está sendo aplicado um projeto que prevê uma obra missionária, mais que evangelizadora. "Temos que ir ao encontro dos fiéis, de casa em casa, nas escolas, nas instituições e não apenas nas paróquias", diz o cardeal Hummes. Boa parte desse trabalho deve ser desenvolvido por leigos, "treinados" para se tornarem missionários, visto que o baixo número de sacerdotes é um dos grandes problemas da Igreja Católica no Brasil e em boa parte da América Latina. O cardeal informa que, para surtir efeito, a ação deve ser constante e permanente. "Não basta você ir na paróquia promover a evangelização, tem que sair em busca das pessoas porque as pessoas não vêm mais. A Igreja tem que estar mais presente".

Dom Cláudio Hummes, em palestra do dia 14 de fevereiro de 2008, no 12º Encontro Nacional de Presbíteros⁸⁰, Itaici, SP, afirma que entre as dificuldades que o

⁷⁹ Entrevista de Dom Cláudio Hummes em Roma para agência de notícias da BBC em abril de 2003. disponível em <http://www.presbiteros.com.br/Artigos/Paisprecisa.htm> Acesso 12.12.07.

⁸⁰ 12º Encontro Nacional de Presbíteros, acontece nos dias 13 a 19 de fevereiro de 2008, na Casa de Retiro Vila Kostka – Itaici – SP, que reúne 450 presbíteros de todo Brasil com o tema “Presbíteros, discípulos, missionários de Jesus Cristo na América Latina”. <http://www.cnbb.org.br/index.php?op=noticia&subop=17304>. Acesso 15.02.08.

presbítero encontra, hoje, estão a pobreza e a miséria de boa parte da população latino-americana, assim como a falta de recursos e condições materiais necessárias para uma boa infra-estrutura pastoral e “o ativismo proselitista das assim chamadas seitas evangélicas pentecostais, que com freqüência são agressivamente anticatólicas”. Dom Cláudio acrescenta que existe, ainda:

O fenômeno dos católicos batizados mas afastados de qualquer participação na vida da comunidade eclesial, os quais sempre existiram, mas na sociedade cristã de outrora conseguiam vivenciar de alguma forma sua fé católica, agora, porém, na sociedade pós-moderna descristianizada, se tornam presa fácil de outros pregadores ou da indiferença religiosa e do agnosticismo. Por outro lado, em muitíssimos países, como no Brasil, as assim chamadas seitas protestantes de perfil pentecostal crescem extraordinariamente. Elas são ativistas e proselitistas ao extremo, e por vezes declaradamente anticatólicas. Buscam sobretudo atrair nossos católicos afastados, mas também têm resultados entre católicos que freqüentavam nossas igrejas. Conhecemos as estatísticas referentes ao Brasil, a saber, que nas últimas décadas a Igreja Católica vem perdendo anualmente na média 1% de seus fiéis. Alguns dizem que hoje já está diminuindo esta perda, mas isto só poderá ser comprovado ou não pelas estatísticas daqui a alguns anos.

Para mudar a situação eclesial em todo o mundo católico, segundo o cardeal Hummes, a Igreja tem que se “convencer da urgência de uma retomada missionária”. Trata-se de uma missão que deverá ser desenvolvida principalmente para os “católicos afastados”, isto é, aqueles apenas batizados e sem nenhum laço direto com a Igreja. A missão seria sair em busca desses católicos afastados, através da visita domiciliar, como estratégia para conter a migração de católicos. Para Elias Wolff (2002:49), “às vezes tendem a se confundir evangelização e proselitismo” ou a manifestar-se como “conquista e defesa”.

Embora os bispos afirmem não querer o confronto direto ou “guerra santa” com o pluralismo religioso, a CNBB (2007:7-8) publicou um subsídio com o título *Sou Católico, vivo minha fé* elaborado pela Comissão Episcopal de Pastoral para a Doutrina da Fé e aprovado pelo Conselho Permanente em 8 de fevereiro de 2007. É um subsídio apologético, destinado a ajudar os católicos a conhecerem melhor os fundamentos da fé e da vida cristã. O texto faz exposições breves e apologéticas através de perguntas e respostas sobre aquilo que os católicos crêem, vivem e oram tentando defender o Católico do proselitismo das igrejas pentecostais. O objetivo principal do texto é a defesa da fé católica diante do avanço do pentecostalismo. É uma maneira de dar identidade, de aprofundar-se e de conhecer a própria fé diante do pluralismo religioso que vivemos na pós-modernidade.

Em uma perspectiva diferente de diálogo, a Comissão Episcopal Pastoral da CNBB para o ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso em sua 11^a. Encontro com professores e responsáveis para o diálogo ecumênico e inter-religioso, em Judiai SP, do de 28 a 31 de janeiro de 2008, aprofundou o tema do pentecostalismo: fenômeno e diálogo com um olhar sociológico e teológico com a possibilidade do diálogo católico, evangélico e pentecostal no Brasil⁸¹. O catolicismo precisa aprender a dividir o espaço religioso com aqueles que por muito tempo combate.

2.6 A diocese de São Miguel Paulista diante do avanço do pentecostalismo

A Diocese de São Miguel Paulista foi criada em 15 de março de 1989, pela Bula “*Constantem Metropolitam Ecclessiam*” do Papa João Paulo II, com território desmembrado integralmente da Arquidiocese de São Paulo, tendo, como primeiro bispo diocesano Dom Fernando Legal SDB. Situada na extrema periferia leste da cidade, a Diocese limita-se com a Arquidiocese de São Paulo e as Dioceses de Guarulhos e de Mogi das Cruzes.

Os quatro Planos de Pastoral da Diocese de São Miguel Paulista apresentam a preocupação com a perda de fiéis e, conseqüentemente lançou a proposta de criação da pastoral para os católicos não praticantes na tentativa de ir até os católicos afastados, aqueles, que embora se autodenominam católicos, dificilmente freqüentam a Igreja, a não ser em festas ou acontecimentos especiais. Trata-se de uma nova prioridade que se impõe não apenas para a Diocese, mas também para toda a Igreja do Brasil. Segundo o Terceiro Plano de Pastoral (2000:61), ao se preocupar com os católicos não praticantes a Igreja se encontra na situação que deixa as noventa e nove ovelhas e vai atrás da perdida. Hoje, talvez temos a inversão da parábola: uma ovelha ficou e noventa e nove foram embora. “A saída de muitos católicos para as seitas deve-se também ao pouco uso da Bíblia, ao atendimento burocrático e pouco acolhedor nas secretarias paroquiais e nas comunidades”.

O Segundo Plano Diocesano de Pastoral para os anos de 1996 a 1999 apresenta, como um dos objetivos, evangelizar e atingir os católicos não praticantes:

⁸¹ O encontro teve assessoria teológica do pastor pentecostal Daniel Godoy e a parte sociológica foi abordada por Brenda Póveda. Também participou como convidado o diácono da Assembléia de Deus Sérgio de Oliveira.

É urgente uma Ação Evangelizadora dirigida àqueles que, apesar de terem tido uma tradição cristã perderam o sentido da fé e não mais se reconhecem como membros da Igreja; à Igreja no Brasil se impõe uma nova prioridade, o trabalho evangelizador e missionário dirigidos aos católicos não praticantes; sobre a adesão de católicos às seitas, observou-se: os católicos nem sempre usam a Bíblia; nem sempre o atendimento paroquial é acolhedor; (DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 1996:53)

Para alcançar esse objetivo, o plano se dispunha a incentivar a utilização dos meios de comunicação como jornal diocesano, jornais paroquiais e a criação de uma rádio diocesana, organizar missões populares e visitas as famílias.

O Terceiro Plano Diocesano de Pastoral para os anos 2000 a 2003, novamente apresenta o desafio de chegar até os católicos não praticantes e aqueles que vão perdendo o sentido da fé e da presença católica e confirma as mesmas estratégias e objetivos do plano anterior. (Cf. DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2000:61-62)

O Quarto Plano de Pastoral da Diocese para os anos de 2004 a 2007, com relação à preocupação com os católicos não praticantes pede a “urgência de uma ação evangelizadora eficaz em favor de tantos que apesar de viverem num ‘Brasil de maioria ainda católica’, vão perdendo o sentido da fé e de pertença à Igreja Católica” (DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2004:64). Ainda o Quarto Plano reconhece a saída de muitos católicos para as ‘seitas’. Dentro do projeto para os Setores Pastorais⁸² da Região Episcopal⁸³ Itaquera Guainases afirma-se: “há muitas áreas e vilas sem comunidades nem presença da Igreja Católica.” (DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2004:120). Em relação aos projetos das paróquias está o desafio de apoiar a visitação, a formação de evangelizadores, inclusive a catequese em escolas públicas, e “incentivar a pastoral dos grupos de rua, sobretudo para o contato com os católicos não praticantes” (DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2004:124). Para realizar a missão na cidade o plano pede de “enfrentar o problema do pluralismo e da mobilidade religiosa, representada pelas seitas, pelos messianismos, pelos movimentos religiosos” (DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2004:132). Nesta perspectiva, o projeto de missão permanente da Diocese propõe colocar as paróquias e comunidades em estado de missão permanente; intensificar as visitas às casas de modo planejado, assim como promover a pastoral da acolhida.

⁸²O Setor Pastoral é um organismo da diocese que congrega paróquias, comunidades e pastorais com objetivo de dinamizar, articular e garantir a pastoral de conjunto. (Cf. DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2004:107-108).

⁸³A Região Episcopal é composta por um grupo de setores e paróquias com o objetivo de dinamizar a ação evangelizadora (Cf. DIOCESE DE SÃO MIGUEL, 2004:104-105).

No contexto do Quarto Plano de Pastoral, a preocupação de Dom Fernando Legal, Bispo Diocesano de São Miguel Paulista com relação ao avanço do pentecostalismo e a diminuição de Católicos é abordada em visita a Königstein, Alemanha, em 29 de julho de 2004. O bispo afirmava que, antes que combater as “seitas” que tentam converter os católicos da diocese, a tarefa primordial da Igreja é defender a fé católica. As considerações foram feitas em visita à sede internacional da associação católica “Ajuda à Igreja que Sofre” (AIS). Disse que as pessoas “deveriam conhecer a Igreja, aprender a amá-la e servir a Cristo e ao próximo”. Por esses motivos, a prioridade para combater o avanço do pentecostalismo é a formação de futuros sacerdotes⁸⁴. O catolicismo vai perdendo adeptos para as Igrejas pentecostais, para os sem religião e para o pluralismo religioso, esse processo leva a uma des-catolização, então será necessário uma ofensiva de re-catolização. A maior preocupação é “re-conquistar” os católicos não praticantes como estratégia de frear a perda de fieis para as Igrejas Pentecostais.

O ecumenismo na Diocese de São Miguel Paulista aparece só nos dos dois últimos planos de Pastoral, ocupando um lugar periférico, embora existe uma boa atuação de vários agentes de pastoral católica no chamado Grupo Ecumênico da Zona Leste, que é formado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Pentecostal “Brasil para Cristo”, Igreja Metodista e Igreja Anglicana. Estas Igrejas querem desenvolver o espírito de fraternidade e de cooperação mútua entre as Igrejas Cristãs. O objetivo principal é planejar, promover e avaliar as atividades ecumênicas realizadas na Zona Leste de São Paulo, nas áreas de oração, celebração, espiritualidade, estudo, formação e ação social.

2.7 Finalizando

Ao longo deste capítulo mostramos o discurso e as posições da Igreja Católica sobre o avanço do pentecostalismo. A preocupação com a perda de fieis nos últimos anos desafia ao catolicismo, o qual como estratégia propõe ir ao encontro dos católicos não praticantes, aqueles, que embora se autodenominem católicos, mas dificilmente freqüentam a Igreja, estes em tese são os mais propensos para migrar para outras religiões ou igrejas especialmente de cunho Pentecostal. A Igreja Católica frente à crise

⁸⁴ Cf. ZENIT <http://www.zenit.org/article-4874?l=portuguese>. Acesso 20.12.07.

demográfica encontra-se perante o grande desafio de conter o avanço pentecostal. Diante desta preocupação existe o discurso de ir à busca dos católicos afastados e não praticantes. Sabemos que, embora a maior parte da população seja nominalmente católica raramente participam dos serviços religiosos. Diante desta realidade, ir ao encontro dos Católicos afastados e não praticantes é prioridade da Igreja, através da missão permanente e continental.

O discurso nos documentos oficiais ao referirem-se às Igrejas Evangélicas, Pentecostais e a outros movimentos religiosos, geralmente é usado o termo “seita” de maneira indiscriminada para todos. Colocar as Igrejas Evangélicas, denominações pentecostais e novos movimentos no mesmo parâmetro, não ajuda na aproximação, essa é uma atitude defensiva e preconceituosa perante o pluralismo religioso. Simplesmente condenar as atividades proselitistas desses grupos ou referir-se a eles como “seitas” pode ser uma postura contraproducente e intolerante.

A resposta dos católicos não fica apenas na crítica polêmica e apologética frente ao pluralismo religioso e com os grupos pentecostais. As estratégias concretas apresentadas perante o avanço do pentecostalismo, são as visitas domiciliares, a missão permanente e continental, o melhor acolhimento nas comunidades e finalmente à difusão da leitura da Bíblia entre os católicos. Mas, o avanço pentecostal e de outras formas de religião, colocam a Igreja na defensiva, leva-a também ao reconhecimento de estar diante do pluralismo religioso, na qual já não se sustenta mais a hegemonia católica. Daí, a busca do diálogo ecumênico e inter-religioso, não só com as Igrejas Evangélicas históricas, mas também com o mundo pentecostal e outras religiões. O diálogo e a aproximação com o pentecostalismo, segundo os documentos eclesiais, até agora foram difíceis e desafiadoras, seja pelas diferenças históricas, teológicas e doutrinárias, como pela falta de representatividade do pentecostalismo. A necessidade do diálogo, as posturas ambivalentes da Igreja Católica e a interpretação a partir de referenciais teológicas são, tema de estudo do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

O DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIA RELATIVA AO AVANÇO PENTECOSTAL E AS POSTURAS AMBIVALENTES DA IGREJA FRENTE AO PLURALISMO RELIGIOSO: UMA INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA DOS DISCURSOS

No primeiro capítulo, vimos o avanço das igrejas pentecostais e a crise demográfica católica: causas e efeitos. Já no segundo capítulo, estudamos o discurso e as posições da Igreja Católica frente ao avanço do pentecostalismo. As posições da Igreja diante do avanço do pentecostalismo e de outras religiões despertam a admitir um contexto de pluralismo religioso e a necessidade de diálogo. Ai surge o problema: as posturas da Igreja não mantêm uma posição clara e coerente com relação ao diálogo. Os seus discursos são ambivalentes⁸⁵.

Neste capítulo, discutiremos os discursos ambivalentes da Igreja com três modelos teológicos que se referem ao pluralismo religioso: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista usados como paradigmas para o diálogo religioso no âmbito da teologia. Num segundo passo, faremos, à luz destes modelos, uma leitura teológica dos documentos do magistério católico romano. Evidentemente, não temos condições de fazer uma longa análise dos documentos que indicamos no capítulo inteiro. Limitaremos nosso estudo à posição teológica do magistério eclesiástico de Roma nos documentos *Ecclesia in América* e *Dominus Iesus*; do CELAM Documento da IV

⁸⁵ Como já tínhamos dito na Introdução, usamos o termo “ambivalência” no sentido que lhe atribui Bauman “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria.” (BAUMAN, 1991:9)

Conferência geral de Santo Domingo *Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã, Jesus Cristo Ontem hoje e sempre* e o documento de Aparecida, *texto conclusivo da V Conferência Geral*; da CNBB o PAMP – *Projeto de Ação Missionária Permanente do Sul 1* e as *Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelização no Brasil para 2008-2010*.

Diante do pluralismo religioso, instaurou-se aos poucos o diálogo ecumênico e inter-religioso. Com a modernidade, pode-se reivindicar a capacidade das religiões de se abrirem ao reconhecimento positivo umas das outras, que se tornou hoje, para elas, um critério de legitimidade. De fato, no Ocidente cristão, a abertura ao outro, em grande parte imposta pelas condições históricas, deu origem ao ecumenismo e ao diálogo, exigência do pluralismo religioso no âmbito das Igrejas cristãs. Assim como no caso do diálogo inter-religioso, a construção da unidade no cristianismo tem como pressuposto o reconhecimento da legitimidade das diversas demissões cristãs.

3. 1 A teologia do pluralismo religioso

De acordo com Faustino Teixeira (1999:591-592), atualmente a reflexão teológica cristã sobre o pluralismo religioso adota, em geral, uma visão tripartite: eclesiocêntrica, cristocêntrica, e teocêntrica. Paralelamente, existem três posições de base, denominadas respectivamente: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. O paradigma inclusivista e cristocêntrico têm sido normalmente, o mais seguido pelos teólogos de tradição cristã. Segundo José Maria Virgil (2007:34), estes três paradigmas são três formas diferentes de conceber a relação entre as religiões, e, portanto, três maneiras de fazer teologia.

3.1.1 Visão teológica exclusivista eclesiocêntrica

O exclusivismo realça a confissão da própria fé ou a afirmação da posição religiosa pessoal, exclui a possibilidade de qualquer outra religião que compartilhe a verdade e o acesso à transcendência de forma igual. As outras tradições são vistas como diversos graus de erro e de confusão. Tal exclusivismo pode ser absoluto quando as outras tradições são vistas como sob o poder do mal ou vinculadas ao erro. Quando é menos categórico, reconhece elementos de verdade e valor fora da própria religião, mas mantém a afirmação de que só ela possui a verdade integral. No caso do catolicismo, a

Igreja se define como a única depositária da verdade absoluta e da salvação, com caráter de validade exclusiva e universal para todos os tempos e povos e todos aqueles que não pertencem a ela estão no erro e na ignorância religiosa.

O axioma *extra ecclesiam nulla salus*⁸⁶ mostra a postura clássica eclesiocêntrica exclusivista, que remonta a Cipriano de Cartago, no ano de 258, visava os hereges cristãos, não as outras religiões. No século XIV, este discurso foi retomado pelo Papa Bonifácio VIII, na bula *Unaniam Sanctam*, de 18 de novembro de 1302: “Fora desta Igreja Católica não há nem salvação, nem remissão dos pecados” e “é absolutamente necessário para a salvação, toda criatura humana sujeitar-se ao pontífice romano”⁸⁷. Posteriormente, foi reafirmada esta posição pelos cânones dogmáticos do Concílio de Trento contra a Reforma Protestante iniciada por Lutero⁸⁸. O axioma foi usado para manter a hegemonia católica, para condenar as outras religiões e igrejas e para afastar dos fiéis o perigo de migrarem para outras Igrejas ou religiões. Também, reflete o excesso de triunfalismo eclesial católico.

O Papa Pio IX (1846-1878) publicava, no ano de 1864, a encíclica *Quanta Cura* com o *Syllabus*, a mais polêmica do longo pontificado, que contém, oitenta pontos sobre os principais erros modernos da época. O texto condena todos os erros referentes à fé, aos inimigos da Igreja, à liberdade de culto e de consciência:

Com efeito, pela fé há de sustentar-se que fora da Igreja Apostólica Romana ninguém pode salvar-se; que esta é a única arca da salvação, que quem nela

⁸⁶ Fora da Igreja não há salvação.

⁸⁷ www.presbiteros.com.br. Acesso 12.12.2007

⁸⁸ A Reforma protestante, iniciada por Martinho Lutero, contesta fortemente os dogmas da Igreja Católica. Lutero afixou, em 31 de outubro de 1519, na porta da Igreja de Wittenberg, as 95 teses que criticavam vários pontos da doutrina católica. Entre outras, condenava a venda de indulgências, o culto às imagens, repudiava o celibato e afirmava que a salvação do homem ocorria pela fé. Proclamava a Bíblia e sua interpretação subjetiva pelo leitor como a única autoridade, renegando os dogmas de Roma (Cf. CÉSAR, 2006:74-80). A reação da Igreja Católica aconteceu com a chamada Contra-Reforma protestante, através do Concílio de Trento. Este Concílio foi realizado em três fases: a primeira, de 1545 a 1551; uma segunda, de 1551 a 1552; finalmente, foi concluído entre os anos de 1562 a 1663, reformando a doutrina católica e introduzindo mudanças. A Igreja precisava auto reformar-se para sobreviver. Era necessário, ainda, evitar que outras regiões da Europa, da Ásia e do novo mundo virassem protestantes. Para conter o avanço da Reforma Protestante, o Concílio estabelece medidas defensivas e ofensivas. Como pontos principais destacamos: a reafirmação dos Sacramentos; a confirmação dos dogmas; a afirmação da presença real de Cristo na Eucaristia; a redação de um catecismo; a criação de seminários para a formação dos sacerdotes; a reafirmação do celibato; a veneração aos Santos e à Virgem; a aprovação dos estatutos da Companhia de Jesus, criada antes do Concílio por Inácio de Loyola; a manutenção do latim como língua do culto; a tradução oficial das Sagradas Escrituras; a confirmação da tradução de São Jerônimo, no século IV como texto autêntico; o fortalecimento da hierarquia e, portanto da unidade da Igreja Católica, ao afirmar a supremacia do Papa como “Pastor Universal de toda a Igreja”; a reorganização do Tribunal da Inquisição ou Santo Ofício, encarregado de combater a Reforma; a criação do *Índex* (índice), encarregado da censura de obras impressas, lista de livros cuja leitura era proibida aos fiéis. Surgem as novas congregações religiosas apostólicas para Evangelizar o Novo Mundo e combater os chamados “hereges da Igreja”. Cf. www.presbiteros.com.br. Acesso 12.12.2007

não tiver entrado, perecerá no dilúvio. Entretanto, também é preciso ter por certo que aqueles que sofrem de ignorância da verdadeira religião, se aquela é invencível, não são eles ante os olhos do Senhor réus por isso de culpa alguma. Ora pois, quem será tão arrogante que seja capaz de assinalar os limites desta ignorância, conforme a razão e a variedade de povos, regiões, caracteres e de tantas outras e tão numerosas circunstâncias?⁸⁹

Um apêndice da encíclica *Quanta Cura*, de 8 de dezembro de 1864, que acompanhava o *Syllabus* repetiu: “Não há salvação fora da Igreja de Deus e esta é a católica” porque “a Igreja Católica é a única verdadeira religião”. Poderíamos entender, a partir desse texto, que todos os que estão e vivem fora da Igreja, vivem em uma situação de extrema precariedade espiritual e serão condenados. Logo, apenas a Igreja Católica possui todos os meios para oferecer com segurança, as vias da “salvação”. Consequentemente, os que vivem fora da Igreja Católica devem buscar aproximar-se dela, pois é única fonte plena e segura de toda “salvação”. Seguindo o raciocínio, as pessoas que não estão integradas à Igreja Católica estão apartadas da graça da “salvação” e consequentemente da vida divina. Logo, existe a impossibilidade da “salvação” para todos os acatólicos. Assim, nenhum católico poderá jamais encontrar a “salvação” saindo da Igreja Católica, para uma “seita”⁹⁰ ou grupo “cismático”, ou uma outra igreja ou outra religião.

O Papa São Pio X (1903-1914) publicou o chamado *Catecismo Maior* em 15 de julho de 1905. O catecismo ficou conhecido como de São Pio X. É um escrito didático, em perguntas e respostas, sobre as verdades e dogmas católicos. Com referência à exclusividade da salvação dentro da Igreja Católica, destacamos as seguintes perguntas e respostas:

149- **Que é a Igreja Católica?** A Igreja Católica é a sociedade ou reunião de todas as pessoas batizadas que, vivendo na terra, professam a mesma fé e a mesma lei de Cristo, participam dos mesmos sacramentos, e obedecem aos legítimos Pastores, principalmente ao Romano Pontífice.

153- **Então não pertencem à Igreja de Jesus Cristo as sociedades de pessoas batizadas que não reconhecem o Romano Pontífice por seu chefe?**

⁸⁹ Pio IX, *Syllabus*. Alocução Singulari Quadam, 1854. www.presbiteros.com.br. Acesso 12.12.2007.

⁹⁰ Segundo o sentido sociológico de Max Weber (2005:280), seita é uma “associação voluntária, exclusiva cujos membros são indivíduos religiosa e moralmente qualificados para a ela aderirem; é voluntariamente que nela se entra, apesar da admissão da vontade dos seus membros através da demonstração de qualidades religiosas”. O cardeal Kasper (2005:78) diz que devemos estar atentos ao uso da palavra seita. Em geral, tem uma conotação negativa e difamatória. Para ele, o termo seita não é fácil de ser definido e nem há consenso sobre a definição. Seita não deve ser usada para qualquer grupo religioso. A palavra indica um comportamento fanático, fundamentalista e agressivo que torna o diálogo impossível.

A Igreja Católica chama de seita aos grupos que se desprenderam das igrejas Tradicionais Reformadas, e que hoje continuam aparecendo em qualquer parte, às vezes, inclusive, sem nenhuma referência a Jesus Cristo, como acontece nos documentos: Santo Domingo, Ecclesia in América, entre outros.

Todos os que não reconhecem o Romano Pontífice por seu chefe, não pertencem à Igreja de Jesus Cristo.

158- **Não poderia haver mais de uma Igreja?** Não pode haver mais de uma Igreja, porque, assim com há um só Deus, uma só fé e um só batismo, assim também não há nem pode haver senão uma só Igreja verdadeira.

170- **Pode alguém salvar-se fora da Igreja Católica, Apostólica, Romana?** Não. Fora da Igreja Católica, Apostólica, Romana, ninguém pode salvar-se, como ninguém pôde salvar-se do dilúvio fora da arca de Noé, que era figura desta Igreja⁹¹.

Ainda na encíclica “*Pascendi Dominici Gregis*” sobre o modernismo, publicada no dia 08 de setembro de 1907, São Pio X condena as teses modernistas:

Toda religião, não excetuada sequer a dos idólatras, deve ser tida por verdadeira (...). E os modernistas de fato não negam, ao contrário, concedem uma confusa, e outros manifestamente, que todas as religiões são verdadeiras (...). Quando muito, no conflito entre as diversas religiões, os modernistas poderão sustentar que a Católica tem mais verdade, porque é mais viva e merece mais o título de Cristã, porque mais completamente corresponde ao título de Cristã, porque mais completamente corresponde às origens do cristianismo⁹².

A visão rígida do axioma “*extra ecclesiam nulla salus*” mostra o preconceito e a convicção da superioridade da cultura religiosa ocidental da fé católica sobre todas as demais. A Igreja Católica servia de medida para as outras igrejas e religiões. É claro que, com tais premissas, o relacionamento do catolicismo com as outras igrejas e religiões não podia acontecer entre iguais, mas como aquela que é depositária das verdades e superior a todas, isto é, a Igreja Católica, as outras religiões como falsas, pagãs e inferiores, o que impossibilitava qualquer tipo de aproximação e diálogo.

Este modelo é eclesiocêntrico. Seu exclusivismo⁹³ salvífico representou a postura clássica da Igreja da cristandade com o lema: “*extra Ecclesiam nulla salus.*” Essa posição teológica exclusivista foi hegemônica até o Concílio Vaticano II, que abriu o caminho para o diálogo com outras Igrejas e Religiões. Segundo o modelo tradicional, só há salvação se há reconhecimento explícito de Jesus Cristo e incorporação sacramental à Igreja Católica, a sua unicidade e universalidade salvífica. Na prática, entretanto, esta teoria sempre foi relativizada, pois se aceitava o batismo de desejo, admitindo-se inclusive que esse desejo fosse somente implícito. (BRIGHENTI, 2001:278). Reconhecer a validade do batismo em outras Igrejas era admitir que também

⁹¹ SÃO PIO X, Catecismo Maior. <http://www.presbiteros.com.br/Catequese/CatecismodeS%E3oPioX.htm> Acesso 24.04.08.

⁹² http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html. Acesso 24.04.08

⁹³ No campo protestante, a posição exclusivista adquire uma forma não eclesiocêntrica, mas centrada no tríplice princípio: só a fé, só a graça, só a Bíblia. (Cf. VIRGIL, 2006:75).

“fora da Igreja há salvação”, superando o exclusivismo católico. O atual Código de Direito Canônico (CDC) promulgado pelo Papa João Paulo II em 1983, substituindo o código anterior, datado de 1917, que fora promulgado pelo então Papa Bento XV, reconhece a validade do batismo em outras Igrejas cristãs e quem foi batizado nessas Igrejas não pode ser rebatizado, a não ser sob condição, isto é, caso o batismo que recebeu não teve os requisitos necessários para sua validade.

Aqueles que foram batizados em comunidade eclesial não-católica não devem ser batizados sob condição, a não ser que, examinada a matéria e a forma das palavras usadas no batismo conferido, e atendendo-se à intenção do batizado adulto e do ministro que o batizou, haja séria razão para duvidar da validade do batismo. (CDC, 869 § 2.)

O Código confirma que fora da Igreja Católica também há salvação, pois, ao reconhecer o batismo realizado por outras denominações cristãs, reconhece que a salvação não é exclusividade do catolicismo. Cada Conferência local deve pronunciar-se sobre o assunto⁹⁴.

⁹⁴ A CNBB determinou sobre a validade do batismo, expressa em nota de rodapé do cânone 869 do CDC:

1. Diversas Igrejas batizam, sem dúvida, validamente; por esta razão, um cristão batizado numa delas não pode ser normalmente rebatizado, nem sequer sob condição. Essas Igrejas são: Igrejas Orientais ("Ortodoxas", que não estão em comunhão plena com a Igreja católico-romana, das quais, pelo menos, seis se encontram presentes no Brasil); Igreja vétero-católica; Igreja Episcopal do Brasil ("Anglicanos"); Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IELB); Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB); Igreja Metodista.

2. Há diversas Igrejas nas quais, embora não se justifique nenhuma reserva quanto ao rito batismal prescrito, contudo devido à concepção teológica que têm do batismo - p.ex., que o batismo não justifica e, por isso, não é tão necessário -, alguns de seus pastores, segundo parece, não manifestam sempre urgência em batizar seus fiéis ou em seguir exatamente o rito batismal prescrito: também nesses casos, quando há garantias de que a pessoa foi batizada segundo o rito prescrito por essas Igrejas, não se pode rebatizar, nem sob condição. Essas Igrejas são: Igrejas presbiterianas; Igrejas batistas; Igrejas congregacionistas; Igrejas adventistas; a maioria das Igrejas pentecostais (Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Deus é Amor, Igreja Evangélica Pentecostal "O Brasil para Cristo"); Exército da Salvação (este grupo não costuma batizar, mas quando o faz, realiza-o de modo válido quanto ao rito).

3. Há Igrejas de cujo batismo se pode prudentemente duvidar e, por essa razão, requer-se, como norma geral, a administração de um novo batismo, sob condição. Essas Igrejas são: Igreja Pentecostal Unida do Brasil (esta Igreja batiza apenas "em nome do Senhor Jesus", e não em nome da SS. Trindade); "Igrejas Brasileiras" (embora não se possa levantar nenhuma objeção quanto à matéria ou à forma empregadas pelas "Igrejas Brasileiras", contudo, pode-se e deve-se duvidar da intenção de seus ministros). Mórmons (negam a divindade de Cristo, no sentido autêntico e, conseqüentemente, o seu papel redentor).

4. Com certeza, batizam invalidamente: Testemunhas de Jeová (negam a fé na Trindade); Ciência Cristã (o rito que pratica, sob o nome de batismo, tem matéria e forma certamente inválida. Algo semelhante se pode dizer de certos ritos que, sob o nome de batismo, são praticados por alguns grupos religiosos não-cristãos, como a Umbanda).

3.1.2 Visão teológica inclusivista cristocêntrica

O inclusivismo tem uma visão positiva com relação às outras religiões e crenças e reconhece nelas a mediação salvífica, embora de maneira deficiente e incompleta. Para o teólogo José Maria Virgil (2007:40), entre o exclusivismo e o inclusivismo há muito em comum; o inclusivismo não deixa de ser um exclusivismo moderado, porquanto tolera as outras religiões e admite nelas alguma presença da salvação. Entretanto, continua mantendo o exclusivismo e privilegiando a Igreja Católica no escalão dos bens salvíficos. Assim, as religiões do mundo são caminhos de salvação, mas enquanto tem implícita a salvação de Jesus Cristo. Esta posição vincula a dinâmica da salvação presente nas outras religiões à ação do Espírito de Cristo e, por esse motivo define-se como cristocêntrica. Aceita que a salvação aconteça nas outras religiões, mas nega-lhes uma autonomia salvífica, devido à unicidade e universalidade da salvação de Jesus Cristo (TEXEIRA, 1995:44-45). O Cristianismo é visto como presente em todas as religiões. Todas as religiões não-cristãs vão ao encontro do Cristianismo, mesmo sem o saber. Elas contêm de forma parcial os ensinamentos divinos que se tornaram visíveis em Jesus Cristo. Segundo o teólogo Jacques Dupuis (2004:109), a perspectiva inclusivista cristocêntrica é a mais adotada na Igreja e entre os teólogos católicos, embora contemple em seu mesmo horizonte cristocêntrico posições diversas e mesmo contrastantes. Nesta mesma linha vai José Maria Virgil (2006:81) reconhecendo que, no cristianismo, tanto católico como protestante, o inclusivismo é atualmente a posição majoritária.

No inclusivismo, há uma primeira posição chamada “teoria de acabamento ou cumprimento”, segundo a qual os valores positivos das religiões não-cristãs são explicitamente reconhecidos, mas são destinados a encontrar seu acabamento no cristianismo. As diversas religiões da humanidade representam a aspiração inata no homem à união com o divino, aspiração humana e universal que encontra sua resposta em Jesus Cristo e no Cristianismo. Todas as religiões seriam “religiões naturais”, só o cristianismo seria “religião sobrenatural”. (Cf. TEXEIRA, 1995:45-46) Esta posição encontra ressonância nos documentos do Magistério atual como, por exemplo, a encíclica *Redemptoris missio* (RM) de João Paulo II.

Uma segunda posição seria a “teoria da presença de Cristo nas religiões ou nos cristãos anônimos”. Conforme esta visão, as diversas tradições religiosas da humanidade são portadoras de valores soteriológicos positivos para com seus membros,

pois neles e através deles manifesta-se a presença operativa de Jesus Cristo e de seu ministério salvífico. Neste sentido, em razão destas tradições religiosas com o mistério de Jesus Cristo não podem ser consideradas “religiões naturais” (TEXEIRA, 1995:47). Os membros das outras religiões seriam “cristãos anônimos⁹⁵”. Em razão deste pensamento, haveria que se encontrar uma forma de fazer com que todos os seres humanos se tornem-se membros da Igreja. Assim, o cristianismo se apresenta na história como a religião, instituída pela auto-revelação de Deus, no Verbo feito carne. A fé do cristão assegura que Jesus Cristo é o portador da salvação para todo o gênero humano. (HACKMANN & POZZO, 2007:382).

Na mesma posição está a teoria das “sementes do Verbo”, de São Justino, mártir do II século. Segundo esta visão, a manifestação de Deus se dá mediante o Verbo (*Logos*), que não está limitada a economia cristã. Ela se deu, antes da encarnação do Verbo entre os judeus e os gregos: onde quer que tenha havido pessoas que viveram segundo o Verbo, merecem o nome de cristãos. Uma semente do *Logos* encontra-se em cada pessoa, pois o “*Logos semeador*” semeia em todos. (Cf. DUPUIS, 2004:192-194). O Concílio Vaticano II retoma esta idéia no documento “*Ad gentes*”, ao afirmar que se deve “descobrir com alegria e respeito as sementes do Verbo escondidas” nas tradições nacionais e religiosas e, mediante um diálogo sincero, descobrir “que riquezas Deus, na sua munificência, deu aos povos⁹⁶”. Porém, o Concílio jamais esclarece em que sentido devem ser entendidas as “sementes do Verbo”. Segundo a visão do “Cristianismo anônimo”, este é vivido pelos membros de outras tradições religiosas na prática sincera de suas próprias tradições. A salvação cristã os atinge, anonimamente, por meio dessas tradições. (DUPUIS, 2004:82). Quer dizer que a salvação trazida por Jesus Cristo é acessível a todas as pessoas humanas, em qualquer situação histórica e religiosa, na medida em que elas se abrem à auto-comunicação de Deus, que possui seu ápice em Jesus Cristo. Ainda, o “cristianismo anônimo” significa que a ação salvífica atinge as pessoas por intermédio da tradição religiosa a que pertencem e não meramente por uma ação invisível do Cristo Ressuscitado. Há, portanto, um cristianismo anônimo e implícito e um cristianismo explícito. A designação “cristãos anônimos” não deve ser entendida como uma tentativa desesperada de trazer para a Igreja tudo o que é bom e humano, em um tempo em que a fé cristã progressivamente desaparece.

⁹⁵ A teoria dos “cristãos anônimos” foi desenvolvida pelo teólogo Karl RAHNER, segundo a qual o cristianismo abarca a todos os que tenham aceitado livremente a oferta de auto-comunicação de Deus, mediante a fé, a esperança e a caridade. (Cf. HACKMANN & POZZO, 2007).

⁹⁶ Cf. Documentos do Concílio Vaticano II, *Ad gentes* n 11.

O cristianismo anônimo não dispensa a explicitação e o anúncio do Evangelho. A perspectiva inclusivista está plenamente contemplada na noção de “cristianismo anônimo”, que afirma que todos aqueles que não receberam o Evangelho sem culpa alguma podem conseguir a salvação eterna. O cristianismo, por sua característica universal, está implicitamente, ou anonimamente, presente em todas as partes do globo, onde há pessoas humanas abertas ao transcendente, ou ao influxo da única graça de Deus oferecida a todos e a todas, isto é, a graça de Cristo. (HACKMANN & POZZO, 2007:387-387). A teoria dos “cristãos anônimos” provocou divisões entre os teólogos e desconforto em alguns ambientes eclesiais.

Uma terceira posição inclusivista denominada “inclusivismo aberto”⁹⁷ consiste em buscar responder positivamente ao desafio da diversidade das religiões para o cristianismo, sem romper com o inclusivismo, mas aceitando a interlocução fecundante do pluralismo (TEIXEIRA: 1999:593). Deus é amor que se oferece à liberdade humana. Essa postura é aplicada não somente aos membros de outras tradições religiosas, mas igualmente aos ateus desde que estes não tenham agido contra a sua consciência moral (Cf. TEIXEIRA, 1995:52). Ninguém é excluído do mistério do Amor de Deus. A salvação é universal. Toda a humanidade está incluída na salvação de Cristo. A Igreja, as Igrejas cristãs são pequenas minorias. Cristo preenche não só a Igreja, mas outras religiões também. (Cf. VIRGIL, 2006:79). Esta posição tem sido acusada de relativismo por parte da Igreja oficial de Roma.

3.1.3 Visão teológica pluralista teocêntrica

Visão que surge contra a reivindicação do cristianismo com “religião superior e perfeita”. Porém, para José Maria Virgil (2007:35), tanto o exclusivismo como o inclusivismo foram, por natureza, contrários ao pluralismo religioso. Este era tido implicitamente como uma realidade pecaminosa, negativa, contrária à vontade e ao plano de Deus.

Os teólogos pluralistas propõem um teocentrismo, segundo o qual o cristianismo deixa de ser o “único e exclusivo meio de salvação” e as religiões não cristãs aparecem como instâncias legítimas e autônomas de salvação, como religiões verdadeiras. O centro seria Deus e não Jesus Cristo (TEIXEIRA, 1995:58-59). Este modelo sustenta

⁹⁷ Encontramos em esta posição os teólogos Jacques Dupuis, Claude Geffré, Edward Schillebeeckx, entre outros. (Cf. Teixeira 1999:593).

que Cristo é o caminho, mas não o único caminho para chegar a Deus. Cristo não é o único mediador. A salvação não necessariamente tem de passar pela Igreja ou por Cristo. Outras mediações seriam mediações em-si, sem a necessidade de passar, ainda que implicitamente, por Cristo. As religiões seriam mediações em-si de salvação e o cristianismo seria também uma religião com estas características.

Não é a religião que salva; é Deus o único Salvador. Todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si mesma e a seu modo. Não há uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus, as religiões giram em torno de Deus (VIRGIL, 2006:64) A idéia principal é Deus que se faz presente na história das culturas humanas e nas diversas tradições religiosas. Segundo Jacques Dupuis (2004:109-111), há varias posições dentro da teologia, desde a que afirma que Jesus Cristo não é considerado constitutivo nem normativo da salvação, até uma forma moderada que resguarda o caráter normativo de Jesus Cristo, mesmo abandonando o seu traço soteriológico constitutivo e universal.

Uma corrente teológica sem ser exclusivista ou inclusivista acredita numa unicidade revelada de Jesus. Jesus vem se afirmando como único, mas de uma unicidade caracterizada por sua capacidade de incluir e ser incluído com outros personagens religiosos únicos. Sem Jesus não faltaria à graça de Deus e sim a manifestação decisiva da mesma⁹⁸ (TEIXEIRA, 1995:63). Uma outra visão pluralista mais moderada considera o modelo teocêntrico como o mais prometededor para uma válida re-interpretação da doutrina cristã e um diálogo religioso mais autentico⁹⁹. Para outros teólogos como Hans Kung, todas as religiões contem verdades. Se uma religião é verdadeira não exclui a existência de verdades em outras religiões ou a “possibilidade das outras religiões virem complementar, corrigir e aprofundar a religião crista” (TEIXEIRA, 1995:76).

Como consequência da elaboração de uma teologia pluralista nasceu o ecumenismo e o dialogo inter-religioso. O diálogo inter-religioso aponta e demonstra a possibilidade de um horizonte de conversação alternativa; indica que a violência religiosa não faz parte da essência da religião, mas constitui um desvio ou traição do dinamismo mais profundo que anima a relação do ser humano com o Absoluto. Baseia-se na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade. Sem

⁹⁸ Nesta corrente o principal representante é o teólogo evangélico John Hick.

⁹⁹ O principal representante é o teólogo Paul Knitter. Ele faz uma clara distinção entre Reino de Deus e Igreja com objetivo de superar o exclusivismo e assim chegar ao pluralismo.

desconhecer a singularidade das diferenças, o diálogo aposta na possibilidade da renovação das relações inter-religiosas pelo encontro. Haveria um conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento. Este relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis que estão enraizados e comprometidos com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença (Cf. TEIXEIRA, 1995:188). O diálogo inter-religioso não se constitui em algo isolado ou conjuntural. Trata-se, antes de tudo, de uma opção de vida, de uma atitude permanente frente ao fato religioso plural. É um projeto teológico de longo alcance e uma experiência inter-espiritual inseparável das experiências de libertação. O diálogo deverá desembocar na elaboração de uma teologia das religiões que seja libertadora, ou seja, que recupere os elementos libertadores presentes em todas as tradições religiosas, e não somente na religião cristã. Estando o próprio Deus presente em todas as religiões, a atitude deveria ser a minha religião é verdadeira, mas também a tua. Deus é sempre maior do que a nossa compreensão; por isso, devemos completar-nos.

3.2 A visão teológica no magistério da Igreja Católica

Focalizaremos, em primeiro lugar, o magistério eclesiástico, fazendo uma leitura do seu discurso teológico usando as teorias do exclusivismo eclesiocêntrico, inclusivismo cristocêntrico e pluralismo teocêntrico. Esta aproximação não é fácil, pois às vezes misturam-se num mesmo parágrafo as três visões teológicas. Iniciaremos com os documentos de Roma a partir da exortação Apostólica *Ecclesia in América* de João Paulo II resultado do Sínodo na América (1999) e com a Declaração da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé presidida pelo então cardeal Joseph Ratzinger (hoje Bento XVI) *Dominus Iesus* (2000). Em seguida, focalizaremos o magistério do CELAM analisando os Documentos da *IV Conferência de Santo Domingo* (1992) e da *V Conferência de Aparecida* (2007). Quanto ao magistério da CNBB estudaremos o *PAMP – Projeto de Ação Missionária Permanente do Sul 1* (2004) e as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelização da Igreja no Brasil* para os anos de 2008-2010.

3. 2.1 Documentos do magistério Romano

O Magistério da Igreja Católica compreende os ensinamentos dos Concílios e do Papa, que definem e ensinam as verdades de fé e de moral. Desde os tempos apostólicos, a Igreja ensina e oferece formação doutrinal e moral sobre as verdades da Igreja e da Sagrada Tradição, visando o desenvolvimento e manutenção da doutrina católica ao longo da história cristã. O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou transmitida, foi confiado exclusivamente ao Magistério vivo da Igreja, ao papa e aos bispos em comunhão com ele, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Portanto, a função de Magistério da Igreja é exercido pela hierarquia católica¹⁰⁰.

3.2.1.1 Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in América* de João Paulo II

A Exortação Apostólica *Ecclesia in América* (EA) é resultado do Sínodo Continental celebrado em Roma, dentro do contexto de preparação para o novo milênio. Apresenta uma Igreja “*Ad intra*” com as características da centralização da Igreja Católica, respaldada pelo direito canônico, por ritos, regras, assinaturas, títulos, que são peculiares ao pontificado de João Paulo II. Consequentemente com essa centralização os anos noventa foram marcados pelo avanço do pentecostalismo no Continente.

Já na IV Conferência de Santo Domingo, o Papa acenara pela primeira vez para uma reunião continental em forma de sínodo como preparação do Jubileu do ano dois mil, no contexto da celebração do quinto centenário de Evangelização no continente americano (Cf. EA 2). O Sumo Pontífice, na Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente* convocava uma Assembléia Sinodal dos diversos continentes sobre as problemáticas da nova evangelização como preparação para os dois mil anos do cristianismo. A exortação inicia lembrando esse acontecimento:

A lembrança da recente celebração dos quinhentos anos da chegada da mensagem evangélica à América, isto é, desde que Cristo chamou a América à fé, e o próximo Jubileu, no qual a Igreja celebrará os 2000 anos da encarnação do Filho de Deus, são ocasiões privilegiadas nas quais eleva-se espontaneamente com mais força do coração a expressão da nossa gratidão ao Senhor. Consciente da grandeza dos dons recebidos, a Igreja peregrina na

¹⁰⁰ A Reforma protestante iniciada por Martinho Lutero (1517) defendia quatro grandes postulados: *Sola Gratia*, *Solus Christus*, *Solus Fide* e *Solus Scriptura* (só a graça, só Cristo, só a fé e só a Escritura), contra o Magistério e a Tradição Católica (Cf. CÉSAR, 2006).

América deseja partilhar a riqueza da fé e da comunhão em Cristo com toda a sociedade, e com cada um dos homens e mulheres que vivem em terra americana. (EA, 1)

A exortação EA faz parte do contexto de preparação para o ano 2000, na qual o papa João Paulo II convoca para uma nova evangelização¹⁰¹, tema central do pontificado e da preparação ao ano jubilar. O papa desejava uma nova evangelização como estratégia para atingir os países da antiga cristandade, onde grupos inteiros de cristãos perderam o sentido da fé, ou não se reconhecem como membros da Igreja¹⁰². Essa nova evangelização tinha como finalidade um novo anúncio, uma nova cristandade, uma cultura cristã no contexto sócio-religioso do mundo atual.

A celebração da Assembléia Especial do Sínodo dos bispos para a América teve lugar no Vaticano de 16 de novembro a 12 de dezembro de 1997¹⁰³. (Cf. EA, 2). Finalmente, o documento conclusivo *Ecclesia in América*, (EA) fruto do sínodo para a América, foi entregue aos bispos da América na Cidade do México, dia 22 de janeiro de 1999, pelo próprio papa João Paulo II, na celebração litúrgica realizada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe. A exortação apostólica tem uma forte relação com a figura da Virgem de Guadalupe¹⁰⁴. No contexto mariano e guadalupano do Continente, a presença do rosto materno de Deus foi muito intensa desde os dias da primeira evangelização. Desde os primórdios, invocada com o título de Nossa Senhora de Guadalupe, “Maria constitui um grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo, com quem Ela nos convida a entrar em comunhão” (EA 11).

Exclusivismo eclesiocêntrico Atualmente não é usado o clássico axioma “fora da Igreja não há salvação”, mas a exortação apostólica trás um discurso eclesiocêntrico defensivo “*Ad intra*”, preocupado com a atividade proselitista das seitas e novos grupos religiosos, que são vistos como um “grave obstáculo ao esforço evangelizador” (EA

¹⁰¹ O Papa João Paulo II utilizou pela primeira vez esta expressão “nova evangelização” numa homilia pronunciada em 9 de junho de 1979, na Polônia, por ocasião da celebração do primeiro milênio do cristianismo na terra do pontífice. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia>. Acesso 22.12.08.

¹⁰² Cf. Redemptoris Missio, 33.

¹⁰³ Na perspectiva do Grande Jubileu do Ano 2000, o Papa quis que houvesse uma Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para cada um dos cinco Continentes: África (1994), América (1997), Ásia (1998), Oceania (1998), e Europa (1999). (Cf. EA 6).

¹⁰⁴ A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe ao índio Juan Diego na colina de Tepeyac, dia 12 de dezembro de 1531, falando a língua indígena e com a simbologia da cultura local, teve uma repercussão decisiva na evangelização do Continente (Cf. EA 11). Por esse motivo, o sínodo e o documento final têm uma relação direta com a Virgem de Guadalupe.

73). O termo “proselitismo” no discurso do EA tem um sentido negativo, visto como conquista de adeptos e desrespeito à liberdade religiosa. “Deve respeitar o santuário da consciência de cada indivíduo, onde se desenrola o diálogo decisivo, absolutamente pessoal, entre a graça e a liberdade do homem”. Os vínculos de comunhão com essas comunidades, que no discurso do documento são chamadas de seitas, que possuem com a Igreja católica, “devem iluminar as atitudes desta e de todos os seus membros face àquelas. Entretanto, estas atitudes não poderão chegar a prejudicar a firme convicção de que somente na Igreja Católica se encontre a plenitude dos meios de salvação estabelecidos por Jesus Cristo” ¹⁰⁵. Embora no documento seja reconhecida a existência do ecumenismo, o discurso do texto apresenta o exclusivismo eclesiocêntrico colocando a Igreja Católica como “plenitude dos meios de salvação”, o que significa que as outras Igrejas são incompletas e precárias nos meios salvíficos. Portanto a salvação seria mais difícil fora da Igreja Católica, e isso ecoa o axioma “fora da Igreja não há salvação”.

A evangelização que se realizou no continente americano foi na perspectiva eclesiocêntrica e exclusivista, que, muitas vezes em vez de encarnar o amor evangélico, implantou a Igreja de forma violenta. A tarefa dos missionários era de trazer as pessoas para dentro da Igreja pela imposição do batismo. Hoje o discurso é outro, ao referir-se às religiões não cristãs, “a Igreja católica não rejeita nada do que há nelas de verdadeiro e de santo”. Entretanto, vem uma ressalva explícita: “os católicos pretendem ressaltar os elementos de verdade onde quer que estejam, mas, ao mesmo tempo, testemunham com vigor a novidade da revelação de Cristo conservada na sua integridade pela Igreja” (EA 51).

“As conquistas do proselitismo das seitas e dos novos grupos religiosos na América não podem ser encaradas com indiferença. Exigem da Igreja neste Continente um profundo estudo, a ser realizado em cada nação e também a nível internacional, para se descobrir os motivos porque bastantes católicos abandonam a Igreja. (...) A Igreja aproveite as possibilidades evangelizadoras que oferece uma religiosidade popular purificada, tornando assim mais viva a fé de todos os católicos em Jesus Cristo, através da oração e da meditação da Palavra de Deus oportunamente comentada. Ninguém ignora a urgência de uma oportuna ação evangelizadora, naqueles setores do Povo de Deus mais expostos ao proselitismo das seitas: a faixa dos imigrados, os bairros periféricos das cidades ou das zonas do campo privadas de uma presença sistemática do sacerdote e, portanto, caracterizados por uma profunda ignorância religiosa, as famílias de pessoas simples que padecem todo o tipo de dificuldades materiais” (EA 73).

¹⁰⁵ Conferir os ensinamentos do Concílio Vaticano II, Decreto sobre o tema do ecumenismo *Unitatis redintegratio*, 3.

O discurso do texto usa de forma unívoca o termo seita, para referir-se a todas as comunidades e denominações Evangélicas Pentecostais. O que mostra a dificuldade de reconhecer os bens de salvação nos grupos evangélicos pentecostais proselitistas por parte da Igreja Católica. No catolicismo oficial existe um discurso constante contra o proselitismo, por ser visto como causa principal do crescimento do pentecostalismo¹⁰⁶, da mobilidade religiosa e da crise demográfica católica. O Documento dá entender que as pessoas mais vulneráveis ao proselitismo agressivo são os católicos afastados, as pessoas das periferias das grandes cidades, que teoricamente são mais facilmente influenciáveis porque possuem uma fé fragilizada e, por vezes, confusa, vacilante e sem alicerce, mesmo conservando uma religiosidade popular. Temos como exemplo concreto a realidade religiosa de Cidade Tiradentes, o distrito mais pentecostal do município de São Paulo, aproximadamente 22 % da população é pentecostal, acima da porcentagem do Brasil que é de 16 %; os católicos são apenas 55 %, bem menos dos 73 % do país.

Preocupado com a mudança do mapa religioso e do “proselitismo das seitas”, o documento, no seu discurso, urge a necessidade de um estudo para conhecer os reais motivos da mobilidade religiosa e do crescimento do pentecostalismo. Um estudo estratégico a ser analisado pelo viés teológico, sociológico e pastoral, possa conhecer em profundidade as causas do êxodo religioso do catolicismo. O documento urge de uma “estratégia” na “ação evangelizadora, naqueles setores do Povo de Deus mais expostos ao proselitismo” como os imigrantes, os bairros periféricos das cidades ou das zonas do campo privadas de uma presença sistemática do sacerdote, “caracterizados por uma profunda ignorância religiosa”, cujas famílias são constituídas por “pessoas simples que padecem todo o tipo de dificuldades materiais” (EA 73). Pelo teor do discurso, trata-se de pessoas que não tiveram acesso a nenhuma cultura religiosa, por isso, no primeiro contato e questionamento, já trocam de religião. As Igrejas pentecostais, ou “seitas” aproveitariam das deficiências da Igreja Católica que, por falta de estrutura física, e pela escassez de sacerdotes é obrigada a deixar grandes áreas com pouca, ou nenhuma assistência religiosa. A “estratégia” principal de pressuposto pelo documento é formar agentes multiplicadores de evangelização e oferecer caminhos para que as pessoas saibam defender a fé. Nesta tarefa, é necessário evitar os extremos, por

¹⁰⁶ O CERIS mostra em pesquisa de 2004 que 23 % da população brasileira mudou de religião. (Cf. FERNANDES, 2004:13-30).

um lado a intolerância, ou agressividade e, por outro, o derrotismo e uma passiva resignação (Cf. EA, 73).

O papa João Paulo II alertou para o risco de uma pastoral orientada quase exclusivamente para as necessidades materiais, deixando os fieis numa situação vulnerável perante qualquer oferta espiritual. Esta atitude seria motivo para o avanço do pentecostalismo. Assim, “cresce sempre mais a necessidade que os fiéis passem de uma fé rotineira, sustentada talvez apenas pelo ambiente, a uma fé consciente, vivida pessoalmente” (EA, 73). É possível constatar que a postura pastoral no Brasil discorda dessa visão. A pastoral social voltada para as necessidades materiais dirigida para setores carentes está diretamente ligada às necessidades espirituais. Acreditamos que não é possível evangelizar, quando as pessoas carecem das necessidades básicas, não é possível uma pastoral orientada apenas para a questão das necessidades materiais ou só espirituais, as duas estão unidas.

O documento apresenta um discurso dentro do paradigma inclusivista, com um projeto de Igreja “*Ad intra*”, a partir da Instituição. Configura-se um quadro marcado por uma visão eclesiocêntrica, preocupada com a própria sobrevivência, caracterizada pela ausência de diálogo, de animação pastoral, de profetismo, uma Igreja que se pauta pela disciplina, pela sobrevivência e fortalecimento da Instituição.

Inclusivismo cristocêntrico O texto apresenta também um discurso cristocêntrico, entendendo a Evangelização como encontro entre Cristo e os habitantes do Continente (Cf. EA 68). Diante do contexto religioso, o papa vê a necessidade não apenas de “uma re-evangelização, mas de uma nova evangelização”, entendida como “nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão”. Segundo a Exortação hoje se apresentam, “duas situações claramente opostas: a dos países fortemente atingidos pelo secularismo e a dos outros onde ainda se conservam bem vivas as tradições de piedade e de religiosidade popular cristã” (EA, 6). Essa nova evangelização consistiria em buscar uma estratégia para atingir os países que já foram em sua maioria católicos atingidos pelo secularismo como é o caso da Europa. Contudo, a grande questão seria saber como realizar essa nova evangelização: que métodos e que expressão usar? João Paulo II não explica na Exortação EA, o teor dos novos métodos, das novas expressões. Logo cada setor da Igreja vem entendendo os métodos e a linguagem de acordo com o seu modo de ver a própria Igreja e de enxergar a realidade do mundo atual.

Pelo discurso inclusivista cristocêntrico, a Igreja Católica tem a proposta de abraçar homens e mulheres “de toda nação, tribo, povo e língua¹⁰⁷”, está chamada a ser, “num mundo caracterizado por divisões ideológicas, étnicas, econômicas e culturais, o sinal vivo da unidade da família humana” (EA, 32). O catolicismo sempre se apresentou como religião universal, como a única religião verdadeira para alcançar a salvação, visão herdada desde as suas origens; Jesus se apresenta como o único caminho: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim¹⁰⁸”. Assim, a Exortação Apostólica apresenta o discurso inclusivista cristocêntrico para todos os habitantes das Américas e não há nenhuma preocupação com o pluralismo religioso, quando a preocupação é o aumento do pentecostalismo, que está acarretando a diminuição do catolicismo no Continente.

No discurso do Documento, a consciência da universalidade da Igreja e do anúncio de Cristo deve permanecer viva:

A evangelização torna-se mais urgente junto de todos aqueles que, vivendo neste Continente, ainda não conhecem o nome de Jesus, o único nome dado aos homens para se salvarem. Infelizmente, este nome é desconhecido por larga parte da humanidade e em muitos ambientes da sociedade americana. Basta pensar nas etnias indígenas ainda não cristianizadas ou na presença de religiões não cristãs tais como o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo, sobretudo entre os imigrantes vindos da Ásia (EA 74).

Essa urgência significa incluir a todos os habitantes dentro do cristianismo e da fé em Cristo. Embora a América seja o Continente com maioria católica, o Papa preocupa-se com a pluralidade das religiões. Ele não desconhece que as maiores populações muçulmanas no Continente estão em países de língua inglesa, como a Guiana e Trinidad e Tobago, que o maior número de muçulmanos são descendentes de imigrantes provenientes principalmente da Índia, da Indonésia e da Palestina, que o Budismo chegou principalmente a partir das migrações japonesas¹⁰⁹. A urgência de que todos sejam católicos e reconheçam o Evangelho de Jesus, mostra a pretensão de ser a religião única e universal, com a plenitude da verdade. Por isso, justifica-se a ausência de uma visão de pluralismo religioso no Documento, embora como veremos apareça também uma preocupação ecumênica.

A postura inclusivista cristocêntrica, que se considera muito respeitosa com as religiões na realidade é um discurso de superioridade e exclusão, como se tudo o que há

¹⁰⁷ Ap 7,9.

¹⁰⁸ Jo 14,6.

¹⁰⁹ <http://pt.wikipedia.org/> Acesso 7.02.09.

de verdadeiro e bom nas outras religiões remete-se ao “cristianismo implícito” ou “sementes do Verbo”:

Uma vez que, na América, a piedade popular é expressão da inculturação da fé católica e muitas das suas manifestações assumiram formas religiosas autóctones, não se deve subestimar a possibilidade de recolher dela também, sempre iluminados pela prudência, válidas indicações para uma maior inculturação do Evangelho. Isto possui suma importância especialmente entre as populações indígenas, para que as “sementes do Verbo” presentes na sua cultura alcancem a plenitude em Cristo. O mesmo diga-se a respeito dos americanos de origem africana. (EA 16)

A Igreja reconhece as tradições e culturas autóctones apenas como “sementes do Verbo”, o que significa que em cada cultura haveria um pano de fundo válido para a planta nova que seria o cristianismo. Assim as “sementes do Verbo” seriam os valores de sua cultura, “as riquezas espirituais e humanas de tal cultura, que caracteriza o seu modo de celebrar o culto, o sentido de alegria e de solidariedade, sua língua e suas tradições de justiça, de paz, de fraternidade” (EA 16). Segundo Dom Benedito Beni dos Santos¹¹⁰ “é neste terreno preparado pelo orvalho divino, derramado pelo Espírito, que o missionário lança a semente da Palavra de Deus. Sem essa ação preparatória do Espírito, a semente da Palavra cairia sobre o asfalto duro”. Acreditamos que a expressão “sementes do Verbo” tem uma ambigüidade: primeiro, reconhece que quando o Evangelho chegou, pela primeira vez, ao nosso Continente e se manifestou as culturas autóctones, o Espírito Santo já havia preparado o terreno nos valores demais culturas, que seriam o pano de fundo para o cristianismo. Também ao afirmar que quando se chega à outra cultura encontram-se apenas as “sementes do Verbo”, o Documento mostra a superioridade do Cristianismo e a dificuldade em dialogar, pois considera a outra crença ou culto apenas como semente e a Cristo como a árvore, a plenitude.

Esta visão inclusivista cristocêntrica no discurso do documento EA apresenta o projeto de Igreja Pregação, aparecem à catequese, a evangelização, o aspecto doutrinário e anúncio missionário ocupando um papel central. Busca-se um aprofundamento da fé pelo saber. Para os não cristãos, procura-se o anúncio explícito do Evangelho, para os que abandonaram a Igreja pensa-se em novas maneiras de resgatá-los. (Cf. LIBÂNIO, 1999:69)

Pluralismo teocêntrico. Ao longo do discurso a Exortação “*Ecclesia in*

¹¹⁰ www.cnbb.org.br/documento_geral/DiscipulosMissionariosJC.doc. Acesso 23.12.08.

América” reconhece que “a identidade cristã da América não pode ser considerada como sinônimo de identidade católica” ¹¹¹ (EA 14), já que nos últimos anos houve um crescimento do cristianismo pentecostal no Continente. Apesar de ainda ser o Continente mais católico existe a presença de outras confissões cristãs, principalmente de cunho pentecostal, por isso se torna “urgente o empenho ecumênico, para procurar a unidade de todos os crentes em Cristo” (EA 14). O diálogo com o pentecostalismo sempre foi desafiador, sobretudo diante da diversidade do Movimento Pentecostal e das diferentes posições teológicas, sem uma doutrina ou representante que ampare uma posição comum. Embora “o ecumenismo deve ser objeto de reflexão e de comunicação de experiências entre as distintas Conferências Episcopais católicas do Continente” (EA 49), esse diálogo acontece, às vezes, apenas entre alguns pastores das Igrejas protestantes tradicionais e alguns padres. Porém, o diálogo ecumênico com o pentecostalismo, tanto para Igreja Católica, como para as Igrejas saídas mais diretamente da reforma protestante, luteranos, reformados, anglicanos, metodistas e outros é muitas vezes impossível. Apesar de que o Concílio Vaticano II considera todos os batizados e crentes em Cristo como “irmãos no Senhor”, é “necessário saber distinguir com clareza as comunidades cristãs, com as quais é possível estabelecer relações inspiradas na dinâmica ecumênica, das seitas, cultos e outros movimentos religiosos falazes” (EA 49). Porém, colocar as denominações e Igrejas pentecostais no patamar de qualquer tipo de “seita” mostra preconceito, superioridade e a compreensão de seita como oposição ao catolicismo, assim como o não reconhecimento, o preconceito e a dificuldade de diálogo ecumênico.

Quanto às religiões não cristãs, a Igreja católica não rejeita nada do que há nelas de verdadeiro e de santo. Por isso, com relação às outras religiões, os católicos pretendem ressaltar os elementos de verdade onde quer que estejam, mas, ao mesmo tempo, testemunham com vigor a novidade da revelação de Cristo conservada na sua integridade pela Igreja (...) A diferença de religião jamais deve ser motivo de violência ou de guerra. Pelo contrário, pessoas de distintas crenças devem sentir-se levadas, precisamente por causa da própria adesão a elas, a trabalhar unidas pela paz e pela justiça (EA51).

Conforme o discurso do texto acima, perante a realidade do pluralismo religioso, parece que o Papa admite alguns pontos que se incluem no processo do inclusivismo pluralista: a primeira atitude de fundo, prévia e incondicional, é de respeito pela religião diferente, do reconhecimento das diferenças e das convicções dos outros. A convivência pacífica manifesta-se na abertura e na

¹¹¹ Segundo dados do anuário da Santa Sé, América tem 86,5% de católicos; com menos de 14% da população mundial, o catolicismo representa 49,8% dos católicos do mundo. http://www.pime.org.br/noticias2008/noticiasame_latina39.htm. Acesso 23.12.08.

colaboração. A segunda atitude seria enfrentar o desafio do diálogo inter-religioso, que reconhece as diferenças e procura trabalhar o que une. Entretanto, ao final não renuncia à identidade fundamental de proclamar a salvação em Cristo conservada na sua integridade pela Igreja como proposta e convite à aceitação dos seus valores universais da paz e da justiça. Assim, o objetivo final seria que todos os povos reconheçam a plenitude da revelação no catolicismo (Cf. DUPUIS, 2004:199). Por isso, o discurso não chegou ao pluralismo teocêntrico pragmaticamente dito.

Para garantir a boa convivência entre as religiões é sempre necessário procurar o que une e relativizar as diferenças:

Os muçulmanos, como os cristãos e os hebreus, chamam a Abraão seu pai. Este fato deve garantir que, em toda a América, estas três comunidades vivam em harmonia e trabalhem juntas pelo bem comum. Da mesma forma, a Igreja na América deve esforçar-se por incentivar o mútuo respeito e as boas relações com as religiões nativas americanas. Análoga atitude deve ser promovida com relação aos grupos de hinduístas e budistas ou de outras religiões, que os recentes fluxos migratórios, provindos de países orientais, levaram à terra americana. (EA 51).

Jesus é Judeu e também é considerado um grande profeta do islã. O islamismo e o judaísmo, com seu absoluto monoteísmo, são a confirmação profética da unicidade de Deus contra toda forma de idolatria e com as mesmas raízes abraâmicas. Assim, o pluralismo religioso aparece neste início de século como um dos desafios mais fundamentais do catolicismo que procura aproximação, não só entre os cristãos, mas também com as grandes religiões. Reconhecer e afirmar a riqueza das outras religiões é sempre difícil. Trabalhar em conjunto pelo bem comum é sempre um dos maiores desafios. O primeiro passo de reconhecimento e diálogo é o respeito mútuo, senão houver respeito não haverá paz. A exortação apostólica apresenta um pluralismo inclusivista, isto é, considera a pluralidade religiosa como desafio positivo. Ele seria apenas fruto na América de fluxos migratórios.

A visão do discurso do documento EA parece mais reconhecer a pluralidade religiosa e não o pluralismo. Apresenta o projeto de Igreja Instituição “*Ad-intra*”; o ecumenismo e o diálogo inter-religioso aparecem como forma de convivência, de manter as boas relações com as outras religiões, mas sem abdicar ao anúncio explícito da fé católica. Busca-se um aprofundamento da fé com as outras religiões e denominações através do diálogo para trabalhar juntos pela paz e pela justiça.

3.2.1.2 A Declaração *Dominus Iesus*

O papa João Paulo II em 16 de junho de 2000 notificou a Declaração *Dominus Iesus*, (DI) decidida em sessão Plenária da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé do cardeal Joseph Ratzinger, ela foi publicada em Roma em 6 de agosto de 2000, festa da transfiguração do Senhor dentro da festividade do ano jubilar¹¹². O documento trata da unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Está composto de duas partes: a primeira tem um discurso cristocêntrico e, a segunda tem um discurso eclesiocêntrico. Para os críticos, representa um retrocesso da Igreja Católica, sobretudo no campo do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, justamente no ano jubilar, ano dedicado ao perdão e à reconciliação. Segundo com Faustino Texeira (2000:89), o documento não apresenta maior novidade, apenas reitera teses tradicionais já trabalhadas pelo magistério da Igreja. A novidade é a ênfase negativa ao reafirmar as teses tradicionais em oposição ao relativismo religioso que leva a pensar que “tanto vale uma religião como outra” (DI 22). A Declaração seria contrária, ou até um antídoto aos avanços da Carta Apostólica *Tertio Millenio Adveniente* de João Paulo II para a celebração do Jubileu, que sonhava em chegar ao ano 2000 com passos decisivos e novos para a unidade das Igrejas.

Dominus Iesus (DI) vem marcar posição negativa diante do contexto da pluralidade religioso do Ocidente nas últimas décadas. Uma das finalidades é ir de encontro ao suposto relativismo das posturas dos teólogos pluralistas inclusivistas como: Hans Kung (professor da Universidade Eberhard Karls em Tübingen, Alemanha), Paul Knitter (Estados Unidos), Claude Geffré (Institut catholique de Paris), Edward Schillebeeckx (dominicano belga), Jacques Dupuis¹¹³, (jesuíta belga e docente na Índia e na Gregoriana), Raymond Pannikkar (jesuíta espanhol-indiano), Tissa Balasurya (Siri Lanka), Aloysius Pieris (Índia) e Carlo Molaro (docente na Urbaniana e

¹¹² Desde 1300 a Igreja Católica celebra regulamente o Ano Jubilar, primeiramente de 50 em 50 anos; a partir do século XV, de 25 em 25 anos. Desde 1500 emprega-se também a expressão "Ano Santo" para o Ano Jubilar. Este acontecimento tem suas raízes Bíblicas (cf. Lv 15).

¹¹³ A Congregação para a Doutrina da Fé decidiu redigir uma *Notificação* com a intenção de salvaguardar a doutrina da fé católica contra erros, ambigüidades ou interpretações perigosas. Aprovada pelo Santo Padre na Audiência de 24 de novembro de 2000, esta *Notificação* foi apresentada ao Pe. Jacques Dupuis e por ele aceite. Com a assinatura do texto, o Autor comprometeu-se a aderir às teses enunciadas e a ater-se para o futuro, na sua atividade teológica e nas suas publicações, aos conteúdos doutrinários indicados na *Notificação*, cujo texto deverá ser incluído também em eventuais reimpressões ou reedições do livro em questão, e nas relativas traduções. O livro em questão é Jacques DUPUIS. *Per una Teologia Cristiana del pluralismo religioso*. Ed. Queriniana, Bréscia 1997.
http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents. Acesso 23.12.08.

Lateranense de Roma); certamente são os mais diretamente visados pela Declaração. A Sagrada Congregação da Doutrina da Fé não reconhece que a pluralidade de religiões é tão antiga quanto à humanidade e vê o perigo de que a reflexão teológica possa cair no relativismo. No Ocidente, durante quase dois mil anos, houve uma hegemonia do cristianismo, em especial do catolicismo; por isso, o contexto de teocracia e de religião oficial do Império ou dos Estados anulava a influência social de outras religiões minoritárias, mantendo os católicos imunes à sua influência. A DI parece saudosista de aqueles tempos.

A Declaração causou um profundo impacto negativo, tanto no mundo católico como entre os protestantes, pentecostais e as grandes religiões não-cristãs. O documento acentua o centralismo romano “*Ad intra*”, que salvaguarda a doutrina e a Igreja conservadora. O objetivo primordial seria estabelecer o marco ou limite doutrinal para o diálogo ecumênico e inter-religioso, no intuito de combater o indiferentismo e o relativismo presentes no contexto religioso atual. O ponto de partida é a reafirmação da fé católica “a doutrina de sempre” diante da “ameaça de teorias relativistas que pretendem justificar o pluralismo religioso” (DI, 4) a respeito da “unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja” com esse intuito, assume uma posição restritiva.

Segundo Faustino Teixeira (2004), o receio da relativização e da dessubstancialização dos conteúdos religiosos aciona o desejo de mais segurança, de estabilidade e fundamentação, provocando, assim, reações defensivas e ofensivas contra o universo da alteridade. Na lógica da defesa da identidade católica encaixa-se perfeitamente a distinção estabelecida pela Declaração entre fé teologal e crenças (DI 7) e a negação do pluralismo religioso de princípio (DI 4). Segundo a Declaração, a fé teologal consiste na “aceitação da verdade revelada por Deus Uno e trino”; já a crença nas outras religiões traduz “a experiência religiosa ainda à procura da verdade absoluta e ainda carecida do assentimento a Deus que se revela” (DI 7). Trata-se de uma distinção que vem confirmar a adesão à “teologia do acabamento”, que busca marcar de forma nítida a diferença substancial entre o cristianismo e as outras religiões.

Exclusivismo eclesiocêntrico. O documento contém um discurso eclesiocêntrico exclusivista. Reitera a questão da unicidade e unidade da Igreja católica, de sua indissolúvel relação com o Reino de Deus, e sua condição de única religião verdadeira. Há uma ênfase no discurso da centralidade da Igreja com uma crítica às

concepções teológicas que acentuam o reinocentrismo. No campo da relação da Igreja católica com as outras tradições religiosas, o pêndulo recai sobre a afirmação da necessidade da Igreja para a salvação (TEXEIRA, 2000:882).

A Declaração parte do princípio de que a Igreja católica participa da plenitude do mistério salvífico de Jesus Cristo, pois a Ele está unida de modo inseparável (DI 16). Esta unicidade vem apresentada como “verdade de fé católica”. Professa uma “continuidade histórica entre a Igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica”. Afirma-se a tese tradicional, que somente na Igreja católica se dá em plenitude a existência da Igreja de Cristo (DI 16). De acordo com Marcelo Barros (2000), a eclesiologia que este documento revela é contra toda a teologia contemporânea, em especial de autores europeus mais credenciados. O discurso do texto ressuscitou o Concílio Vaticano I com sua Constituição "*Ad Petri Cathedram*" ensinando a Igreja como sociedade perfeita e esvaziou o Vaticano II, que oficializou a fórmula: "*subsistit in*"¹¹⁴. Assim, as outras Igrejas cristãs são consideradas no Documento como deficitárias por razões diversas. Apenas os Ortodoxos (Cf. DI 17) partilham a condição de Igrejas particulares, embora limitados por não aceitarem a doutrina católica do Primado:

Existe, portanto uma única Igreja de Cristo, que subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele. As Igrejas que, embora não estando em perfeita comunhão com a Igreja Católica, se mantêm unidas a esta por vínculos estreitíssimos, como são a sucessão apostólica e uma válida Eucaristia, são verdadeiras Igrejas particulares. Por isso, também nestas Igrejas está presente e atua a Igreja de Cristo, embora lhes falte a plena comunhão com a Igreja católica, enquanto não aceitam a doutrina católica do Primado que, por vontade de Deus, o Bispo de Roma objetivamente tem e exerce sobre toda a Igreja. (DI 17)

A afirmação exclusivista de que a “única Igreja de Cristo subsiste na Católica” cria um mal estar entre as diferentes Igrejas e denominações. Porém, o Concílio Vaticano II colocou a palavra, “subsiste na Igreja Católica” significando, que a Igreja de Cristo também está na Igreja, mas não apenas nela, pois fora de sua visível estrutura se encontram vários elementos de santificação e verdade. Estes elementos, como dons próprios da Igreja de Cristo, impelem à unidade católica (Cf. LG, n. 21). 'Subsistir'

¹¹⁴ A Constituição *Lumen Gentium* 8, do Vaticano II afirma que a Igreja de Cristo subsiste na Igreja católica. O Documento *Dominus Iesus* tem uma leitura restritiva, em contraste com a interpretação majoritária de inúmeros teólogos que participaram do Concílio e/ou refletiram de forma aprofundada sobre este texto. Com a expressão ***subsistit in*** o Concílio Vaticano II quis harmonizar duas afirmações doutrinais: por um lado, a de que a Igreja de Cristo, não obstante as divisões dos cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica e, por outro, a de que existem numerosos elementos de santificação e de verdade fora de sua composição, isto é, nas Igrejas e Comunidades eclesiais que ainda não vivem em plena comunhão com a Igreja Católica (Cf. TEXEIRA, 2000:884).

significa existir e permanecer, ou seja, continuar existindo, manter-se. Expressão que indica a ligação, entre a estrutura visível da Igreja Católica e a Igreja de Cristo. Esse discurso não significa exclusividade, mas inclui outras Igrejas além dos limites de sua organização visível. Mas na DI os Protestantes não são reconhecidos como Igreja e menos ainda os pentecostais em sentido próprio, são “comunidades eclesiais” porque estes, “não conservaram um válido episcopado e a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico” (DI 17). A DI reafirma a exclusividade da Igreja Católica diante do pluralismo religioso.

É, por conseguinte, contrária à fé da Igreja a tese que defende o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo, que seria complementar da que é presente nas outras religiões. A razão de fundo de tal afirmação basear-se-ia no fato de a verdade sobre Deus não poder ser compreendida nem expressa na sua globalidade e inteireza por nenhuma religião histórica e, portanto, nem pelo cristianismo e nem sequer por Jesus Cristo (DI 6).

Não existe posição teológica nem teólogo cristão que sustente, como afirma o discurso do texto: "o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo" (DI 6). Querendo salientar a universalidade e unicidade do Cristo e da sua revelação a Declaração exagera. O texto vem dizer que nós cristãos já encontramos o que as outras religiões ainda procuram e dá a impressão de fechar Deus Pai, Filho e Espírito Santo apenas na visão da cultura religiosa ocidental e dentro da tradição latina.

Outro tema é a questão da diferença entre Igreja, Reino de Deus e Reino de Cristo. Busca-se afirmar “a conexão íntima entre Cristo, o Reino e a Igreja” (DI 11). O discurso do Documento expressa preocupação com certas posições teológicas que estariam desvinculando o Reino, seja com respeito a Jesus, seja com respeito à Igreja. Condena a separação Igreja e Reino. O grande receio refere-se a uma acentuação considerada unilateral, segundo a qual o Reino transformar-se-ia numa “meta puramente humana ou ideológica” (DI 18), ficando a Igreja marginalizada ou desvalorizada. Por isso, indica que “tais teses são contrárias à fé católica” (DI 19).

Sobre ao tema da Igreja e as religiões no que concerne à salvação, o Documento afirma como essencial para a fé cristã a tese da necessidade da Igreja para a salvação, indo de encontro a teologia contemporânea que prefere falar de salvação fora da Igreja, ainda que jamais fora de Cristo; entende ser possível salvar-se fora de um Cristo explícito, pela prática da práxis cristã, que, implicitamente, conecta, pelo Espírito, com o acontecimento redentor Jesus.

A Igreja é sacramento universal de salvação, porque, sempre unida de modo misterioso e subordinada a Jesus Cristo Salvador, sua Cabeça, tem no plano de Deus uma relação imprescindível com a salvação de cada homem. Para aqueles que não são formal e visivelmente membros da Igreja, a salvação de Cristo torna-se acessível em virtude de uma graça que, embora dotada de uma misteriosa relação com a Igreja, todavia não os introduz formalmente nela, mas ilumina convenientemente a sua situação interior e ambiental. Esta graça provém de Cristo, é fruto do seu sacrifício e é comunicada pelo Espírito Santo. Tem uma relação com a Igreja, que por sua vez tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. (DI 20)

O discurso da mediação de Cristo para a salvação vem afirmado com forte ênfase, tanto quanto a visibilidade da Igreja. Não se nega a possibilidade de salvação para os que não se encontram formalmente na Igreja. Esta salvação, porém, ocorre sempre mediante o Cristo no Espírito, em virtude de uma graça, dotada de relação misteriosa com a Igreja. Embora reconheça esta abertura, expressa pelo Vaticano II, segue-se o questionamento das posições que consideram “a Igreja como um caminho de salvação ao lado dos constituídos pelas outras religiões” (DI 21). Falando dos ritos e cultos dos seguidores de outras religiões, o discurso do texto diz que “algumas orações e ritos podem assumir um papel de preparação ao Evangelho, enquanto ocasiões ou pedagogias que estimulam os corações humanos a se abrirem à ação de Deus”; isso pressupõe que efetivamente não estão abertos. “Não se lhes podem atribuir a origem divina nem eficácia salvífica (...) e certos ritos, enquanto dependentes da superstição ou de outros erros são mais propriamente um obstáculo à salvação” (DI 21).

Segundo Faustino Teixeira (2000:883) objetivo é condenar as teses teológicas que afirmam o lugar complementar ou equivalente das outras religiões com respeito à Igreja católica. A Declaração, não nega a existência de elementos positivos nas outras religiões e igrejas, mas em conformidade com a “teologia do acabamento”, insiste sobre a impossibilidade de atribuir às suas orações e a seus ritos uma origem divina ou eficácia salvífica (DI 21). Afirma-se que os adeptos das outras religiões encontram-se objetivamente “numa situação gravemente deficitária, se comparada com a daqueles que na Igreja têm a plenitude dos meios de salvação” (DI 22). O temor do indiferentismo e do relativismo religioso provoca um evidente recuo dialogal e vai em direção oposta aos avanços teológicos pós-conciliares. O desafio do diálogo passa para segundo plano, diante do imperativo do anúncio. No centro está a importância do empenho da Igreja “em anunciar a todos os homens a verdade, definitivamente revelada pelo Senhor, e em proclamar a necessidade da conversão a Jesus Cristo e da adesão à Igreja” (DI 22) e que a salvação só se verifica na única religião verdadeira (DI 23). No clima dessa

Declaração evangélicos e pentecostais céticos se perguntam se o diálogo da Igreja Católica é sincero. Temem que seja apenas um novo modo de Roma voltar a exercer controle sobre as outras Igrejas.

A visão exclusivista do discurso da Declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, apresenta um projeto de Igreja Institucional “*Ad intra*”, a partir da cúria romana, com os olhos de Roma, preocupada com a possibilidade do relativismo teológico que estaria presente na reflexão teológica do pluralismo religioso. A teologia oficial da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé pretende realizar um controle doutrinal, mas conseguiu criar um mal estar no mundo pluralista, impedindo ou dificultando a possibilidade de uma maior abertura para o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Inclusivismo cristocêntrico. A Declaração DI convoca toda a Igreja a uma retomada do dever missionário, do “mandato de anunciar o Evangelho a todo o mundo e de batizar todas as nações” (DI 1). A missão universal da Igreja “realiza-se com a proclamação do mistério de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo e do mistério da encarnação do Filho e do mistério da encarnação do Filho. São estes os conteúdos fundamentais da fé cristã” (DI 2). Esta necessidade vem reiterada em função da constatação de que no final de milênio “a missão, ainda permanece longe de se cumprir” (DI 2). O papa João Paulo II, na carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* em preparação para a celebração do Jubileu fez o apelo da nova evangelização e do anúncio de Jesus Cristo. No discurso no âmbito da cristologia, o Documento afirma o caráter pleno e definitivo da revelação de Jesus Cristo, contestando-se as teses que confirmam um pluralismo religioso de princípio, que possam abrir campo para uma compreensão mais ampla da revelação de Deus.

No discurso do texto, Cristo é o único e universal salvador. A Igreja Católica Apostólica Romana, Corpo Místico de Cristo é também o único e universal meio de salvação. Daí uma verdade de Fé é definida, com obrigação de ser aceita por todos os membros da Igreja, clero e fiéis: antes de mais, é necessário crer firmemente que a “Igreja, peregrina na terra, é necessária para a salvação. Só Cristo é o mediador e o caminho de salvação”; e, Ele torna-se presente no seu Corpo que é a Igreja. Ao inculcar com palavras explícitas a necessidade da fé e do Batismo¹¹⁵, afirmou ao mesmo tempo a

¹¹⁵ Cf. Mc. 16.16; Jo 3,5

“necessidade da Igreja, na qual os homens entram pelo Batismo tal como por uma porta”. A salvação só acontece por Cristo, a Igreja seria cujo corpo é a Igreja¹¹⁶. Em outras palavras, Cristo é a cabeça e a Igreja é o corpo. O corpo não vive sem a cabeça. Cristo salva, pela Igreja que é Seu Corpo. Portanto, a Igreja, coluna e fundação da verdade, é a agente de salvação (DI 20).

A Declaração aprofunda a questão da unicidade e da universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. A intenção do discurso do texto, não é apenas expor uma compreensão da doutrina da fé católica a propósito do tema, mas indicar “alguns problemas fundamentais que se mantêm abertos a ulteriores aprofundamentos, e corrigir algumas posições errôneas ou ambíguas” (DI 3). As principais críticas têm em mira, como já fora assinalado, os teólogos que estariam enfatizando teorias de índole relativista, que, segundo a DI, acabam esvaziando ou projetando sombras de dúvida e insegurança sobre o caráter de verdade absoluta e de universalidade salvífica da revelação cristã e do mistério de Jesus Cristo e da Igreja.

O perene anúncio missionário da Igreja é hoje posto em causa por teorias de índole relativista, que pretendem justificar o pluralismo religioso, não apenas *de fato*, mas também *de iure* (ou *de principio*). Daí que se considerem superadas, por exemplo: verdades como o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo, a natureza da fé cristã em relação com a crença nas outras religiões, o caráter inspirado dos livros da Sagrada Escritura, a unidade pessoal entre o Verbo eterno e Jesus de Nazaré, a unidade da economia do Verbo Encarnado e do Espírito Santo; a unicidade e universalidade salvífica do mistério de Jesus Cristo. A mediação salvífica universal da Igreja, a não separação, embora com distinção, do Reino de Deus, Reino de Cristo e Igreja, a subsistência na Igreja Católica da única Igreja de Cristo. (DI, 4).

A Exortação, neste discurso, pretende combater qualquer tipo de relativismo e reafirmar o caráter de verdade absoluta do mistério do Cristo e da Igreja e consequentemente a superioridade de Cristo e da Igreja Católica. Segundo Marcelo Barros (2000) o objetivo do Documento é estabelecer os canais pelos quais atua a graça e sopra o Espírito de Deus. O texto incomoda porque é só Deus que salva. Toda religião, igreja, instituição, grupo, ou pessoa que pretenda tirar de Deus a palavra da salvação para torná-la seu próprio monopólio, blasfêmia como a antiga Babel e se cobriria de ridículo diante de Deus. Parece que o texto pretende absolutizar uma única expressão de fé, identificando o Reino de Deus com a Igreja Romana e como única Igreja de Cristo. Embora use expressões do Concílio Vaticano II, o teor fechado do texto veio de encontro à abertura conciliar.

¹¹⁶ ICol 12,27

Um estudo minucioso do discurso da Declaração possibilita perceber a intencionalidade de grande parte das críticas. Elas visam silenciar os teólogos inclusivistas abertos, que nestes últimos anos buscaram aprofundar a questão da relação do cristianismo com as outras tradições religiosas, a partir das interrogações tecidas pelos teólogos pluralistas. A pressão de determinados setores do magistério da Igreja, vinha urgindo um enfrentamento das teses dos teólogos pluralistas que romperam com a centralidade cristológica: suas posições vinham sendo enquadradas como destacadas da tradição cristã. Mas a dinâmica do texto visa também um questionamento dos teólogos que se inserem na perspectiva cristocêntrica e buscam ampliar os horizontes da reflexão tradicional. Na prática, os desafios teológicos lançados por tais teólogos são mais ameaçadores, porque indicam a possibilidade de uma nova fisionomia histórica para o cristianismo (TEIXEIRA, 2000:881).

A visão inclusivista cristocêntrica do Documento apresenta um projeto de Igreja a partir da Instituição. A unidade doutrinal é colocada a serviço da unidade institucional. A missão é vinculada à Igreja oficial romana.

O pluralismo teocêntrico. O discurso da declaração da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé visa contestar as teses do pluralismo religioso, que podem abrir campo para uma compreensão mais ampla da revelação de Deus e afirma o caráter pleno e definitivo da revelação de Jesus Cristo, frente ao amplo pluralismo religioso atual, em muitos casos, marcado pelo relativismo. Conforme atesta a Declaração, “o perene anúncio missionário da Igreja é hoje posto em causa por teorias de índole relativista que pretendem justificar o pluralismo não apenas de fato, mas também de jure, ou de princípio” (DI 4). O documento teme que o catolicismo possa cair num relativismo que ameaça o êxodo dos católicos para outras religiões. Por isso, evitar-se-á leva-lo para frente.

A declaração ao se referir ao pluralismo religioso, o vê como perigoso, pois este poderia levar a um relativismo. Porém o diálogo, não é mera estratégia para promover a antiga tese ecumênica de “retorno à Igreja Católica”, mas como meio concreto de conhecer melhor a Deus. Aí reside o valor teológico do encontro do diferente. Afirma que “querendo congregar em Cristo todas as gentes e comunicar-lhes a plenitude da sua revelação e do seu amor, Deus não deixa de se tornar presente sob variadas formas” seja aos indivíduos, seja aos povos, através das riquezas espirituais, das quais a principal e essencial expressão são as religiões, mesmo se contêm “lacunas, insuficiências e erros” (DI

8). Para justificar, a universalidade da salvação cristã e o fato do pluralismo religioso é proposta a “economia do Verbo eterno, que é válida também fora da Igreja e sem relação com ela, e uma economia do Verbo Encarnado”, que não é aceita na declaração (DI 9).

O discurso do texto de DI parece nutrir um horror ao pluralismo religioso e o compreende como uma ideologia que conduz facilmente ao relativismo. Por isso, sublinha que os adeptos de outras religiões encontram-se em uma “situação gravemente deficitária, se comparada com aquelas que na Igreja tem a plenitude dos meios de salvação” (DI 22). Embora não exclua que há elementos da salvação em outras Igrejas e credos, declara-os inferiores à Igreja Católica, pois só ela teria a totalidade da salvação, as outras seriam incompletas. O discurso do texto identifica Jesus, Reino e Igreja "a verdade que é o Cristo se impõe como autoridade universal" e "a única verdadeira religião se verifica na Igreja Católica e Apostólica, governada pelo sucessor de Pedro" (DI 23). Daí, concluímos que o texto vê a Igreja não como uma das respostas humanas à revelação e sim como objeto e plenitude da própria revelação.

Quando a declaração estabelece firmemente a distinção entre fé teologal e crença (Cf. DI 7), manifesta abertamente a herança exclusivista e a sua dificuldade de reconhecer o valor de revelação nas outras experiências religiosas. Mas também, alguns teólogos da libertação manifestam dificuldade semelhante ao manter a distinção entre experiência de fé, isto é teologia e a experiência do sagrado, isto é religião. Enquanto a primeira experiência indicaria o caminho de Deus aos homens, a segunda expressaria o caminho dos homens a Deus. Como se pode perceber, o desafio de como viver a eclesialidade numa América Latina pluri-religiosa permanece como uma tarefa em aberto.

As declarações da DI e suas conclusões (Cf. DI 23) inquietam profundamente os que não podem conceber a verdade cristã, em termos de verdade absoluta; há que admitir que a verdade cristã não exclui nem inclui toda outra verdade. No cristianismo, como em toda a religião autêntica, a fé segue um compromisso absoluto, mas que a verdade à qual ela se remete é sempre relativa por ser histórica. Por isso, é necessário, mostrar o caráter não totalitário da verdade cristã em virtude justamente da originalidade do cristianismo que contém em si mesmo seus próprios princípios de limitação e relativização. As demais religiões podem exercer uma determinada função na salvação, enquanto portadoras da presença escondida do mistério de Cristo, do qual a Igreja visível não possui o monopólio. Em outras palavras, os membros das outras religiões se salvam não pela pertença a tal ou qual tradição religiosa, mas sim graças a

ela.

O discurso do texto manifesta um projeto de Igreja Instituição “*Ad intra*”, que vem centralizar e reforçar a teologia tradicional, dando pouco ou nenhum espaço para a reflexão teológica pluralista, para o ecumenismo e para o diálogo inter-religioso. O documento criou também um mal estar interno, por causa da intervenção autoritária da Instituição que desacredita o diálogo e o trabalho dos teólogos e as experiências inter-religiosas. O discurso de DI pode enfraquecer o diálogo, o pluralismo religioso, ameaçar e até extinguir o entusiasmo aberto da teologia da missão. Será muito difícil manter, ao mesmo tempo, uma preocupação com a Instituição e desenvolver livremente a teologia pluralista do diálogo inter-religioso.

3.2.2 Documentos do magistério do CELAM

No âmbito do magistério do CELAM, focalizaremos apenas os dois últimos documentos: a IV Conferência de Santo Domingo, que tratou da Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã, com o lema: Jesus Cristo Ontem, hoje e sempre, e a V Conferência de Aparecida, que apresentou a missão continental, como continuidade das Conferências anteriores.

3.2.2.1 O Documento de Santo Domingo

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo, na República Dominicana, no período de 12 a 28 de outubro de 1992. A abertura aconteceu dia 12 de outubro de 1992, justamente na data em que eram celebrados os 500 anos de Evangelização nas Américas. A partir de 12 de outubro de 1492, começaram a chegar os primeiros missionários junto com os colonizadores, iniciando um longo caminho percorrido no meio de muitos percalços e contradições. A data esteve marcada por protestos nos diversos países do Continente por causa do sofrimento dos índios que foram dizimados e dos negros que foram arrancados da África e escravizados (Cf. SD 246). “O desrespeito à vida, à identidade pessoal e familiar e às etnias são uma ofensa escandalosa para a história da humanidade” (SD 20). A história é mestra de vida e, através dela, novos erros podem ser evitados e novas veredas podem ser trilhadas. Um dos erros a ser evitado é a associação entre o poder temporal e a ação missionária, entre a espada e a cruz.

No discurso de abertura da Conferência de Santo Domingo, o papa João Paulo II fazia memória desses quinhentos anos de evangelização e reafirmava o compromisso com um maior respeito das culturas e dos povos em vista de uma autêntica inculturação do Evangelho. A Igreja reconhecia que o outro e o diferente têm, em nosso Continente, rostos e feições bem precisas: os negros, os índios, os camponeses pobres, os excluídos da globalização, os moradores das favelas e periferias das grandes cidades. Por essa razão, a Igreja pedia perdão aos índios, aos negros e às vítimas da exclusão social e de tantos massacres nesses 500 anos de Evangelização, de colonização e de sofrimento (Cf. SD 20). A IV Conferência realizou-se no contexto da celebração dos 500 anos do início da evangelização na América Latina e Caribe. Entre bispos, peritos e convidados participaram cerca de 350 pessoas. Destas, 234 eram bispos com direito a voto. (Cf. VALENTINI, 1993:6-8).

A IV Conferência dava continuidade às anteriores: Rio de Janeiro em 1955; Medellín em 1968; Puebla em 1979. Porém introduzia descontinuidade ao mudar o método indutivo do ver-julgar-agir, tradicional na América Latina, pelo dedutivo a partir da doutrina e não da realidade. O papa João Paulo II tinha convocado, oficialmente em 12 de dezembro de 1990, esta assembléia e tinha estabelecendo como tema: “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã”, sob o lema: “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre¹¹⁷”. O tema da conferência era a nova evangelização em seu ardor, métodos e expressão (SD, 28) e de cultura cristã, que significa de acordo com o discurso do texto (SD 22), o processo de purificar as culturas e aperfeiçoá-las a partir de dentro, com o ensinamento e o exemplo de Jesus, até chegar a uma cultura cristã.

As conclusões da IV Conferência com o tema: “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã”. Nova Evangelização significa segundo o documento de Santo Domingo (SD 24), “reconhecer que existiu uma antiga ou primeira”. Porém, “não significa que a anterior tenha sido inválida, infrutuosa ou de curta duração”. Mas hoje há novos desafios, novas interpelações que se fazem aos cristãos e aos quais é urgente responder. Não quer dizer que há que “re-evangelizar”, mas o compromisso pela promoção integral da pessoa e impregne com a luz do Evangelho as culturas dos povos latino-americanos. Santo Domingo vê a promoção humana como “princípio de toda autêntica cultura crista” (SD 33). Por isso, a Igreja afirma o compromisso que “apóia os

¹¹⁷ O lema da IV Conferência de Santo Domingo é inspirado em Hebreus 13, 8. Mostra o cristocentrismo no documento conclusivo, colocando o Cristo como centro da história e da humanidade. Assim, pelo testemunho na vida e na morte, Jesus Cristo tornou-se o modelo e o centro da história humana para a salvação do mundo.

esforços que estes povos fazem para ser reconhecidos como tais pelas leis nacionais e internacionais, com pleno direito à terra, às suas próprias organizações e vivências culturais”, a fim de garantir o direito que têm de viver segundo sua identidade, sua própria língua e seus costumes ancestrais, e de se relacionar com plena igualdade com todos os povos da terra. Significa vigência dos direitos humanos e sua educação, inclusive com alfabetização bilíngüe dos indígenas e afro-americanos (SD 251). Ainda, para o documento de Santo Domingo (SD 229), Cultura Cristã significa “o sentir comum da vida de um povo, que tem sido penetrado interiormente, até situar a mensagem evangélica na base de seu pensamento, nos seus princípios fundamentais de vida, nos seus critérios de juízo, nas suas normas de ação”.

Exclusivismo eclesiocêntrico Santo Domingo não apresenta um discurso exclusivista eclesiocêntrico, mas uma preocupação defensiva com o avanço das “seitas fundamentalistas” (Cf. SD 140), com as formas religiosas sincréticas, o proselitismo¹¹⁸ e os novos movimentos, os quais aparecem como um perigo para a fé católica.

Formas paracristãs ou semicristãs, como Testemunhas de Jeová e Mórmons... Manifestam um proselitismo, um milenarismo e traços organizativos empresariais; formas esotéricas que buscam uma iluminação especial e compartilham conhecimentos secretos e um ocultismo religioso. Tal é o caso de correntes espíritas, Rosas-cruzes, gnósticos, teósofos, etc.; filosofias e cultos com facetas orientais, mas que rapidamente estão adequando-se ao nosso continente, tais como Hare Krishna, a Luz Divina, Ananda Marga e outros, que trazem um misticismo e uma experiência de comunal; grupos derivados das grandes religiões asiáticas, quer seja do budismo (seicho no lê, etc.), do hinduísmo (yoga, etc.) ou do islã (baha'i) que não só atingem migrantes da Ásia, mas também plantam raízes em setores de nossa sociedade; empresas sócio-religiosas, como a seita Moon ou a Nova Acrópolis, que têm objetivos ideológicos e políticos bem precisos, junto com suas expressões religiosas, levadas a cabo mediante meios de comunicação e campanhas proselitistas, que contam com apoio ou inspiração do primeiro mundo, e que religiosamente insistem na conversão imediata e na cura; é onde estão as chamadas "igrejas eletrônicas" (SD, 147).

O discurso do texto acima apresenta as formas paracristãs ou grupos semicristãos¹¹⁹, os quais são considerados como grupos heréticos do cristianismo por não aceitar uma parte da doutrina referente a Cristo como Testemunhas de Jeová¹²⁰ e

¹¹⁸ Para o teólogo Elias Wolff (2000:31), a ação proselitista é um dos fatores do crescimento anual de 14% do pentecostalismo no Brasil.

¹¹⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Denominaes>. Acesso 26.12.2008

¹²⁰ As Testemunhas de Jeová assumem-se como uma religião cristã não trinitária. Afirmam ter só Jeová como Deus e consideram-se seguidores de Jesus Cristo. Crêem que a sua religião é a restauração do verdadeiro cristianismo. Afirmam basear todas as suas práticas e doutrinas no conteúdo da Bíblia.

Mórmons¹²¹. Grupos semicristãos considerados heréticos existem desde a origem do cristianismo. Podemos citar os gnósticos que sustentavam um modelo dualista, os ebionitas que negavam a divindade de Cristo, os apolinarianos, que defendiam que Jesus teria corpo humano e mente divina, os montanistas, que pregavam uma nova revelação concedida a eles, e os arianos, que acreditavam que Jesus foi um ser criado ao invés de co-eterno com Deus Pai. Estes grupos se extinguíram como instituição por falta de seguidores. Os grupos milenaristas têm uma doutrina religiosa com base na Bíblia¹²², esperam e anunciam o regresso de Jesus Cristo para constituir um reino com duração de dois mil anos e serão salvos apenas os que pertencem ao grupo ou seita. O discurso do texto (SD 147) apresenta as religiões orientais, os grupos e seitas filosóficas de forma negativa, que são minoria no Continente. Esses grupos filosóficos têm como base doutrinária a síntese entre filosofia, religião e ciência. Por exemplo, o *Hare Krishna*¹²³, movimento religioso de tradição monoteísta inserida na cultura *Védica* ou *Hindu*, foi trazida para o Ocidente em 1965 por A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Os membros da sociedade participam dos serviços nos templos e realizam suas práticas chamadas de yoga da devoção.

Com um discurso tático para não perder adeptos e garantir a identidade católica, a IV Conferência recomenda a devoção à Eucaristia, à Virgem Maria, a obediência ao Romano Pontífice e ao bispo (SD 143); urge o empenho em acompanhar e purificar as expressões da religiosidade popular (SD, 53), que, apesar de seus valores, não está purificada de elementos alheios à autêntica fé (SD, 39). A religião popular é vista com desconfiança porque sobrepõe a emoção à razão. Caracteriza-se muitas vezes por ser hereditária, com uma visão espontânea, emotiva, sincrética e concreta. O crente procura sentir de forma muito viva o contacto com o divino e obter um testemunho concreto.

O discurso do texto de SD, diante dos novos desafios, pede a ida até os católicos afastados, a multiplicação e a criação de comunidades (Cf. SD, 60) e incentiva o uso da Bíblia, como meios para “responder às insinuações de uma interpretação fundamentalista ou de um afastamento da vida na Igreja para refugiar-se nas seitas”

Possuem adeptos em 236 países e territórios autônomos. São conhecidas por recusarem muitas das doutrinas centrais das demais religiões cristãs, pelo apego a fortes valores que afirmam ser baseados na Bíblia, nomeadamente quanto à neutralidade política, à moralidade sexual, à honestidade e à recusa em aceitar transfusões de sangue. <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 13.02.2009.

¹²¹ Os Santos dos Últimos Dias ou Mórmons, é um movimento religioso restauracionista iniciado no século XIX nos Estados Unidos da América e liderado inicialmente por Joseph Smith Jr., definido pelos seus seguidores como primeiro profeta desta época. <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 13.02.2009.

¹²² Cf. Ap. 20, 1-10.

¹²³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 13.02.2009.

(SD, 38). Embora, nos últimos anos, a Igreja Católica tenha incentivado o uso da Bíblia, após um longo período de vários séculos de proibição, está longe de ser o livro do católico. Continua a ser o livro do evangélico protestante. A ênfase bíblica se verifica em poucas paróquias.

Aparece, nos textos analisados, o projeto de uma Igreja hierárquica, que, apesar de seus resquícios de autodefesa, tenta superar a concepção absolutista e exclusivista do catolicismo, mas ainda vê como imperfeitas as outras religiões e denominações cristãs, como se estivessem sob o signo do erro. Embora, constitua um caminho difícil para o catolicismo oficial, ao reconhecer como “imperfeitas” as outras religiões, considera que a plenitude da verdade, do cristianismo constitui o cumprimento de parte apenas daquela verdade imperfeita que reside nas outras religiões e denominações cristãs.

Inclusivismo cristocêntrico. A Conferência de Santo Domingo em seu discurso, apresenta um inclusivismo cristocêntrico com a nova evangelização que vem marcado desde o lema: “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”, apresentando Cristo como centro da história. O discurso da Nova Evangelização tem como finalidade “formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade” (SD, 26). O acento recai sobre a urgência do anúncio explícito, que ganha uma prioridade não apenas de ordem, mas também de urgência. Uma nova evangelização que exige novos métodos (SD, 29), embora, na primeira evangelização, ao lado de violências e opressões, tenha havido também acertos e intenções pastorais valiosas, cujos frutos perduram até nossos dias. O discurso da Nova Evangelização é programático, insistindo nos desafios, nas tentações e nas esperanças de uma nova evangelização nos países onde o catolicismo perde espaço para o pentecostalismo.

Dentro do contexto dos 500 anos da chegada do Evangelho ao Continente é contemplada a teoria inclusivista das “sementes do verbo”:

As “sementes do Verbo”, presentes no profundo sentido religioso das culturas pré-colombianas, esperavam o orvalho fecundante do Espírito. (...) Esta religiosidade natural dispunha os indígenas americanos a uma mais pronta recepção do Evangelho, mesmo que tenha havido evangelizadores nem sempre em condições de reconhecer esses valores (SD 17).

O Evangelho de São João diz que o Verbo, o Filho de Deus, “é a luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todo o homem ilumina”¹²⁴. Com efeito, as “sementes do Verbo”, segundo o Documento de SD, estavam já presentes e iluminavam o coração dos povos indígenas, dispostos a receber o anúncio de Jesus Cristo. Pela teoria do inclusivismo cristocêntrico, neles estavam os vestígios do Deus Criador em todas as suas criaturas: o sol, a lua, a mãe terra, os vulcões e as selvas, as lagoas e os rios. O ideal sublinhado é de que “todas as culturas encontrem sua finalização no cristianismo” (SD, 13).

Buscar ocasiões de diálogo com as religiões afro-americanas e dos povos indígenas, atentos a descobrir nelas as “sementes do Verbo”, com verdadeiro discernimento cristão, oferecendo-lhes o anúncio integral do Evangelho e evitando qualquer forma de sincretismo religioso (SD 138).

As “sementes do Verbo” seriam aprofundadas e completadas pela mensagem cristã, que proclama a fraternidade universal e defende a justiça através do diálogo. Neste contexto das “sementes do Verbo”, recordamos as figuras de Bartolomeu de Las Casas, Frei Antônio de Montesinos, Vasco de Queiroga, João dal Valle, Julião Garcés, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, e de tantos outros homens e mulheres, que dedicaram generosamente a sua vida aos povos indígenas respeitando e dialogando com a cultura local. Sabemos que a Igreja oficial nem sempre esteve ao lado dos indígenas e afro-americanos, muitas vezes impôs a fé de forma violenta. Foram apenas pequenos setores da Igreja, que ao se encontrar com estes povos nativos, desde o princípio, souberam ver essas “sementes do verbo” e acompanhá-los na luta pela sobrevivência, ensinando-os, a superar a injusta situação de povos vencidos, invadidos e escravizados.

Os povos indígenas de hoje cultivam valores humanos de grande significação.... Estes valores e convicções são fruto das “sementes do Verbo” que estavam já presentes e atuantes nos seus antepassados, para que fossem descobrindo a presença do Criador em todas as suas criaturas: o sol, a lua, a mãe terra. (SD, 245).

O discurso destes textos retoma a teoria dos Padres da Igreja, em especial de São Justino sobre a “teoria de acabamento ou cumprimento” das “sementes do Verbo” (Cf. DUPUIS, 2004:192-194) segundo a qual o Cristianismo existe anteriormente à sua aparição histórica, o trabalho dos evangelizadores seria apenas fazer brotar essas “sementes do verbo” e convertê-las em árvores do cristianismo. Em outras palavras,

¹²⁴ Jo 1,9

essas culturas teriam apenas as “sementes do Verbo” e o cristianismo seria a árvore, a totalidade e plenitude da revelação divina.

Ao referir-se aos Afro-americanos, o discurso do documento final da IV Conferência reconhece que, durante quatro séculos, milhões de africanos foram transportados como escravos, violentamente arrancados de suas terras, separados de suas famílias e vendidos como mercadoria. Assim, os 500 anos de evangelização estão marcados pela escravidão dos negros e a matança dos índios. As culturas afro-americanas, presentes na América Latina e no Caribe, estão marcadas por uma constante resistência à escravidão. Estes povos, que somam milhões de pessoas, têm também nas suas culturas valores humanos que expressam a presença do Deus criador (SD 246). Assim, o encontro do catolicismo ibérico com as culturas indígenas deu lugar a um processo peculiar de mestiçagem, embora contendo aspectos conflituosos. Tal processo de mestiçagem é também perceptível nas múltiplas formas de religiosidade popular e da arte mestiça. (SD, 18).

SD destaca a inculturação como “processo de reconhecimento dos valores evangélicos que se têm mantido na atual cultura; e o reconhecimento de valores que coincidem com a mensagem de Cristo”. Mediante a inculturação, busca-se que a sociedade descubra o caráter cristão desses valores, os aprecie e os mantenha como tais. (SD 230). “Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro” (RM 52). A fé, ao se encarnar nessas culturas, deve corrigir seus erros e evitar sincretismos¹²⁵. (Cf. RM 54). Também, a religiosidade popular é vista como expressão privilegiada da inculturação da fé (Cf. SD 36). A igreja Católica no discurso aceita a religião popular, porém, rejeita qualquer tipo de sincretismo religioso. Sabemos que não existe religião pura. Todas são uma miscigenação de varias crenças. No caso da América Latina os índios e escravos eram obrigados aceitar a religião católica. O sincretismo dentro dos escravos vindos da África teve um papel importante, como forma de resistência. Eles tinham a devoção de santos católicos, mas na verdade estavam voltados para os deuses e rituais africanos.

¹²⁵ Sincretismo vem do grego *συνκρητισμός*, originalmente "coalização dos cretenses", composto de *σύν* "com, junto" e *Κρήτη* "Creta" é uma fusão de doutrinas de diversas origens, seja na esfera das crenças religiosas, seja nas filosóficas. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sincretismo>. Acesso 27.12.08. Para aprofundar o tema do sincretismo religioso conferir: BOFF, Leonardo (1981) *Igreja carisma e poder*. Petrópolis: Vozes. P 147-151.

Acreditamos que o sincretismo, no catolicismo, também faz parte do processo de inculturação da Igreja nos povos indígenas e afros descendentes.

Inculturação para o Continente latino-americano significaria “promover nos povos indígenas seus valores culturais autóctones mediante uma inculturação da Igreja, para atingir uma maior realização do Reino” (SD 248). Esta inculturação é um processo que vai do Evangelho ao coração de cada povo e comunidade com a mediação da linguagem e dos símbolos compreensíveis e apropriados segundo o juízo da Igreja. (SD 243). O discurso de SD apresenta Nossa Senhora de Guadalupe¹²⁶ como modelo de inculturação. De fato, o rosto e a simbologia indígena de Guadalupe resumem o grande princípio da inculturação para os indígenas ao assumir as matrizes culturais locais dentro da cultura e da proposta do Evangelho.

Ao falar de inculturação e de “sementes do Verbo”, o discurso do documento mostra a proximidade com o projeto de Igreja libertadora que busca aproximação entre cristianismo e matrizes culturais dos povos indígenas, dos afro-americanos e da religiosidade popular. Neste sentido, aparece a nova evangelização, que não poderá incorrer, nos mesmos pecados da primeira evangelização. A Igreja estaria em diálogo com a cultura dos oprimidos. O sincretismo neste contexto seria entendido de maneira positiva (Cf. BOFF, 1981: 147-149).

Pluralismo teocêntrico. América Latina não é mais um continente católico, mas multiétnico, pluricultural e plurirreligioso, onde convivem povos indígenas, afro-americanos, mestiços, descendentes de europeus e asiáticos, com sua própria cultura com sua respectiva identidade social e religiosa (Cf. SD, 244). Por este motivo, é importante “aprofundar um diálogo com as religiões não-cristãs presentes no continente, de forma particular com as religiões indígenas e afro-americanas” (SD, 137). Diálogo como processo de reconhecimento dos valores das religiões autóctones e não de inclusão no cristianismo. O diálogo, no discurso de SD aparece em uma série de disposições, como: a superação de preconceitos históricos em favor de uma “mudança de atitude” que possa favorecer um “clima de confiança e proximidade”; o

¹²⁶ O relato mítico da aparição da Virgem de Guadalupe ao índio Juan Diego, no morro do Tepeyac, em 1531, está no texto chamado *Nican Mopohua*. In SUESS, Paulo (org.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola: 200 documentos - século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 476-485. Para uma interpretação desse relato, é oportuno o texto de HOORNAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994, especialmente pp. 362-388.

aprofundamento do conhecimento das outras religiões; a promoção de ações em favor da paz (SD, 138).

Para que o diálogo aconteça com as outras religiões, será necessário ter o ecumenismo como prioridade, o que parece ser difícil na Igreja Católica que sempre teve a pretensão de ser absoluta e estar acima das outras religiões e Igrejas:

Consolidar o espírito e o trabalho ecumênico na verdade, na justiça e na caridade. Aprofundar as relações de convergência e diálogo com as Igrejas que rezam conosco o Credo Niceno-Constantinopolitano, partilham dos mesmos sacramentos e da veneração por Santa Maria, a Mãe de Deus, ainda que não reconheçam o primado do Romano Pontífice. Intensificar o diálogo teológico ecumênico. Avivar a oração em comum pela unidade dos cristãos e, de modo particular, a semana de oração pela unidade dos que crêem. Promover a formação ecumênica em cursos de formação para agentes de pastoral, principalmente nos seminários. Estimular o estudo da Bíblia entre os teólogos e estudiosos da Igreja e das denominações cristãs. Manter e reforçar programas e iniciativas de cooperação conjunta no campo social e na promoção dos valores comuns (SD 135).

O discurso de ecumenismo em SD mira apenas as Igrejas que rezam o Credo Niceno-Constantinopolitano¹²⁷, o qual é aceito a Igreja Católica, a Igreja Ortodoxa, a Igreja Anglicana e as principais igrejas protestantes. Estão fora desta formula a maioria das Igrejas pentecostais do Continente. A profissão de fé deste credo é considerada o Ícone Símbolo da fé cristã. Atualmente, o ecumenismo é visto como processo de busca da unidade entre igrejas cristãs. Assim, discutir a questão ecumênica requer, antes de tudo, despojar-se de preconceitos ou qualquer outro tipo de resistência. No dicionário Aurélio, encontramos que o ecumenismo é um movimento que visa à unificação das igrejas cristãs protestantes, católica e ortodoxa. A definição eclesiástica, mais abrangente, diz que é a aproximação, a cooperação, a busca fraterna da superação das divisões entre as diferentes igrejas cristãs.

¹²⁷ O nome está relacionado com o Primeiro Concílio de Nicéia (325), no qual foi adotado, e com o Primeiro Concílio de Constantinopla (381), onde foi aceito uma versão revista. Houve vários outros *credos* elaborados em reação a doutrinas que apareceram posteriormente como heresias. Eis a versão aprovada nestes dois concílios: Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Único de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus: e encarnou pelo Espírito Santo, no seio de Maria Virgem, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as escrituras. E subiu aos céus, onde está sentado à direita de Deus-Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos. E a vida do mundo que há de vir. Amém. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Credo> Acesso 30.12.08.

Na América Latina, o ecumenismo vai além das Igrejas que professam o credo niceno-constantinopolitano, pois o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI)¹²⁸, órgão que tem como objetivo a promoção da unidade entre as igrejas; apoiar a tarefa evangelizadora de seus membros; promoção da reflexão e diálogo sobre a missão e testemunho cristãos no Continente. O CLAI foi criado provisoriamente em 1978, em Oaxtepec (México), e definitivamente em 1982, em Huampani (Peru). Atualmente tem sua sede em Quito (Equador). Desde sua criação até nossos dias vem realizando assembléias gerais periodicamente entre as Igrejas participantes. Participam do CLAI mais de 150 membros que pertencem às igreja evangélicas, ortodoxas e também pentecostais que não professam o credo de Nicéia, bem como organismos cristãos dedicados ao trabalho com a juventude, a reflexão teológica e à educação cristã. Seus membros abrangem 21 países da América Latina e Caribe.

O diálogo com as religiões não-cristãs, no âmbito do pluralismo religioso tem como ponte de encontro Deus, isto é, um diálogo teocêntrico, que reconhece a salvação para toda a humanidade (Cf. SD 136).

A importância de aprofundar um diálogo com as religiões não-cristãs presentes em nosso continente, particularmente as indígenas e afro-americanas, durante muito tempo ignoradas ou marginalizadas (SD 137).

O diálogo com as religiões não cristãs, hoje, passa pelo chamado macro-ecumenismo que abarca não só as relações entre as confissões cristãs, mas as relações entre todas as religiões, incluindo as indígenas, afro-americanas e o ateísmo. A conduta ética natural, essencialmente ligada à dignidade humana e seus direitos, constitui a base para um diálogo com os não-crentes. (SD 231). Na América Latina, a Igreja Católica, ao longo dos quinhentos anos de Evangelização, apresentou-se como a única verdadeira, as outras crenças foram vistas como falsas. Isso repercutiu ainda hoje de forma negativa para o diálogo e para buscar boas relações com as religiões não cristãs, particularmente autóctones. Diante do pluralismo religioso é necessário intensificar o diálogo inter-religioso. Por isso, é preciso:

Levar a cabo uma mudança de atitude de nossa parte, deixando para trás preconceitos históricos, para criar um clima de confiança e proximidade. Promover o diálogo com judeus e muçulmanos, em que pesem as dificuldades que sofre a Igreja nos países onde essas religiões são majoritárias. Aprofundar nos agentes de pastoral o conhecimento do judaísmo e do islamismo.

¹²⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso 30.12.08

Favorecer nos agentes de pastoral o conhecimento das outras religiões e formas religiosas presentes no Continente. (SD 138)

O mundo pluralista da América Latina e Caribe deve inserir em seu contexto o diálogo inter-religioso, sobretudo com as grandes religiões presentes no continente como os judeus¹²⁹, os muçulmanos¹³⁰ e os budistas¹³¹. O diálogo é um componente essencial para garantir a paz e o respeito mútuo, visto que os conflitos relacionados à religião têm acontecido com maior frequência nos dias atuais.

O discurso do texto de SD vê as seitas como um problema para o diálogo, que adquiriu proporções dramáticas e chega a ser verdadeiramente preocupante, sobretudo pelo crescente proselitismo (Cf. SD 139).

As seitas fundamentalistas são grupos religiosos que insistem que somente a fé em Jesus Cristo salva e que a única base da fé é a Sagrada Escritura, interpretada de modo pessoal e fundamentalista, com exclusão da Igreja, portanto, e insistência na iminência do fim do mundo e juízo próximo. Caracterizam-se por seu afã proselitista mediante insistentes visitas domiciliares, grande difusão de Bíblias, revistas e livros; a presença e ajuda oportunista em momentos críticos da vida das *peçoas* ou da Família e uma grande capacidade técnica no uso dos meios de comunicação social. Contam com uma poderosa ajuda financeira proveniente do estrangeiro e do dízimo obrigatoriamente pago por todos os adeptos. Distinguem-se por um moralismo rigoroso, por reuniões de oração com um culto participativo e emotivo, baseado na Bíblia, e por sua agressividade contra a Igreja, valendo-se freqüentemente da calúnia e do suborno. Ainda que seu compromisso com o temporal seja débil, orientam-se para a participação política em vista à tomada do poder. presença dessas seitas religiosas fundamentalistas na América Latina aumentou de maneira extraordinária de Puebla até os nossos dias. (SD 140).

O documento de SD, no discurso acima, usa o termo seita para referir-se às comunidades, às denominações Evangélicas Pentecostais e aos novos grupos religiosos ou a novas formas de crer próprias da pós-modernidade. O uso indiscriminado e ambíguo do termo seita não favorece a uma aproximação com o pentecostalismo e

¹²⁹ A Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico (DCJ) no Brasil é mista e permanente criada pela CNBB, no dia 27 de fevereiro de 1981, para articular em nível nacional o diálogo religioso entre católicos e judeus do Brasil. Integra a Comissão pessoas pertencentes a comunidades católicas e judaicas, interligando-as a partir de seus objetivos a serem alcançados em quatro níveis: institucional, teológico, de ação conjunta e de contato pessoal. <http://www.cnbb.org.br/> Acesso 20.02.09.

¹³⁰ Dados de 2002 afirmam que, nos últimos dois anos, o número de muçulmanos na América Latina cresceu 20 por cento, passando de cerca de 1,3 para 1,6 milhões, o que corresponde a 0,4 por cento da população. A maioria provém de outras religiões, sobretudo de várias confissões cristãs, e o crescimento do islamismo não tem portanto a ver com a chegada de imigrantes oriundos de países muçulmanos. <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect> Acesso 20.02.09.

¹³¹ De acordo com Frei Betto, é possível ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. <http://alainet.org/active/5958&lang> Acesso 20.02.09.

muito menos com o ecumenismo e continua a criar problemas e conflitos. Isso mostra as dificuldades em reconhecer o caráter cristão de alguns grupos evangélicos e pentecostais por parte da Igreja Católica. Sempre foi difícil e desafiador a relação do catolicismo com as Igrejas Pentecostais, tanto pelas diferenças históricas como teológicas ou doutrinárias, assim como pela falta de representatividade, sem deixar de lado que é uma relação de maioria e minoria religiosa. As seitas são caracterizadas como grupos religiosos fundamentalistas. O fundamentalismo não deveria ser um problema em si, pois nada mais é do que uma busca às fontes ou fundamentos de uma religião. O problema é quando o fundamentalismo passou a ser sinônimo de extremismo religioso. Parece que o texto acima, se está referindo as igrejas pentecostais, que são chamadas de seitas¹³². A palavra seita provém do latim “*secta*” que significa seguir um curso de ação ou forma de vida. Logo seita designa um grupo de pessoas que professam nova ideologia ou doutrina divergente daquela da religião dominante ou oficial. Geralmente a seita é dirigida por um líder com características de personalidade carismática. O pentecostalismo é a corrente cristã que ganha mais adeptos, que, na sua maioria vêm do catolicismo, religião dominante no continente. Talvez, as Igrejas pentecostais sejam consideradas seitas por que muitas delas atacam a Igreja Católica, por serem proselitistas, fundamentalistas na doutrina e na leitura bíblica. Uma das características de algumas Igrejas pentecostais é o uso dos meios de comunicação: televisão, rádio, Internet, jornais, revistas, entre outros, para fazer proselitismo. Acreditamos que pelo motivo da perda de espaço para o pentecostalismo, o Documento enfatize o discurso da nova evangelização, com a finalidade de “formar pessoas e comunidades maduras na fé”, assim como “suscitar a adesão pessoal a Jesus Cristo e à Igreja” (SD, 26).

O projeto de Igreja que aparece dentro do discurso pluralismo inclusivista é feito a partir de uma Igreja instituição, que pouco ajuda no diálogo por sua dificuldade em aceitar o pluralismo religioso em um Continente que já foi quase em sua totalidade católico. Também, apresenta-se um duplo movimento: “*Ad intra*”, que procura organizar a própria vida e a sobrevivência nos distintos contextos eclesiais e sociais;

¹³² O termo seita adquiriu definição mais precisa e sociológica com os estudos de Ernst Troeltsch, Reinhold Niebuhr e Liston Pope: seita é todo grupo cismático nascido no interior de uma igreja organizada e em oposição a ela. Em obediência a uma autoridade carismática, a seita regula-se por uma interpretação literal ou extremamente alegórica dos textos sagrados, com ênfase nas doutrinas desprezadas pela igreja à qual pertenciam, e é fortemente mística, missionária, messiânica e escatológica. Sua oposição alcança igualmente os valores culturais e, não raro, os costumes vigentes, em protesto contra a ordem estabelecida. <http://www.cacp.org.br/seitasdiversas/artigo.aspx> Acesso 30.12.08.

“*Ad extra*”, no sentido de tecer relações com outras religiões e crenças. Talvez, exista o temor de cair no relativismo e da ameaça que o pluralismo aumente mais o êxodo de católicos para o pentecostalismo. Por isso, o diálogo inter-religioso é visto com certo receio. Quanto ao ecumenismo, o discurso, neste projeto de Igreja, vê as denominações pentecostais apenas como extremadamente proselitistas, fundamentalistas e refratárias a qualquer diálogo ecumênico.

3.2.2.2 Documento de Aparecida

A V Conferência Episcopal, realizada em Aparecida do Norte (SP) de 13 a 31 de Maio de 2007, coloca-se na continuidade das conferências anteriores, Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992). Os bispos reunidos na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe tiveram como objetivo principal fazer que toda a Igreja forme os seus membros como discípulos e missionários de Cristo. Discípulo e missionário são duas palavras diferentes, mas intrinsecamente com o mesmo sentido. Ninguém pode ser discípulo sem ser missionário nem ser missionário sem ser discípulo.

O contexto da Conferência foi marcado fortemente por atores externos, já que a da metade dos integrantes da assembléia não eram bispos, os quais falaram muito e foram ouvidos embora não pudessem votar¹³³. Foi a primeira assembléia realizada com presença de celulares e internet, o que globaliza e facilita as informações. O contato com atores externos foi constante. Também, houve iniciativas significativas, como o seminário Latino-americano de Teologia da Libertação realizado de 18 a 20 de Maio na cidade vizinha de Pindamonhangaba, a tenda dos “Mártires da caminhada” montada durante a Conferência nas margens do rio Paraíba do Sul, periferia da cidade, que acompanhou os trabalhos da Conferência, lugar em que foi encontrada a Imagem de

¹³³ De acordo com a estatística fornecida por *Brighenti*, os 268 participantes da Assembléia se fizeram presentes nas categorias de membros, convidados, observadores e peritos. Apenas os membros: cardeais, arcebispos e bispos tinham direito a voz e voto, somando 123 votantes. Os demais só tinham direito a voz. Entre os convidados estavam bispos, presbíteros, diáconos permanentes, religiosos e religiosas, e leigos e leigas representantes de movimentos e de outros organismos. Observadores eram os representantes de outras Igrejas ou denominações religiosas. Os peritos, num total de 15, eram teólogos que colaboraram na reflexão e elaboração do Documento. Também estiveram presentes: 17 membros da Cúria Romana; 12 bispos e convidados de outras conferências episcopais (Canadá, EUA, Espanha, Portugal, África, Europa e Ásia); 5 superiores religiosos maiores; 3 da CLAR; 6 de movimentos eclesiais e organismos de ajuda. Mais da metade dos integrantes da V Conferência não eram bispos; mais de 50% da assembléia, portanto, apesar de não ter tido direito a voto, teve direito a voz, tendo participado efetivamente de todo o processo, falando e sendo ouvida (SANTOS, 2008).

Nossa Senhora Aparecida. As CEBs, juntamente com as pastorais sociais, caminharam, na noite de 19 de maio, em Romaria, da cidade de Roseira com paradas para refletir e resgatar as opções das Conferências anteriores, para manter viva a memória do que já fora conquistado, devendo ser atualizado e incorporado ao projeto de Aparecida. Outro fato importante são as constantes romarias do povo que acontecem normalmente no Santuário de Nossa Senhora Aparecida. É também relevante destacar o lugar geográfico: foi a primeira vez que uma Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe realizou-se num santuário de devoção popular. Também os bispos não ficaram isolados, foram hospedados em hotéis modestos¹³⁴, rompendo o isolamento durante as celebrações eucarísticas tinham contato com o povo, assim sentiram a experiência da fé e piedade do povo pobre em Romaria no Santuário de Aparecida (Cf. BRIGHENTI, 2007).

Também foi marcante a presença e assessoria de Ameríndia, uma rede de católicos e teólogos das Américas com espírito ecumênico e aberto ao diálogo e à cooperação inter-religiosa; seu papel foi especialmente decisivo por defender a prioridade da opção pelos pobres e excluídos, inspirada no Evangelho, atualizando a herança das Conferências precedentes. Não podemos deixar de fora o discurso Inaugural do Papa Bento XVI, que esteve marcado por ingredientes que combinam conhecimento da realidade, leitura crítica da conjuntura, denúncia dos sistemas de corrupção e de morte e orientação para uma opção concreta e eficaz pelos pobres e excluídos. A presença do papa, segundo Carlos Santos (2008: 3002), repercutiu muito mais positiva do que negativamente.

O documento de preparação e participação partiu de um método dedutivo, texto espiritualista e fortemente conservador. A surpresa positiva foi que a síntese das contribuições não aceitou o primeiro documento e reafirmou a tradição latino-americana.

O fato negativo foi o desrespeito ao magistério latino-americano, isto é ao texto original, que teve partes alteradas misteriosamente após a Conferência. Assim, a promulgação do “documento oficial”, não assumiu integralmente o “documento original”. O Papa Bento XVI havia expressado que não cabia ao magistério pontifício

¹³⁴ A I Conferência, em 1955, no Rio de Janeiro, foi realizado nas dependências do colégio “Sacré Coeur de Jesus”. A II Conferência, em 1968, em Medellín, sobre uma colina de onde se podia avistar a cidade. A III Conferência, em 1979, em Puebla, por detrás dos muros do Seminário Palafoxiano. A IV Conferência, em 1992, em Santo Domingo, nos hotéis de luxo e nas dependências da Casa dos Cursilhos de Cristandade (BRIGHENTI, 2007: 774).

“aprovar” o texto, pois se tratava de um documento do magistério dos bispos na América Latina e o Caribe. Por isso, iria apenas “autorizar” sua publicação, mas ninguém explica como aconteceram as mudanças que acabaram desrespeitando o texto original elaborado pela V Conferência. (Cf. BRIGHENTI, 2007).

O projeto de Igreja Libertadora de Aparecida valoriza e recupera em grande parte a caminhada Latino-Americana: o método ver, julgar e agir, a opção pelos pobres, o papel fundamental das comunidades de base, o protagonismo dos leigos, a família, as opções pelos jovens, pelos indígenas e afro-americanos (Cf. DA 19). Isso indica que, os delegados e participantes eram menos conservadores do que se pensava. Mesmo assim, podemos encontrar no Documento de Aparecida resquícios de uma cristologia triunfalista e uma eclesiologia sem historicidade. A Assembléia conseguiu reafirmar o Vaticano II e a tradição latino-americana, sobretudo de Medellín e Puebla, em perspectiva de futuro, procurando responder aos “novos sinais dos tempos”. Aparecida não foi só resgate; também apresenta novidades, que marcam avanços na perspectiva da renovação do Vaticano II e da tradição latino-americana.

Exclusivismo eclesiocêntrico. O texto final não apresenta um discurso exclusivista, mas indiretamente encontramos resquícios que mostram a preocupação com a perda de fiéis diante do avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso na América Latina e no Caribe. Parece que há como pano de fundo a preocupação com migração religiosa. Daí a exigência “compromisso missionário de toda a comunidade. Ela sai ao encontro dos afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente se envolverem com ela” (DA 226). Ir ao encontro dos católicos afastados, que não professam a fé, pois estes seriam os mais vulneráveis ao proselitismo pentecostal. Por esse motivo “faz-se necessário reabilitar a autêntica apologética¹³⁵ que faziam os pais da Igreja como explicação da fé” (DA 229). Apologética é a defesa argumentativa da fé comprovada pela razão e não como confronto. Seria o esforço do discurso de esclarecimento e defesa dos dogmas e princípios católicos perante os diversos credos e Igrejas, na América Latina, um método usado como arma defensiva por setores conservadores diante do avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso.

¹³⁵ Apologética derivada de "apologia" do grego *απολογία*, "defesa verbal" usada para designar a prática da explanação e defesa sistematizada da fé cristã. <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 31.12.08.

Aparecida, ao apresentar o discurso defensivo, mediante o esforço da recuperação da identidade católica, da reconquista dos católicos afastados, convoca toda a Igreja a uma retomada do dever missionário, do mandato de anunciar o Evangelho através da “grande missão continental” para que cada cristão se comprometa a ser discípulo e missionário (DA 362). O documento fala de uma Igreja em estado permanente de missão (DA 144). De um afã e anúncio missionários passando de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade, porque o povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessita sentir a proximidade da Igreja (Cf. DA 550).

Na América Latina e no Caribe, (...) encontramos-nos diante do desafio de revitalizar nosso modo de ser católico e nossas opções pessoais pelo Senhor, para que a fé cristã se estabeleça mais profundamente no coração das pessoas e dos povos latino-americanos; como acontecimento fundante e encontro vivificante com Cristo, manifestado como novidade de vida e de missão de todas as dimensões da existência pessoal e social. Isto requer, a partir de nossa identidade católica, uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens. Do contrário, ‘o rico tesouro do Continente Americano... Seu patrimônio mais valioso: a fé no Deus de amor...’ Corre o risco de seguir desgastando-se e diluindo-se de maneira crescente em diversos setores da população... (DA 13).

O projeto de Igreja instituição que aparece apresenta uma proposta missionária “*ad intra*”, preocupada com a reconquista dos católicos afastados, com uma identidade própria para que as pessoas não migrem para as Igrejas pentecostais nos diferentes países do continente Latino-americano. A solução apresentada é revitalização do catolicismo, mas não a estrutura eclesial (Cf. DA 13). Segundo os dados apresentados dos diversos organismos de pesquisa, o número dos católicos diminuiu na última década no continente como nunca antes na história, uma vez que se multiplicam as comunidades pentecostais e as seitas. Também aumentaram a indiferença e a descrença religiosa no Continente Latino Americano, no qual durante mais de quatro séculos o catolicismo foi hegemônico, identificado com a cultura popular.

Inclusivismo cristocêntrico. O Documento de Aparecida apresenta uma teologia cristocêntrica que acentua a união do discípulo com o Mestre, mas que desvincula a pessoa de Cristo do Reino de Deus, que é apenas mencionado, de passagem, como “anúncio” ou como incluindo a promoção humana. Trata-se da justiça social, da dignidade humana, da opção preferencial pelos pobres e excluídos, de uma renovada pastoral social e de uma globalização da solidariedade (Cf. MIRANDA,

2007:844-845). O discurso teológico inclusivista coloca como centro de toda missão a figura de Cristo.

Os bispos reunidos em Aparecida retomam a teologia clássica dos Padres da Igreja das “sementes do Verbo”, reconhecendo o dramático encontro entre os povos nativos e o Evangelho.

O Evangelho chegou a nossas terras em meio a um dramático e desigual encontro de povos e culturas. As “sementes do Verbo” presentes nas culturas autóctones, facilitaram a nossos irmãos indígenas encontrarem no Evangelho respostas vitais às suas aspirações mais profundas: “Cristo era o Salvador que esperavam silenciosamente”. A visitação de Nossa Senhora de Guadalupe foi acontecimento decisivo para o anúncio e reconhecimento de seu Filho, pedagogia e sinal de inculturação da fé, manifestação e renovado ímpeto missionário de propagação do Evangelho (DA, 4).

As sementes do Verbo seriam as que prepararam o terreno para a chegada do Evangelho através dos valores já presentes nas diversas culturas e na vida dos povos do Continente. A Virgem de Guadalupe é apresentada como modelo das “Sementes do Verbo” no processo de Evangelização, por meio da aparição a um índio nahuatl, Juan Diego, no Tepeyac periferia da Cidade do México, lugar que se venerava a deusa Tonanzi na cultura Asteca. A aparição foi em 9 de dezembro de 1531. Nossa Senhora de Guadalupe apresenta-se falando a língua indígena e assumindo a cultura local. Juan Diego foi instruído por ela a dizer ao Bispo que construísse um templo no lugar, e deixou sua imagem impressa milagrosamente em seu poncho, que era um tecido feito a partir de cacto. Atualmente, é venerada no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, Cidade do México e a sua festa é celebrada em 12 de dezembro. Foi proclamada padroeira do México e da América Latina.

As “sementes do Verbo” presentes nas tradições e culturas dos povos indígenas da América Latina são apreciadas como um dado positivo. O sentido comunitário pela vida, na “existência cotidiana e na milenária experiência religiosa, que dinamiza suas culturas, e que chega a sua plenitude na revelação do verdadeiro rosto de Deus por Jesus Cristo” (DA 529). São consideradas sinais dessas “sementes” a partir da perspectiva da fé, “estes valores e convicções são fruto de ‘sementes do Verbo’, que já estavam presentes e operavam em seus antepassados” (DA 92). São valores presentes na cultura: a justiça, a fraternidade, a vida comunitária, entre outros.

O texto insiste na índole missionária de todo cristão. Na América Latina, ser batizado nem sempre significa ser cristão. Por isso, o documento visa sair ao encontro

das pessoas, para “partilhar o dom do encontro com Cristo”. Superando a passividade, ocorre “proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra”. Todos devem ser “testemunhas e missionários” (DA 548). Ser discípulo e missionário significa ir até os afastados, a começar pelos párocos e sacerdotes. “A primeira exigência é que o pároco seja um autêntico discípulo de Jesus Cristo (...) mas ao mesmo tempo, deve ser um ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração” (DA 201). Através das pequenas comunidades, poder-se-ia também conseguir chegar “aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimento em relação à Igreja” (DA 310). Não se propõe que a Paróquia chegue só a sujeitos afastados e não praticantes, mas à vida de todas as famílias, para fortalecer sua dimensão missionária. Os membros da família devem ser autênticos discípulos missionários, assim, “uma família se faz evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente em que ela vive” (DA 204). Para isso, todos são convidados a “ser novamente evangelizadores” e a estar “conscientes de nossa responsabilidade” pelos que estão afastados (DA 549), para que voltem a se aproximar de Cristo e da Igreja. O objetivo é motivar os cristãos praticantes para irem em busca dos cristãos não praticantes e afastados da igreja. Pois, discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda, “quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele salva” (DA 146). A renovação da paróquia exige nova atitude dos párocos, que devem viver num constante anseio de buscar os católicos afastados e não se contentar com a simples administração (DA 201). “A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas nossas paróquias se tornem missionárias” (DA 73). De fato, “todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização de homens e mulheres em cada ambiente” (DA 171). Mas, a estrutura paroquial em si mesma não é missionária, mas burocrática e administrativa, voltada para si mesma.

No discurso do documento, as paróquias sejam missionárias devem “reformular suas estruturas para que sejam uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articularem conseguindo que seu membros se sintam e sejam, realmente, em comunhão, discípulos e missionários de Jesus Cristo”. A partir da paróquia é necessário anunciar Jesus Cristo (DA 172). Para mudar o conceito de paróquia burocrática e administrativa, é necessário haver uma mudança total, estar atenta às várias necessidades das pessoas, dentro e fora, procurando ajudar a todos de todas as maneiras possíveis, sendo formada como comunidade de comunidades. Nesta organização, todos os batizados são a Igreja e

a missão da Igreja é a missão dos leigos. Por isso procuram influenciar e transformar a realidade econômica, política, social com espírito cristão. Só será uma paróquia missionária se for organizada a partir dos leigos formados para fazer frente aos desafios da atual sociedade, entrando no mundo complexo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, enfim em contextos nos quais tornam presente a Igreja (DA 210).

Impõe-se o discurso da “missão evangelizadora” que mobilize a todos (DA 550) e que deve se concretizar numa “missão continental”¹³⁶, procurando colocar a Igreja em estado permanente de missão, que não termina nunca, cujas linhas fundamentais foram destacados nesse despertar missionário dentro da Conferência (Cf. DA, 551). A missão continental permanente lançada na Conferência de Aparecida é a missão “*Ad Gentes*”, que significa universal, indo além da própria cultura e país. Também é missão “*Inter Gentes*”, que significa missão local, na própria cultura, procurando os católicos afastados. Essa missão teria um início, mas, ao ser permanente não teria termino, seria constante.

A sociedade ferida pelas tensões provocadas pelas injustiças e pelas enormes desigualdades sociais, econômicas e culturais dos povos da América Latina e Caribe devem reencontrar a própria força como discípulos e missionários, atentos às necessidades de hoje. O próprio Jesus nos abre o caminho de salvação para que sejamos filhos e irmãos uns dos outros (DA,137). A missão não é uma propaganda do cristianismo ou da Igreja, significa compartilhar a experiência com Cristo (Cf. DA, 145), mostrar que o próprio Cristo é caminho universal da salvação (Cf. DA, 151). Na medida que se conhece e ama a Cristo, se senta à necessidade de compartilhá-lo. A missão é inseparável do discipulado. Sempre presentes na vida do cristão, o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão caminham juntos (DA, 278). Seria a experiência salvífica inclusivista com base no cristocentrismo, no encontro com Jesus Cristo como caminho para a salvação universal.

A Igreja não quer ficar apenas voltada para si mesma, “*ad intra*”, mas estar também presente nas decisões do mundo, “*ad extra*”. Por esta razão a missão deve estar

¹³⁶ A missão continental foi lançada oficialmente no encerramento do Congresso missionário CAM 3 (Congresso Americano Missionário), COMLA 8, (Congresso Missionário Latino americano) realizado em Quito, Equador, de 12 a 17 de agosto cujo tema é: "A Igreja em discipulado missionário", e o lema é: "América com Cristo: escuta, aprende e anuncia". <http://www.adital.org.br/site/noticia.asp> Acesso 31.12.08.

voltada também para os “novos areópagos”¹³⁷ e centros de decisão”. Nessa arena estão o mundo da mídia, dos construtores da paz, dos que lutam pelo desenvolvimento e libertação dos povos, sobretudo das minorias, pela promoção da mulher e das crianças, pela ecologia e proteção da natureza. Incluem também os areópagos da cultura, dos experimentos científicos, das relações internacionais (DA 491), sem deixar de lado a pastoral do turismo e do lazer (DA 493). Urge formar pensadores e pessoas situadas nos centros de decisão: empresários, políticos, formadores de opinião, dirigentes sindicais (DA 492).

A Igreja deve dirigir-se aos pobres, por opções e gestos visíveis que busquem mudar sua situação. Trata-se de “um âmbito que caracteriza de modo decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral” (DA 394). Assim, a opção preferencial pelos pobres, tradicional no discurso eclesial e teológico da América Latina e Caribe, pede que se dê também atenção aos profissionais católicos responsáveis pelas finanças, pela oferta de empregos, pelos políticos, fornecendo-lhes orientações éticas (DA 396). A opção pelos pobres fundamenta-se em Deus mesmo, no ser de Deus, e tem, portanto, natureza “teocêntrica”. Tem como base o Amor-Justiça do Deus bíblico e cristão. Entretanto, com as mudanças eclesiais e da “Teologia da Libertação”¹³⁸, alguns autores e documentos suavizaram seu discurso sobre a opção pelos pobres, preferindo abandonar a perspectiva do Amor-Justiça, substituindo-a quase completamente pela da “gratuidade” de Deus como fundamento da opção pelos pobres. Felizmente o documento de Aparecida retoma esse conceito teológico que vem desde Medellín e Puebla. Uma missão que implica estar próximo dos pobres para captar seus anseios e seus valores (DA 398), dedicando-lhes atenção, tempo, interesse (DA 397). Daí, o apelo por uma renovada pastoral social para a promoção humana integral (Cf. DA 347-370) bem como a exposição dos rostos sofridos: habitantes de rua, enfermos,

¹³⁷ O nome “areópago” é a adaptação de *areopagus* (ou *Areios Pagos*, de “*Ἄρειος πάγος*”), que significa algo como “Colina de Ares”, em referência ao deus da guerra grego. Tal referência se deve ao fato de os membros do Areópago, por serem aristocratas, cumprirem em geral a função de guerreiros de elite em tempos bélicos, responsáveis pela proteção da cidade. Era também o conselho burocrático da aristocracia de Atenas pelo qual passaram as decisões. <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 03.01.09.

¹³⁸ A Teologia da Libertação foi desenvolvida após o Concílio Vaticano II. Ela dá grande ênfase à situação social humana. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos mais influentes proponentes dessa teologia. Destaca-se também o brasileiro Leonardo Boff. Esta concepção teológica surgiu na década de 1970, quando se espalhou de forma especial na América Latina, a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Para aprofundar o tema: Cf. Libânio, J. B. *Teologia da Libertação. Roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

drogados, migrantes, presos (Cf. DA, 382-430). Esses rostos ou feições que o documento de Puebla apresenta¹³⁹ e que Aparecida retoma.

O DA faz apelo por um laicato missionário que “deve estar na convocação e na formação de leigos missionários” (DA, 174). Os leigos participam assim da “ação pastoral da Igreja, primeiramente pelo seu testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e em outras formas de apostolado” (DA, 211). Por isso, é necessário gozar de maior espaço, de participação, serem incumbidos de ministérios e de responsabilidades para que possam viver de modo responsável seu compromisso cristão (DA, 211) A missão é a vocação de todo batizado. O compromisso dos leigos na missão não é devido à falta de sacerdotes ou religiosas. A Conferência de Aparecida diz que a missão decorre da dignidade e da responsabilidade de todos os leigos na missão da Igreja.

O êxodo de fiéis para seitas e outros grupos religiosos; as correntes culturais contrárias a Cristo e a Igreja; a desmotivação de sacerdotes frente ao vasto trabalho pastoral; a escassez de sacerdotes em muitos lugares; a mudança de paradigmas culturais; o fenômeno da globalização e a secularização; os graves problemas de violência, pobreza e injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas (DA 185).

O discurso do DA observa que os católicos que “deixam a Igreja” não o fazem por motivos doutrinários ou teológicos, mas por razões vivenciais. “Talvez, nos abandonem por estarem buscando sinceramente a Deus” (DA 225). Dados das diversas

¹³⁹ Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela): - feições de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família;

- feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação;

- feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres.

- feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram;

- feições de operários, com frequência mal remunerada, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos;

- feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos;

- feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais;

- feições de anciãos cada dia mais numerosos, freqüentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem (DP 31-39).

fontes de pesquisa mostram que este fenômeno da mobilidade religiosa ocorre em pouco mais de 20% da população e é mais comum entre pessoas de idade média. Não há dúvida que para muitos a Igreja aparece mais em seu aspecto institucional. Eles a vêem como uma entidade pesada, autoritária, moralista, pouco atraente, cheia de normas e obrigações. Também, “são muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem regularmente os sacramentos e nem se inserem na comunidade eclesial” (DA 286). Diante desta realidade, os bispos reconhecem:

“Nossos fiéis buscam comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e incluídos eclesialmente. É necessário que nossos fiéis se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial e co-responsáveis por seu desenvolvimento. Isto permitirá um maior compromisso e entrega na Igreja e pela Igreja” (DA, 226 b).

A caducidade do modelo de cristandade emerge também da descrição feita sobre a vida de muitos fiéis, que pouco participam da Eucaristia dominical, não têm uma inserção ativa na comunidade, são inconscientes da dimensão missionária de sua fé, bem como se mostram frágeis e vulneráveis em sua identidade cristã facilitando a mobilidade religiosa. Na época da cristandade, existia a cultura cristã, que fornecia uma visão da realidade e uma ética para toda a sociedade. Hoje, a realidade mudou, a pastoral carece deste pressuposto devido ao advento de uma sociedade pluralista em contínua mudança, cultural e religiosa. Daí, o apelo dos bispos em Aparecida por “uma pastoral decididamente missionária” em substituição da outra “meramente de conservação” (DA, 370).

O grande desafio de Aparecida é querer que toda a Igreja seja missionária, já que, segundo o discurso do texto, todos os leigos (as) pelo batismo são chamados a serem agentes de pastoral como o são os demais membros da Igreja. Os pastores “estejam dispostos a lhes abrir espaços de participação e a lhes confiar ministérios e responsabilidades” (DA 211). Igualmente “devem ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade”. O que exige dos pastores “uma mente aberta para acolher o ‘ser’ e o ‘atuar’ do leigo na Igreja¹⁴⁰” (DA 213). Mais especificamente se afirma que nos projetos diocesanos “os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, da planificação e da execução” (DA 371). Porém, a Igreja como um todo não é missionária e os leigos não poderão agir e

¹⁴⁰ Para aprofundar o tema da missão dos Leigos na Igreja Católica estudar a Exortação Apostólica de JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici* de 1987 São Paulo: Ed. Paulinas 1988.

participar no processo missionário, se o clero centralizar as decisões e consequentemente o poder.

Os discípulos missionários são chamados a fazer outros discípulos missionários. A missão universal, sem fronteiras é “ir onde a Igreja ainda não está presente” (DA 376). Assim, todas as Igrejas locais têm a mesma missão da Igreja universal, como horizonte constante de todo o trabalho pastoral. Trata-se de envolver pessoas numa prática ética, feita de amor radical gratuito universal, fundamentada na ótica de fé em Deus Pai. Sua dimensão existencial é a fraternidade, essência da missão. A missão, não é fechada em si mesma, aos adeptos, mas é aberta ao mundo, no envio além-fronteiras. “Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é definitivamente a missão” (DA 360).

Os discursos dos textos analisados apresentam os alicerces para um projeto de Igreja Libertadora cristocêntrica que pensa a paróquia como rede de comunidades, não apenas como espaço burocrático e administrativo, mas sobre tudo lugar vivencial da fé e da missão. Busca-se dentro deste projeto uma nova configuração, passando da centralidade eclesial para uma relação entre as comunidades com suas diferentes atividades. O projeto principal é fazer com que toda a Igreja seja missionária no sentido cristocêntrico. A Igreja é essencialmente missionária desde seus primórdios. A preocupação missionária da Igreja não deve ser apenas um tema estratégico em torno de preocupações estatísticas dos últimos anos causada pelo avanço do pentecostalismo, mas a alma e a essência de toda atividade eclesial.

Pluralismo - teocêntrico. A América Latina é um continente religiosamente plural, que pede com urgência um diálogo entre as religiões para descobrir as diversas manifestações libertadoras de Deus na história e na natureza, a pluralidade de caminhos de salvação, libertação e a pluralidade de respostas da humanidade a essas manifestações. No tempo do pluralismo religioso, não há por que manter o discurso e a idéia de que Jesus é o único caminho de vida e salvação, que leva Deus e que o cristianismo é um “imperativo categórico” universal.

Dentro do novo pluralismo religioso em nosso continente, não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes, dos que fazem parte da grande diversidade de grupos cristãos (inclusive pseudo-cristãos) que se tem instalado entre nós. Isto porque não é adequado englobar a todos em uma só categoria de análise. Muitas vezes não é fácil o diálogo

ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência. (DA 100g).

É, pois, possível considerar o pluralismo religioso como um desafio positivo, mesmo com o avanço das Igrejas pentecostais, embora haja dificuldades de diálogo com algumas Igrejas e religiões. Também é possível reconhecer que as religiões podem exercer uma determinada função na salvação, enquanto são portadoras da presença escondida do mistério de Cristo, do qual a Igreja visível não possui monopólio. Em outras palavras: se os membros das outras religiões ou igrejas se salvam não é apesar de sua pertença a tal ou qual tradição religiosa. Por isso, é necessário intensificar o ecumenismo entre as Igrejas, embora não seja fácil com grupos religiosos que atacam a Igreja Católica e o diálogo interreligioso. Infelizmente, não é com a mesma intensidade que em todas as Igrejas e religiões têm-se desenvolvido o diálogo ecumênico e interreligioso. O diálogo interreligioso enriquece os participantes em seus diversos encontros. Por este motivo, em vários lugares, têm-se criado escolas de ecumenismo ou de colaboração ecumênica em assuntos sociais e outras iniciativas (DA 99g).

A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduzem ao diálogo ecumênico. A relação com os irmãos e irmãs batizados de outras Igrejas e comunidades eclesiais¹⁴¹ é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário (DA 227). O ecumenismo não se justifica por uma exigência simplesmente sociológica, mas evangélica, trinitária e batismal, “expressa a comunhão real, ainda que imperfeita” que já existe entre “os que foram regenerados pelo batismo”. O Magistério insiste no caráter Trinitário e batismal do esforço ecumênico, onde o diálogo emerge como atitude espiritual e prática, em um caminho de conversão e reconciliação. Só assim chegará “o dia em poderemos celebrar, junto com todos os que crêem em Cristo, a divina Eucaristia”. Uma via fecunda para avançar para a comunhão é recuperar em nossas comunidades o sentido do compromisso do Batismo. (DA 228). Há casos em que é possível apenas o ecumenismo espiritual através de momentos de oração juntos com irmãos batizados (Cf. DA 230). A partir da experiência de oração, vem se desenvolvendo a espiritualidade ecumênica de cooperação a favor da vida, da justiça, dos direitos do homem e da paz.

Os bispos reunidos em Aparecida fazem observar que “onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco e o respeito e se

¹⁴¹ As determinações sobre a validade do batismo em outras Igrejas estão no código de Direito Canônico, cânone 869.

abrem possibilidades de testemunho comum” (DA 233). O ecumenismo não é estratégia perante o pentecostalismo; tampouco significa proselitismo, nem relativismo da própria fé, logo, não tem como finalidade a diminuição do proselitismo por parte das Igrejas Evangélicas pentecostais. Embora isso aconteça, trata-se de uma tentativa de aproximação entre Cristãos que professam a mesma fé em Jesus Cristo, de crescer no conhecimento recíproco e no respeito abrindo possibilidades de testemunho comum.

O diálogo interreligioso acontece especialmente com as religiões monoteístas (DA 237) formadas pelo judaísmo, pelo islamismo e pelo cristianismo. Dentro do cristianismo, há reconhecimento e gratidão ao povo judeu, que nos une na fé no único Deus e sua palavra revelada no Antigo Testamento. “São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo” (DA 235). Apesar dos desencontros, os judeus são considerados irmãos na fé bíblica.

Não devemos confundir o discurso do ecumenismo com o do diálogo interreligioso, o que tem causado obstáculos na conquista de maiores frutos no diálogo ecumênico (DA 232). O ecumenismo é o diálogo que acontece entre cristãos de diversas Igrejas e denominações que professam a mesma fé. O diálogo interreligioso se dá entre religiões e crenças diferentes, no qual as religiões devem se encontrar num plano de igualdade para “explicitar e promover a salvação já operante no mundo” (DA 236). O diálogo, não se realiza na problemática exclusivamente religiosa, mas assume a sua coresponsabilidade na resposta aos problemas da humanidade como “a colaboração para o bem comum, supere a violência, eduque para a paz e para a convivência cidadã” (DA 239). Neste mesmo nível se dá o diálogo na América Latina entre cultura negra e fé cristã com suas lutas pela justiça social (Cf. DA 533).

O diálogo interreligioso aparece como inclusivista, pois para os bispos, diálogo “não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas” (DA 238). Acreditamos que o diálogo não pode ser uma forma de proselitismo; não se trata de uma competição por mais adeptos. Trata-se de encontrar pontos em comum entre os cristãos com as outras religiões e crenças sem pretender fazer nenhum tipo de proselitismo. O Cristianismo e o Islamismo são as principais religiões que enfatizam o desejo de conversão ou proselitismo. O budismo promoveu a conversão no passado e ainda exhibe níveis modestos de atividade missionária. O judaísmo dificilmente permite a conversão de novos adeptos, embora a admita, não a encoraja.

Em época de pluralismo religioso, as diferentes ofertas, muitas vezes dividem as pessoas, põe em crise a fé ao lado de outras. A pessoa se encontra desorientadas por tantas ofertas, que vaga de religião em religião, de Igreja em Igreja ou criam um sincretismo religioso próprio. Muitos católicos estão nessa situação frente a essa mudança cultural e religiosa. “Compete à Igreja denunciar” (DA, 480). Atualmente, as religiões e as igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica proselitista, estar mais atentas com a conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos.

O projeto de Igreja, que aparece dentro dos textos de Aparecida sobre o pluralismo religioso, é de uma Igreja libertadora “*ad-extra*”, embora, ainda desperte resistência e desconforto, pois questiona as interpretações que se pretendem únicas e exclusivas da Igreja Católica nos diferentes países do Continente Latino Americano, sobretudo diante do avanço do pentecostalismo. A realidade do pluralismo convoca os cristãos a acolher o valor e o direito à diferença, bem como a honrar a singularidade e especificidade das outras tradições religiosas e denominações cristãs. Pluralismo que desafia a inculturação e o diálogo inter-religioso com as religiões presentes no Continente, em especial com as culturas afro-americanas e indígenas.

3.2.3 Documentos do Magistério Brasileiro

Os dados do Censo 2000, referentes a mudanças do “mapa religioso” no Brasil¹⁴² chamaram atenção da CNBB. Pesquisas mais recentes do IBGE e da Fundação Getúlio Vargas trazem novos dados à reflexão,¹⁴³ que precisam ser avaliados com prudência. Por exemplo, o Censo pergunta pela “religião” do entrevistado. Conforme os números, parece que Brasil ficou menos religioso e menos católico. Segundo as pesquisas, um bom número de brasileiros frequenta atos religiosos de várias

¹⁴² Os principais dados relativos à questão “religião” eram três: a) A diminuição da porcentagem dos cristãos católicos, de 83,3% (1991) para 73,9% (2000); esta diminuição, de quase dez pontos percentuais em nove anos, foi muito rápida, se considerarmos que uma diminuição semelhante aconteceu, anteriormente, num prazo de noventa anos (de 98,9% em 1890 para 89,0% em 1980); b) O aumento da porcentagem dos cristãos evangélicos, de 9,0% (1991) para 15,6% (2000); c) O aumento dos que se declaravam “sem religião”, que passavam de 4,7% da população (1991) para 7,4% (2000), ou de 7 milhões para 12,5 milhões; Cf. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, n. 56.

¹⁴³ A diminuição do número de católicos teve um estancamento entre 2000 e 2003 (73,89% - 73,79%). Os que se declaravam sem religião caem de 7,4% para 5,1%. Os evangélicos (conjuntamente tradicionais e pentecostais) seguem seu crescimento, passando de 16,2% para 17,9%. O crescimento dos evangélicos tradicionais está se dando a taxas mais aceleradas que os evangélicos pentecostais, sendo esta outra novidade a ser ressaltada.

denominações.¹⁴⁴ Além disso, uma pesquisa qualitativa mostraria que há muitos modos de crer e de praticar dentro do próprio catolicismo, no mundo evangélico ou em outras religiões (CNBB 2008, 41). Porém, o catolicismo, embora esteja diminuindo, continua sendo a religião majoritária do Brasil. Mas, há mais de trinta anos, Cândido Procópio Camargo (1973: 120), já havia pontuado esta "tendência geral para um declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja Católica".

3.2.3.1 O PAMP - Projeto de Ação Missionária Permanente do Regional Sul 1 (Estado de São Paulo)

Os bispos participantes da 41ª Assembléia Geral da CNBB, em 30 de abril a 9 de maio, ficaram impressionados com o contexto das mudanças no mapa religioso do Brasil, assim os bispos do Estado de São Paulo. Concluíram que existem necessidades religiosas que não estão recebendo resposta adequada por parte da ação Evangelizadora e pastoral, logo foi criada uma comissão para estudar o fenômeno, que elaborou o projeto chamado de PAMP - Projeto de Ação Missionária Permanente, aprovado pela 25ª Assembléia das Igrejas particulares do Regional Sul 1, como referencial para a missão permanente. Foi publicado em 25 de março de 2004, festa da Anunciação.

A finalidade do PAMP era responder aos inquietantes desafios suscitados pelo contexto do recente mapa religioso do Brasil, pela perda de Católicos para as Igrejas Pentecostais. A preocupação vinha a partir do êxodo de fiéis para outras confissões religiosas, em particular as denominações pentecostais, mas também com o desligamento do catolicismo de muitas pessoas, que ampliaram as fileiras dos sem religião. Para dar resposta ao desafio da mudança religiosa, o Regional Sul 1 da CNBB, do Estado de São Paulo, formado por dezessete sub-regionais, idealizou o projeto, chamado de PAMP¹⁴⁵, documento defensivo diante do avanço pentecostal. Foi dividido em quatro partes, dentro da metodologia de ver, julgar e agir. A primeira parte apresenta o fenômeno religioso e o homem urbano, contendo informações sobre os católicos que migram para outras denominações e a metodologia dos pentecostais na busca de fieis; a segunda parte coloca a evangelização e a vocação própria da Igreja, lembrando à tarefa

¹⁴⁴ A pesquisa do CERIS, em 2002, nas seis maiores regiões metropolitanas brasileiras, encontrou cerca de 25% dos entrevistados que freqüentam atos de mais de uma religião e cerca de metade deles (12,5% do total) o fazem sempre.

¹⁴⁵ Segundo dados do CERIS o grupo que mais cresce é dos pentecostais, os quais, na cidade de São Paulo mais de 1,7 milhões de pessoas, superior a 15% da população (CNBB, Sul 1, 15).

dos cristãos de anunciar a “verdadeira doutrina”; a terceira parte relata a ação missionária, reúne propostas concretas e estratégias diante do pentecostalismo; e a última parte apresenta a comissão de apoio ao PAMP. Todo o documento foi elaborado segundo as Diretrizes Gerais da Ação Evangelização no Brasil - 2003-2006 (Cf. CNBB, Sul 1, 7).

O PAMP apresenta uma Igreja “*ad intra*” preocupada com a própria sobrevivência com um discurso defensivo, que apresenta como principal finalidade responder aos inquietantes desafios suscitados pelo recente mapa religioso¹⁴⁶ do Brasil em vista das mudanças rápidas e profundas na sociedade, que romperam com as visões hegemônicas da realidade; que levaram o universo simbólico unitário da cristandade a ceder lugar a interpretações pluralistas, pois o desenvolvimento tecnológico, da economia, da cultura, das idéias, pautado no secularismo, acaba por negar a ação de Deus na história. (CNBB, Sul 1, 4).

Exclusivismo eclesiocêntrico. O PAMP, diante da realidade do avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso, apresenta um discurso defensivo, com uma teologia eclesiocêntrica, na linha exclusivista, que coloca a Igreja e a Cristo como único caminho, conseqüentemente as outras Igrejas ou denominações cristãs são consideradas como deficitárias pelas seguintes razões:

Apesar da divisão entre os cristãos, a Igreja de Jesus Cristo não está dividida em várias Igrejas. Ela subsiste na Igreja Católica. A Igreja Católica possui todos os elementos de eclesialidade que encontramos no novo testamento: a mesma fé; a totalidade dos canais da graça que são os sacramentos; a sucessão do colégio apostólico na sua dimensão episcopal; a sucessão do ministério petrino exercido pelo Papa; o ministério da palavra como anúncio e magistério autêntico, isto é, como ensino normativo em nome de Cristo. Em nenhum outro lugar se encontra, como na Igreja Católica, a plenitude dos meios salvíficos queridos por Cristo (CNBB, Sul 1, 46).

Reafirmar que “a Igreja de Cristo subsiste somente na Igreja católica”, mostra o clássico exclusivismo eclesiocêntrico, tradução atual do axioma tradicional “fora da

¹⁴⁶ O mapa religioso do Brasil mudou nos últimos anos. O número de católicos, que em 1980 representava 90% da população brasileira, chega hoje a 125 milhões de pessoas, o equivalente a 73,8% dos brasileiros, segundo o Censo de 2000. Já os evangélicos, em que se incluem as igrejas pentecostais e as denominações ditas “históricas” ou “tradicionais” (luterana, presbiteriana, metodista e batista, entre outras), ganharam fiéis e agora registram índice de 15,4% da população. O Censo detectou também o aumento do contingente dos que se dizem “sem religião”, que são 7,3%. O restante da população – uma fatia de 3,5% – é disputado por uma variada série de religiões e credos, como judaísmo, islamismo, espiritismo, budismo, anglicanismo, ortodoxia e xamanismo, além dos rituais praticados nas reservas indígenas (Cf. JACOB, 2003).

Igreja não há salvação”. Segundo os documentos da Igreja, como vimos anteriormente, “subsiste” significa que só nela há a plenitude dos meios de salvação, como os sacramentos e a sucessão apostólica. Afirmação presente na teologia do Concílio Vaticano II¹⁴⁷, no Catecismo da Igreja de João Paulo II (1992), também na Declaração *Mysterium Ecclesiae* (1973), na Carta aos bispos da Igreja Católica *Communio notio* (1992), e na Declaração *Dominus Iesus* (2000), as duas últimas foram promulgadas pela Congregação para a Doutrina da Fé. Conforme o discurso exclusivista católico, presente nos documentos citados, afirmar que a Igreja de Cristo está presente e operante através dos elementos de santificação e de verdade nelas existentes. A palavra “subsiste” indica que só pode ser atribuída exclusivamente à única Igreja católica. Nas outras “igrejas” não há todos os elementos constitutivos que Cristo colocou na Igreja Católica. De acordo com esta teologia eclesiocêntrica, apenas são reconhecidas como Igrejas irmãs as Igrejas ortodoxas; as protestantes e principalmente as pentecostais não tem todos os elementos necessários constitutivos da salvação por não terem sucessão direta apostólica, o que as torna teologicamente deficientes.

Ao chamar para um diálogo evangelizador (CNBB, Sul 1, 62), o Documento solicita que as emissoras de rádio e TV católicas façam uma maior divulgação e conscientização sobre o pluralismo religioso no Brasil e que sejam tratados temas de apologética (CNBB, Sul 1, 96c). Hoje evangelizar sem os meios de comunicação social é difícil. Porém, usar apologia como arma para defender a fé frente as Igrejas pentecostais, significa ir contra o pluralismo religioso próprio da teologia pluralista. Inclusive, para o PAMP, a única forma de cristianismo é o eclesial, já que “sem Igreja¹⁴⁸ não existe cristianismo, pois não podemos saber quem é Jesus Cristo”. (CNBB, Sul 1, 45). Se, com efeito, a verdadeira religião é apenas a Igreja Católica e sem Igreja não há cristianismo, aí está um total exclusivismo eclesiocêntrico. Apesar dos bispos reconhecerem o pluralismo, o discurso do PAMP é uma crítica constante e direta ao pentecostalismo e ao pluralismo religioso. É um exclusivismo que reconhece elementos de verdade e valor nas Igrejas Evangélicas Pentecostais, mas continua a afirmação de que só a Igreja Católica possui a verdade integral.

O PAMP em seu exclusivismo apresenta um projeto de Igreja “*ad intra*”, voltada para dentro de si mesma, preocupada com a sobrevivência e com a crise demográfica no paradigma da pós-modernidade, onde a fé passa atender necessidades subjetivas,

¹⁴⁷ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*, 2.

¹⁴⁸ Por Igreja entenda-se a igreja Católica Apostólica e Romana.

desligada da comunidade e da realidade. As motivações para a desfiliação e transito religioso são de ordem pessoal. A tradição e a doutrina perdem o peso na escolha, o que causa uma postura defensiva.

Inclusivismo cristocêntrico O discurso do PAMP apresenta também um inclusivismo eclesial preocupado com os católicos afastados e com o avanço pentecostal. Perante o subjetivismo individualista pós-moderno, o texto mostra sua preocupação, afirmando que: “o cristianismo nasceu em forma de Igreja; ninguém pode ser cristão isoladamente, à margem da comunidade. Sem a Igreja não podemos saber quem é Jesus Cristo, não podemos amá-lo e ser seus discípulos” (CNBB, Sul 1, 41). Existe na pós-modernidade uma mística individualista, subjetivista, desligada de qualquer Igreja e comunidade, de todo tipo de problema sócio-econômico e político. A nova mística cria uma euforia espiritual passageira intimista.

O PAMP quer fazer que todos se tornem discípulos de Jesus Cristo e membros da Igreja (Cf. CNBB, Sul 1, 55). A Igreja quis sempre ser fiel ao mandato de Jesus Cristo: "Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos"¹⁴⁹. O catolicismo sempre teve a pretensão de incluir toda a humanidade, de ser Universal e a única Igreja verdadeira de Cristo. “A vocação própria da Igreja é ser missionária” (CNBB, Sul 1, 41). A Igreja declara que desde seu nascimento teve o impulso e o mandato missionário de Cristo. As diretrizes da CNBB têm como objetivo aprofundar a consciência missionária através do anúncio explícito (CNBB, Sul 1, 60). A consciência missionária significa ir ao encontro das pessoas de casa em casa, nas escolas, nas instituições e não se conformar com os presentes nas paróquias, um trabalho missionário que deverá ser desenvolvido pelos leigos.

Os bispos afirmam no PAMP, que “não podemos ficar indiferentes diante da urgência da evangelização”, pois existem necessidades religiosas que não estão recebendo respostas adequadas por parte da ação evangelizadora e pastoral (CNBB, Sul 1, 2). Há urgência e preocupação para chegar até os católicos afastados e aos sem religião para que possam voltar para a Igreja Católica; eles são em teoria, os mais veneráveis a propaganda proselitista do pentecostalismo. Os católicos, na sua maioria, não participam das suas comunidades e buscam outras crenças e igrejas sobre tudo as pentecostais. Por esse motivo os bispos do Estado de São Paulo (CNBB, Sul 1, 5) vêm a

¹⁴⁹ Mt 28, 19

necessidade de se fazer “uma avaliação da qualidade da nossa presença junto ao povo como exigência da própria missão de evangelizar”; propõem a descentralização da ação pastoral da Igreja em direção à periferia com lideranças leigas e incentivar a organização da vida eclesial e a vocação apostólica dos leigos e leigas, bem como sua formação. Uma das principais propostas que o PAMP coloca é de criar uma cultura missionária permanente, principalmente através de visitas domiciliares onde se pode levar o anúncio do querigma fundamental da fé (Cf. CNBB, Sul 1, 84).

As palavras que mais aparecem ao longo do discurso do texto do PAMP são: “missionários”, “missão”, “discípulos” e “evangelizar”, mostrando assim a preocupação de incluir a todas as pessoas dentro da Igreja. A missão está situada dentro do universo da Igreja, com a autoridade que recebeu do Cristo. Pelo mandato divino, todos os batizados são missionários e “devem anunciar a verdadeira doutrina” (CNBB, Sul 1, 6). A verdadeira doutrina é constituída pelos dogmas e as verdades de fé católica.

A terceira parte do documento apresenta propostas concretas missionárias ou estratégias para se defender do avanço pentecostal. A Igreja como instituição deve ir ao encontro dos católicos afastados através das missões populares permanentes, as visitas missionárias domiciliares, a boa acolhida nas comunidades católicas, a abertura das igrejas durante o dia, adquirir novos espaços eclesiais, ter maior presença nos meios de comunicação social e na internet, com cursos, celebrações, cultos e pregações sobre a palavra, enfim, outras iniciativas que possam garantir um espaço maior da Igreja na cidade (Cf. CNBB, Sul 1, 83-93).

Como estratégia e táticas para não perder mais espaço para o pentecostalismo, os bispos propõem organizar a Escola da Palavra para agentes de pastoral com ênfase na formação para a missão; capacitar e habilitar ministros leigos da Palavra por meio de cursos bíblicos e doutrinários, laboratórios de pastoral e técnicas de divulgação da palavra; aprofundar as razões da fé e da esperança, com base na Bíblia, na tradição, no magistério e na realidade sociocultural e econômica; desenvolver a habilidade de comunicar a Palavra de Deus; capacitar para responder aos questionamentos e apelos pessoais e sociais do mundo atual; formação permanente dos Ministros da Palavra em vista da missão; incluir a disciplina Missiologia nas Faculdades de Teologia com ênfase na Pastoral Urbana; utilizar a Bíblia em todos os momentos da pastoral; editar Bíblias destacando passagens referentes à identidade católica e outros temas teologicamente importantes (CNBB, Sul 1, 65). Acreditamos que todas essas iniciativas pastorais são interessantes, mas não deveriam ser apenas estratégias ou táticas para conter o avanço

do pentecostalismo, mas meios para poder fazer ecoar a palavra de Deus reconhecendo que a “verdadeira doutrina” ou “verdadeira Igreja” não está apenas no catolicismo, mas todas as Igrejas são portadoras das verdades do Cristianismo.

A Igreja apresentada no PAMP é um projeto de Igreja “*Ad intra*”, na linha da RCC que procura enfatizar as práticas subjetivistas cheias de emoção, envolver os participantes, valorizar a pessoa ouvindo suas dificuldades, conhecendo cada um pelo nome diante da preocupação do avanço pentecostal. Tenta resgatar o corpo como instrumento mediador para com Deus. A subjetividade e o individualismo incorporam o discurso e na prática das Igrejas evangélicas pentecostais na igreja Católica. A Igreja Católica, com a tática inclusivista defensiva, vem adotando o modelo da RCC, tornar-se pentecostal para não perder fieis para o pentecostalismo.

Pluralismo - teocêntrico. O PAMP apresenta, na primeira parte do texto, o discurso das mudanças rápidas e profundas na sociedade que romperam com as visões hegemônicas da realidade nas últimas décadas. O universo simbólico unitário da cristandade cedeu lugar a interpretações pluralistas; o desenvolvimento tecnológico da economia, da cultura, das idéias, pautado pelo secularismo, acaba por negar a ação de Deus na história. “O pluralismo é um fenômeno incontestável. Daí, certo relativismo e uma sociedade não coesa, de diferentes práticas sociais e religiosas. O que aumenta a idéia que todas as religiões são iguais porque todas buscam a Deus” (CNBB, Sul 1, 4). A teologia pluralista reconhece que há verdades nas diversas religiões, mas nem todas são iguais, embora todas tenham como finalidade conduzir a Deus. Reconhecer os valores presentes nas diversas religiões e denominações cristãs, não é relativismo, mas afirmação do pluralismo religioso presente na pós-modernidade, embora muitas vezes a decisão sobre escolher a religião está apenas nos valores subjetivos. Uma coisa é ter uma mente aberta diante do pluralismo, e outra, bem distinta é pensar que cada um pode fazer uma religião a seu gosto a partir de um sincretismo subjetivo caindo talvez no relativismo religioso. Acreditamos que a escolha da religião atualmente vai além do subjetivismo e do intimismo.

Apesar de reconhecer que vivemos em época de pluralismo incontestável e o avanço do pentecostalismo, em nenhum momento o PAMP aborda o tema do diálogo ecumênico e muito menos o diálogo inter-religioso. Ao contrário, o documento vê a necessidade do discurso apologético para defender a fé e fazer um chamado para que todos os católicos sejam missionários, indo ao encontro dos afastados através de visitas

missionárias; uma idéia em si excelente, se não fosse apresentada apenas com o objetivo de defender a fé ou de trazer de volta os católicos nominais e os sem religião. O documento não apresenta maior novidade teológica ou pastoral, apenas tem estratégias e táticas defensivas e reitera teses tradicionais já trabalhadas pelo magistério da Igreja com uma atitude exclusivista. O PAMP vem marcar posição no Estado de São Paulo e no Brasil diante do avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso nas últimas décadas.

O projeto que aparece no PAMP reflete a linha de uma Igreja “*ad intra*”, voltado para a transformação interna, para a manutenção das estruturas eclesiais com táticas e estratégias defensivas perante o avanço das Igrejas pentecostais, o que dificulta o diálogo ecumênico e inter-religioso. A proximidade mimética com o pentecostalismo funciona como empecilho para a proximidade do diálogo com as Igrejas pentecostais. A dificuldade é ainda maior com o diálogo inter-religioso. A força da Igreja carismática concentra-se na oferta da salvação quase com exclusividade. As mudanças religiosas analisadas ao longo do texto do PAMP mostram claramente as preocupações e os desafios para a Igreja Católica voltada para si mesma, como consequência da perda de fiéis para o pluralismo religioso, especificamente para o crescimento do pentecostalismo evangélico brasileiro.

3.2.3.2 Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008-2010)

Na 46ª Assembléia Geral ordinária da CNBB¹⁵⁰ (Conferência Nacional dos bispos do Brasil); participaram 307 arcebispos, bispos e administradores diocesanos, representando todas as dioceses do Brasil, além de vários convidados, assessores e peritos. A assembléia é a instância máxima da CNBB, realizada em Itaipava, RJ, de 02 a 11 de abril de 2008, na qual foram elaboradas as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o triênio de 2008 a 2010. A pauta Assembléia também incluía assuntos da organização interna, de atuação da Igreja, questões sobre a conjuntura sociopolítica, econômica e a situação religiosa do Brasil. Durante o

¹⁵⁰ A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) foi fundada em 1952, pelo Episcopado brasileiro reunido no Palácio São Joaquim, residência do cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, em 14 de outubro de 1952. Naquela data, os 20 Arcebispos do episcopado, junto com o Nuncio Apostólico, Dom Carlos Chiarlo, aprovaram o Regulamento, criando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Escolhido como primeiro Presidente da CNBB, o cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, na época Arcebispo de São Paulo, indicou Dom Helder Pessoa Câmara para o cargo de secretário-geral, indicação aceita por aclamação. Dom Helder Câmara foi, o grande incentivador para a criação da CNBB. http://www.arquidiocesecampinas.org.br/cnbb_historia.htm. Acesso 05.01.09.

encontro, foram escolhidos os representantes dos bispos brasileiros para a próxima assembléia do Sínodo dos bispos em Roma, a realizar-se em outubro do mesmo ano, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.

As Diretrizes foram elaboradas no espírito do grande evento da Conferência de Aparecida. As referências usadas vêm do Documento oficial do V CELAM. Segundo Dom Antônio Celso Queirós, presidente da comissão de redação do novo documento, “a aprovação das Diretrizes tem um significado de fidelidade à história da CNBB e traduz a abertura à novidade que foi a Conferência de Aparecida”. Para Dom Celso, “a novidade deste documento vem de uma atualização da preocupação da Igreja transformar-se em uma Igreja missionária. Elas dão um passo novo e grande, à luz do clima da Conferência de Aparecida, que foi voltada para a missão da Igreja como discípula e missionária”, completou. As novas Diretrizes terão duração apenas de três anos¹⁵¹ e não de quatro, como acontece tradicionalmente.

As diretrizes são inspiradas no contexto do Documento de Aparecida, de acordo com o método ver, julgar e agir. Na primeira parte, examina-se a realidade que interpela e desafia mais concretamente o trabalho missionário. O documento, de caráter descritivo, apenas menciona os elementos de cunho cultural, social, econômico, político, ético e religioso mais marcantes na atual sociedade brasileira. Em seguida, vem o enfoque teológico, apresentado a vocação do discípulo missionário, sua formação bem como a Igreja como comunidade missionária. No terceiro capítulo, estão as pistas de ação pastoral que nortearão a Igreja no Brasil para os próximos anos. No último capítulo aborda-se a Missão Continental no Brasil. (CNBB 2008,11)

Exclusivismo eclesiocêntrico. As diretrizes gerais da CNBB como documento oficial não têm um discurso teológico eclesiocêntrico exclusivista. Em nenhum momento encontra-se afirmação da própria fé ou da posição religiosa eclesiocêntrica católica, embora, o texto veja a necessidade de chamar para uma missão permanente: “Somos convidados acolher esta graça assumindo o espírito missionário na sua plenitude” (CNBB 2008,211).

Inclusivismo cristocêntrico. A CNBB, nas novas Diretrizes Gerais para a Evangelização, apresenta um discurso inclusivista cristocêntrico desde o objetivo geral:

¹⁵¹ Cf. <http://www.cnbb.org.br/> Acesso 05.01.09.

Evangelizar a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, ‘para que todos tenham Vida e a tenham em abundância’¹⁵².

Ao longo do documento, apresenta-se o tema do discurso do discipulado, proposto na V Conferência, dentro da tradição da opção preferencial pelos pobres. O escopo principal do novo documento da CNBB é colocar em prática e traduzir o espírito do grande evento da Conferência de Aparecida para a Igreja no Brasil. (Cf. CNBB 2008,1). Ao longo do texto, duas palavras que mais aparecem são: “discípulos e missionários”, o sentido é que o discípulo do mestre é também missionário. “Discipulado e missão são como duas faces da mesma moeda. Quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva¹⁵³”. Só o discípulo se tornará verdadeiramente missionário. A realidade cultural e religiosa do Brasil mudou e a Igreja católica já não pode mais contar com o pressuposto de uma transmissão automática da fé no contexto social, nem mesmo nas famílias e nas suas comunidades. Numerosos católicos foram apenas batizados.

O texto das Diretrizes não se refere ao crescimento das outras Igrejas ou denominações, mas tem uma preocupação com os católicos afastados; deve-se ir ao encontro deles, para que retornem à Igreja. Todos são chamados em virtude do batismo a serem discípulos missionários de Jesus Cristo (Cf. CNBB 2008, 7). Talvez, a preocupação com os Católicos nominais é para que não cedam ao pluralismo religioso, e migrem para outras Igrejas ou religiões.

O texto vê como motivo principal para a mudança religiosa a falta de formação catequética adequada, de cunho vivencial (Cf. CNBB 2008, 93). Constata um conhecimento insuficiente da fé católica, que dá origem a “uma multidão de batizados e crismados não praticantes, que se encontram afastados de uma vivência cristã e eclesial e que necessitam de adequada pastoral evangelizadora por parte da Igreja”. Não basta uma “pastoral de mera conservação”, faz-se necessário responder às carências que explicam a saída de muitos católicos da Igreja (CNBB 2008, 55). Na atualidade, apesar de muitas pessoas serem batizadas e se auto-declararem católicas, não praticam a religião. Frequentam apenas cerimônias de casamentos e batizados, mas não tomam

¹⁵² Jo 10,10.

¹⁵³ Cf. DA 146.

parte regularmente de ritos como a missa aos domingos e raramente recebem algum dos sacramentos. Esses católicos muitas vezes discordam e questionam os dogmas da Igreja.

Frente ao aumento dos dados dos sem religião, segundo os dados dos diversos institutos de pesquisa¹⁵⁴, a CNBB (2008, 43) declara que “não parece exato dizer que o país se tornou menos religioso”.

Mesmo aderindo a uma tradição ou a uma instituição religiosa, tende a escolher crenças, ritos e normas que lhe agradam subjetivamente ou se refugia numa adesão parcial, com fraco sentido de pertença institucional. Ou, ainda, procura construir, numa espécie de mosaico sua religião pessoal com fragmentos de doutrinas e práticas de várias religiões. Finalmente, aumenta o número dos que recusam a adesão a qualquer instituição religiosa e considera suas convicções uma “religião invisível”, com pouca ou nenhuma prática exterior. Cresce também a atração por práticas esotéricas, baseadas em falsas doutrinas, afetando a fé cristã (CNBB 2008,38).

Os “sem religião” parecem indicar mais uma “desinstitucionalização” da religião e a emergência da chamada “religião invisível”. O indivíduo “não adere a uma religião institucionalizada, mas não deixa de acreditar em Deus e de rezar, ocasionalmente”, embora existam pessoas que se dizem atéias, os sem religião, parecem ser mais pessoas que abandonaram apenas a instituição religiosa; seriam não-praticantes, com um jeito próprio de viver a fé, ou seja, adotaram valores sagrados presentes em várias religiões ou em filosofias de vida, desvinculados de qualquer igreja ou credo religioso e que possivelmente podem voltar a e seguir alguma denominação ou instituição religiosa. No Brasil, o sincretismo como bricolagem de crenças é um fenômeno bastante comum; o indivíduo escolhe as próprias crenças, ritos e normas que lhe agradem. O fenômeno sincrético vem desde época da escravidão em que se buscou adaptar as crenças de religiões tradicionais africanas aos rituais da fé Católica, que foi usado como arma de resistência dos escravos negros para manterem suas tradições. Os sem religião, ou de “religião invisível”, de acordo com o IBGE são pessoas na sua maioria sem instituição religiosa embora conservem a fé num Deus criador.

¹⁵⁴ De acordo com o último Censo do IBGE, o Brasil tem cerca de 13 milhões de pessoas sem filiação religiosa (7,4% da população). Pesquisa do CERIS mostra que entre as principais conclusões do levantamento está o fato de que, do grupo de brasileiros sem religião, somente 0,5% não acredita em Deus. O restante se encaixa nessa categoria pelo fato de simplesmente não ter vínculo com nenhuma igreja, o que não significa ausência de fé. Das pessoas entrevistadas pelo Ceris, 7,8% se declararam sem religião - número muito próximo dos 7,4% apontados pelo último Censo do IBGE. Esse grupo está dividido em cinco categorias. A menor é a dos ateus. (Cf. FENANDES, 2006: 107-118).

As Diretrizes apresentam como primeiros destinatários da missão os católicos afastados e indiferentes diante da vida comunitária¹⁵⁵. Este trabalho missionário deverá ser feito através de visitas para que aceitem a figura de Jesus Cristo e da Igreja:

... Em tempos de mobilidade religiosa e conseqüente dificuldade para vínculos mais sólidos, é necessário ir ao encontro dos que aceitam Jesus Cristo e a Igreja, mas, por inúmeras razões, sentem-se desestimulados e se afastam da comunidade. Um dos melhores caminhos para ajudar na redescoberta da dimensão comunitária da fé se encontra no contato pessoal, no diálogo e na presença amiga, fraterna e solidária. Por isso, adquirem importância os *ministérios mais diretamente ligados à missão*, tais como os de visita, animação de grupos, pequenas comunidades ou mesmo setores... (CNBB 2008, 173).

Pesquisa do CERIS¹⁵⁶ mostra que a mobilidade religiosa no catolicismo tem uma rota mais significativa em direção ao pentecostalismo, porém, por outro lado, há pentecostais transitando para o catolicismo também. A mobilidade religiosa está se constituindo como fenômeno que caracteriza o modo como os brasileiros estão entendendo e experimentando a religião na pós-modernidade. Em tempos de mobilidade religiosa a ação evangelizadora da Igreja Católica deve consistir em reconhecer o que há de positivo nas outras religiões e Igrejas pentecostais.

O texto das diretrizes da CNBB vê o compromisso missionário como parte essencial de toda a comunidade católica, que deve ir ao encontro dos afastados, dos sem religião, dos não praticantes tentando incluí-los na comunidade. Este é um desafio que se apresenta e conduz à urgência de uma ação missionária planejada, organizada e sistemática. Para isso, é necessário “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam mais a transmissão da fé”. Trata-se de verdadeira conversão pastoral de nossas comunidades, fato que exige ir “além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (CNBB 2008, 172). Também, as diretrizes aplicam à realidade brasileira o compromisso com a Missão Continental e permanente¹⁵⁷, conforme a inspiração da Conferência de Aparecida¹⁵⁸ (Cf. CNBB 2008, 11; 211; 212).

¹⁵⁵ Cf. DA 179, 201, 204, 226d. Já as Diretrizes 2003-2006 indicavam alguns grupos que merecem especial atenção missionária: “jovens, pessoas vivendo nas periferias de nossas cidades, intelectuais, artistas, formadores de opinião, trabalhadores com grande mobilidade, nômades” (Cf. 136).

¹⁵⁶ Os dados da pesquisa mostram que 23,5 % da população declara como tendo mudado, ao menos uma vez, de religião no Brasil (FERNANDES, 2006: 120).

¹⁵⁷ A missão continental e permanente deve se realizar em quatro etapas, seguindo os critérios de simultaneidade, da flexibilidade (segundo as circunstâncias locais) e de irradiação. Haverá um tempo introdutório de sensibilização e conversão pastoral da Igreja, de aprofundamento do Documento de Aparecida, afim de que seu conteúdo seja estudado, refletido e assimilado em todas as instâncias

O crescimento da Igreja Católica, de acordo com o discurso da CNBB (2008, 81), devera acontecer não por proselitismo, mas por atração, pelo testemunho e a caridade dos cristãos¹⁵⁹. O amor “é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos”. Assim a missão nasce do impulso de compartilhar a própria experiência de salvação com outros, de plenitude e de alegria feita com Jesus Cristo. (CNBB 2008, 92). É preciso estar preparado para gerar nos irmos o fascínio pela Igreja, acolher os que chegam à igreja, possibilitando-lhes o amadurecimento na fé; enfim, é preciso sair em missão (CNBB 2008, 152). Atualmente, a Igreja Católica no Brasil incentiva a Pastoral da Acolhida para que os que chegam à Igreja sintam-se a vontade, tanto física como espiritualmente e retornem com mais frequência para a comunidade católica.

Existe a constatação da CNBB (2008, 39), da tendência à inversão de sentido da experiência religiosa, que se manifesta numa ótica utilitarista, oferecendo bem-estar interior, terapia ou cura de males, sucesso na vida e nos negócios, como aparece na assim chamada “teologia da prosperidade”, própria de algumas Igrejas pentecostais, que banaliza a religião, reduzi-la a mais um espetáculo para “entreter” o público. No campo religioso, as Diretrizes observam, ainda, que muitas Igrejas, que se denominam evangélicas, mostram-se dinâmicas na procura de novos fiéis, chegando até ao proselitismo. Outros grupos religiosos atribuem toda a culpa dos males aos demônios ou aos espíritos malignos. Há, também, movimentos religiosos autônomos que, através de proselitismo, enganam com a chamada “teologia da prosperidade”. Conseqüentemente, ninguém se sente responsável por corrigir o que está errado na sociedade, na qual convivem, estranhamente, muita religiosidade e muita criminalidade, busca de Deus e injustiça. (CNBB 2008, 40).

Os bispos vêm que organização da Igreja Católica está muito dependente do padre e da paróquia e que o número dos padres não tem crescido no mesmo ritmo da população¹⁶⁰ (CNBB 2008, 45). Porém se faz pouco ou quase nada para mudar essa estrutura eclesial. Por isso, as Diretrizes afirmam que diante da atual sociedade pluralista e secularizada, faz-se necessário reforçar uma “clara e decidida opção pela formação dos discípulos missionários, os membros de nossas comunidades”. O processo

eclesiais. As etapas são as seguintes: sensibilização dos agentes de pastoral e evangelizadores, aprofundamento com Grupos prioritários, missão setorial e missão territorial.

http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=207 Acesso 23.02.09.

¹⁵⁸ Cf. DA 550-551.

¹⁵⁹ Cf. DA 159.

¹⁶⁰ Em 1970 havia um padre para 7.100 habitantes; em 1990, um padre para 10.100 habitantes. Desde então, esta proporção deficitária de padres\habitantes se mantém estável.

formativo da iniciação cristã não é exclusivo dos não batizados, mas se estende também aos batizados não suficientemente evangelizados, que constituem a maioria dos católicos em nosso país. Urge, portanto, uma “identidade católica mais pessoal e fundamentada” (CNBB 2008, 88).

O projeto de Igreja da práxis libertadora missionária, presente nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, faz um chamado para uma verdadeira conversão pastoral. Essa conversão exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Uma verdadeira conversão pastoral que tenha a coragem de mudar as várias estruturas pastorais em todos os níveis (Cf. CNBB 2008, 46). A formação da consciência missionária dentro deste projeto apresenta uma igreja “*Ad extra*”, que vai além da manutenção das estruturas tradicionais, urge que se concretiza a ação libertadora da Igreja, inserida no mundo e comprometida com a transformação das estruturas sociais econômicas e políticas.

Pluralismo – teocêntrico A CNBB, ao longo de sua história tem elaborado vários documentos de estudos na linha da teologia do pluralismo religioso¹⁶¹. Dentro dessa tradição, as Diretrizes vêem as religiões com uma atitude objetiva procurando descrever e entender o sentido e a origem da pluralidade das diversas formas religiosas. Os bispos reconhecem que, hoje, vivemos em uma cultura marcadamente pluralista (Cf. CNBB 2008, 64), onde os próprios indivíduos escolhem sua religião no contexto da pós-modernidade. Diante do pluralismo religioso é proposto o ecumenismo entre os cristãos e o diálogo interreligioso com os não-cristãos. “A aproximação e o diálogo podem prevenir o nascimento e o crescimento de fanatismos e fundamentalismos de diferentes matizes” (CNBB 2008, 169).

Os cristãos são chamados ao diálogo ecumênico: “A comunhão na fé professada no Credo e na Graça batismal une os católicos com as pessoas batizadas em outras Igrejas e comunidades eclesiais. Os cristãos são convocados a dar uma palavra de unidade e esperança” (CNBB 2008, 166). O ecumenismo deve ser mais estudado para

¹⁶¹ A CNBB elaborou vários estudos sobre ecumenismo e pluralismo religioso:

Igreja Católica Diante do Pluralismo Religioso no Brasil, I. n. 62. São Paulo, Paulinas, 1991.

A Igreja Católica Diante do Pluralismo Religioso no Brasil, II. n. 69. São Paulo, Paulinas, 1993.

A Igreja Católica Diante do Pluralismo Religiosos no Brasil, III n. 71. São Paulo, Paulinas, 1994.

A Igreja e os Novos Grupos Religiosos, n. 68. São Paulo, Paulus, 1993.

Guia Ecumênico, n. 21. 3ª Edição, São Paulo, Paulus, 2004.

Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil, n. 46. São Paulo, Paulinas, 1986.

Guia para o Diálogo Inter-religioso, n. 52, São Paulo, Paulinas, 1987.

O que é ecumenismo? Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo. São Paulo, Paulinas, 1997.

que as dúvidas sejam esclarecidas, contribuindo para a superação do proselitismo, para o conhecimento mútuo e o testemunho comum. O conhecimento dos princípios do ecumenismo exige cursos de ecumenismo, que ajudem a refletir sobre o diálogo ecumênico, e recuperarem a força do Batismo como fonte de união e fraternidade. (CNBB 2008, 167). A cooperação ecumênica é vista como parte integral do bem comum, essencial da missão da Igreja, atingindo também o diálogo ecumênico e inter-religioso. “As relações entre os cristãos não tendem somente ao recíproco conhecimento, à oração comum e ao diálogo. Prevêem e exigem toda a colaboração prática possível nos diversos níveis: pastoral, cultural, social e ainda no testemunho da mensagem do evangelho” (CNBB 2008,180).

No diálogo e no convívio tanto ecumênico quanto inter-religioso, somos convidados a, juntos, desenvolver bem mais a *oração em comum*. Somente através do contato fraterno, orante e dialógico, compartilhando o sentido mais profundo da experiência religiosa vivida, é possível crescer na estima recíproca e na colaboração ecumênica e inter-religiosa em tudo que diz respeito ao bem comum e à promoção da vida (CNBB 2008, 170).

A oração em conjunto com outras Igrejas e denominações pela unidade dos cristãos é chamado de ecumenismo espiritual, primeiro passo para um ecumenismo prático. São encontros de oração e louvor ao Deus da Vida de várias Igrejas, inclusive pentecostais. No diálogo e no convívio ecumênico e inter-religioso, o maior desafio são os encontros para o diálogo diante das diferenças. Não bastam as manifestações de bons sentimentos, é necessária a aproximação, o diálogo e o conhecimento mútuo. Faltam gestos concretos, impulsionando cada um à conversão interior, que é o fundamento de todo progresso no caminho do ecumenismo¹⁶². Não devemos desanimar neste árduo caminho, mesmo diante de dificuldades surgidas, em especial de setores que não aceitam o ecumenismo ou diálogo inter-religioso.

A CNBB (2008, 168), perante o pluralismo religioso, convoca para ir ao encontro do diálogo fraterno e respeitoso com os seguidores de religiões não cristãs, com “especial atenção ao diálogo com os judeus e os muçulmanos, irmãos na fé monoteísta”. Este mesmo diálogo haverá de se estender ao mundo dos afro-descendentes, indígenas e ateus. Estes gestos concretos devem facilitar o convívio fraterno (CNBB 2008, 171), “torna-se indispensável estudar as novas tendências religiosas, as demais Igrejas cristãs e as tradições não-cristãs, mesmo onde o diálogo não

¹⁶² Cf. DA 234.

é imediatamente possível”, perante a nova realidade plural que o Brasil está experimentando. É necessário conhecer para discernir os valores a serem acolhidos de acordo com a nova realidade do mundo plural.

No projeto de Igreja na linha da práxis libertadora, que aparece nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, encontramos uma Igreja “*Ad extra*”, que dá ênfase ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso a ser realizado no encontro fraterno entre cristãos e não-cristãos, como parte importante da cooperação ecumênica. Dentro do diálogo e do convívio ecumênico e inter-religioso, a Igreja é chamada ao contato fraterno, orante e dialogal, compartilhando a experiência religiosa vivida, no que diz respeito ao bem comum e à promoção da vida (Cf. CNBB 2008, 165-171).

3.3. Finalizando

Vivemos em uma realidade pluralista no paradigma da pós-modernidade. Esse pluralismo se manifesta através da diversidade de Igrejas e religiões presentes na sociedade, sobretudo de cunho pentecostal. A sociedade brasileira é hoje fortemente marcada por este pluralismo religioso que possibilita a escolha da própria crença. Este pluralismo acentuou-se muito nos últimos anos, tanto no plano quantitativo quanto na variedade das formas. Assim, os documentos do magistério eclesial estão marcados por esta realidade, tomando um posicionamento a favor ou contra este fenômeno, apresentando um projeto de Igreja defensivo ou aberto a esta realidade.

Durante os últimos anos, muitos católicos no Brasil procuraram outras Igrejas, especialmente o pentecostalismo, como outras religiões. Esta mudança do mapa religioso criou uma preocupação da Igreja Católica para não perder terreno diante do pluralismo religioso, preocupação que aparece nos documentos oficiais. Este pluralismo religioso é maior nas grandes cidades e, mais especificamente, na periferia dessas cidades.

Hoje, existem resquícios da visão exclusivista eclesiocêntrica dentro dos discursos e documentos, que apresentam a Igreja Católica como a única Igreja de Cristo e única depositária da plenitude da revelação. Mas uma visão ou postura mais aberta afirma que a plenitude da verdade, da qual pretende ser portadora, constitui o cumprimento de uma parte de verdade imperfeita, que pertence já às outras igrejas e religiões. Todas as religiões e Igrejas têm parte das verdades reveladas. Todas as

tradições religiosas do mundo possuem aspectos reveladores de Deus, que tomam vários nomes e conceitos nos mais variados recantos do mundo.

Os documentos estudados apresentam vários discursos teológicos e visões de acordo com os projetos de igreja e o contexto que produziram as falas. A maioria deles apresenta um duplo movimento: “*Ad intra*”, no sentido que procura organizar a própria vida e a sobrevivência da Igreja nos distintos contextos eclesiais e sociais; “*Ad extra*”, porquanto procuram tecer relações e influenciar o mundo político, econômico, social, cultural e religioso em torno de si. Em cada um dos documentos abordados, essas relações internas e externas se configuram de modo diferente e constante. Cada documento, dependendo dos autores, do contexto, e da época em que foi elaborado, apresenta diferentes visões das posições “*Ad intra*”, e “*Ad extra*”.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objeto de estudo e pesquisa, analisar o avanço do pentecostalismo e a reação dos discursos consignados nos documentos da Igreja em três fontes: o Vaticano, o CELAM e a CNBB, visando os que têm maior preocupação com essa conjuntura desenvolvida, que desemboca como consequência, na necessidade de diálogo frente ao pluralismo religioso. Para dar conta dos problemas levantados, trabalhamos no capítulo primeiro, à guisa do cenário histórico, o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, suas causas e efeitos. Buscamos compreender a história dos encontros e desencontros entre pentecostalismo e catolicismo. Vimos os dados dos censos e das diferentes fontes de pesquisa que mostram um avanço do pentecostalismo e uma diminuição dos católicos. O pentecostalismo, na pós-modernidade, apresenta-se como religião atraente, que não se limita a pregar a salvação no sentido escatológico, mas oferece serviços religiosos eficientes para resolver questões financeiras e outros problemas que afligem os adeptos. As igrejas pentecostais trabalham em favor da valorização das relações pessoais, gerando aumento da auto-estima e promovendo um impulso empreendedor, além da ajuda mútua e do estabelecimento de laços de confiança e fidelidade.

Um dos resultados deste capítulo foi apontar que a mudança geográfica também levou à mudança religiosa. Quem migra à metrópole deve escolher a sua religião, que pode ser a mesma da tradição, reinterpretada em função do contexto urbano. Pode também ser outra, ou até abandonar a religião. O pentecostalismo se apresenta como religião popular na metrópole. A Bíblia, para o crente pentecostal, pode equivaler ao santo popular católico; ela é a mediação visível e sensível. Não há catolicismo popular sem a imagem do santo e não há pentecostalismo sem Bíblia. A Bíblia é usada pelo fiel de modo mágico, como o católico recorre ao santo.

O segundo capítulo procurou responder à pergunta: como o discurso da Igreja Católica se posiciona frente ao avanço do pentecostalismo. Analisamos alguns

documentos da Igreja que apresentam o discurso defensivo e de diálogo, perante o pluralismo religioso e o avanço pentecostal. O reconhecimento oficial do pluralismo religioso, da prática ecumênica e da abertura ao diálogo inter-religioso, veio na Igreja Católica com o Concílio Vaticano II. Já os documentos de João Paulo II, *Redemptoris missio* e *Ecclesia in América* apresentam, entre outros temas, o desejo de aumentar a cooperação entre as diversas Igrejas particulares, para enfrentar os problemas sociais, a unidade entre os cristãos e a Nova Evangelização, como preparação para o terceiro milênio. A Declaração *Dominus Iesus* da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé caminhou mais na direção de fechar as portas que haviam sido conquistadas no campo do diálogo ecumênico e inter-religioso, enfatizando uma visão de fidelidade à ortodoxia eclesial.

As Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano foram momentos fortes da Igreja no Continente. A I Conferência no Rio de Janeiro (1955) fez apologia contra “os inimigos da Igreja” como a maçonaria, os protestantes, o laicismo, a superstição, o espiritismo, a ignorância religiosa e as “doutrinas perversas” apresentadas sob o falso pretexto da justiça social. A II Conferência em Medellín (1968) esteve marcada pelo espírito do pós Concílio Vaticano II. Tratava-se agora de pensar concretamente para a América Latina o clima de mudanças desencadeado pelo Concílio. A III Conferência Geral em Puebla (1979) apresenta o discurso apologético diante do pluralismo religioso e incentiva o ecumenismo e o diálogo inter-religioso com o judaísmo, o islamismo. A IV Conferência em Santo Domingo (1992), celebrada no contexto do V Centenário do início da evangelização da América Latina, apresenta-se voltada “*ad intra*” com o projeto da Nova Evangelização. A V Conferência de Aparecida (2007) volta à temática do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, com ênfase na realidade, convida para o trabalho comum em favor da justiça e da solidariedade, frente à exclusão e marginalização que afetam grandes maiorias da população no Continente. Apresenta a missão permanente.

Nos documentos da CNBB aparecem as preocupações, as estratégias e o convite ao diálogo diante do avanço do pentecostalismo, sobretudo através das Diretrizes Gerais de Ação Pastoral. Já na Diocese de São Miguel Paulista, o ecumenismo, ocupa um lugar periférico, embora exista uma boa atuação de vários agentes de pastoral católica no Grupo Ecumênico da Zona Leste.

O resultado deste capítulo foi constatar a estratégia da Igreja Católica de ir ao encontro dos afastados, não praticantes, aqueles que, embora se autodenominem

católicos, não têm o compromisso de adesão. Em tese, são os mais propensos para migrar para outras religiões ou igrejas de cunho pentecostal. O discurso nos documentos oficiais, ao referirem-se às Igrejas Evangélicas, Pentecostais e a outros movimentos religiosos, geralmente usam o termo “seita” de maneira indiscriminada. Apresentam uma atitude defensiva e preconceituosa sobre o pluralismo religioso. Simplesmente condenam as atividades proselitistas ou referem-se a eles como “seitas”, o que pode ser uma postura contraproducente e intolerante.

O terceiro capítulo buscou responder a pergunta: que interpretação podemos dar aos discursos da Igreja, que buscam refletir o problema, em especial no que tange as suas posturas relativas ao diálogo e ao pluralismo religioso. Focalizamos o diálogo como estratégia relativa ao avanço do pentecostalismo e as posturas ambivalentes da Igreja frente ao pluralismo religioso, fazendo uma interpretação teológica dos discursos dos documentos. Em um primeiro momento, estudamos a reflexão teológica cristã sobre o pluralismo religioso, que adota, em geral, uma visão tripartite: eclesiocêntrica, cristocêntrica, e teocêntrica. Paralelamente a elas, expusemos três posições de base, denominadas respectivamente: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. O paradigma inclusivista e cristocêntrico é o mais seguido pelos teólogos de tradição católica. Estes três paradigmas são três formas diferentes de conceber a relação entre as religiões; portanto, três maneiras de fazer teologia e mostram visões diferentes de igreja.

Analizamos o discurso da exortação Apostólica *Ecclesia in América* (EA) de João Paulo II, que apresenta fortemente as características da centralização da Igreja Católica. Embora apareçam as três posições teológicas está marcado por uma teologia eclesiocêntrica. A Declaração *Dominus Iesus* é composta de duas partes: a primeira tem um discurso cristocêntrico e a segunda é eclesiocêntrica. Reitera a questão da unicidade da Igreja católica. O texto veio combater o relativismo e reafirmar o caráter de verdade absoluta do mistério e da superioridade de Cristo e da Igreja. Nos documentos do CELAM, a IV Conferência de Santo Domingo (1992) apresenta um discurso inclusivista cristocêntrico, a preocupação com o avanço das “seitas fundamentalistas” (Cf. SD 140), das formas religiosas sincréticas, do proselitismo e dos novos movimentos. A V Conferência em Aparecida (2007) apresenta uma teologia cristocêntrica que acentua a união do discípulo com o Mestre, mas que desvincula a pessoa de Cristo do Reino de Deus. O discurso teológico inclusivista coloca no centro de toda missão o próprio Cristo. Dentro dos documentos da CNBB, o PAMP tem um forte eclesiocentrismo voltado para a transformação interna da Igreja, preocupado com a

manutenção das estruturas eclesiásticas. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008-2010) apresentam um inclusivismo pluralista ao colocar como primeiros destinatários da missão os católicos afastados e indiferentes. O resultado deste capítulo foi perceber que a maioria dos documentos apresenta no discurso os três modelos teológicos: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista usados como paradigmas para o diálogo inter-religioso no âmbito da teologia, ora acentuando um, ora acentuando outro, o que indica claramente uma ambivalência de postura.

Com o desenvolvimento dos capítulos, conseguimos responder as questões iniciais. Ficou comprovada por meio do estudo dos documentos da Igreja Católica a preocupação com a perda de fiéis, às vezes com um discurso apologético inclusivista ou exclusivista, outras vezes reconhecendo o diálogo ecumênico e inter-religioso teocêntrico. Aparecem vários discursos teológicos, visões eclesiásticas de acordo com as diversas autorias e os contextos: eclesiocêntrica, cristocêntrica e teocêntrica. Também existe um movimento: “*Ad intra*”, que procura organizar a própria vida eclesial nos distintos contextos eclesiais e sociais; “*Ad extra*”, que busca tecer relações e influenciar o mundo político, econômico, social, cultural e religioso em torno de si. Em cada um deles as relações internas e externas se configuram de modo diferente. Enfoca a Igreja, seja duramente atingida pelo pentecostalismo, ainda o Brasil é considerado estatisticamente o país mais católico do mundo. Vê-se assediada por uma forte concorrência de outras igrejas e religiões, adota posturas ora defensivas, ora dialogantes.

A hipótese central foi verificada, pois mostramos a preocupação da Igreja Católica no Brasil com a expansão pentecostal, que produz estratégias reativas, assim como o reconhecimento do pluralismo religioso e a busca do diálogo, como revelam os discursos dos documentos em seus níveis. Os discursos são ambivalentes: ora têm um caráter exclusivista eclesiocêntrica, ora uma postura inclusivista cristocêntrica, ou pluralista teocêntrica. As práticas eclesiais, mediadas pelos discursos, variam de acordo com essas posturas.

Cumpre-nos também apresentar algumas limitações do nosso trabalho. Não foi possível realizar, como era a intenção, uma pesquisa de campo, que poderia ser delimitada em uma área geográfica, para averiguar as estratégias reativas e os motivos que porventura buscam aplicar as diretrizes dos documentos. Também, na análise dos documentos, nos limitamos a um determinado foco teórico teológico e procuramos, com esse caminho teórico, interpretar apenas partes dos discursos que destacam nosso objeto de estudo. Com um olhar atento sobre as teorias adotadas, poderíamos questionar se

foram suficientes, ou se elas se posicionam de maneira um tanto abstrata e formal, sem muita “pegada” no contexto econômico, social, político e religioso, que permeia o discurso dos documentos. Dada essa limitação da teoria, decorre a falta de análise contextual focalizando os vários momentos “políticos” da conjuntura da Igreja Católica, que estavam por trás dos pólos diversificados e das mudanças de ênfase que aparecem nos discursos. Reconhecemos que existem outras possibilidades de enfoque do objeto de estudo. Possibilidades que ficam para estudos e pesquisas posteriores.

BIBLIOGRAFIA

- ABUMANSSUR, Edin Sued. (2005) Os pentecostais e a Modernidade. In: PASSOS, João Décio (org) *Movimentos do espírito: matizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas. p 115-131.
- ALMEIDA, Ronaldo de. (2004) Religião na metrópole paulista, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol. 19 n.56, São Paulo: Outubro de http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Dinamica_Religiosa_Paulista.pdf. Acesso 11/03/2007.
- ANDRADE, Marcelo. Fora da Igreja não há salvação. MONTFORT Associação Cultural. <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=igreja&artigo=foradaigreja&lang=bra>. Acesso 19/12/2007.
- ANTONIAZZI, Alberto. (1994) A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto (org). *Nem anjos nem Demônios, Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes. p 17-23.
- ----- (2005) Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: CERIS. *Desafios do Catolicismo na cidade*. Pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Paulus. p 253-269.
- ----- (2004) *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus.
- BARROS, Marcelo (2000) Dominando Jesus e aposentando o Espírito. <http://swbrazil.anglican.org/dominando>. Acesso 20.11.08.
- BAUMAN, Zygmunt (1991). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Relógio d'Água.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. (1994) A religião na cidade. In: ANTONIAZZI, Alberto & CALIMAN, Cleto. *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes. p 61-73.
- BENTO XVI. Discurso aos bispos do Brasil na Catedral da Sé. São Paulo, 11 de Maio de 2007. <http://www.presbiteros.com.br/papa/DiscursoCatedralSe.htm> acesso 12.11.07
- ----- Discurso na abertura dos trabalhos da Conferência de Aparecida. Aparecida 13 de Maio de 2007. <http://www.presbiteros.com.br/papa/DiscursoAparecida.htm> acesso 12.11.07
- ----- Entrevista concedida pelo Papa aos jornalistas durante o voo ao Brasil. São Paulo, 9 de Maio de 2007. <http://www.presbiteros.com.br/papa/EntrevistajornalistasvooBrasil.htm> Acesso 12.11.07

- BEOZZO, José Oscar. (1994) *A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes.
- ----- (2007) O Ecumenismo na V Celam. *Religião & Cultura. O futuro do Catolicismo Latino-americano*. No. 12 V. 6. Julho/Dezembro. PUC-SP. São Paulo:Paulinas. p 31-70.
- BOFF, Clóvis. (2007) Re-partir da realidade ou da experiência de fé? Propostas para o CELAM de Aparecida. *REB. V CELAM Aparecida-2007* Nº: 265 V. 67 Janeiro 2007. p 5-34.
- BOFF, Leonardo (1981) *Igreja carisma e poder*. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU Pierre. (2007) *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- BRIGHENTI, Agenor (2007). Documento de Aparecida. O contexto do texto. *REB. Aparecida: impulsão a missão*. Petrópolis: Vozes n. 67, Fascículo 268. Outubro 2007. p 772-800.
- ----- (2001) O valor teologal da diferença: pautas para uma leitura da Dominus Iesus. *REB*. Petrópolis: Vozes. n. 61, Fascículo 242, junho de 2001, pp. 275-313.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. (1973) (org.). *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPOS, Luis de Castro. (1995) *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática.
- CAMPOS Leonildo Silveira (2005) As Origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*. N. 67. Setembro /Novembro, 2005. p 100-115.
- ----- (1996) Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes
- CELAM. (2007) *Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas.
- ----- (1977) *Documento de Medellín, A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Petrópolis: vozes, 1977.
- ----- (1986) *Documento de Puebla, III Conferência*. La Evangelización en el presente y en el futuro de América Latina. México: Libreria Parroquial.
- ----- (1992) *Documento de Santo Domingo. IV Conferência*. Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo Ontem, hoje e sempre. São Paulo: Loyola.

- CEPA. (2008) *Cidade Tiradentes, história e vida da migração negra na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fundação Cultural Palmares.
- CERIS. Mobilidade Religiosa no Brasil (2004): http://www.ceris.org.br/download/MobReligiosaBrasil_2004.pdf. Acesso 23/03/2007.
- CÉSAR, Elben M. Lenz. (2006) *Conversas com Lutero, história e pensamento*. Viçosa, MG: Ed. Ultimato.
- CNBB. (1999) *Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil para os anos 1999-2002*. Documento 61. São Paulo: Paulinas.
- ----- (2008) *Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil para os anos 2007-2010*. Documento 87. São Paulo: Paulinas.
- ----- (2004) *Projeto Nacional de Evangelização (2004-2007)*. Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida. Documento 72. São Paulo: Paulinas.
- ----- (1996) *Rumo ao novo milênio. Projeto de evangelização da Igreja do Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000*. Documento 56. São Paulo: Paulinas.
- ----- (2007) *Sou Católico, vivo minha fé*. Subsídio 2. Brasília: Edições CNBB.
- ----- (2005) *Unitatis Redintegratio* Decreto do Concílio Vaticano II sobre Ecumenismo. Texto de linguagem popular e comentários com aplicação pastoral. São Paulo: Paulinas.
- CNBB, Sul 1. (2004) *PAMP: Projeto de Ação Missionária Permanente*. São Paulo: Paulus.
- COMBLIN, José. (2007) As grandes incertezas na Igreja atual. *REB*. V CELAM Aparecida-2007. Nº: 265 V. 67 Janeiro 2007. p 36-58.
- ----- (2008) O projeto de Aparecida. *Vida Pastoral* Ano 49, n. 258. Janeiro fevereiro 2008. p 3-10.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS (1999) *Diálogo Católico-pentecostal, evangelização, proselitismo e testemunho comum*. N. 162, São Paulo: Paulinas.
- CORTEN, André. (1996) *Os pobres e o Espírito Santo, O pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- DIOCESE DE SÃO MIGUEL PAULISTA. (2000) *Ide Evangelizar! Fazei todos meus discípulos*. 3º. Plano Diocesano de Pastoral 2000-2003.

- ----- (1996) *Nossa Missão é Evangelizar, com Maria rumo ao novo milênio*. 2º. Plano Diocesano de Pastoral 1996-1999.
- ----- (2004) *Vai dizer aos meus irmãos* 4º. Plano Diocesano de Pastoral 2004-2007.
- DUPUIS, Jacques (2004) *O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola.
- ----- (1999). *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas.
- ELIADE, Mircea. (2001) *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins fontes.
- FERNANDES, Silvia Regina Alves. (2006) Sem religião: a identidade pela falta? In FERNANDES, Silvia Regina Alves (org.). *Mudança de religião no Brasil – desenvolvendo sentidos e motivações*. São Paulo: Palavra e Prece. p 107-118.
- FIGUEIRA, Maria. (2007) O Brasil para Cristo. *Sociologia – ciência & vida*. Ano 1 n 7, Escala, São Paulo. p 50-59.
- FOLHA DE S. PAULO, *A encruzilhada da fé*. Caderno mais!19/05/2002
- ----- *Razões da fé*. Opinião 25/04/2005. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2504200501.htm>. Acesso 19/05/07
- ----- *Religião*. Caderno Especial. 06/05/2007.
- ----- *SP 450*. Cotidiano, 13/12/2003. p C 8.
- FRANCO, Eduardo. (2007) V conferência deixa grande desafio, os católicos são chamados a participar da missão continental. *Jornal Opinião*. 31/5 a 6/6/2007 No. 939, ano 20 p. 4
- GARUTI Alberto, (2001) - O Pentecostalismo no Brasil. In: *Jornal Missão Jovem - Ano 2001 – N. 155 - mês de Abril*. p. 4.
- GUERRA, Lamuel (2003). As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica. http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/t_guerra.htm Acesso 20/05/2007.
- GRUMAN, Marcelo. (2006) Vínculos e formas de participar na religião. In: FERNANDES, Silvia Regina Alves (org.). *Mudança de religião no Brasil – desenvolvendo sentidos e motivações*. São Paulo. Palavra e Prece. p 85-106.
- HACMANN, Geraldo Luiz Borges & POZZO Ezequiel Dal (2007). Investigando o conceito de “Cristianismo anônimo” em K. Ranher. *Revista Teocomunicação* Porto Alegre v. 37 n. 157 p. 369-395 set. 2007.

- HUMMES, Cláudio. Podemos estar orgulhosos de nossos presbíteros. <http://www.cnbb.org.br/index.php?op=noticia&subop=17304>. Acesso 15.02.08.
- JACOB, César Romero (org) (2003). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais do Brasil*. São Paulo: Loyola.
- JARDILINO, José Rubens L. (2004) Sedução e conversão Religiosa num contexto de Globalização: <http://www.pucsp.br/nures/revista1/jardilino.pdf>. Acesso 22/04/2007
- JOÃO PAULO II. (1991) *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Loyola
- ----- (1988) *Código de direito canônico*. São Paulo: Loyola
- ----- (1999) Exortação Apostólica pós-sinodal 'Ecclesia in América' http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america_po.html. Acesso 31.10.07.
- KASPER, Walter. (2005) As novas fronteiras ecumênicas. *Teologia em Questão, Igrejas em Concílio*. Faculdade Dehoniana. Ano IV, 2005/1. Taubaté, SP. p 63-88.
- KLEIN, Alberto Carlos Augusto. (2005) Mídia, corpo e espetáculo: novas dimensões da experiência religiosa. In: PASSOS, João Décio (org) *Movimentos do espírito, matizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas. p 151-184.
- LIBÂNIO, João Batista. (1999) *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola.
- LONDOÑO, Fernando Torres. (1996) Rio do Janeiro 1995, fundación del Celam. *Anuario de Historia de la Iglesia* V/1996. Instituto de Historia de la Iglesia. Facultad de Teología. Universidad de Navarra. p 405-416.
- LORSCHIEDER, Aloísio. (1993) A IV Conferência geral do episcopado latino-americano em Santo Domingo – Republica Dominicana. *REB*. Nº. 209 V. 53. Petrópolis: Vozes, Março de 1993. p 19-39
- ----- (2002) Cinquenta anos de CNBB: Uma conferência Episcopal em chave conciliar. *Concilium, Revista Internacional de Teologia*. 296 – 2002/3. p 25-30.
- MARIZ, Cecília Loreto (2001). Católicos da Libertação, Católicos Renovados e Neopentecostais. *Cadernos CERIS. Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base, um análise comparada*. Rio de Janeiro: CERIS, p 16-42.
- MARTELLI, Stefano (1995). *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas.

- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. (2005) O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*. N. 67. Setembro /Novembro, 2005. p 48-67.
- MIRANDA, Mário de França (2007). *Eclesiologia de Aparecida. REB. Aparecida: impulso à missão*. Nº: 268 V. 67. Petrópolis:vozes, Outubro 2007. p 843-864.
- MONTES, Maria Lucia. (2005) As figuras do sagrado: entre o público e sagrado. In SCHWARCZ, Lílían Moritz (org) *História da vida privada no Brasil* vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p 62-172.
- MOSER, Antônio. (1998) Sínodo para América Apelos e esperanças. *REB. Sínodo para América* Nº: 229 V. 58 . Petrópolis:vozes, Março 1998. p 35-64.
- ORO, Ari Pedro. (1994) *Avanço pentecostal e reação da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes.
- ----- (1993) Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no pentecostalismo autônomo Brasileiro atual, In *REB. Cristianismo e culturas Indígenas* Nº: 210 V. 53 . Petrópolis:vozes, Junho 1993. p 301-323.
- PASSOS, João Décio. (2001) *Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo. PUC.
- ----- (2000) Teologias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. São Paulo, Perspectiva. vol.14 no.4 São Paulo Out./Dec. 2000 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400014. Acesso 23/04/2007.
- PIERUCCI, Flávio Antonio. (2002) Encruzilhada da fé. *Caderno Mais da Folha de São Paulo*. 19/05/2002. p 4-7.
- ----- (2007) Saldo da visita do papa ao Brasil pode ser só moralismo. *Entrevista da segunda-feira, Folha de São Paulo*. 14/05/2007 A18.
- ----- (2004) Secularização e declínio do catolicismo. In: MUNIZ, Beatriz de & MARTINHO, Luiz Mauro Sá (ORG) *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus. p 13-36.
- PIO IX. Encíclica *Quanta cura* e *Syllabus*. 8 dezembro 1864. <http://filosofia.org/mfa/far864a.htm>. Acesso 23.04.08.
- PIO X. Catecismo Maior de São Pio X <http://www.presbiteros.com.br/Catequese/CatecismodeS%E3oPioX.htm> Acesso 24.04.08.
- ----- Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, sobre as doutrinas modernistas. http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html. Acesso 24.04.08

- PITTA Marcelo e FERNANDES, Silvia Regina Alves. (2006) Perfil da Mudança religiosa no Brasil. In: FERNANDES, Silvia Regina Alves (org.). *Mudança de religião no Brasil – desenvolvendo sentidos e motivações*. São Paulo: Palavra e Prece. p 9-30.
- POSADA, Carlos Augusto Mesa. (1996) Medellín 1968. *Anuario de Historia de la Iglesia* V/1996. Instituto de Historia de la Iglesia. Facultad de Teología. Universidad de Navarra. p 416-421.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. Histórico da Cidade Tiradentes. O bairro que mais parece uma cidade. <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spct/dados/historico/0001>. Acesso 10/09/2007.
- QUEIROZ, José J. (1996) As religiões e o Sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. QUEIROZ, José J. (org) *Interfaces do sagrado em vésperas de milênio*. São Paulo: CRE-PUC. p 9-22.
- ----- (2006) Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno. *Linguagem e Religião*. http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/t_queiroz/ Acesso 12/06/2007.
- RATZINGER, Joseph. (2000) *Dominus Iesus. Sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. São Paulo: Paulinas.
- ROSA, João Guimarães. (2006) *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- RUANO, Edgar Moros. (1996) A Igreja Católica e o Desafio Pentecostal. In GUTIERREZ, Benjamim & CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito, os pentecostais na América - Latina: Um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: aipral. p. 213-225.
- SANTOS, Benedito Beni dos. (2006) Discípulos e Missionários de Jesus Cristo. http://www.cnbb.org.br/documento_geral/DiscipulosMissionariosJC.doc. Acesso 23.12.08.
- SANTOS Carlos César (2008). A Conferência de Aparecida: chaves de leitura. *REB Eucaristia e anuncio*. Nº. 270 V. 68. Petrópolis: Vozes, Abril de 2008. p 300-325.
- SANTOS, M. (1998) *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec.
- SÃO PIO X. Catecismo Mayor. Ed. Edición de 1973. http://www.mercaba.org/PIO%20X/catecismo_mayor_00.htm. Acesso 21.12.07
- SCHERER, Odilo Pedro. (2005) Desafio do pentecostalismo. <http://www.presbiteros.com.br/Apologetica/DesafiodoPentecostalismo.htm>. Acesso 31.11.07.

- SOUZA, André Ricardo. (2001) *Padres cantores missas dançantes: a opção da Igreja Católica pelo espetáculo com mídia e marketing*. Dissertação de Mestrado em Sociologia pela FFLCH-USP.
- TEIXEIRA, Faustino (1999) A teologia do pluralismo religiosa em questão. *REB*. Petrópolis: Vozes. n. 59, Fascículo 235. Dezembro de 1999, pp. 591-617.
- ----- (2000) Do diálogo ao anúncio, reflexões sobre a declaração Dominus Iesus. *REB*. Petrópolis: Vozes. n. 60, Fascículo 240. Dezembro de 2000, pp. 879-908.
- -----(2006) Episcopado Latino-Americano diante do diálogo inter-religioso. http://empaz.org/dudu/du_episcopado_dialogo.htm Acesso 16.10.08
- ----- (2005) O catolicismo no Brasil. *Revista USP* n. 67, set/nov. 2005, pp. 14-23.
- ----- (2004) O desafio do pluralismo religioso para a Teologia latino-americana. <http://www.iserassessoria.org.br/novo/arqupload/96> Acesso 20.12.08
- ----- (1995) *Teologia das religiões, uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas.
- VALENTINI, Demétrio. (1993) A conferência de Santo Domingo, depoimento pessoal. *REB*. Nº. 209 V. 53. Petrópolis: Vozes, Março de 1993. p 5-18.
- ----- (2005) Lembrando o Concílio. Diocese de Jales – SP. http://www.diocesedejales.org.br/palavradobispo/palavradobispo_detalhes.asp?id=370. Acesso 27.11.07
- ----- (1998) Reflexões sobre o sínodo da América. *REB*. Sínodo para América Nº. 229 V. 58 . Petrópolis: Vozes, Março de 1998. p 17-33.
- VATICANO II. (1997) Decreto ‘Unitatis Redintegratio’ sobre o ecumenismo. In *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Vozes. p 215-239.
- VIRGIL, José Maria. (2007) O paradigma pluralista: tarefas para a teologia. Para uma releitura pluralista do cristianismo. *Concilium Teologia do Pluralismo religioso: o paradigma emergente*. No 319 -2007/1. Petropolis:Vozes. p 33-42.
- ----- (2006) *Teologia do pluralismo Religioso: para uma releitura do Cristianismo*. São Paulo: Paulus.
- WEBER, Max. (2006) *Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WOLFF, Elias. (2002) *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia e pastoral*. São Paulo: Paulus.

- ----- (2000) *O ecumenismo no Brasil, uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas.
- ----- (2001) Os caminhos rumo à unidade Cristã no Brasil, uma abordagem histórica-teológico-pastoral. *REB Unidade Cristã no Brasil*. No. 244. V 61. Petrópolis: Vozes. Dezembro de 2001. p 771-802.

SITES

- <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia>. Acesso 22.12.08
- <http://br.celam.info/content/view/255/25/> Acesso 25.05.07
- <http://www.cnbb.org.br>. Acesso 03.02.09.
- http://www.pime.org.br/noticias2008/noticiasame_latina39.htm Acesso. 23.12.08.
- <http://www.presbiteros.com.br/Artigos/Paisprecisa.htm> Acesso 12.12.07.
- <http://www.seade.gov.br/> Acesso 10.10.07
- http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents Acesso 24.04.08
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 26.12.08
- <http://www.zenit.org/article-4874?l=portuguese>. Acesso 20.12.07.